IMPÉRIO DA *luxúria*



Autora best-seller

RINA KENT

IMPÉRIO DA *luxúria*

RINA KENT

TRADUÇÃO
FERNANDA BATISTA SCHWERDTNER

1ª EDIÇÃO – 2025
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK EDITORA

Todos os direitos reservados
Copyright © 2025 by AllBook Editora.

Direção Editorial: Beatriz Soares
Tradução: Fernanda Batista Schwerdtner
Preparação: AllBook Editora
Revisão: Patrini Viero
Capa: Rebecca Barbosa
Diagramação e produção digital: Saavedra Edições

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

CIP - BRASIL. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores da Livros, RJ
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Kent, Rina
Império da Luxúria [recurso eletrônico]/ Rina Kent ; tradução Fernanda Batista Schwerdtner. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Allbook, 2025
Recurso digital (Império ; 4)

Título original: Empire of lust
ISBN: 978-65-85953-34-4 (recurso eletrônico)

1. Romance norte-americano I. Título. II. Série.

25-307778.0 CDD-813.5

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com
HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM

SUMÁRIO

CAPA
FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
NOTA DA AUTORA
MEU CHEFE. MEU INFERNO.
PLAYLIST
PRÓLOGO
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17

18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
EPÍLOGO 1
EPÍLOGO 2
LEIA A SÉRIE
ALLBOOK EDITORA

Aos meus pais, que nunca lerão
este ou qualquer um dos meus livros,
para não sofrerem um derrame.
Obrigada por criarem este estranho ser humano
e pelo apoio quando abandonei os estudos para escrever



NOTA DA AUTORA

Olá, amigo leitor,

Este livro não é tão *dark* quanto os demais, mas contém um anti-herói e bastante *enemies to lovers* de qualidade.

Império da Luxúria é um livro INDEPENDENTE.

Inscreva-se na *newsletter* de Rina Kent para novidades sobre lançamentos futuros e um presente exclusivo.

MEU CHEFE.
MEU INFERNO.



Quando transei com um atleta mascarado na adolescência, não pensei que ficaria grávida.

Tampouco achei que perderia a criança.

Anos depois, descubro que minha filha está viva e tenho uma segunda chance.

No entanto, há um problema.

O atleta mascarado deixou de ser mascarado.

Ele tem um nome que todos temem: Kingsley Shaw.

Um desgraçado cruel. Um demônio sem coração. E o mais importante: o pai da minha filha.

Ah, e ele me odeia tanto quanto eu o odeio.

Estamos tentando destruir um ao outro com todos os métodos à disposição.

Incluindo um perigoso jogo de luxúria que pode levar à nossa perdição.

PLAYLIST

Gone Are The Days – Kygo & James Gillespie
Hurricane – Halsey
Nothing's Impossible – Walking on Cars
The Enemy – Andrew Belle
Animals – Maroon 5
Outside – Hollywood Undead
Enemy – Tommee Profitt, Beacon Light & Sam Tinnesz
Iris – Diamante & Breaking Benjamin
Tequila Sunrise – Maw Barskih
Rolling Stone – Hurts
Blind – Hurts
Stay – Hurts

Você pode encontrar a *playlist* completa no *Spotify*.



PRÓLOGO



Aspen
QUATORZE ANOS

Hoje é a noite das travessuras.

Também conhecida como a Noite do Diabo.

Minha mãe costumava dizer que os portões do inferno se abrem nesta noite e que os demônios têm permissão para vagar pela Terra e espalhar sua maldade. Foi uma das poucas ocasiões em que a vi animada, sorrindo, cantarolando uma música alegre.

Ela tinha o hábito de costurar à mão uma fantasia para mim e me acompanhar nos pedidos de doces ou travessuras com um enorme sorriso no rosto. Essa era minha mãe, em resumo – inocente como uma criança, irremediavelmente ingênua e estupidamente apaixonada.

E esse amor? Custou sua vida.

E a minha, por consequência.

Porque desde sua morte, há quatro anos, eu me transformei na monstrinha cínica que ela tentou evitar que eu me tornasse.

Talvez mamãe não tenha se esforçado o suficiente.

Talvez não tenha se importado o suficiente.

Porque nada que ela pudesse ter tentado faria diferença. No final das contas, tenho os genes do meu pai.

O ar frio do outono penetra em minha pele e abraça os ossos com uma persistência ameaçadora. Como se isso não bastasse, sopra meus cabelos e os joga contra os olhos. Graças à mamãe, nasci com cabelos ruivos naturalmente vibrantes, que chamam atenção de forma excruciante. Às vezes, lembram os chifres do Diabo.

Bem apropriado para essa noite, na minha opinião.

— Você se destaca, e não no bom sentido, Aspen — a anjinha loira à minha direita diz. É uma imitação, a menos que usar uma fantasia com asas faça de você

um anjo.

Caroline é uma amiga do ensino médio, quando me mudei para o bairro dela após a morte da minha mãe e o afastamento do meu pai. Ficamos próximas desde então, porque a casa abusiva da garota é um espelho da minha. Muitas vezes encontramos refúgio na companhia uma da outra, apesar de termos personalidades bastante diferentes.

Ela é do tipo alegre, gosta de ir em todas as festas. Esta, por exemplo. Eu não queria ter vindo. Além de ser uma estudante exemplar, que passa todo o tempo livre estudando para sair do inferno feito sob medida que meus tios criaram para mim, também não sou muito boa com pessoas.

Porém, depois de ter tido uma frigideira jogada nas minhas costas porque não esquentei o jantar da maneira que meu tio bêbado gosta, pensei "foda-se" e pedi à Caroline o endereço da festa. Fui obrigada a sair escondida de casa, óbvio, descer de uma árvore pelo sótão que uso como quarto.

Minha amiga ergue uma mão sobre sua cintura minúscula, que serve como suporte para o cinto das asas.

— Quando disse que estava vindo, pensei que seria fantasiada.

— Não tenho fantasia. — Também não quero me esconder atrás de nada. Já uso uma máscara em público; não preciso de outra.

— É Halloween. Todo mundo tem uma fantasia. — Ela joga as mãos ao redor, apontando para todos os garotos do ensino médio que entram na mansão vestidos com roupas de Halloween. É uma infinidade de cores, clichês e o derradeiro conto de fadas americano – ou, neste caso, um pesadelo. É uma paródia hilária de vampiros, monstros e dos últimos filmes de terror da moda.

Quanto a mim, estou usando um vestido preto simples, os tênis velhos e uma jaqueta jeans que minha tia comprou de uma doação da igreja local. Definitivamente não é uma fantasia. A menos que se vestir mal tenha se tornado uma tendência, o que não seria surpresa em ambientes como este.

Ambientes nos quais Caroline faz o possível para se inserir. Ela só faz amizade com pessoas de *status* e classes mais altas que, com certeza, têm um fundo fiduciário. Foi assim que conseguiu ser convidada para esta festa na casa de um rapaz engomadinho. Callie e eu não estudamos na mesma escola que o dono deste lugar – zero surpresas até aqui. Ele é do outro lado da cidade, de Upper East Side, e estuda em uma escola particular cuja mensalidade poderia me levar à faculdade.

Não o conheço pessoalmente. Sendo do gueto do Harlem, nós geralmente não temos a oportunidade de conviver com gente igual aquele cara. Já a Caroline sim. As pessoas sonham em se tornar médicos, advogados e astronautas. O sonho dela é namorar e se casar com um homem rico. É uma meta legítima para aqueles como nós, que viveram de migalhas a vida toda, que vão para casa à noite vigiando suas próprias costas e que nunca saem sem *spray* de pimenta.

É o complexo de Cinderela que não me agrada. Por que procurar um homem que lhe dê um sapatinho de cristal quando você mesma pode consegui-lo? Mamãe estava completamente envolvida nesse conto de fadas, e olha só onde isso a levou.

— Escuta, Callie. Não tenho fantasia. Então, se isso for um problema, posso só ir embora.

É uma questão de ego. Não gosto de ser menosprezada ou ridicularizada por ser quem sou. Foi isso que me colocou em apuros desde quando eu era pequena e, muitas vezes, garantiu-me uma surra da minha tia ou do meu tio. Eles são o irmão da mamãe e a esposa dele, que conseguiram minha guarda depois de papai foi preso.

Mas podem ser piores do que ele.

Ainda assim, nunca abaixo a cabeça, nunca deixo os dois me fazerem sentir insignificante. Observo fixamente seus olhos perversos e ferozes mesmo quando me batem. Naturalmente, isso os deixa mais irritados, e então me batem com mais força.

Muitas vezes com um cinto ou com o objeto mais próximo.

— Não, você é minha "na alegria ou na tristeza". Você fica. — Callie remexe em sua bolsa de peles. — Além disso, é gata pra caralho. Seria lamentável para eles se não tivessem você na festa.

Ela tira uma máscara de penas pretas da bolsa, coloca-a na minha cabeça e arruma o cabelo para emoldurar meu rosto. Então tira minha jaqueta jeans e a joga atrás de um dos arbustos decorados.

— Ei! Tá frio. — E também é a única jaqueta boa que tenho.

— Você aguenta um pouco de frio para ficar *fashion*. E essa coisa te faz parecer uma caipira. — A garota mexe em sua bolsa maravilhosa de novo e tira um *gloss* vermelho barato, depois toma um cuidado extra para aplicá-lo em meus lábios. Quando termina, estuda sua criação com os olhos críticos de um artista amador. — Perfeito. Parece uma mulher empoderada.

— Sério, Callie? Vermelho?

— Combina com o cabelo. Se alguém perguntar, você é uma bruxa.

Bruxa o cacete.

Mas não digo isso a ela, pois Caroline me agarra pela mão e me arrasta para dentro de casa. Ela para diante da entrada e me olha por cima do ombro.

— Lembre-se: temos dezesseis ou dezessete anos. Quase todo mundo aqui é veterano, e nós não podemos ser tão novas assim. Pelo menos a gente já tem a aparência para isso.

Isso é verdade. Caroline e eu atingimos a puberdade há dois anos e, desde então, desenvolvemos seios e bundas que nos rendem olhares assustadores de homens adultos – inclusive de nossos professores.

Na escola, ela é a loira atraente. Eu sou a ruiva encrenqueira. Minha amiga desliza a alça do meu vestido para fora do ombro, de modo a provocar mais o decote, e então entrelaça o braço ao meu.

— Vamos pegar alguns garotos ricos.

— Sabe que eles vão nos expulsar assim que descobrirem que somos do Harlem, certo?

— *Shhh*. — Callie inspeciona os arredores. — Não tem como eles saberem.

— Eles vão saber, eventualmente.

— Talvez já seja tarde demais até lá. — A menina me dá um sorriso malicioso e ajeita o cabelo.

Deixo de lado o assunto. Em parte porque chegamos à entrada, mas principalmente porque não há como falar de lógica com Caroline quando se trata de seu empenho em caçar garotos.

Um segurança de cara fechada nos examina de cima a baixo antes de nos deixar passar. Minha companheira fica como uma criança na manhã de Natal, correndo de um lugar para outro – comigo atrás dela. Está maravilhada com o grande salão decorado em preto e laranja, com os garçons em cada canto, com a música animada e com as fantasias sofisticadas.

Tudo.

Está praticamente drogada com todo o luxo e parece andar nas nuvens.

Dizer que não estou intimidada seria mentira. Nunca gostei de lugares que fazem eu me sentir como um peixe fora d'água. Lugares onde tenho a importância de um inseto insignificante, que pode ser esmagado a qualquer

momento e não seria lembrado.

É isso o que estou sentindo agora.

Quero voltar para casa.

Ou desaparecer em um ambiente onde não sou posta sob um microscópio.

Achei que escapar da casa da tia Sharon e do tio Bob era tudo o que eu precisava, mas esse cenário não é o que vai me fazer me sentir melhor.

Então tomo um gole – ou dois. Ok, talvez três.

De qualquer forma, ainda é álcool diluído, porém tem gosto de alecrim e algo exótico. Definitivamente melhor do que a cerveja que Caroline roubou do pai alcoólatra para que experimentarmos.

Não era muito diferente de água insalubre misturada com cheiro de cigarro.

A loira dá um tapa na minha mão quando pego outra bebida.

— Não aja como uma desesperada.

— Alô? Só vim pelas bebidas e pela comida, Callie.

— Então faça isso em um canto, e não onde todos possam ver você se comportando como um rato de gueto.

Eu a encaro bem nos olhos.

— Você também é um rato de gueto.

— Eu não me comporto como tal.

— Quando foi a última vez que fez uma refeição decente, senhorita eu-não-me-comporto-como-tal? — Quando ela não responde, agarro alguns petiscos de aparência luxuosa e os empurro contra sua boca. — Foi o que pensei. Agora coma antes que seu estômago comece a fazer barulhos constrangedores.

Minha amiga resmunga alguma coisa, mas come. Depois me acompanha na missão de ficar saciada para os próximos dias. Após um tempo, porém, seu foco retorna à missão anterior, e ela corre o olhar por toda a multidão.

— Talvez você devesse ter se fantasiado de desesperada, não de anjinha.

Caroline sorri com meu senso de humor seco.

— Não sei quanto a você, piranha, mas eu vou sair desse inferno, nem que seja a última coisa que eu faça.

— Também vou sair.

— Quer apostar quem vai conseguir isso primeiro?

— Podemos fazer isso juntas.

— Não com essa sua atitude de "eu vou fazer isso sozinha". Agora, me ajude a caçar.

Não ajudo e continuo roubando comidas e bebidas pela suas costas. O que foi? Estou desnutrida em casa e comecei a trabalhar meio período para pagar as refeições. Porém, as bebidas são uma extravagância que estou me permitindo a fim de esquecer e me ocupar até ir embora.

Minha chance surge quando Caroline encontra sua presa da noite: um cara loiro fantasiado de anjo caído. Assim que ela se dá bem com o rapaz, saio do pequeno grupo antes de minha amiga me empurre para um dos amigos dele.

Puxo a alça do vestido por cima do ombro, embalo um prato de guloseimas e uma bebida e desapareço em seguida, pelos fundos.

O ar da noite atinge meus braços nus e penso em procurar a jaqueta.

Lambuzando meu rosto com um bolo de chocolate, começo a rota pelo vasto e mal-iluminado jardim. Meus passos estão vacilantes devido à enorme quantidade de álcool que consumi. Ainda assim, isso não me impede de tomar um gole da bebida.

Sinto-me leve e livre e não tenho capacidade cerebral para pensar sobre minha vida. Talvez o álcool não seja tão ruim afinal.

Vozes masculinas abafadas chamam minha atenção, e eu congelo no lugar quando escuto:

— É a Noite do Diabo. Eles não vão suspeitar que tacamos fogo.

Merda.

Definitivamente não era para eu ter ouvido isso.

Devo ter soluçado, pois há uma pausa antes de alguém rugir:

— Quem tá aí, porra?

Minhas pernas estremecem, mas não penso nisso enquanto corro, fazendo a bebida derramar na minha mão. Escondo-me atrás dos arbustos.

A respiração falha quando passos se aproximam do meu esconderijo. Se eles me encontrarem, ficarei em apuros. Sou extremamente familiarizada com o fato de estar no lugar errado, na hora errada. Experimentei isso em primeira mão, e tenho cicatrizes físicas e mentais para provar.

Também usei essa familiaridade a meu favor e fiz papai sumir da minha vida. Alguns pensariam que sou astuta demais para minha idade. No entanto, quando você nasce do lado errado dos trilhos, a primeira coisa que aprende é sobreviver.

Mesmo que signifique mandar seu pai abusivo para a cadeia.

— Tenho certeza de que ouvi gente vindo para cá — uma das vozes masculinas diz, e eu me encolho em meu lugar seguro.

A mente está explodindo com as opções de "lutar ou fugir" e, justamente quando estou pensando para onde correr, uma folha é esmagada bem ao meu lado. Olho para a sombra enorme pairando não muito longe de mim. Embora eu esteja parcialmente camuflada pela árvore decorativa, tenho quase certeza de que ele pode me ver.

— Não tem ninguém aqui — diz, com uma calma que me gela até os ossos.

Seu rosto está encoberto pela escuridão, tenho quase certeza de que está usando uma máscara. Antes de eu identificá-lo, o rapaz se vira, e o som de passos ecoa em meus ouvidos como uma sinfonia que deu errado.

Os dedos trêmulos soltam o prato e o copo, que atingem a grama com um baque silencioso. O álcool lentamente se infiltra no chão. Mesmo com o plano de me empanturrar para não sentir fome por alguns dias, abandono o carregamento e me aproximo da porta dos fundos. Não tenho dúvidas de que continuarão me procurando até me encontrarem.

Minhas mãos estão úmidas quando pego o telefone. Os dentes batem – não tenho certeza se é por causa do frio ou do medo assombroso –, e a visão está embaçada. Em parte por causa do álcool, em parte por conta da adrenalina inesperada que me invade.

O corpo humano é assim: reconhece o perigo, apesar de nossas mentes estarem alheias a ele.

Seguro o telefone antigo que tio Bob comprou para mim. Dizer que isso me deixou desconfiada seria um eufemismo, mas ele me disse que os dois precisavam saber onde eu estava o tempo todo e que, se ligassem e eu não atendesse, iam me matar.

Com certeza há cinco chamadas perdidas de ambos. Estremeço ao pensar em uma surra, mas é melhor do que estar neste lugar desconhecido. Ignorando-os, mando uma mensagem para Caroline. Ela falou que ganhou seu telefone de presente de um garoto com quem conversava, que seu pai vem tentando vendê-lo desde então.

Aspen: Aconteceu uma parada. Vamo embora.

Sem resposta.

Aspen: Vou esperar na porta dos fundos por quinze minutos e depois vou pegar o metrô pra casa.

Aspen: Callie, por favor. Vamo pra casa. Tô com medo.

Apago a última mensagem antes de enviá-la.

E daí se estou me tremendo toda? Se estou suando? Se estou com vontade de vomitar? Não sou fraca.

Não deveria ter bebido tanto e me colocado em uma posição vulnerável, onde não consigo nem me defender ou correr direito. O farfalhar das folhas chega até mim primeiro, seguido por passos estrondosos. Quando dei por mim, dois caras estão se aproximando. Não consigo ver suas identidades, pois o de terno roxo tem o rosto pintado igual ao Coringa, e o de preto está usando uma máscara do "Anonymous".

O Coringa chega perto de mim com determinação, mas o Anonymous fica para trás, uma mão no bolso e a outra mexendo em um cigarro apagado. Por alguma razão, acho que deveria me preocupar mais com ele. Não só porque é mais alto e mais forte, mas também porque aqueles que exercem o real poder geralmente ficam em segundo plano.

— Eu te disse que ouvi alguém aqui — reforçou o Coringa, com uma voz que lembra a de um garoto de fraternidade de uma faculdade da Ivy League.

Meus pés vacilam e ligo para a polícia de modo automático. No entanto, antes de eu clicar em Ligar, o Coringa pega meu celular e o joga para fora do meu alcance.

— Essa não é uma escolha inteligente.

— Não vi nada… — sussurro, tentando inutilmente controlar o tremor na voz.

— Ah, é? — Ele me agarra pelo braço, e seus dedos carnudos se afundam na pele. Ele cheira à colônia vencida, que deveria ser um crime. — Precisamos ter uma garantia.

— Garantia?

— Vai nos deixar fazer o que quisermos com você como uma demonstração de obediência, não é?

— Não. — É preciso tudo de mim para focar em seus olhos brilhantes na escuridão ao invés de hiperventilar. — Me deixa em paz.

— Resposta errada. — O sadismo em sua voz me congela por um segundo.

Mas só um segundo mesmo.

A adrenalina corre nas veias, posso ver diretamente aonde está indo. É meu

sexto sentido: prever cenários antes de eles acontecerem. Não é que eu tenha sangue de bruxa, como muitos de meus colegas assumem. É que sou muito boa em conectar padrões e enxergar o panorama geral.

E agora o panorama me diz que sou a presa neste cenário. E preciso fazer algo a respeito se não quiser ser devorada. Quando torço meu braço sob o aperto do Coringa, ele força ainda mais e me puxa para baixo. Tento ficar de pé, tento mesmo, mas o cara é forte, e eu estou tão bêbada que só sinto o baque quando desabo na grama.

O hematoma em minhas costas, causado pela panela que a atingiu antes, lateja. Então abro a boca para gritar por socorro, mas ele bate com a palma da mão firme nos meus lábios. O fedor de sua colônia e do almíscar masculino suado me dá ânsia, ao mesmo tempo em que o garoto se posiciona acima de mim. Enquanto procura uma posição confortável, levanto o joelho e dou uma joelhada nas bolas do babaca. O agressor se afasta com um uivo animalesco, e eu aproveito a chance para rastejar por baixo dele.

— Sua vadia desgraçada!

Agarra seus órgãos genitais machucados e me puxa pelos cabelos. O mundo é arrancado sob meus pés, mas antes de eu atingir o chão, ele me empurra para frente. Bato contra um tronco de árvore.

— Você vai se arrepender de ter mexido comigo, vadia. — Sua voz repulsiva enche meus ouvidos, e o cheiro pútrido de álcool é a única coisa que consigo respirar. A essa altura, não tenho a menor ideia se o cheiro vem do rapaz ou de mim.

— Vá em frente, seu pedaço de merda — cuspo por entre dentes trêmulos. — Acha que tenho medo de você ou da sua masculinidade frágil que precisa ficar esbanjando ao me agredir? Me mostra seu pior, imbecil. Vai ver se eu tô na esquina!

— Essa piranha…

O menino puxa meu cabelo até quase arrancá-lo pela raiz, e lágrimas ardem em meus olhos. Mordo o lábio com força suficiente para engolir o gosto metálico pungente do sangue. Contudo, não choro, não demonstro dor e definitivamente não imploro. Idiotas como ele, minha tia, meu tio e meu pai são todos iguais. Querem mostrar seu poder se agarrando aos mais fracos, mas eu não sou minha mãe.

Não serei uma vítima ou uma estatística.

Não darei a eles a satisfação de me verem sofrer.

— Já chega.

A espinha arrepia com as únicas palavras autoritárias do terceiro participante inativo na cena. É a mesma voz de antes. Aquele que me viu, mas disse aos amigos que não havia ninguém.

Anonymous.

O Coringa respira com dificuldade.

— Mas ela…

— Eu disse chega. — Seu tom exala mais comando do que antes. Estava certa ao presumir que era o mais poderoso, porque o idiota puxa meu cabelo com mais força e com frustração aparente, assim como um subordinado faria na frente do líder.

Da mesma maneira que os subordinados do meu pai tremiam na frente dele.

— Ela precisa aprender uma lição — o agressor diz, baixo o suficiente para eu mal o escutar.

— Quando digo que chega… — o som de passos firmes é acentuado pelo silêncio violento que paira no ar — …quer dizer chega, caralho.

O peso que estava me esmagando pelas costas some de repente.

Pow.

Exalo quando o Anonymous dá um soco no rosto do Coringa e o faz voar.

Ele não se move.

O cara que me bateu, quero dizer. Está inerte no chão, e meu coração quase cai na grama ao lado do rapaz. A alça cai do ombro de novo, e meu rosto está em chamas, mas não consigo me concentrar nisso agora.

— Ele… morreu? — Não sei como falei com tanta calma quando tenho certeza de que deveria estar em pânico.

— Só ficou inconsciente — Anonymous diz, com uma neutralidade desdenhosa que só os psicopatas têm.

Depois de me levantar devagar, aproximo-me do telefone caído na grama, exibindo uma mensagem de texto. Provavelmente é Caroline. No entanto, o garoto chega primeiro, com alguns passos decididos. Ele o vira, coloca-o no bolso da calça e aponta para o amigo imóvel. Talvez *amigo* seja um exagero, considerando que o cara o nocauteou em um único soco.

— Ele pode ser um fracote, mas está certo. Ligar para a polícia aqui é

extremamente insensato e beira a uma tolice imprudente.

— Não vou ligar então. Posso pegar o telefone de volta? Quero ir para casa.

— A noite ainda é uma criança. — Aproxima-se de mim com facilidade deliberada. — O que deveria ser esta noite? Uma bruxa?

— *Femme fatale*.

Não consigo ver seu rosto, escondido atrás da máscara estúpida, mas há uma pausa. E eu juro que seus olhos brilham na luz fraca. Parecem azul-escuros, como as profundezas místicas de um oceano impiedoso.

— Vamos fazer assim, *femme fatale*. Você me fará companhia até o fim da Noite do Diabo.

— Por que eu faria isso?

— Ou isso, ou vou trancá-la em algum porão onde ninguém possa te encontrar até que a equipe de limpeza chegar. Se me lembro bem, a segundo opção pode levar alguns dias, depende de os proprietários precisarem ou não de algo do porão.

Minha mão se fecha em um punho, mas eu a solto lentamente quando a atenção do rapaz desliza para ela. Vejo o que está fazendo, porém essas táticas de intimidação não funcionarão comigo. Não quando aprendi todas elas com meu pai.

— Não deveria ter uma terceira opção em que você, sei lá, só me deixa ir embora?

— Não quando pode nos causar problemas.

— Não tenho interesse no que ouvi e valorizo minha vida o suficiente para não dedurar você. Então me dá o telefone, e poderemos sair deste nó de cabelos enroscados.

— Gosto do seu cabelo, então não me importo de ficar enroscado nele.

Ele fica na minha frente em um segundo, depois sou atingida por seu cheiro. É uma mistura de cedro, fumaça e cigarros *premium*. Cigarros europeus que meu pai comprava especificamente na Itália. Mas essa não é a única coisa que me deixa baqueada. Há também essa presença do garoto. Antes, pensei que fosse só alto, mas agora ele está se elevando sobre mim, prendendo-me no lugar com facilidade pelo seu tamanho e aqueles ombros largos que nenhum adolescente deveria ter.

Os dedos passeiam pelos meus cabelos, fazem-me ter a certeza de que estão

prestes a pegar fogo e teremos um acidente com uma bruxa de verdade em nossas mãos.

— É natural? — pergunta caprichosamente, parecendo fascinado com o simples ato de colocar a mão nos fios.

Recuo, assustada.

— Não toca em mim.

Para minha surpresa, o cara deixa a mão cair ao lado do corpo. Não encara isso como um desafio à sua masculinidade, como o Coringa fez.

E isso faz meus músculos se resetarem.

Posso lidar com idiotas, mas como faço para lidar com pessoas assertivas que oscilam entre respeitar meus limites e os esmagar por capricho? Não há um padrão em sua loucura, e esse aspecto é o mais perigoso acerca deste estranho.

— Ainda precisa ficar o resto da noite comigo. Isso ou o porão.

— Quero que seja em um lugar público. — Se não consigo controlar a situação, posso ao menos lutar pelo melhor cenário: um lugar onde posso criar comoção e aguardar.

— Está com medo que eu ataque você?

— É apenas uma garantia.

— Não está em posição de pedir nenhuma garantia, mas serei benevolente e concederei esse desejo se responder à minha pergunta.

— O quê?

— Quando ele — Anonymous inclina a cabeça na direção do Coringa, mas não olha para ele — tinha poder sobre você, por que o provocou? Logicamente, deveria ter implorado.

— E logicamente isso não teria me levado a lugar nenhum. Quantas mulheres acha que imploraram e choraram em situações como esta e, ainda assim, foram agredidas? Incontáveis, isso sim. Eu me recuso a mostrar fraqueza a esse lixo ou qualquer outro idiota.

— Mesmo que acabe se machucando?

— Especialmente por isso. Prefiro engolir veneno.

Há uma pausa, uma longa pausa que quase me deixa inquieta. E então ele solta um múrmurio.

— Interessante. Talvez você realmente seja uma *femme fatale*. Devia ter cuidado, no entanto. Se olhar muito tempo para o abismo, o abismo olha de

volta para você.

Minha boca se abre.

— Nietzsche.

— *Além do bem e do mal.* — O garoto faz um gesto para o bolso. — Você tem a citação na parte de trás da capa do telefone.

— É um dos meus favoritos. Como conhece Nietzsche?

— Essa deveria ser *minha* pergunta. Você não é muito jovem para ler esse autor?

— Não está se precipitando em assumir que sou jovem?

— Quantos anos tem então? Ah, me perdoe. Esqueci que é uma blasfêmia perguntar a idade de uma mulher, ainda mais a de uma *femme fatale*.

Eu sorrio, traio-me. Trato logo de esconder. Não posso me deixar enganar por seus modos óbvios ou pela maneira eloquente de falar. É assim que os ricos conseguem o que querem.

Além disso, o rapaz acabou de nocautear alguém, significa que está propenso e acostumado à violência. Com certeza não é uma pessoa com a qual eu deveria me permitir ficar confortável.

— Tenho dezesseis anos — digo com toda a naturalidade, e não só por causa do que Caroline me falou. Ser jovem é uma vulnerabilidade de onde venho. — E você?

— Dezessete.

— Não parece ter dezessete anos.

Ele ri. E noto: ou o som tem alguma magia negra, ou estou muito bêbada, ou ambos. Porque o formigamento que a risada causa foge dos limites dos meus ouvidos e flui no meu sangue.

— Nem sequer sabe como eu sou. — O cara dá tapinhas em sua máscara. — Talvez eu seja um monstro cheio de cicatrizes por baixo.

Dou de ombros.

— Eu não ficaria surpresa.

—Ah, é?

— É. Você teria de ser um monstro para me salvar, de uma forma ou de outra. Para entender que estou prestes a ser atacada e, no final, interpretar um cavaleiro de armadura, e então se entregar à violência. Ah, e você gosta de Nietzsche. É preciso atingir um certo nível de estranheza para ser fã de

Nietzsche.

— Em primeiro lugar, não te salvei. Apenas fingi que não te vi para evitar complicações. O Coringa amador não ia agredi-la se não o tivesse provocado. E não sou um cavaleiro, docinho. Só interferi para saber por que o provocou quando poderia ter usado uma abordagem diferente. Quanto a socá-lo, não foi violência. A violência está sendo reprimida. O ato foi uma mera demonstração de autoridade em resposta à audácia do idiota de questionar minhas ordens. Ah, e não sou fã de Nietzsche só porque o leio.

Caramba.

Estou sem saída aqui. Pela primeira vez desde sempre, sinto que não consigo lidar com alguém.

Principalmente quando estou bêbada e minhas inibições seguem desaparecendo para algum lugar que não consigo alcançar. No entanto, tento esconder isso. Lançar indiferença como se fosse meu jogo favorito.

— Então de quem você é fã?

— De mim mesmo.

— Uau. Narciso ligou e quer seu *status* de arrogante de volta.

Ele ri, o som é igualmente fácil e assombroso na escuridão silenciosa. E por alguma razão, acho que poderia ficar ouvindo aquele timbre de voz a noite toda.

— E se eu me recusar a devolvê-lo?

Ergo os ombros.

— Parabéns por seu *status* narcisista. Talvez precise cair na real sobre como suas realizações e talentos têm pouco ou nenhum valor e usar os outros não o torna grandioso.

— Então, o que isso faz de mim?

— Sub-humano.

— Os sub-humanos são aqueles que se permitem ser usados.

— Vamos culpar a vítima, certo? A história mais antiga do mundo.

— A vítima escolhe ser vítima, seja por desespero ou por outras circunstâncias. Um cordeiro entrando na floresta está ciente que pode ser comido.

— Nenhum cordeiro quer ser comido. Eles entraram na floresta para obter o alimento necessário para a sobrevivência.

— E o lobo come o cordeiro para sobreviver também.

— Sua mentalidade de predador é revoltante.

— E seu rubor também. — Aponta para meu pescoço, com um sorriso malicioso na voz. — É visível mesmo na escuridão.

Toco minha nuca, sentindo-me mais quente do que quando ele disse aquilo.

— Para de olhar.

— Pelo contrário, é agora que continuarei encarando. Estou entediado e você é interessante, então esta deve ser uma noite divertida, não acha?

Antes de eu responder, o chão é tirado de baixo de meus pés pela segunda vez hoje. No entanto, agora sou jogada sobre um ombro.

O ombro dele.

Duro, resistente e tão largo que cabe minha cintura.

E então o rapaz começa a marchar com passos seguros e decididos na direção da mansão.

— O que está fazendo? — pergunto, mortificada, enquanto o sangue sobe à cabeça.

— Já te disse, docinho. Você me fará companhia esta noite.

1



Aspen

TRINTA E CINCO ANOS

Nunca fui fã de casamentos.

Mas este é diferente.

É o casamento da minha filha.

Estou sentada em um assento no fundo, com uma postura rígida para não a deixar desconfortável em seu grande dia.

É um casamento à beira da piscina, na casa onde eu nunca gostaria de entrar: a do pai dela. Honestamente, pensei que aquele homem asqueroso fecharia o portão na minha cara. Felizmente, ele respeitou o desejo da filha pela primeira vez e me deixou comparecer. Bem, ainda não o vi desde quando cheguei, então a chance de o homem bancar o vilão e me expulsar é quase garantida.

O terreno ao redor da piscina é maior do que qualquer outro local potencial para casamentos. Sem mencionar a mansão de dois andares majestosamente situada no meio dela. Embora a propriedade seja antiga, vale cada moeda de ouro, considerando sua proximidade com Manhattan.

Devido às inúmeras batalhas legais relacionadas à propriedade, seu valor foi calculado em mais de sessenta milhões, preço que a tornou um assunto interessante para a imprensa e os magnatas do setor imobiliário. A construção tem uma história sangrenta e de enganações, e seu atual proprietário detém convenientemente o título de "Diabo Selvagem".

O ar está frio, mas o sol brilha entre as folhas das árvores que emolduram o jardim, como se o próprio clima celebrasse este dia. Inúmeros convidados ocupam as fileiras de cadeiras decoradas com orquídeas-baunilha – as flores que produzem o sabor favorito da minha filha.

Apenas alguns dos presentes são seus amigos; o restante está aqui para puxar o saco de seu pai ou de seu marido, seja por suas riquezas, seus nomes ou suas posições no circuito jurídico.

Nathaniel Weaver – ou Nate – está no final do corredor em um elegante

smoking preto com as mãos cruzadas na frente do corpo. Ele é coproprietário do escritório de advocacia Weaver & Shaw e, tecnicamente meu chefe, porque sou sócia sênior. Também é meu único amigo e o homem em quem confio para fazer minha filha feliz.

Na verdade, os dois se casaram legalmente há alguns meses, por razões de conveniência, quando o pai dela estava em coma. Na época, eu não sabia que a noiva era minha filha e até sugeri que ele a usasse para o bem da empresa, mas o homem se recusou com veemência. Nate é assim. Responsável até demais. Completa e totalmente metódico, sem nenhum traço de personalidade sorrateira e dissimulada.

O que começou como um matrimônio de conveniência se transformou em algo mais, e agora eles estão enfim celebrando sua cerimônia oficial de casamento. A imprensa teve um dia daqueles quando a notícia foi divulgada pela primeira vez. Foram desagradáveis sobre o fato de um homem de 38 anos estar se casando com a filha de sua parceira e melhor amiga, de apenas 20 anos. Trouxeram à tona as especulações repugnantes sobre suas tendências predatórias. Mas sei que Nate não a via como mulher, nem a tocou até formalizarem a união. Também sei que os dois se amam de uma forma que só pensei ser possível na ficção.

A imprensa sempre foi doida por qualquer coisa relacionada ao "Nathaniel", em parte por causa de sua posição na Weaver & Shaw, mas também porque ele é o filho único de um senador. Este mesmo senador e sua esposa estão na primeira fila, fingindo demonstrar qualquer apoio ao filho, quando são praticamente afastados dele.

Meu coração dói ao vê-los agirem como pais amorosos e sorridentes. Gostaria de me sentar ali, mesmo que por um momento, e ser reconhecida como a mãe da minha menina. No entanto, se eu tentar fazer isso, é provável que os cães me expulsem.

Mas está tudo bem. Assistir de longe é melhor do que não assistir.

A orquestra muda para o instrumental de *House of Gold*, do Twenty One Pilots – a banda favorita da minha filha. Todos os olhares se voltam para seu caminho pelo corredor, o braço entrelaçado ao do pai.

Gwyneth Shaw.

Esse é o nome da minha bebê. A bebê que não consegui nomear quando pensei que a tinha perdido, há vinte anos.

Nunca, nem em meus sonhos mais loucos, teria imaginado que ela se tornaria uma jovem tão linda, incrivelmente compassiva e irrevogavelmente obstinada. O vestido longo e branco roça na grama, e os cabelos castanhos, em um tom mais escuro do que o meu, estão presos em um penteado elegante. A maquiagem é simples, mas o sorriso é contagiante, torna seu rosto o mais radiante que já vi.

Vê-la como uma noiva aperta o coração que pensei ter morrido com a bebê há vinte anos. O coração que vem revivendo de forma gradual desde quando descobri que ela está viva e é minha.

Conheci Gwyneth há sete anos, quando comecei a trabalhar na Weaver & Shaw. A menina se agarrava ao lado do pai como uma sombra e olhava para ele com a mesma admiração que as crianças têm por seus super-heróis. O fato de eu nunca ter suspeitado que era minha filha tem me matado lentamente. O pior é que eu a associava ao seu pai diabólico e, por isso, mantinha o máximo de distância possível da criança.

Como consequência, não construímos a melhor das relações. Ainda estamos assim. Ela mal me deixou ajudar nos preparativos do casamento. A razão pela qual pude ao menos estar presente é o homem que a acompanha até o altar com um sorriso capaz de cegar as lentes dos fotógrafos. Ou iniciar um tumulto não intencional entre as mulheres solteiras.

O nome dele é Kingsley Shaw.

O outro coproprietário da Weaver & Shaw. Com Nate casado, agora ele é o solteiro mais cobiçado dos Estados Unidos, herdeiro dos inúmeros portfólios bilionários da Wall Street do famoso Benjamin Shaw. E mais importante: um demônio que está fazendo campanha para assumir a posição de Lúcifer no inferno.

O homem tem o tipo de beleza que combina com sua reputação. Selvagem, fria, com um discreto toque de perigo. Há algo misterioso na maneira como seu maxilar forte, o nariz reto e os olhos levemente semicerrados se harmonizam, tal qual uma sinfonia épica conduzida por um compositor magistral. Cada traço do rosto é divino em sua própria perfeição. Ele tem um porte grande, musculoso e alto, parece um modelo de terno. É uma pena que o dono disso tudo escolheu o fruto proibido, o caminho e o trono do Diabo como seu refúgio.

Ele leva nossa filha – que considera apenas sua – até o altar, chamando a atenção de todos no caminho. Este é o grande dia da Gwyneth, mas as pessoas ficam mais hipnotizadas por seu pai, que não consegue só se manter discreto. No

entanto, de novo, ele sempre atraiu os olhos, os ouvidos e a existência total de todos como um poderoso ímã.

O anfitrião para na frente de Nate, que parecia enfeitiçado durante todo o trajeto de Gwen em sua direção. Kingsley beija a testa dela, depois se inclina para frente e sussurra algo no ouvido do amigo – provavelmente uma ameaça, pois era contra a ideia não fazia muito tempo.

Então, os dois compartilham um sorriso falso antes que o pai orgulhoso se dirija ao seu lado para desempenhar a função de padrinho. Cravo as unhas nas palmas das mãos durante a cerimônia, mal me seguro à realidade por um fio. Se ao menos pudesse tomar uma bebida ou algo assim para acalmar os nervos – a que tomei no carro antes de entrar aqui não foi suficiente, lógico.

No momento em que Nate beija Gwen, meu estado de espírito está prestes a se quebrar no chão como uma porcelana frágil. As pessoas se levantam, batem palmas e dão parabéns ao casal feliz. Tento me juntar a eles, mas as pernas trêmulas não me permitem. Eu as massageio uma, duas vezes, depois respiro fundo e me levanto quando eles chegam à minha fileira.

Como estou no canto de trás, não espero que Gwen me veja, mas ela vê. Minha filha pausa por um segundo, e seus olhos heterocromáticos únicos, uma mistura das minhas íris cor de avelã e das íris azul-acinzentadas do pai dela, enchem-se de lágrimas.

Meus lábios tremem, preciso de tudo em mim para sorrir em vez de correr até a noiva e segurá-la em meus braços.

Uma vez. Apenas uma vez.

É só por isso que rezo, e nem sou do tipo que acredita em Deus. Realizar meu desejo seria estranho, embaraçoso e atrairia atenção indesejada, com certeza.

Ela me oferece um sorriso pequeno e recatado antes de Nate a levar para a área de recepção, ao redor da piscina dos fundos. Porque, claro, este lugar tem duas piscinas.

Todos seguem o exemplo, alguns jovens dançam ao som da música e se divertem.

Um calafrio repentino toma conta de mim quando minhas pernas falham e eu caio de volta na cadeira. Depois de me certificar que ninguém está olhando, pego o frasco guardado na bolsa e tomo um gole. O gosto ardente da tequila me faz voltar devagar à realidade. Respiro fundo, já que estou prestes a me levantar, parabenizar o casal e ir embora.

Não faz sentido ficar mais tempo se vou deixá-la desconfortável.

Uma sombra cai sobre mim como a destruição de um filme apocalíptico.

Sinto seu cheiro antes de vê-lo.

Sua colônia tem notas fortes de madeira de cedro, pimenta e almíscar.

Tão chamativo quanto ele, menos visceral.

O homem é sutil o suficiente para anunciar sua presença sem necessidade de uma palavra.

— A cerimônia acabou. Saia da minha propriedade.

Cerro os dentes, mas finjo um sorriso quando olho para ele.

Ok, eu realmente deveria ter tomado outro gole da bebida. Nunca estou bêbada o suficiente para lidar com este maldito.

Os homens não me tiram do sério. Na verdade, aprendi a jogar o jogo deles, a subir de ranque e a conquistar seus cargos ao ponto de alguns argumentarem que eu mesma tenho uma personalidade masculina.

No entanto, Kingsley está na pequena lista daqueles que me esgotam sempre que penso neles. Ou pior, lido com eles.

Compartilhar espaço com este sujeito é semelhante a ficar submersa por minutos a fio. Sempre brigamos. O tempo todo, porra. Sou o anjo no ombro de Nate – aquele tão diplomático quanto ele quando se trata de lidar com os assuntos delicados e a visão futurista da empresa. O fato irrita esse desgraçado, porque ele é do tipo ofensivo.

Do tipo que atira primeiro e faz perguntas depois.

Do tipo que dá um soco em alguém que já está no chão.

Em resumo, violência é seu nome do meio e a diplomacia foi esquecida por seu cérebro egoísta e infernal.

— O casamento ainda não acabou — digo num tom doce que sei que o irrita. — Isso significa que vou ficar.

Seus olhos brilham, destacam os tons de azul-escuro e cinza tempestuoso. Eles têm a intensidade de um furacão marítimo, ao qual nem mesmo piratas conseguiriam sobreviver. E quando o homem me encara com seu estúpido complexo de Deus, é como se direcionasse aquela energia destrutiva para mim com o único propósito de me desmontar.

— Vamos fazer o seguinte, bruxa. Que tal ir embora e nos poupar da desagradável visão de você?

— Vou ter que recusar.

— Ou saia, ou vou denunciá-la por invasão.

Eu me levanto. Não sinto mais os joelhos fracos e estou definitivamente animada para um desafio.

— Fui convidada. Tenho o convite como prova.

— E como proprietário da mansão, posso revogar a hospitalidade a qualquer momento.

— Se essa palavra e você se encontrassem em um beco, ela se mataria e respingaria sangue em seus preciosos sapatos italianos.

Seu rosto continua inalterado – igual, sem emoção e totalmente impiedoso. Com o sol batendo em suas costas, ele parece tão sinistro quanto uma antiga capela gótica.

— Já se passaram dois minutos desde que rescindi meu convite, eles já deveriam ter sido usados para sair da minha propriedade.

— Não vou embora até parabenizar minha filha pelo casamento.

— Você quer dizer *minha* filha.

— Fui eu quem a trouxe ao mundo.

— Fui eu quem a criou pelos vinte anos em que esteve fora da vida dela.

— Pela milésima vez, pensei que ela estivesse morta!

— Pela milésima vez, estou pouco me fudendo para isso.

Nossas respirações estão pesadas. Ou a só minha. Kingsley Babaca Shaw não tem problema em fazer alguém se sentir menor do que uma pobre mosca em seu ombro antes de assassiná-la brutalmente.

Ele é o tipo de advogado que aconselha seus clientes a não fazerem concessões, mesmo quando a outra parte atende às suas exigências. "Você ganhará mais se processar" é sua frase famosa, a ruína da existência da oposição e a razão por trás de sua implacável reputação de "tô nem aí".

Não é à toa que ele é o melhor advogado criminalista de todo o país – se não do mundo. Mas se acha que seus métodos imbecis funcionarão comigo, não me conhece de verdade.

Ou não sabe até onde irei para ganhar a confiança da minha filha.

Para fazer parte da vida dela e compensar os vinte anos perdidos.

O homem pega um antigo isqueiro Zippo dourado e o abre com um estalo,

depois fecha.

— Ou você usou seu sangue de bruxa para invocar um clone, ou ainda está aqui. Prefere que a polícia a arraste para fora?

— E arriscar uma comoção no casamento da própria filha?

— Pequenos sacrifícios para um bem maior.

— Você é inacreditável.

— E você ainda está aqui.

— Já estou indo — digo, com uma calma que não revela minha necessidade de esfaqueá-lo com o objeto pontiagudo mais próximo. Porque, ao contrário dele, não quero problemas no casamento da minha menina.

— Você não está andando.

— Só vou embora depois de parabenizar Gwen e Nate. Nem um minuto antes.

— Me permita recusar a oferta. Dê o fora daqui antes que eu mande prendê-la.

— Então vou vandalizar alguma coisa na saída.

— Nesse caso, vou te processar.

— Você não tem motivos ou testemunhas, nem um caso forte. Além disso, fica malvisto processar o próprio subordinado, sem falar que cria um ambiente de trabalho hostil. — Jogo o cabelo perto de seu rosto. — De nada pelo lembrete.

— Ficar malvisto não é porra nenhuma para mim. E você não será minha subordinada por muito tempo. — Dá um passo à frente até ficar acima de mim, roubando o ar e o substituindo por seu maldito perfume. — Vou expulsá-la da minha firma nem que seja a última coisa que eu faça.

Se seus olhos fossem *lasers*, eu seria incinerada agora mesmo.

Não é segredo que Kingsley e eu nunca nos demos bem, mas desde quando descobriu que sou a mãe de Gwen, ele tem espalhado minas, armadilhas e uma dose doentia de sabotagem em meu caminho.

O sujeito me odeia com uma paixão que lembra a forma como detesta sua madrasta. E não entendo isso. Não é como se tivéssemos tido qualquer relacionamento antes de conceber Gwen, e definitivamente não nos separamos em maus lençóis.

Foi uma noite. Nada mais, nada menos. Ao contrário do que a versão jovem de mim tentou imaginar.

A verdade permanece: Kingsley e eu somos as personificações da água e do fogo. A coexistência é impossível. Uma relação saudável é um mito.

Nate me disse que o sócio está agindo dessa forma porque é superprotetor em relação a Gwen e não quer que eu a tire dele. Mas se o idiota tivesse algum neurônio lógico, saberia que eu jamais tentaria fazer isso. Ele foi o único pai da menina por vinte anos, e ninguém poderia seu ocupar o lugar em sua vida, muito menos a mãe que acabara de aparecer.

— Boa sorte nessa tentativa, Kingsley. Tô curiosa para ver como isso vai funcionar para você.

— Deveria começar a afiar essa sua armadura, bruxa. Precisará dela quando procurar emprego em um escritório de advocacia de segunda categoria.

— Como é? — Envolvo a orelha com a mão, fingindo surdez. — Tão patético que não consigo escutar. — Sorrio de novo, com tanta doçura que seus olhos se contraem. É uma reação de encolhimento ou de raiva; não sei e não me importo, só me viro e vou embora.

Meus pulmões se enchem de ar depois de serem sufocados pelo cheiro dele por mais tempo do que deveria ser considerado saudável. O imbecil realmente deve parar de falar comigo e usar 80% das minhas reservas de energia.

E será que ele poderia ser menos fisicamente intimidador no processo? Embora eu ache que isso se deve mais à sua presença e carisma do que a qualquer outra coisa. Nunca considerei homens de boa aparência intimidadores.

Obviamente, Kingsley é a maldita exceção.

Estou me preparando mentalmente para meu breve encontro com Gwen quando o telefone vibra na bolsa. Pego-o com a intenção de silenciá-lo, mas o nome que surge na tela me faz parar.

É da Instituição Correcional de Ática.

A pulsação dispara quando respondo:

— Leblanc falando.

Uma longa pausa se estende na linha e, se não fosse pela estática, eu pensaria que a ligação tinha caído. A voz do velho guarda masculino chega até mim em um tom baixo:

— Tenho más notícias, Srta. Leblanc. O tribunal decidiu conceder ao Sr. Locatelli uma audiência de liberdade condicional. Desta vez, seu pai deve ganhar.

A mão que segurava o telefone cai ao meu lado. E as lágrimas que reprimi durante toda a cerimônia se acumulam nas pálpebras.

E assim, o pesadelo recomeça.

2



Kingsley

Vou matar alguém.

De preferência meu ex-melhor amigo, que atualmente parece já ter ultrapassado o tempo permitido na Terra.

Com uma marreta.

Ou melhor ainda, posso afogá-lo em uma piscina de ácido.

Todos os convidados saíram devagar da propriedade, depois de consumirem minha comida e meu álcool e quase decretarem um golpe de Estado para entrar na minha infame adega.

Talvez no próximo século, otários.

Há uma pequena lista de pessoas que provaram meu vinho envelhecido, que remonta à primeira geração dos Shaw.

Nate, mas só quando ele teve o privilégio de ser meu amigo. Agora é apenas um filho da puta que roubou minha filha.

Essa mesma filha, quando comemorou seu vigésimo aniversário.

E eu.

Agora, toda a lista se resume a mim.

E ao demônio que faz coisas perversas com o anjo mudo em meu ombro.

Alguns dos funcionários andam de um lado para o outro, arrumam a área da recepção com a diligência de abelhas operárias anunciando não verbalmente que o temido dia acabou.

Ou talvez não.

Arranco a gravata-borboleta, jogo-a na cadeira mais próxima e tiro o Zippo do bolso do paletó. A vontade de fumar um cigarro é quase mais forte do que a compulsão de bater a cabeça de Nate no objeto mais próximo.

Não sou de desistir.

Na verdade, a desistência e eu não compartilhamos do mesmo universo. Então, embora não fume há vinte anos, desde quando um pequeno bebê com olhos arco-íris apareceu na minha porta, o cigarro ainda parece fazer parte de mim.

Um corpo grande cai na cadeira à minha frente, tão bobo quanto um palhaço, com uma orquídea-baunilha no bolso do peito. Gwen definitivamente colocou lá.

Nate é um homem alto. Um centímetro mais alto do que eu, como ele adora me lembrar. No entanto, é mais magro. O que lhe falta em músculos, ele compensa com inteligência e diplomacia entediante. Este filho da puta nunca perdeu um caso na vida, tem o recorde imbatível de 100% de taxa de sucesso e, aparentemente, também conquistou o coração da minha filha quando não era da sua conta. Ele me observa com aquele olhar vazio, que poderia competir com o de um monge de 80 anos. O advogado cheira a especiarias, madeira e a porra do perfume de baunilha da Gwen.

E não, não gosto de farejar as pessoas por diversão, mas tenho um olfato excessivamente sensível desde os 13 anos, quando fui atingido por um fedor podre. É assim que eu saberei se esse desgraçado precisar de um novo nariz arrancado no momento em que começasse a cheirar a qualquer coisa que não fosse Gwen.

— Mau humor?

— Má ideia. Não fale comigo a menos que queira sofrer danos corporais suficientes para cancelar sua lua de mel.

Nate nem sequer reage ao tom grosseiro, permanece tão imóvel quanto uma rocha.

— Encantador como sempre, King. É melhor diminuir um pouco a psicose, senão a Gwyneth vai suspeitar que há algo de errado. Você pode ser louco sempre que quiser, exceto no grande dia dela.

— Tô melhorando, considerando o fato de que você ainda respira... por enquanto.

— Pensei que já tivesse me aceitado como genro.

Porque meu anjo estava ficando deprimido e provou com ações mais do que com palavras que não consegue viver sem a porra desse desgraçado. E tudo bem, sei que ele também a ama. Isso teria sido uma blasfêmia em seus planos de vida há pouco tempo.

Ainda assim, não muda o fato de que é um ladrão que está roubando meu pequeno milagre.

Para sempre.

Recuso-me veementemente a admitir que exista qualquer chance de codependência entre mim e Gwen. Também não concordo que perdê-la me fará retroceder à versão taciturna e perdida de mim mesmo antes de ela entrar na minha vida.

— Você está em um período de teste, então deveria começar a contar seus dias e revisar o testamento; é melhor ter deixado tudo em seu nome para Gwen.

— Já passou pela sua cabeça que ela não me quer pelo dinheiro? Talvez seja outra coisa que ela queira…

— Nem termine a porra dessa frase.

— Estou falando do meu carinho e companhia, idiota. Como se eu algum dia discutisse com você ou qualquer outra pessoa o que minha esposa e eu fazemos. Não seja tão malicioso.

— Em primeiro lugar, eu não estaria pensando nisso se você não tivesse colocado todos nós nesta maldita situação. Por que tinha de ser ela?

— Se eu responder, vai me dizer por que tinha de ser Aspen?

Abro meu Zippo e o fecho logo em seguida, pressionando o polegar contra o metal.

— Por que tinha de ser ela o quê?

— A mulher que deu à luz sua única filha.

— Isso foi um erro de bêbado que cometi quando eu era ingênuo, debochado e desprovido do menor bom senso. Por mais grato que eu seja pela Gwen, não me lembraria daquela noite nem se ela estivesse pintada de ouro.

— Me permita dizer que duvido dessa babaquice dos dois. — Um sorriso presunçoso cobre seu rosto terrivelmente simétrico; um rosto que ele poderia ter usado para se tornar presidente, caso tivesse escolhido o caminho político da família. — Até posso ter deixado passar você e Aspen alegarem amnésia na frente de Gwyneth, mas sei muito bem que nenhuma quantidade de álcool os faria esquecer tudo. Além disso, se houve sexo envolvido, nenhum dos dois estava tão bêbado assim.

— Não sabia que era um especialista nas preferências sexuais e no comportamento de bêbada da bruxa da casa. Você comeu ela, não foi?

— E isso é da sua conta porque…

— Você é o marido da Gwen, que é filha daquela bruxa, de acordo com um teste de DNA. Tenho a obrigação moral de cortar qualquer tipo de fetiche de mãe e filha que esteja tentando satisfazer.

— A palavra *moral* nunca existiu no seu vocabulário. Então, mais uma vez, tô falando que duvido, assim como duvido de suas desculpas bem-elaboradas, mas ainda fracas. Por que não me diz o verdadeiro motivo do seu interesse tão absurdo em Aspen, quando despreza até o chão que ela pisa?

— Se por interesse nela quer dizer que tô interessado em expulsá-la do planeta, então com certeza tem razão. Procuro métodos para convocar alienígenas neste exato momento. Meus esforços continuarão em modo de operação total até ela sumir e nos poupar de sua presença tediosa.

— Se você diz… — Ele sorri de novo, e estou prestes a reorganizar suas feições e foder nossa regra de "podemos socar em qualquer lugar, menos no rosto e no pau".

Parece que perdi a capacidade de manter o controle por longos períodos de tempo desde quando acordei do coma, há alguns meses. Um coma que durou semanas apenas, mas me custou minha filha mesmo assim, pois ela se casou com o desgraçado durante esse período.

Sim, o principal motivo do casamento era proteger meus bens e blá-blá-blá, mas os dois acabaram se apaixonando de verdade. Tentei várias estratégias para separá-los, desde manipulação, dividir e conquistar, até a violência pura.

Obviamente, não funcionou.

E tudo isso por causa do maldito coma no qual entrei depois de um acidente que aconteceu bem antes de eu receber a notícia perturbadora sobre a identidade da mãe da Gwen. Contratei mais detetives particulares do que consigo contar para achar a irresponsável que abandonou um bebê de um dia na minha porta quando eu tinha 17 anos, quase 18. E enquanto aquele bebê se tornava meu mundo, eu tentava encurralar a mulher que achava que poderia se safar depois de deixá-la para trás. Todos os investigadores anteriores eram incompetentes, então imagine minha surpresa quando o último não só descobriu sua identidade, mas também me deu o nome da bruxa: Aspen Leblanc.

A mesma Aspen que tem o hábito de me antagonizar por diversão.

A mesma Aspen que conheço há sete anos, desde quando Nate e eu começamos a Weaver & Shaw, e ele decidiu que a mulher era um bom recurso

para acrescentar ao nosso arsenal.

Lógico, não acreditei no detetive. No entanto, ele fez o teste de DNA para provar que ela é, de fato, a mãe do meu anjo. Essa constatação me fez perder o controle do carro, e o acidente me deixou em coma. Um coma ao qual sobrevivi fisicamente, cujas repercussões ainda batem na minha cara. Em retrospectiva, a bruxa é a razão por trás deste casamento e da minha necessidade constante de cortar o pau de Nate ao estilo de filme *gore*.

Meu plano é interrompido de forma brusca quando uma nuvem de perfume de baunilha nos envolve. Gwen aparece ao lado do marido com um *short* jeans, uma blusa folgada e seu tênis branco característico — que ela definitivamente usou com o vestido de noiva antes. O homem se levanta, e minha filha entrelaça o braço no dele, encarando-o. Quando sorri, seus olhos arco-íris brilham com uma infinidade de cores.

— Estou pronta, marido.

Me mata, por favor.

Ou ele.

Qualquer um dos dois serve, de preferência ele.

Quando conheci Nate no ensino médio, não imaginei que chegaríamos a este ponto do nosso relacionamento. Costumávamos ser rivais e brigávamos muito em ringues clandestinos para expulsar a pressão exercida sobre nós por nossas famílias.

Mais tarde, chegamos à conclusão de que nossos métodos destrutivos seriam mais bem utilizados se os usássemos para dominar o mundo. Foi assim que nossa parceria começou, e teria sido perfeita se não fosse o pequeno detalhe de que ele raptou minha filha. Filha essa que pega seu telefone e franze a testa, como costumava fazer sempre que esperava as atualizações de sua banda favorita.

— O que houve? — Nate pergunta antes de mim, e continua subindo na minha lista de desgraçados.

Agora está sentado confortavelmente na posição número três, logo depois da minha madrasta do demônio e da bruxa cujo único mérito é ter dado à luz ao meu anjo.

— Ah, nada. — Gwen dá aquela risada falsa na qual ela é péssima e coloca o celular no bolso.

— É sobre Aspen? — o advogado pergunta e, no momento em que ela se retrai, abro lentamente o Zippo para evitar fechar o punho.

Embora eu goste de pensar que sou o suficiente para minha filha, aprendi da pior maneira que ela sente falta da mãe ausente desde os 8 anos. Foi por volta dessa idade que a menina descobriu, por acidente, que sua genitora não morrera, como eu tinha dito na mentira. Na verdade, a mulher a abandonara na minha porta com nada mais, nada menos do que um bilhete mesquinho, um cobertor fino e lágrimas.

Gwen queria uma mãe e falava sobre isso durante os episódios de sonambulismo, o que provava seu desejo. Isso mesmo antes de saber que era Aspen. Esse fato e outros, como as afirmações da desgraçada sobre a certeza de que seu bebê tinha morrido, fizeram minha garotinha se aproximar da mãe devagar.

Apesar de minhas tentativas não tão sutis de pintar a mulher como a cria favorita do Diabo.

A garota intercala o olhar entre nós com uma careta.

— Não… sim… quero dizer, você a encontrou? Tenho quase certeza de que a vi durante e depois da cerimônia, mas ela não estava na recepção, certo?

— Não, porque fugir é o que essa mulher faz de melhor — digo com frieza, fechando o Zippo.

— Isso não é verdade — responde Nate, com calma. — King a expulsou.

É isso. Este merdinha vai morrer enquanto dorme hoje à noite.

— Pai…? — Gwen olha para mim com aquele beicinho capaz de destruir meu coração de pedra negra.

— Eu não a expulsei. Só lembrei a ela que minha hospitalidade não é infinita e estava chegando ao limite. Não achei que ela ia me dedurar ao Nate para se justificar.

Bom, sim, eu a expulsei, mas não acreditei que obedeceria. Aspen nunca obedeceu no passado. Até saiu com aquela confiança esnobe irritante, como se o mundo fosse seu campo de batalha, e eu fosse um mero peão nele.

Eu tinha tanta certeza de que faria o que prometeu… mas ela desapareceu sem deixar rastros. Ou talvez tenha deixado um rastro, pois contou para o Nate, que está me observando com um sorriso lento.

— Ela não te dedurou. Vi você tentando se aproximar dela depois da cerimônia.

— Só estava *conversando* com ela.

— Tentando intimidá-la.

— Ei, filho da puta, de que lado você tá?

— O da Gwyneth. Ela queria a mãe dela aqui hoje, e você não tinha por que tentar expulsá-la.

Minha filha me encara de novo com aquele olhar de cachorrinho chutado, faz-me sentir pior do que o lixo. A menina nunca se pôs contra mim, exceto quando se trata do desgraçado ao lado dela. E estou começando a pensar que Aspen logo pertencerá à lista de "pessoas pelas quais Gwen enfrenta seu pai".

Embora tenha ficado magoada com sua ausência, ela ainda observa a mulher de longe e sempre pergunta a Nate sobre a mãe. Nunca me pergunta nada, porque sabe que não há simpatia entre mim e a ruiva.

O telefone de Gwen acende em sua mão, e ela sorri. Então limpa a garganta e responde: "Alô? Aspen?".

Falando na diaba do caralho…

Quero dizer, bruxa.

Meu anjo escuta por algum tempo, chutando uma pedra imaginária e aumentando seu aperto no braço de Nate, então diz: "Está tudo bem". Morde o lábio inferior e sussurra um tímido: "Obrigada".

Assim que desliga o telefone, olha para o marido e diz:

— Ela nos parabenizou pelo casamento e pediu desculpas por ter saído do nada. Disse que surgiu um imprevisto e teve de ir embora.

— Um imprevisto? — Nate franze a testa. — Ela não teria deixado seu casamento por nada... a menos que…

— O quê? — Gwen indaga.

— Nada. — Sorri para a esposa, e depois olha para mim.

Não precisa verbalizar as palavras para eu entender o que quer dizer.

Algo muito mais importante do que o casamento de Gwen aconteceu. E considerando a intenção irritante daquela mulher de fazer parte da vida da filha, meu palpite é que seja algo perigoso.

Talvez esta seja minha chance de conseguir alguma coisa contra ela.

* * *

Qualquer um que me conheça sabe que sou propenso à violência, tiro proveito de coisas de valor e tenho uma rixa interminável com minha madrasta. Nossos podres estão em rede nacional, junto com o rosto cheio de botox dela e meu *status* de imortal na *Forbes*.

Ao contrário do que os outros pensam, o pecado original de Susan Shaw não foi chupar o pau do meu pai ou venerá-lo em troca de seu guarda-roupas da *Chanel*. Foi a audácia de roubar o lugar da minha mãe, expulsá-la da casa que chamava de lar e, no fim, levá-la a cortar os próprios pulsos.

Ser uma interesseira não foi o suficiente, então a desgraçada se promoveu ao cargo de esposa. Isso pode ter lhe dado alguns bilhões do meu pai, mas também a colocou em um inferno feito sob medida para ela.

Eu.

Dizem que a vingança é um prato que se come frio, e pretendo fazer o sangue nas veias da mulher congele até ela desejar a morte.

Chego ao evento beneficente que uma de suas amigas está organizando – sem convite – em meio a um clarão de *paparazzi*. O organizador fica confuso quando mostro meu cheque de doação e não tem escolha a não ser me deixar entrar.

Eu poderia ter solicitado um convite com antecedência, mas isso acabaria com o elemento-surpresa. Nate diz que gosto de fazer as coisas da maneira mais difícil, no entanto é só porque o jeito fácil é mais chato do que dormir.

Ser charmoso e rico e ter uma atitude de "vai se foder" me colocou em várias listas, como a de "*daddy*, me coma". Não sei se isso se aplica à minha paternidade ou se significa que tenho um estilo "*daddy*" – ou ambos. Não dou a mínima para esse rótulo, nem para os outros. Sexo é feito nos meus termos, com acompanhantes escolhidas e somente depois de elas assinarem um acordo de confidencialidade que vende suas almas – mais precisamente suas bocetas – ao Diabo.

Mais conhecido como eu.

Não retribuo o sorriso de nenhuma mulher, não entro em nenhuma conversa superficial e com certeza não dou a mínima para os padrões sociais, a menos que isso jogue a meu favor.

Quando peço um uísque no bar, algumas garotas caem sobre os próprios peitos, pensando se devem ou não se aproximar de mim.

Patético.

De imediato, o fato de hesitarem as risca da minha lista com um marcador vermelho. Não que eu fosse reconsiderar se chegassem a falar comigo, mas teria mostrado coragem ao menos, uma característica que eu admiraria antes de esmagar, junto com as investidas das moças. Somente uma mulher vale meu tempo, meus sorrisos e minhas palavras: Gwen. E ela é uma exceção porque meu sangue corre em suas veias.

O baile beneficente toma conta de um salão extravagante com uma atmosfera de falsa *socialite* francesa. As janelas são uma imitação pobre do Palácio de Versalhes. As plataformas altas e ornamentadas parecem caras, mas compartilham a monotonia de um rato de esgoto da Idade Média.

Até mesmo o fato de terem colocado um bar com detalhes em ouro no meio do espaço tem um clima desesperado de "sou rica". Ele pode ser usado para descrever Susan e suas amigas *socialites* vaidosas.

Olho para meu relógio.

Três, dois e… um.

— O que tá fazendo aqui?

Levanto a cabeça enquanto minha inimiga para alguns passos à minha frente. No passado, Susan era uma mulher bonita, com cabelos loiros e uma silhueta em formato de ampulheta, que usava para seduzir qualquer pau disponível. Mas a beleza sumiu à medida que ela envelhecia e tinha encontros infelizes com as facas dos cirurgiões plásticos.

Agora é um monstro de silicone, com lábios franzidos quase pendurados em seus peitos falsos – nenhuma surpresa aqui. Seus olhos são redondos, grandes demais para o rosto, com uma cor muito turva, igual a uma casa abandonada na comunidade. Ah, e para piorar a situação, ela gosta de se vestir em tons chamativos de rosa, como se o único objetivo fosse sangrar as órbitas oculares das pessoas com a visão de sua versão distorcida da Barbie. O vestido da noite é uma peça brilhante que presta homenagem ao horrível rosa neon dos anos 1980. O tom deveria ter sua própria seção exclusiva no inferno.

Ela bate o pé, impaciente, o que a faz parecer uma criança mimada com problemas de controle de raiva.

— Eu te fiz uma pergunta, Kingsley.

Tomo um gole do meu Macallan e finjo que o gelo é uma maravilha do mundo ainda não descoberta antes de finalmente voltar minha atenção para ela.

— Oh, estava falando comigo? Não tô interessado. Tente no tribunal da

próxima vez.

Os *flashes* das câmeras se intensificam, e não preciso procurá-las para saber que estão focadas em nós. As batalhas que Susan e eu travamos no tribunal são infames, impiedosas e bárbaras. E como o único trabalho da imprensa é a fofoca, os repórteres são como cães babando pelo último osso do Upper East Side.

Ela dá um passo mais perto de mim, finge um sorriso que parece doloroso devido à última injeção de botox. Então fala em um sussurro-grito para só eu conseguir ouvir:

— O que diabos você quer?

— Minha mãe. Mas a menos que esteja pensando em pegar necromancia como um bico, não será capaz de reviver os mortos. Portanto, tô me comprometendo a assistir ao seu sofrimento até o último suspiro que sair de seus pulmões de silicone.

— Você não é nada mais do que um menininho preso no corpo de um homem. — A mulher tem a audácia de sorrir como uma vilã de filme de baixo orçamento da Disney. — Sua mãe tinha a personalidade de um chiclete: doce no começo, mas sem sabor com o tempo. Sem contar que podia ser descartada sem dificuldades. Então, se sente falta daquela coisa sem graça, que tal fazer um favor ao mundo e curar seu *mommy issues* indo se juntar a ela?

Meus dedos apertam o copo, mas se essa vadia acha que pode arrancar uma reação de mim, não foi arrastada por tribunais o suficiente.

— Tenho uma ideia melhor, que inclui tirar de você até o último centavo.

— Esse dinheiro é meu por direito.

— Por direito? Nunca trabalhou um dia na sua vida depois que se casou com meu pai. A menos que abrir as pernas e ser uma esposa-troféu conte. E, alerta de *spoiler*, não conta.

— Só está com ciúmes e amargurado porque seu pai me escolheu em vez de você e sua mãe.

— Minha mãe talvez, mas eu nunca, Susan. Por mais que tenha tentado manipular a mente do velho, o fato é que sou o herdeiro dele, o único que ficou com mais de 80% da fortuna do homem. Lição de vida do dia: boceta não compete com sangue. Talvez devesse ter me matado com aquele travesseiro, né?

Ela empalidece, os lábios trêmulos. Quando eu irritava Susan por diversão, minha madrasta quase perdia a cabeça. E o fato de eu ser manipulador o suficiente para nunca ser flagrado pelo meu pai a deixava ainda mais furiosa.

Uma noite, a mulher entrou no meu quarto e colocou um travesseiro no meu rosto, mas desistiu no último segundo, provavelmente por se lembrar de que meu pai a mataria com as próprias mãos se ela machucasse seu único herdeiro. E eu era o único herdeiro que ele poderia ter: alguns meses após seu casamento com Susan, meu velho teve câncer de próstata e, embora a cirurgia tenha sido um sucesso, precisaram remover sua próstata. Então o homem se tornou permanentemente infértil.

Portanto, eu era o único Shaw que o pau do ricaço poderia trazer ao mundo. E ele era o tipo de sujeito fechado e antiquado, recusava-se a ter filhos que não fossem de seu sangue. Disse explicitamente a Susan que não adotaria quando ela sugeriu isso, e foi inflexível sobre o assunto, não importava o quanto ela chupasse o pau dele.

Meu pai era indecente, o pior pai que já existiu, mas eu era seu único tesouro. O legado para o qual ele tinha grandes planos, com intenções egoístas. "Kingsley é meu único filho e herdeiro" era a frase que ele repetia com frequência e que, metaforicamente, dava um tapa no coraçãozinho ganancioso de sua esposa.

Ela achou que poderia se livrar de mim naquela noite. No entanto, se acovardou, jogou o travesseiro fora e saiu correndo do quarto com passos abafados e frenéticos. Até hoje, não tenho a mínima ideia do motivo de eu ter ficado ali, imóvel, fingindo estar dormindo muito tempo depois que ela foi embora. Lembro-me muito bem dos sentimentos de renúncia. As perguntas do tipo "e se isso pudesse acabar?" que passavam pela minha cabeça.

Isso foi alguns meses após a morte de minha mãe.

E eu era ingênuo o suficiente para pensar em deixar esta mulher ter tudo.

A dita mulher ajeita o cabelo e, em seguida, aperta o colar de diamantes.

— Não sei do que tá falando.

— Sabe exatamente do que tô falando, e acredite: aquela foi sua única chance de me matar. Agora, vai colher o que plantou.

— Ainda vou processar pela parte da herança.

— Ah, é mesmo?

— Seu pai me deu a casa e 35% de suas propriedades. Isso inclui as ações na Weaver & Shaw, já que você usou o dinheiro dele como parte do capital.

— Susan, Susan… — digo, como se estivesse falando com uma criança. — Se tivesse ouvido seu advogado idiota por ao menos um minuto, em vez de mandá-lo entrar com processos sem sentido, já saberia disto: provei que meu pai

estava senil quando escreveu o testamento, no ano anterior à sua morte. O caso de interdição sobre o assunto já acabou, e o juiz decidiu pela execução do testamento mais recente, reconhecido em cartório por ele, cinco anos antes de falecer.

O que me dá controle sobre o patrimônio do velho, incluindo a casa. Susan só recebeu uma porcentagem das propriedades que ele adquirira após o casamento, o que representa menos de 20% da fortuna total de Benjamin Shaw. Uma porcentagem de 20% que vou tirar dela mais cedo ou mais tarde. Na verdade, espero que seja mais tarde. Quero vê-la continuar processando, esperando por algo a mais e perdendo cada um desses casos.

— Agora, por mais excruciantemente tedioso que seja falar com você, seu tempo acabou. Talvez queira levar os medicamentos para a noite que passará na cadeia.

— O quê?

Inclino a cabeça para os fotógrafos.

— Tenho pelo menos cem testemunhas e mil fotos para provar que você violou a ordem de restrição. Fique esperta, Susan. A polícia vai te arrastar para fora daqui como a criminosa que é em cerca de cinco minutos.

O rosto dela empalidece, e minha madrasta se esforça ainda mais para manter seu sorriso plástico no lugar. Se há algo que Susan odeia mais do que a falta de atenção e de dinheiro é colocar sua fachada social falsa em risco. Ela deve ter esquecido que, durante as poucas semanas em que fiquei dormindo como uma versão distorcida de uma múmia, Gwen pediu a Nate para entrar com um pedido de restrição contra minha querida madrasta, por medo de ela me causar algum dano físico enquanto eu estava em coma. Foi inteligente. A mulher não hesitaria em injetar ácido em minhas veias. Ela até tiraria fotos com meu cadáver e as protegeria como memórias preciosas.

Um dos meus poucos arrependimentos sobre aquele coma infeliz, além de Nate ter um romance com minha filha, é ter dado uma pausa para esta víbora. Susan dá uma espiada na horda de jornalistas corruptos observando cada movimento nosso.

— Isso ainda não acabou, demônio — sibila baixinho, depois sai em uma nuvem de rosa, perfume repugnante de flores e lembranças horríveis.

Esvazio o conteúdo do copo de uma só vez, então o deslizo pelo balcão em direção ao *barman,* que parece estar esperando uma guerra nuclear irromper. Ele

assente, meio assustado, meio desapontado, antes de despejar o líquido âmbar.

Pego o Zippo e o abro, é como se eu pudesse respirar o cheiro pungente do charuto do papai. Ele costumava ter um gosto peculiar pelas coisas boas, incluindo mulheres, vinho e charutos. Mamãe encomendou esta edição especial do Zippo dourado para o aniversário dele, quando eu tinha uns 5 anos. Lembro-me da alegria do homem e de como só o usava para acender seus charutos. Como mamãe sorria com orgulho e felicidade silenciosa.

Até o sorriso desaparecer.

Até ele jogar o Zippo no gramado junto com as roupas dela, quando a expulsou de casa.

Até ela segurar este maldito objeto na mão durante os últimos momentos de sua vida.

Este Zippo é um lembrete da traição do meu pai, das esperanças vazias da minha mãe e de sua curta vida.

Pego o novo copo de uísque com a intenção de bebê-lo e ir embora. Minha missão da noite está cumprida. Posso voltar para casa, dormir por mais ou menos uma hora e fingir que a mansão não parece um cemitério sem a Gwen. Já se passaram dois dias desde seu casamento, e ela me ligou só uma vez por dia. Aparentemente, não consegue encontrar tempo para mim em sua lua de mel.

Faço uma pausa com o copo a meio caminho da boca quando vejo uma juba de cabelo ruivo irritantemente familiar. É a cor de vulcões em erupção, brasas furiosas e o papel de parede favorito de Satanás.

Aspen está no meio de um grupo de homens, com certeza ouvindo baboseiras. Ela usa um vestido preto que se molda às suas curvas voluptuosas de um jeito que diz "você pode olhar, mas não pode tocar". Segura uma taça de champanhe com a elegância de uma deusa antiga e sorri com interesse fingido.

A mulher pode ter herdado a malícia de seus ancestrais, mas também recebeu a beleza arrebatadora deles. Aquele tipo de beleza usados para atrair homens e se deliciar com seus fígados, corações e pênis. Ela tem o tipo de presença que rouba a atenção de todos. E isso tem pouco a ver com as maçãs do rosto definidas que poderiam cortar pedras, a maneira como seus olhos refletem a terra e o sol ou como seus lábios cheios ficariam perfeitos com um pau entre eles.

É sua confiança, sua finesse e sua determinação irritante.

Ela é uma diabinha, e a pior parte: sabe disso, usa o título como uma coroa.

E embora não seja meu tipo agora, consigo entender por que meu eu mais

jovem usou sua energia de “cabeça de baixo” quando ficou com ela.

Aspen é um enigma que qualquer homem gostaria de resolver. Um cavalo selvagem que se esforçariam para domar. É isso que os desgraçados de merda comendo-a com os olhos tentam fazer atualmente. Infelizmente para eles, a ruiva mastiga testosterona no café da manhã.

Ela acena, desculpa-se com o círculo parecido ao do Rei Arthur, verifica os arredores discretamente e depois segue em direção às escadas.

Não penso muito enquanto abandono o copo no balcão e vou atrás dela.

Aspen e eu não somos próximos. Na verdade, somos o oposto de próximos. Mas eu a conheço há anos suficientes para reconhecer quando está tramando algo.

E eu é que não perderei a chance de acabar com ela.

Com coroa e tudo.

3



Aspen

A mente humana esquece.

É um mecanismo de defesa, um processo de cura e uma necessidade de seguir em frente.

Não sou do tipo que esquece.

Tenho pastas e mais pastas de arquivos armazenados ordenadamente em meu cérebro com etiquetas de nomes e memórias podres.

Mas até eu fui vítima da necessidade da mente de seguir em frente. Até eu comecei a esquecer o odor do inferno da minha infância no gueto e tudo o que aconteceu entre quatro paredes.

Passei os últimos vinte e cinco anos da vida vigiando minhas costas, contando os dias no calendário e, mais tarde, ficando bêbada em cima de um túmulo que pensava ser o da minha filha.

Passei vinte e cinco anos esperando, sobrevivendo e ansiando o momento certo para este dia.

O dia em que o monstro do meu pai seria solto de volta ao mundo, vinte e cinco anos mais velho, mais sábio e mais mortal.

Não tenho nenhuma dúvida sobre quem será seu primeiro alvo quando ele ganhar a liberdade. O homem me disse isso no dia em que foi preso.

"Eu voltarei por você, minha dália vermelha. Se correr ou se esconder, não terá efeito algum no resultado final."

Era assim que papai costumava me chamar. Uma dália vermelha, a pior cor para aquela flor, com o significado de traição e engano.

Algo que compartilhamos em nosso DNA.

Também compartilhamos a crença de que se esconder é inútil. No passado, achava que correr era minha melhor opção. É por isso que fiz amizade com o guarda. Mais precisamente, subornei-o para saber quando meu pai fosse sair.

Nesse meio-tempo, recebi notícias sobre todas as pessoas que o sujeito matou enquanto estava preso. O fato de um monstro estar encarcerado não significa que o perigo representado por ele tenha desaparecido.

Pensei em fugir quando ele saísse. Não tinha nada que me prendesse aos Estados Unidos e planejei meu recomeço em outro país. Levaria a experiência comigo e conquistaria objetivos diferentes. Mas isso foi antes de eu descobrir que minha filha não está no túmulo falso no qual tenho me embriagado todo ano.

Isso foi antes de eu "conhecê-la" e ter outra chance de consertar as coisas.

Se eu fugir, é melhor assinar um contrato de abandono e dar ao idiota do Kingsley a satisfação de dizer "eu avisei". O que não é uma opção.

Ser aceita como a mãe de Gwen é meu novo objetivo de vida e pode muito bem ser meu propósito, meu significado, minha força para acordar todos os dias. E para alcançar isso, preciso enfrentar o demônio com meu tipo sanguíneo.

Bruno Locatelli é um homem moldado, um assassino de aluguel de uma influente família do crime italiano. E tem um culto de assassinos que veneram seu altar monstruoso. Ele tem feito negócios na prisão, sem nenhum contratempo. Na verdade, tem permanecido lá sob ordens dos superiores, assumindo a culpa por alguns dos crimes dos mais altos escalões, como um subordinado deveria fazer.

Agora, será recompensado por seus serviços e receberá o poder pelo qual sujou as mãos de sangue durante todos esses anos. Mas antes de ele pedir minha cabeça como sacrifício, necessito de proteção. E é por isso que estou neste baile beneficente.

Depois de uma rodada de conversa fiada excruciante, subo as escadas para onde vi meu alvo ir. Paro na esquina quando avisto dois homens musculosos examinando a área com olhos totalmente desprovidos de humanidade.

Em minha área de trabalho, vejo pessoas como essas o tempo todo. Homens já tão perdidos que se rebaixam à categoria de animais. E a pior parte é que se sentem totalmente confortáveis dessa forma. Assim como meu pai.

O alvo sai do banheiro, parece refinado em seu terno italiano de três peças feito à mão e sapatos de couro combinando. Ele se move com a confiança de um homem que sabe muito bem que o mundo está na ponta de seus dedos, e as pessoas são meros peões à sua disposição.

No momento em que dobra a esquina, finjo tropeçar e derramo a taça de champanhe meio cheia sobre seu terno caro. Um lampejo de movimento é todo o

aviso recebido antes de ser jogada contra a parede mais próxima, com as duas mãos presas atrás das costas. A taça de champanhe cai no chão, e meu rosto é esmagado contra a superfície. Embora estivesse pronta para tal reação, não previ ter a bochecha amassada.

— Me perdoe, não foi minha intenção — digo com a voz meio abafada, mas as palavras não são direcionadas ao guarda enfiando minha cabeça na parede. São para o homem que nem sequer olhou para as roupas molhadas e está me observando com uma atenção enervante. — Pago pelo serviço da lavanderia — ofereço, a voz ainda calma, considerando minha situação.

Já fui maltratada inúmeras vezes, mas em nenhuma delas me encolhi como um gatinho assustado. Isso ainda me dá nos nervos. Vejo o alvo acenando para o guarda, e ele me solta não tão gentilmente. Com certeza deixou hematomas em meus pulsos.

Pequenos sacrifícios.

Eu me viro e fico cara a cara com ninguém menos do que Nicolo Luciano. O subchefe da família criminosa Luciano. A décima geração de uma linhagem de senhores do submundo que comandam a cidade de Nova York há quase um século.

Ele tem uma tranquilidade assustadora, uma beleza envolta pelo fedor de sangue e pela decadência do dinheiro podre. O homem é um choque de trevas: cabelos pretos, olhos escuros e uma expressão sombria que poderia ser usada como uma arma letal.

— Sinto muito mesmo. — Protejo meu tom leve, estremecendo ao ver seu *smoking* encharcado.

— Não, não sente. — O mafioso fala com um leve sotaque italiano refinado, da aristocracia. — Fez isso para chamar minha atenção. E conseguiu, às custas das minhas roupas que valem mais do que vender partes do seu corpo no mercado negro. Então que tal poupar nós dois da conversa fiada e me dizer por que está interessada na minha atenção? Pense bem, pois sua sobrevivência e o próximo endereço de envio da mercadoria dependem da resposta.

Engulo em seco, noto que talvez eu possa ter me metido em algo maior do que consigo lidar. Mas não cogito desistir. As chances de ser uma mãe digna para Gwen dependem disso.

— Meu nome é Aspen Leblanc, e você me quer na sua equipe jurídica.

Ele levanta uma sobrancelha.

— E o que a faz pensar que estou contratando?

— Nada, mas deveria estar.

— Elabore, e seja rápida e convincente. Seu CEP está mudando neste exato momento.

Levanto o queixo, adoto minha voz jurídica.

— Percebi que só tem advogados criminais ao seu lado e, embora eles sejam bons para tirar um subordinado da prisão ou driblar casos de assassinato, são absolutamente inúteis quando se trata de gerar lucro. Precisa de um advogado civil, especializado em direito corporativo, para resolver disputas legais e greves e conseguir compensação estatal. Também sou capaz de encontrar brechas fiscais para você.

— Posso conseguir isso do meu jeito.

— Isso é verdade, mas é mais lucrativo e menos incômodo se deixar um advogado experiente assumir o controle. Como está legitimando parte do seu negócio, ele terá uma boa aparência no papel se um consultor jurídico apropriado estiver no comando.

— Vejo que fez sua pesquisa.

— Fiz mais do que isso, e eu seria capaz de encerrar a greve de uma semana dos trabalhadores da sua fábrica de metais no centro da cidade a partir de amanhã, se me contratar.

— E?

— E o quê?

— A pegadinha, Srta. Leblanc. Qual é?

— Quatro vezes meu valor por hora para cada operação obscura que eu concluir para você.

O homem faz uma pausa.

— Achei que usaria métodos legais.

— Talvez eu tenha que usar métodos ilegais para chegar lá, e quero ser totalmente compensada por isso.

— O dobro.

— Triplo.

— O dobro e a permissão para continuar viva enquanto for útil.

— O dobro e proteção enquanto eu estiver em seu mundo.

Ele faz outra pausa.

— Tem um alvo em suas costas?

— Do seu assassino, sim.

O mafioso levanta uma sobrancelha.

— Elabore, e não deixe nenhum detalhe de fora, porque um dos meus homens está verificando seu histórico enquanto falamos.

— Bruno Locatelli é meu pai, e vem atrás de mim assim que for libertado.

Os lábios de Nicolo se contraem.

— Você é a dália vermelha na qual ele está de olho.

Minha garganta se fecha, e preciso de toda a minha boa vontade para não surtar. Achei que tinha escapado do mundo deles no dia em que saí da casa da tia Sharon e do tio Bob. Mas Nicolo acabou de dizer que eu estava no radar de papai esse tempo todo. Não deveria estar surpresa, porém o cérebro deve ter apagado o detalhe de quão perigoso meu pai realmente é. Deve ter tentado se autoconfortar pensando que nossas vidas foram separadas até agora.

— Veja bem, Bruno tem sido leal e lucrativo para os negócios da família por décadas. Muito antes de você nascer. Precisaria oferecer muito mais do que ele para eu sequer considerar interferir em seus assuntos familiares privados.

— Me dê uma chance, e não ficará desapontado.

— É melhor que não fique, ou assinarei sua certidão de óbito pessoalmente.

— Isso significa que me dará uma chance?

— Darei, mas depois que acabar com essa greve pela manhã.

— Obrigada.

Aproximo-me dele para apertarmos as mãos. No entanto, o ar sai dos meus pulmões mais uma vez. O guarda musculoso do sujeito me joga na parede, cuspindo:

— Não ganhou permissão para respirar tão perto do Chefe.

Urgh. Esse idiota precisa mesmo treinar melhor seus cachorros.

— Entendido… — murmuro para sair do aperto.

Fico à espera do chamado de Nicolo, mas o peso do segurança some de minhas costas em um súbito sopro de ar.

Umpf!

Bam!

Viro-me para encontrar o guarda no chão, agarrado ao nariz sangrando. Sobre ele, está o demônio habitante do meu inferno personalizado, com seu terno preto característico, mocassins italianos feitos à mão e uma expressão que combina com a de um vampiro faminto por sangue.

Pergunto-me se era isso que ele demonstrava sob a máscara do Anonymous há vinte e um anos.

Um lorde sombrio com sede de violência.

A ironia de o homem dar um soco em alguém na minha presença de novo não me escapa. Ao contrário do Coringa daquela época, o guarda se levanta com o punho erguido. O outro segurança saca uma arma e a aponta para a nuca de Kingsley.

Ou o sujeito não tem a menor consideração por sua vida, ou é muito mais louco do que eu pensava. Porque ele simplesmente sorri para Nicolo com o ar de um chefe rebelde do submundo.

— Olha, não sou chauvinista e não vou usar essa coisa ultrapassada como nenhuma maneira de justificativa, mas o uso de violência contra uma mulher indefesa não deveria ser desaprovado na sua orgulhosa cultura?

É isso aí.

O homem é completamente louco e tem tendências suicidas.

— Shaw… — Nicolo cumprimenta com um aceno de cabeça seus guardas.

— Luciano.

Os subordinados se movem rapidamente para o lado do chefe, e um suspiro sai de meus pulmões. Pensei que estava a segundos de testemunhar a cabeça de Kingsley explodida em pedaços. Entretanto, ao que parece, eles são conhecidos.

Espera…

Fico olhando de um para o outro.

— Vocês… se conhecem?

— Nossos pais eram amigos com o hábito de nos comparar. — O pai de Gwen sorri. — Nicolo aqui gosta de armas, porque era péssimo com todos os outros brinquedos. Inclusive mulheres.

— E ainda assim, sua mulher veio até mim pedir ajuda.

— Não sou a mulher dele.

— Ela não é minha mulher — o babaca diz ao mesmo tempo.

Nós nos encaramos.

Maldito seja esse idiota e todo o vodu que ele carrega para roubar minha energia. Sempre que estou na órbita dele, custa tudo o que tenho para manter o controle cultivado por décadas. O desgraçado é enervante e desestabilizador, e não há cura à vista. Os lábios de Nicolo se levantam nos cantos como um gato que encontrou um rato.

— Vou deixá-los a sós então. Vejo você amanhã, Srta. Leblanc.

— E verá minha acusação de agressão amanhã, filho da puta — informa Kingsley.

Nicolo apenas sorri ao se virar e sai na companhia de seus guardas. Quando eles desaparecem, dirijo-me ao pai de Gwen até ficar na altura de seus olhos.

— Que diabos foi aquilo?

Ele me encara com uma sobrancelha arqueada, imitando um vilão lindo com moral duvidosa.

— Essa é sua maneira de dizer obrigada por me salvar, o que posso fazer para demonstrar gratidão?

— Gratidão minha bunda. Quem te disse que eu estava encrencada? Estava indo muito bem.

— Claramente, a julgar pela sua expressão de dor anterior, que lembrava a de uma prostituta fingindo um orgasmo.

— É claro que saberia disso, considerando todas as putas que tiveram de fingir um orgasmo para acariciar seu ego do tamanho da Terra.

— Eu não fodo putas, elas são chamadas de acompanhantes. E acredite em mim, nenhuma delas jamais fingiu um orgasmo.

— Eu ficaria chocada se fosse o caso, vendo suas tendências egoístas e narcisistas.

— Vamos fingir que não te dei mais orgasmos do que poderia ter contado na noite em que concebemos Gwen?

O calor do meu corpo aumenta um pouco, contra minha vontade, e falo de maneira arrogante para camuflar a reação:

— A única coisa da qual me lembro daquela noite é de ter ido embora. Acho que suas habilidades de dar orgasmos são muito esquecíveis.

— Mentirosa. — A voz cai para um tom mais profundo, e juro que posso sentir sua vibração na minha pele antes de ela se acomodar na base do estômago. — Você pode fazer todo mundo acreditar que esqueceu, mas é o seguinte: não

pertenço à lista dos facilmente enganados, docinho.

— Não me chame assim. Não sou um docinho. — E odeio que meu coração esteja batendo tão alto que posso ouvir as batidas.

— Prefere ser chamada de bruxa?

— Prefiro meu nome de batismo.

— É muito brando para eu me lembrar.

— Alguém já disse que você é um pau no cu?

— Na última hora? Duas vezes. E antes que pergunte, não. Por mais que eu aprecie sua atenção especial ao meu pau, receio que ele esteja fechado para negócios quando se trata de você.

— Engraçado. Lembro que seu pau estava tão aberto para negócios no passado que dormiu com ele dentro de mim.

Ele sorri, e eu xingo a mim mesma internamente.

— Achei que não se lembrava de nada.

— Só lembrei depois que acordei. Não durante.

— Não se faça de fofa. Foi o que te fez engravidar quando ainda era uma chave de cadeia.

O estômago se contorce em intervalos dolorosos, com uma frequência intensa. Suas palavras, o significado por trás delas, as emoções associadas a elas estão lentamente – e com certeza – desgastando meu controle. Kingsley, no entanto, parece tão feroz quanto um senhor-demônio com um rancor contra todos – até contra o próprio inferno. Gostaria de poder arrancar a máscara de indiferença e ver que tipo de confusão está acontecendo em seu cérebro disfuncional. No entanto, como não posso fazer isso e não quero deixar a conversa seguir por esse caminho antigo e minado, limpo a garganta.

— Qual é sua proximidade com Nicolo? Não achei que fosse amigo de um chefe da máfia.

— Nicolo e eu somos amigos da mesma maneira que um escorpião e um sapo.

— Mas acabou de dizer que seus pais eram amigos.

— Isso não significa que mantivemos o legado. Marco Luciano venerava a estrada de bilhões de dólares que Benjamin Shaw percorria, e meu pai admirava seu poder ilimitado. Uma ligação que Nicolo e eu abominávamos até que acabou se desfazendo. Ele continuou em seu mundo obscuro, e eu mantive meus bilhões,

minha aparência estonteante e meu eterno *status* na *Forbes*.

— E a arrogância, aparentemente.

— Arrogância é exibir meu *status* na frente do mundo até eles sufocarem. Não sou arrogante, docinho. Só meramente assertivo sobre quem sou e o que tenho.

Eu paro, olho para ele. Realmente olho para o homem por trás do visual tipo Apolo e do estilo de deus da moda. E então me ocorre. Kingsley pode ser um filho da puta barulhento que gosta de impor sua autoridade com a confiança irritante de uma divindade, mas ele não é adepto à fama.

Nem à atenção.

Ou a coletivas de imprensa.

Na verdade, fez disso sua missão: viver a vida o mais longe possível dos olhares atentos da mídia. Nunca se envolveu em seus questionamentos mesquinhos nem lhes deu ouvidos.

Aliás, ele é tão reservado quanto eu e Nate. Só não é quieto e definitivamente não carrega a racionalidade que o teria mantido longe dos holofotes, caso a praticasse. Por outro lado, o sujeito respira pelas forças antagônicas que o conflito lhe proporciona.

Sua atenção continua firme em mim e, embora a postura esteja relaxada, isso não me engana. Kingsley sempre será um predador, pronto para atacar.

— Então, vai me dizer por que procurou Nicolo para pedir "ajuda", como ele disse de forma tão eloquente?

— Não vejo como isso pode ser da sua conta.

— É pra caralho. Se você é sócia sênior, me permita reforçar, da *minha* firma.

— Sua e do Nate.

— Isso é 50% assunto meu. Será 100% da nossa conta se eu disser ao seu querido amiguinho que está pedindo ajuda à máfia.

Cerro os dentes. O idiota realmente sabe como me irritar.

— Nate não tem nada a ver com isso.

— Eu é que vou decidir se ligo ou não para ele nos próximos cinco minutos, dependendo da sua resposta.

— Mão está mesmo pensando em incomodá-lo na lua de mel, não é?

— Não, se começar a falar em… — olha para o relógio — …quatro minutos

e meio.

— Primeiramente, vai se foder.

— Seus avanços nada sutis estão beirando à obsessão, mas enfim. Segundamente?

— Só preciso do Nicolo para uma coisa.

— Que tipo de coisa?

— Não precisa saber.

— Pelo contrário, preciso saber. Toda a verdade, nada mais que a verdade.

— Desde quando é fã da verdade?

— Desde quando aprendi que a força do espírito de um homem é medida pela quantidade de "verdade" que ele pode tolerar. Mais precisamente, até que ponto ele precisa diluí-la, disfarçá-la, adoçá-la, abafá-la ou falsificá-la.

Minha boca despenca.

— Acabou de citar Nietzsche?

— Acabou de provar que ainda é uma *nerd*?

— E ainda se recusa a admitir que é fã.

— Não sou fã. Sou observador.

Ele dá um passo em minha direção, e o ar desaparece na hora. O espaço fica parado, intensificado, e há tensão suficiente para massacrar alguém. Tenho o hábito de discutir e brigar com esse homem tão arraigado que costumo ser pega de surpresa quando ele invade meu espaço.

Sou a única coisa em seus olhos, os quais compartilham a letalidade de uma tempestade e a intensidade de um terremoto. Kingsley deveria dar seu nome a um deles. E por que Diabos ainda cheira como naquela época? O cedro e o almíscar masculino submergem com memórias que pensei ter assassinado com meu pequeno coração ingênuo.

Que tipo de pessoa não troca de perfume por vinte e um anos? Isso não deveria ser proibido em algum manual?

Queria que ele não estivesse tão perto a ponto de eu só respirar sua presença. Queria que ele não estivesse tão perto a ponto de eu ver os reflexos acinzentados no mar de seus olhos ou me afogar nesse oceano sem fundo.

Se dissesse que o homem não tem nenhum efeito sobre mim, seria a mentira do século, pelo que as pessoas na Idade Média eram açoitadas e apedrejadas.

— O que seria isso? A versão nua e crua da verdade?

— O que o faz pensar que eu lhe ofereceria isso? — digo, em uma voz mais baixa do que meu tom normal.

— Então vou descobrir sozinho. — Seus dedos alcançam meu cabelo, e ele segura uma mecha, depois a leva ao nariz.

Estou chocada, enfeitiçada e todos os outros sinônimos que representam o fato de estar congelada no lugar. Minha atenção é roubada pela forma como o vermelho contrasta com os dedos bronzeados e esguios. Como toca as veias no dorso de sua mão masculina.

No momento em que o sujeito inspira profundamente, é como se estivesse inalando minha parte mais íntima.

— Não me culpe pela maneira como uso essa verdade, docinho.

Bato a palma da mão em seu peito e o afasto de modo áspero. Aspereza essa que combina com minha respiração.

— Por que diabos… está me tocando?

Kingsley nunca faz isso. Nem mesmo quando está destruindo todo o escritório ao me dizer para sumir. Nem mesmo quando nós dois descobrimos que Gwen era minha filha.

Podemos ser inimigos, rivais, os vilões nas histórias um do outro. Porém, mantemos a luta verbal, dentro da legalidade. Às vezes com jogadas mesquinhas, mas nunca com toques.

E a mudança está me desconcertando mais do que deveria. Entretanto, parece agradar o homem, porque ele sorri de lado, levanta um ombro e sussurra:

— E por que eu não deveria te tocar?

— Porque havia uma regra tácita sobre isso, babaca.

— Vou removê-la então. Você é como uma pintura de uma batalha, mas quem disse que a guerra e a arte devem ser observadas de longe não teve a audácia de se aproximar, tocar, respirar e provar.

Meus lábios tremem, porém consigo dizer em um tom de advertência:

— Fique bem longe de mim, Kingsley.

— Mais uma vez, isso depende do fato de eu conseguir ou não o que quero. — Coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, e seus dedos deixam um rastro de ácido ardente na pele enquanto se afastam.

— E o que você quer?

Os olhos do desgraçado brilham com sadismo enquanto ele fala:
— A verdade nua e crua, docinho.

4



Kingsley

— A que devo esta visita desagradável?

Deslizo pelo sofá de couro duro de Nicolo Luciano, cuja aparência combina com seu dono: desconfortável. Ele continua sentado atrás da velha mesa no escritório decadente que tem tentado manter em forma nas últimas duas décadas, sem sucesso.

O homem tem inúmeras empresas sob seu controle, legais e ilegais, mas está se agarrando a esse legado podre com a teimosia de uma criança petulante.

— Essa não é sua cara de mau natural. — Folheio uma revista italiana meio rasgada dos anos 1990, finjo que o assunto é mais chato do que sexo papai-mamãe — Talvez seja melhor não usar uma expressão que remete a "olá, é um desprazer conhecê-lo, sou um assassino" se não quiser ser preso por isso.

Ele apoia os cotovelos sobre a escrivaninha, encosta os dedos do queixo e exibe as linhas finas do paletó siciliano feito à mão.

— Não sabia que tinha tempo para se preocupar com meu *status* de homem livre, King. Ou está mais entediado do que uma prostituta velha, ou é menos sutil do que um detetive novato com um distintivo pendurado na bunda.

Jogo a revista de volta na mesa de madeira resistente e o encaro.

— Qual é seu relacionamento com Aspen Leblanc?

Quero enfiar o punho na boca por ter pronunciado essas palavras. Por outro lado, sou direto até demais.

Sempre me jogo de cabeça. Nunca cuidadoso, nunca com pé atrás e definitivamente nunca estagnado. Fiquei pensando em Aspen e em seu cabelo vermelho e lábios fodíveis a noite toda na mansão vazia. Veja bem, todo o processo foi contra a minha vontade, e eu lutei com a determinação de um gladiador.

Sim, quero a morte da mulher, mas ela não deve ocupar meus pensamentos

sob nenhuma circunstância.

Ou pior, atiçar minha libido, da qual ela não tinha o menor direito de se aproximar.

Esmurrar o saco não ajudou, malhar por horas foi uma distração ridícula, e minhas acompanhantes pareciam tão atraentes quanto leite vencido. Apesar dos meus melhores esforços, não consegui encontrar o que caralhos mudou na noite passada.

É como se um demônio estranho tivesse tomado conta do meu corpo no momento em que a vi ser agarrada pelo capanga do Nicolo.

Não brigo por mulheres – exceto quando arrebentei Nate depois de o pegar aos amassos com minha filha debaixo do meu teto, porque… que se foda esse cara.

A questão é que sou a coisa mais distante possível de um Príncipe Encantado com sobrenome Cavaleiro de Armadura Brilhante. Tenho a transparencência de admitir que sou violento – propenso a isso ao menos, respiro e sonho com o assunto. No entanto, a razão não é – e quero dizer nunca mesmo – uma mulher.

Ou um homem, para deixar claro.

Na noite passada, porém, o demônio que possuiu meu punho e fluiu em meu sangue foi definitivamente conduzido por uma mulher. E não era uma mulher qualquer.

Era a porra da Aspen.

Aposto minhas bolas que a teimosia dela não teve nada a ver com isso.

A verdade é que estou acostumado a trocar farpas com aquela bruxa como se fosse nosso esporte favorito. Mas ontem à noite foi a primeira vez que visitei um território perigoso.

Repleto de memórias distantes e momentos *nerds* e clichês sobre Nietzsche.

Incapaz de achar uma razão lógica para minhas ações, que satisfaça tanto o cérebro quanto o pau, agracio-me com a presença repulsiva do idiota do Nicolo logo pela manhã.

O imbecil pega um charuto da caixa em sua escrivaninha antiga e o desliza até o canto dos lábios. Leva um bom tempo para acendê-lo, inalando e soprando uma nuvem de fumaça de haxixe no ar.

— E eu deveria lhe contar porque…?

— Ela é sócia sênior da minha empresa. — Da qual venho planejando

expulsá-la desde sempre, contudo ele não precisa saber desse pequeno detalhe.

— Costuma bancar o cavaleiro para todos os seus sócios seniores?

— Somente quando surge a necessidade.

— Não achei que deixaria seu demônio vir à tona por causa de uma mulher.

— Acho que está com problema de visão, Nic. Deve estar com a vista embaçada por todo esse sangue que respingou.

— Meus olhos são perfeitos. E os seus, King? Pelo que vejo, ou ela vai se despedaçar contra suas lâminas afiadas, ou você vai acabar se cortando nos ossos do rosto dela.

— Tem certeza de que seu oftalmologista não é cego? Alguém precisa cassar essa licença e lhe dar uma segunda opinião antes de você começar a ver alienígenas.

— Hmm. Interessante. — Seus lábios se abrem em um sorriso nojento que deveria estar no mesmo museu das pinturas impressionistas feias. — Todavia, infelizmente não discuto negócios com estranhos, e você fez questão de estabelecer o distanciamento quando seu pai morreu.

— Oh, me desculpe. Mexi com seus brinquedos de novo, Nic?

— Sim, e não vai arrancar uma palavra de mim, a menos que os devolva.

— Não, obrigado. Não vou investir dinheiro legítimo em um covil de sangue.

Ele se inclina para frente, solta fumaça com a única intenção de transformar o escritório em um local de risco à saúde.

— Então me explique isso, King. Ainda é considerado legítimo se a fonte estiver ensanguentada?

— Sim. Nada que uma pequena limpeza não resolva. Não dou a mínima para o tipo de acordo que meu velho tinha com sua família. Deixei claro desde o começo que não faria o mesmo acordo, e seu irmão, o verdadeiro Don, concordou.

Embora até o zelador e sua avó saibam que o verdadeiro líder da família Luciano não é o irmão mais velho, Lazlo. Nicolo tem controlado as coisas nos bastidores, jogando seus jogos demoníacos em segundo plano e sendo um líder substituto, porém Lazlo é a fachada aceita pela família e pelo mundo. O homem diante de mim é excessivamente niilista, excêntrico e bárbaro para o gosto de qualquer um. Histórias sobre suas câmaras secretas de tortura são suficientes para

incutir medo na alma de alguém, não importa quem seja.

— Meu irmão não controla a contabilidade, eu controlo. E estou lhe dizendo que a única maneira de proteger sua mulher é pagando por ela, riquinho.

— Talvez queira visitar seu otorrinolaringologista e fazer um exame nos ouvidos também, porque já disse que ela não é a porra da minha mulher.

A própria ideia me deixa com uma irritação profundamente enraizada graças a anos de visita às mesmas memórias sobre uma certa *femme fatale*. Porra, anos me perguntando se ela estava viva ou se sua última marca no mundo foi Gwen.

— Parece conveniente, então. Não deixe a porta bater em você ao sair, mas a deixe aberta para quando a Srta. Leblanc vier à nossa reunião daqui a pouco.

A cabeça desse filho da puta estará pendurada na porta de seu escritório quando ela chegar. Em vez de agir de acordo com os devaneios e inevitavelmente ser morto por seus guardas, pego o Zippo e o abro.

— Vou ligar para meu corretor e investir em um de seus negócios legítimos, e posso escolher qual.

— Três. Um ilegítimo.

— Dois. Legítimos.

— Feito.

Fecho o Zippo.

— Agora fale.

Ele me oferece a caixa de charutos.

— Vai precisar de um.

Nem fodendo. Essa merda me lembra do adultério do meu pai e do papel de assassino comparsa que ele desempenhou na morte da minha mãe. É por isso que tenho uma sensação de enjoo no estômago desde quando Nic começou a fumar. Tenho certeza de que o ato é deliberado, porque o desgraçado tem mais propensão à tortura moral do que física. Aceno para ele com a expressão fria de um monge imperturbável.

— Fale.

O mafioso prende o charuto entre os lábios e solta uma baforada.

— Ela é uma de nós.

— Nós quem?

Aponta o polegar para si mesmo.

— Nós. Banhos de sangue, lavagem de dinheiro e agressões inclusas.

— O que isso quer dizer, caralho?

— Sabia que Leblanc era o sobrenome da mãe dela?

Não, eu não sabia, porque tudo o que Aspen tinha de bruxaria era evitada por mim com amuletos falsos.

— E por que esse detalhe é importante?

— Seu nome de batismo é Aspen Locatelli.

— Locatelli… — Procuro em meu cérebro o sobrenome familiar, depois congelo. — Não está falando do homem que matou pelo seu pai como se fosse um esporte olímpico, certo?

— Esse mesmo. Bruno Locatelli, um assassino extravagante com gosto por aparelhos de tortura refinados. Ele é o Ceifador favorito da família e o melhor cachorro de Lazlo, mas é velho, então não vejo mal nenhum em expandir minhas opções com a filha dele. — Verifica o telefone. — Afinal de contas, ela acabou com uma greve da qual até meus rapazes tiveram dificuldade em cuidar.

Olho para Nic como se aquela avalanche de informação fosse ganhar vida e se sentar do lado do homem.

— Aspen é filha de Locatelli?

— Sim. Mas aqui está a parte mais interessante. — Desliza os cotovelos sobre a mesa. — Ela foi o passarinho que cantou ao FBI sobre um de seus assassinatos e o jogou na prisão. Em nosso mundo, dedo-duro não apenas leva uma surra, também acaba no escuro.

* * *

Meia hora depois, imaginei se meu plano anterior de colocar a cabeça de Nicolo em uma vitrine ainda funcionaria ou não, e então decidi que precisava viver pelo bem do meu anjo.

Há muitas coisas das quais desisti por Gwen, incluindo quase me matar em uma variedade de atividades arriscadas ou me incorporar completamente ao mundo com sabor de sangue de Nic. Mas a trégua questionável que formei com o homem, assim como o acordo que fizemos, vale a pena. Se não for por

qualquer outro motivo, que seja pela expressão no rosto de Aspen no momento em que ela entrar no escritório com tema de vovô.

Se o humor pode ser medido pela temperatura, ela está no ponto de ebulição. Tomo um gole do meu café, finjo que a presença da ruiva me aborrece até a morte, quando tudo o que quero é prendê-la contra a parede mais próxima e fazê-la cuspir a verdade nua e crua.

Na verdade, só quero deixá-la nua.

Espera. Calma aí. O que foi isso – quero dizer, que *porra* foi essa que acabei de pensar?

Não quero deixar Aspen nua.

Meu tipo é a calada, que só grita quando estou metendo nela e nunca, nunca mesmo, rebate minhas ordens. Em resumo, tudo o que Aspen Leblanc – ou Locatelli, seja lá qual foi o último sobrenome que o covil de bruxas escolheu para ela – simplesmente não é, caralho.

Doce e angelical não seria palavras usadas para descrever a mulher. Mesmo sua versão mais jovem era uma verdadeira encrenqueira.

Mas também, o que esperar de uma garota do gueto que entregou o próprio pai de bandeja ao FBI?

Não é de se admirar que Aspen seja osso duro de roer – ou talvez ele nem deva ser roído. A bruxa vive em modo de sobrevivência desde criança. Não sei bem o que esse monte de informações acrescenta à minha vida, mas com certeza não é nada bom.

— E o que está fazendo aqui? — a ruiva pergunta, com a exasperação de uma professora severa e cansada.

— Ele é meu principal assessor jurídico, até segunda ordem — responde Nicolo, ainda chupando aquele maldito charuto como se fosse um picolé.

— Parece que isso significa que vamos trabalhar juntos. — Ergo a caneca de café na direção dela, em um cumprimento irônico. — De novo.

— Cheguei primeiro — Aspen está se dirigindo a nós dois, mas o olhar é só para mim.

— Isso não é uma competição. O primeiro ou o último não importam. — Inclino a cabeça para Nicolo. — Brinquedos e conexões importam.

— Você me deu sua palavra. — A mulher volta sua atenção para Nic agora.

O desgraçado sorri, levando a sério meu conselho sobre seu semblante

carrancudo pela primeira vez, e eu queria voltar meia hora no tempo para dar um chute em mim mesmo.

— Estou cumprindo minha palavra, Srta. Leblanc. Nunca disse que seria nomeada minha principal assessora jurídica. Só disse que faria parte da minha equipe jurídica. O cargo de chefe não será seu.

— Por que sou uma mulher?

— Porque não confio em você… ainda.

— E *nele* você confia? — Ela enfatiza o "nele" com um movimento brusco do dedo na minha direção.

— Confio em seu dinheiro, em sua mente voltada para o lucro e em seu caráter que conheço há décadas. Você, no entanto, ainda está sendo julgada.

A advogada bate o pé no chão, o que é tanto um sinal de angústia quanto de arrogância. Após sobreviver e prosperar em um mundo dominado por homens, assim como muitos de nós, Aspen não aceita muito bem a derrota.

Apostaria metade da minha fortuna na possibilidade de ela estar elaborando um plano para se reerguer. Desta vez, terá como objetivo chegar ao topo.

A ruiva não é má perdedora, só não perde. Ponto-final.

Essa palavra nunca fez parte de seu vocabulário. Desde muito antes de eu conhecê-la na forma de uma sedutora *femme fatale* provavelmente.

— Trabalhar com Kingsley vai causar algum problema? — Nicolo indaga ao soltar uma baforada de fumaça pútrida.

— De jeito nenhum. — A mulher sorri para ele e, em seguida, lança um olhar fulminante para mim. — Trabalhamos tão bem juntos, ele e eu.

— É mesmo? — O mafioso nos observa, alterna o olhar entre nós, como um cachorro roendo um osso. — Pelo que descobri no meu extenso levantamento, vocês dois são rivais que, por um golpe do destino, acabaram tendo uma filha juntos.

Está mais para um golpe do demônio ao ser drogado por seus desejos exuberantes. E álcool. Definitivamente havia uma quantidade excessiva de álcool em nossos sangues naquela noite.

— Você a ouviu. — Dou-lhe um sorriso que parece falso. — Podemos chegar a um acordo.

No inferno.

Enquanto ela estiver montando no meu rosto sob uma cachoeira de vulcão.

Reseto de novo, com os dedos ao redor da caneca. Esse é o segundo pensamento erótico que tenho com a bruxa em uma hora.

Que porra eu sou? Um animal no cio?

Ela sorri de volta, imita meu sorriso desonesto, e consigo ver o veneno se espalhando pelo chão em um respingo escuro.

— É claro que podemos.

Vai começar.

Estou prestes a me divertir pra caralho.

5



Aspen

Abro a porta do carro e a fecho com força, até que o som alto ricocheteia no silêncio do estacionamento. É velho, sombrio e tem buracos do tamanho do Central Park no asfalto. A coisa mais infeliz sobre este lugar é o homem no centro do ambiente, em seu terno preto elegante e característico. Estou começando a achar que ele nunca parece nada menos do que perfeito, como se tivesse nascido com o único objetivo de intimidar humanos.

Kingsley acaricia a maçaneta da porta de seu carro – uma edição especial do Audi – tal qual faria com um antigo amante. Quando bati a porta, uma pequena tradução do meu temperamento, os lábios do homem se inclinaram naquele sorriso irritantemente lindo.

— Alguma objeção, bruxa?

Ignorando a necessidade constante de ficar calma, eu o encaro com uma mão no quadril.

— Entendo que você tem interferido nos meus negócios e tentado me expulsar da W&S para me tirar da vida de Gwen, o que não vai acontecer, a propósito. E embora seja um babaca, você não é idiota. Então por que diabos sujaria suas mãos limpinhas e delicadas com a porcaria da máfia?

— É preocupação que ouço nesse tom venenoso? Eu me sentiria emocionado se não estivesse pouco me fodendo.

— Você poderia estar pendurado em uma montanha congelada pelo pau, e a única coisa que eu faria seria pegar a pipoca enquanto assisto. Portanto, não. Preocupação é a última emoção que eu sentiria por você.

Ele arqueia as sobrancelhas em uma reação zombeteira.

— Parece doloroso.

— Parece doloroso na minha cabeça também.

— Não sabia que meu pau tinha uma seção exclusiva na sua cabeça.

— Toda dedicada à tortura. Do tipo extremo.

— Me soa pervertido.

— Acho que nunca saberá.

Viro a cabeça para reprimir um sorriso. Eu deveria estar furiosa com este babaca, e estou. No entanto, ao mesmo tempo, não consigo resistir à tentação de provocar sempre que estou com ele. Kingsley traz à tona o que há de pior, de mais perverso e de mais fodido em mim.

Tudo ao mesmo tempo.

O que significa que devo me manter longe. Em particular depois da sua ação audaciosa na noite passada. Um toque que eu não conseguia banir da cabeça, mesmo quando planejava e fixava nomes e fotos em meu quadro branco *à la* assassinos em série.

Mas então o demônio teve que surgir do nada, bem ao lado de Nicolo, com a despreocupação de um psicopata. Como se ele não tivesse nada a perder, o que sei que está longe de ser verdade.

— Já pensou em Gwen nesse seu pequeno plano de se tornar amigo da máfia? — É aquele tom de novo, áspero, com uma suavidade escondida que me irrita.

O sujeito levanta uma sobrancelha.

— Você pensou? Achei que pretendia conquistar o título de mãe dela, mas isso não vai acontecer se acabar em um saco de cadáveres, seja por irritar Nicolo ou pela arma do seu pai quando ele sair da cadeia.

Eu me sobressalto, os olhos aumentam de tamanho.

Isso… Ele não disse o que acho que disse, não é?

— O que foi? — O homem se aproxima daquele jeito carregado que me deixa na ponta dos pés. — Achou que eu não descobriria a verdade se a escondesse bem o suficiente?

— Minha verdade ou a falta dela não tem nada a ver com você.

— Pelo contrário, tem tudo a ver comigo, considerando que pretende trazer seu passado confuso e os laços familiares sangrentos para a vida da minha filha.

— Nunca faria isso. Eu a protegeria com minha própria vida.

— Isso não vai ser possível se seu pai te matar e se voltar aos seus parentes mais próximos. — Dá um passo em minha direção, sua altura e sua personalidade se expandem metaforicamente para tomar conta do horizonte. —

Escute aqui, bruxa. Eu pessoalmente vou te colocar em um saco de cadáveres antes de seu caos afetar Gwen. Não a criei todos esses anos para você foder tudo com os erros do passado.

— Só cometi dois erros na minha vida. O primeiro foi conhecer você, e o segundo foi não suspeitar que minha filha estava viva. Prender um assassino não faz parte da lista, e não vou deixar que você ou qualquer outra pessoa me faça sentir o contrário.

Ele se interrompe, estreita os olhos em pura contemplação. Kingsley tem uma maneira enervante de fitar as pessoas, como se fosse capaz de ler as mentes mais camufladas e os desejos mais obscuros.

Sempre me orgulhei de estar acima de seus jogos estúpidos, mas algo está diferente agora. As mãos do sujeito estão metaforicamente ao redor do meu pescoço por causa da informação sobre Bruno.

Antes, o desprezo dele por mim era irracional. Agora o babaca encontrou todas as razões lógicas para me separar da Gwen.

E isso me assusta pra caralho.

— Sabe que a proteção de Nicolo não é absoluta nem infinita, certo? No momento em que não for mais um cão útil, ele fará a eutanásia.

— Preocupe-se com você.

— Tenho brinquedos que chamam a atenção da cabeça gananciosa dele. Você não tem porra nenhuma.

— Encontrarei uma maneira de cair nas graças dele. Só me faça um favor e não se meta em meus negócios desta vez.

— Só considerarei isso se pagar por esse favor.

Solto um suspiro exasperado.

— Você é mais rico do que os príncipes do petróleo e tão hedonista quanto. Por que diabos precisaria de mais dinheiro?

— Dinheiro não é a moeda que eu estava imaginando.

Seu olhar cai para meus sapatos Louboutins, então desliza para cima da minha calça azul, em direção à camisa bege, na qual o primeiro botão está desabotoado.

Estou chocada por não pegar fogo com o jeito malicioso que ele me olha.

É intenso e absolutamente desarmante.

Kingsley acabou de me encarar como se quisesse me devorar no almoço, no

jantar e no café da manhã do dia seguinte. A constatação faz minha temperatura subir um nível, e me arrependo de não ter tomado mais café com tequila esta manhã.

Que. Porra. É. Essa?

A necessidade de fugir do exame atento dele e da atmosfera asfixiante me atinge com urgência. E isso, por si só, também é um daqueles momentos de "que porra é essa?".

Não fujo de homens, de situações ou dos meus medos. Sou do tipo que fica bem no meio da tempestade com a determinação de um búfalo.

Ou eu sobrevivo, ou eu morro. Sem meio-termo.

No entanto, não se trata de um homem ou de uma situação qualquer. É o responsável por bagunçar toda a minha vida há vinte e um anos, que continua o legado de destruição no presente.

É meu pior inimigo e meu rival mais vil.

É o demônio que me esmagaria sem hesitar.

— Nem pense nisso — aviso, a voz tão rígida quanto a postura.

— Não disse nada. — Ele finge inocência, mas sua voz abaixou para um tom rouco.

— Está me olhando de maneira estranha. Para com isso.

— Estranha como?

— Como um homem olha para uma mulher. Não sou um dos seus brinquedos, Kingsley. Vou cortar seu pau fora enquanto dorme antes de você o colocar em qualquer lugar perto de mim.

— Isso é um desafio, docinho? — A voz se contrai para um tom arrepiante com esse maldito carinho, fazendo meu estômago se contorcer também.

Contudo, essa não é a pior das minhas reações ilógicas. Morcegos explodem em guinchos altos e enjoativos na caverna escura do meu peito e a alternativa de fugir se torna obrigatória em vez de opcional. No entanto, tento manter a calma, que se esvai rapidamente.

— É um aviso.

— Não me dou bem com isso. — O babaca dá um passo à frente, e é preciso todo o meu controle tenaz para não recuar. — Na verdade, definitivamente encaro isso como um desafio. Portanto, fique de olhos abertos até no escuro. Nunca se sabe o que estará à espreita nas sombras.

O sujeito permanece ali, obriga-me a respirar as notas de cedro e charuto fino que emanam dele, como se me instigasse a fazer um movimento. Eu o encaro, mas nenhuma resposta afiada me vem à mente. Se eu falar agora, tudo o que vou dizer é bobagem.

— Não costumo desejar boa sorte às pessoas quando pretendo acabar com elas, mas você precisa de muita sorte, docinho.

Com um último sorriso provocador, Kingsley se vira e se dirige ao carro.

* * *

Antes da minha reunião com a cunhada de Nicolo, pratico três exercícios de respiração e conto até mil. A calma desapareceu, assim como a maneira meticulosa de organizar emoções. Basicamente, consiste em enfiá-las no porão da minha psique, onde ninguém as nota, muito menos as vê.

Desde o confronto com Kingsley no estacionamento essa manhã, elas têm tentado violentamente emergir e me transformar em uma versão profana de um desastre emocional.

Pensei em ligar para Nate, mas o que eu diria a ele?

Por que seu amigo babaca está elevando a loucura a outro nível?

Ou talvez eu devesse perguntar por que diabos estou dando qualquer resposta à sua loucura além de puro desdém.

De qualquer forma, a opção de ligar para Nate foi descartada logo depois de ser cogitada. Ao contrário do idiota do pai da Gwen, não vou incomodar ele ou minha filha na lua de mel.

É por isso que estou sentada em minha mesa, com a postura rígida, os dedos batendo no teclado, cheios de eficiência prática. Se eu pudesse me concentrar, seria perfeito.

O telefonema da assistente anunciando que a Sra. Luciano chegou me salva da bagunça na minha cabeça. Sou boa no que faço e, apesar do ego sexista em forma de pau de Kingsley, sou considerada uma das melhores no circuito jurídico, com uma taxa de vitórias de 95%. Só um ponto abaixo de seus 96% e não muito longe dos 100% de Nate.

E não, não acompanho de perto a porcentagem de vitórias.

Ok, talvez eu acompanhe. No fundo, sempre considerei o idiota um rival. Logicamente deveria ter sido o Nate, pois ele é um advogado civil, como eu. Kingsley é o advogado de defesa criminal mais notório nos últimos anos, então nosso campo de especialização é bem diferente. No entanto, sempre vi como ele ganha seus casos – dos bastidores, é claro.

O sujeito tem um talento natural para lidar com monstros e os fazer obedecer a cada um de seus comandos. Acho que, no fim das contas, isso se resume ao fato de que ele mesmo é um monstro, mas assisti-lo em ação é irritantemente fascinante. O homem é assertivo ao extremo, tem a confiança de um deus arrogante e é tão imprevisível que todos na sala do tribunal saem entretidos com seus discursos espirituosos.

O babaca nunca saberá dessas opiniões, claro.

Kingsley também nunca saberá sobre minha certeza de que conseguirá fazer rapidamente o que Nicolo pediu: livrar o irmão de uma acusação de espancamento e agressão.

Quanto a mim, estou presa a um caso de divórcio.

Nem é minha especialidade, mas o que Nicolo quer, Nicolo consegue. Além disso, ele disse que meu trabalho é convencer a esposa do irmão a aceitar suas condições e ir embora. O mesmo irmão com a acusação de agressão, Mateo Luciano, está passando por um divórcio. O Don quer que eu convença a mulher a aceitar 300 mil dólares, abrir mão de todos os direitos sobre a fortuna dos Luciano e sumir da vida do marido.

Devido aos meus casos pendentes, ainda não tive a oportunidade de fazer uma verificação adequada dos antecedentes dela, mas concluirei isso hoje à noite. Pode ser negligência minha ou a carga de emoções que me atravessa, contudo não estou preparada quando ela entra pela porta do meu escritório. E não é só porque apareceu sozinha em vez de surgir acompanhada de seu advogado.

É ela.

A garota que pensei que nunca mais encontraria nesta vida depois de nos separarmos de uma maneira nada glamourosa. Os cabelos claros caem até os ombros e estão bem menos brilhantes do que quando éramos adolescentes.

— Vamos acabar logo com isso. Não quero nada do dinheiro dele, então estamos conversadas… — Para no meio da frase quando seus olhos se fixam nos meus. — Aspen?

O gosto podre das lembranças borbulha em minha garganta, e eu a limpo.

— Caroline.

Ela chuta a porta com o pé, ignora por inteiro seu código de conduta "público". Caroline costumava ter duas personalidades: uma para as pessoas, outra para nós duas. Eu gostava mais da Callie grosseira e mal-educada que me viciou em cerveja do que da versão de plástico que ela mostrava a todos os demais.

O vestido de grife balança com os movimentos quando ela vem em minha direção e coloca as mãos sobre a mesa. Veste-se como uma personagem de *Mulheres Perfeitas*, e a maquiagem não é mais tão forte. Porém, seu rosto é o mesmo. Mais velho, mas ainda impressionantemente bonito.

— É você mesmo — solta as palavras em um pequeno suspiro. — Uau. Você parece uma *femme fatale* de verdade agora. Como tem passado?

— Bem. — Levanto-me e gesticulo para a área de estar do escritório.

A visitante obedece, joga-se no sofá vermelho-escuro e cruza as pernas.

— Estou sem palavras. Você se saiu tão bem ao se tornar uma advogada nesta grande empresa e tudo mais. Realmente conquistou aquele sapatinho de cristal para você, como disse naquela época. Pena que ainda é um cachorro para homens como meu futuro ex-marido.

— Não sou cachorro de ninguém. Estou só fazendo meu trabalho.

Ela solta uma risada debochada, percorre o escritório com o olhar sem dizer uma palavra.

— Seu advogado vai se juntar a nós em breve? — pergunto, tentando ao máximo soar profissional.

— Demiti aquele inútil. Dinheiro demais para nada.

— Não vai contratar outro?

— Não… a menos que esteja pensando em mudar para o meu lado.

— Receio que não possa fazer isso.

Caroline estala a língua.

— Uma pena, embora eu não precise dos seus serviços.

— Não, dos meus não, mas precisa de um advogado para negociar o que pode conseguir com o divórcio.

— Não quero nada além do papel que prova que não sou mais esposa daquele pedaço de merda.

— Ainda assim, pode e deve conseguir uma compensação. Ele está oferecendo 300 mil.

Planejei começar com 150 mil e ir dali até chegar à oferta final de Nicolo, mas Callie não está interessada. Além disso, o fato de ela ser quem é, entre todas as mulheres possíveis, mudou meu curso de ação. Afinal, esta é a Caroline "vou me casar com um rico", a Caroline "vou te levar para um *tour* pelos estados no meu Porsche um dia".

— Ele pode ficar com o dinheiro manchado de sangue.

— Desde quando se importa com a origem do dinheiro? Esse é seu sustento, Caroline, então aceite. E você pode até exigir mais, dependendo do dano que ele te causou.

A loira sorri de leve.

— Achei que fosse a advogada dele, mas aqui está me dando conselhos. Tem certeza de que não quer mudar de lado?

— Para com isso. — Aperto a ponta do nariz. — Aceite o dinheiro.

— Não.

— Desde quando essa palavra faz parte do seu vocabulário quando se trata de grana?

— Desde que criei coragem.

Ela fica olhando na direção da minha janela do chão ao teto, que dá vista para a linha do horizonte. Enquanto pequenas gotas de chuva batem no vidro e outras tantas a seguem, a voz baixa de minha ex-melhor amiga se espalha com o som, igual a uma melodia arrepiante.

— Eu era casada quando conheci Mateo. Meu primeiro marido era tudo o que sempre sonhei: um cara de fraternidade com a fortuna do petróleo dos papais. Ele me deu meu conto de fadas. Uma casa grande, carros luxuosos e viagens para lugares exóticos. Ah, e alguns olhos roxos. Mas, ei, contos de fadas precisam de um Príncipe Desencantado abusivo com problemas de fertilidade, certo? O idiota destruiu meu sonho de ter filhos, e eu ainda fiquei. Mas então ele me traiu. Criei coragem com isso e com os boatos de que eu era a infértil, espalhados por ele.

"Mateo apareceu quando meu ex-marido perdedor escolheu a namorada dele como sua próxima amante. No estilo puro de máfia, o cara os sequestrou, prendeu os dois – ela e o Steven – em cadeiras com fita adesiva, me levou até lá e disse: 'quer uma vingança à moda antiga?' E então nós fodemos na frente deles.

Foi o melhor sexo da minha vida. Agora, pensando bem, provavelmente é um motivo bem pobre para ficar com Mateo. Casamos logo depois de eu me divorciar do Steven, e eu pensei que estava virando a página."

— Mas? — indago suavemente.

Os olhos dela se enchem de lágrimas, e a mulher as pisca para afastá-las.

— Mas ele não é diferente do Steven e de todos os outros. Mateo se entediou, e homens entediados traem. Entrei no quarto de hotel e o peguei com a amante dele.

— Você assinou um pré-nupcial?

— Não. Nicolo me ameaçou para fazer isso, mas Mateo era veementemente contra.

— Seu marido comprou coisas depois do casamento?

— Sim. Um *resort* e alguns imóveis.

— Você pode ter parte disso se provar sofrimento emocional, talvez físico. Se estava tentando ter um bebê, isso pode ser adicionado para jogar a favor do juiz. Tem que enfatizar que ficou com seu ex-marido infértil, abusivo e traidor e pensou que teria uma nova chance com Mateo, mas ele não cumpriu sua parte do acordo. Há 80% de chance de você ganhar metade dos bens dele após o casamento.

Ela bufa, rindo, e eu paro.

— O quê?

— Você não mudou nada. Normalmente, as pessoas tentam me consolar e oferecem desculpas falsas nessas situações, e não sugerem que eu reivindique os bens de um chefe de máfia.

— Só metade, não tudo, e não são todos os bens. Você não tem direito à herança dele. Além disso, não sou boa em confortar. Vai parecer descoordenado e estranho e não servirá de nada. Meu conselho, no entanto, pode ser útil.

— Tem certeza de que deveria me dar esse conselho? Nicolo vai acabar com você se descobrir.

— Ele não precisa descobrir. Qualquer advogado, incluindo aquele que demitiu, teria lhe dado esse conselho. Além disso, como sabe que Nicolo me contratou, e não Mateo?

— Nicolo é quem dá as cartas naquela maldita família. A única razão pela qual ele está permitindo o divórcio, e não mandando um de seus capangas para

me matar, é porque não quer perder Mateo.

— Por quê?

— Meu futuro ex-marido é a torre no tabuleiro de xadrez dele e, aparentemente, isso é importante, nas palavras de Mateo.

— Quis dizer por que ele precisaria autorizar o divórcio? Não foi ideia sua e do Mateo?

— Mateo não quer o divórcio, é por isso que está na cadeia depois de ter batido no meu acompanhante ontem à noite. Espero que fique lá por alguns dias.

— Eu não teria muita esperança. Ele provavelmente já saiu a essa altura. — Especialmente se Kingsley for seu advogado. O homem o libertaria sob fiança em pouco tempo.

— Oh, bem. Não custa nada sonhar.

— Você não quer nada dele mesmo?

Ela balança a cabeça com uma expressão caprichosa no rosto.

— Quando me divorciei de Steven, Mateo fez meu ex-marido passar a casa, os carros e os dois iates para o meu nome. Eu me senti tão triunfante, porque odiava aquele babaca nojento e estava feliz por receber alguma compensação monetária pelo abuso físico e mental que sofri. Mas agora é diferente. Não quero nada que me faça lembrar do Mateo. Portanto, diga a Nicolo que me convenceu a ir embora sem nada. Ele ficará satisfeito com você por ter afastado a interesseira. No caso, eu.

Caroline pega um cartão de sua bolsinha e o desliza sobre a mesa.

— Agora que essa merda acabou, que tal nos encontrarmos para tomar *mimosas* em algum momento, em condições menos estressantes?

Agarro o pulso da loira quando ela está prestes a recuar, e meus olhos se arregalam com as impressões digitais violeta em seu braço. Eu a puxo para baixo e observo atentamente seu rosto. Com certeza há marcas azuladas sob a base pesada e o corretivo.

Meu sangue ferve quando digo com uma voz gutural:

— Mateo bateu em você?

Ela rapidamente se solta do aperto e esboça um sorriso falso.

— Não é nada com que deva se preocupar.

— Caroline, ou me conta, ou vou te levar para denunciar isso à polícia, mesmo se estiver chutando e gritando. Na verdade, vou te levar de qualquer jeito,

então fale enquanto ainda estou sendo legal.

— Ai, mana, por favor. Isso é ser legal? — Ela ri.

— Caroline… — aviso.

— Não foi Mateo. Aquele encontro que mencionei antes? Ele é de uma família criminosa rival e, surpresa, não gosta que lhe digam não. Então decorou meu rosto com o próprio punho — Limpa a garganta. — Mateo não sabe disso. Não conte a ele, ou será enviado de volta para a prisão com uma assinatura vitalícia. Desta vez por assassinato. Quer dizer, sim, ele é um babaca e um maldito traidor, mas não quero que passe a vida atrás das grades por minha causa.

— Jesus… — Suspiro, juntando-me a ela.

— Não tenho certeza se ele pode fazer alguma coisa. Algumas pessoas estão fora do seu radar de misericórdia.

— Pare de brincar.

Callie exala um sorriso amargo.

— Prefere que eu dê uma festa de piedade e me afunde na miséria?

— Pelo menos leve isso a sério. Por que procurou outro homem da máfia?

— Adivinha? Por vingança à moda antiga, à maneira de Mateo. Karma e eu somos farinha do mesmo saco e temos um senso de humor obscuro semelhante.

— Você deveria obter uma ordem de restrição contra os dois homens e contratar alguns guarda-costas.

— Pare de agir como minha mãe ausente, Aspen. Sou uma adulta.

— Que ainda não consegue pressentir o perigo mesmo depois de ele a atingir na cara. Literalmente.

— Ai. *Touché*. — Sorri e, de repente, abraça-me. Congelo quando seus braços frágeis me envolvem. — Senti sua falta, piranha. Estou feliz por termos nos esbarrado de novo.

Levanto a mão devagar e dou um tapinha em suas costas. Posso sentir seu resfolegar contra meu peito, mas não digo nada por medo de soltar a bomba mais constrangedora do século. Depois de alguns instantes, Caroline se afasta e enxuga os olhos.

— Chega de falar de mim, me conte de você.

— Estou bem, como pode ver.

— Não me venha com essa. Espera, ainda está brava porque acha que fui eu

que contei aos seus tios sobre aquela noite?

— Não. Meio que me esqueci disso.

— Não fui eu, Aspen. Eu juro.

— Como assim "não foi você"? A tia Sharon disse que foi você quem contou para ela. De qualquer forma, deixa pra lá. Tudo isso já ficou no passado.

— Não posso simplesmente deixar pra lá. Aquela vadia mentiu para te fazer sentir sozinha. Você era minha parceira de todos os momentos, e eu nunca teria te dedurado. Tentei falar com você, mas te mantiveram em prisão domiciliar durante a gravidez e colocaram capangas para vigiar sua casa. Porém, eu fui ao hospital depois que você teve o bebê, só que estava tão fora de si que nem percebeu minha presença. Depois disso, você sumiu.

A garganta seca enquanto sussurro:

— Eu fugi.

— Eu sei. Procurei por você e deixei frases cafonas com meu batom nos espelhos dos banheiros, esperando que as visse.

— Sério?

— Por que parece tão surpresa? Claro que sim. Eu escrevi: "Você é minha melhor amiga, ligue para mim", "Sinto muito que tenha perdido sua bebê, ninguém merece isso. Estou aqui para você.", "Por favor, não vá embora. Você é minha 'na alegria ou na tristeza'". Bem, você me ignorou.

Meus lábios se separam, e essas emoções estúpidas estão agora batendo na superfície do coração. Limpo a garganta de novo.

— Não vi as mensagens. Saí do estado.

— Imaginei que tivesse saído. — Ela levanta os ombros. — Sinto muito.

— Pelo quê?

— Por sua bebê ter falecido. Sei que desejava a criança, mesmo sendo você mesma uma criança.

— Ela não morreu.

— O quê?

— Eles mentiram, a vadia e o alcoólatra, como os chamava. Enfiaram uma natimorta nos meus braços e me fizeram pensar que era minha filha enquanto mandavam minha verdadeira bebê para o pai dela.

— Oh, meu Deus, encontraram ele?

Assinto.

— Mesmo depois de termos procurado o cara por semanas e não termos conseguido?

— Sim. Eles podem ter tido ajuda externa. Achei que tivesse sido você.

— É claro que não. Eu preferiria me afogar em merda a te dedurar para aquela vadia.

Franzo a testa. Tinha certeza de que foi Caroline quem escondeu a identidade de Kingsley de mim, mas contou aos meus tios. Se não foi ela, então quem foi?

— Isso significa que encontrou sua filha agora? — ela pergunta, cheia de esperança, aproximando-se.

— Encontrei. Mas ela ainda não me considera uma mãe.

— Ah, ela vai considerar assim que receber um puxão de orelha da tia Caroline.

— Não, Callie. A situação já está frágil. Não se intrometa.

— Você está frágil porque está sendo estupidamente cuidadosa, como sempre. —A loira sorri.

— Cuidado é inteligência, não estupidez. E pare de sorrir como uma idiota.

— Por quê? Você me chamou de Callie de novo.

— Tanto faz — digo com indiferença, mas não consigo resistir ao sorriso.

Caroline também sorri, e continuamos conversando por uma hora, depois almoçamos juntas antes de enfim nos separarmos, já que preciso me encontrar com um cliente.

Ela me manda uma mensagem quando chega em casa, como pedi. Até me envia uma foto de seus *huskies* gigantes e a prova de que ativou o alarme. Callie continua me mandando mensagens ao longo do dia, até a noite, quando chego em casa. Suas atualizações incluem uma lasanha queimada, a milionésima *reprise* de *Friends* e piadas ruins de pai. De qualquer forma, a garota me faz sorrir, e me sinto alegre com o fato de o destino tê-la colocado em meu caminho de novo.

Quando chego ao meu prédio, saio do Range Rover e faço uma pausa. Juro que acabei de ver uma sombra em minha visão periférica. Agarro o telefone, digito o número da polícia e me dirijo ao elevador com o dedo sobre o botão de Ligar. Espero que alguém pule para dentro do elevador ou coloque a mão contra a porta quando ela se fechar, mas nada acontece.

Ainda assim, uma sensação sinistra me acompanha mesmo quando entro em meu apartamento.

A sensação de estar sendo observada.

6



Kingsley

— Esqueça o que meu irmão disse a você. Não vou concordar com o divórcio. — Mateo bebe uma dose de vodca tripla como um mafioso russo em seu dia de iniciação.

Seus cabelos cacheados e desgrenhados colam na testa como folhas secas quebradas, e o terno amassado parece uma roupa de segunda mão. Ele é sinistro – olhos, cabelo, expressão e personalidade.

Não tão demoníaco quanto Nicolo, por assim dizer, mas quase. Além disso, é um dos membros mais temidos da família Luciano por causa de seu temperamento implacável.

O mafioso desliza o copo pelo balcão na direção do *barman*, pedindo um refil sem dizer nada. Ele, Aspen e eu estamos tendo uma reunião diurna na sua boate vazia no centro da cidade. É um lugar obscuro, porém elegante, que só abriga os ricos e suas avós pervertidas nas quatro paredes.

Nicolo deveria ter se juntado a nós nessa união profana, mas surgiu outro compromisso. Provavelmente torturar uma pobre alma até ela desejar a morte. Aspen, está sentada à minha direita no bar porque eu – sem querer ou intencionalmente – me certifiquei de ficar entre ela e Mateo, ouve atentamente a declaração do homem.

A ruiva já consumiu sua tequila e também pediu um refil. Solta um suspiro, exasperada com a situação, como se ela fosse uma professora, e Mateo um garoto problemático em sua turma. Depois levanta as mangas da camisa pelos braços. A mulher está vestida com uma calça preta e uma camisa de botão branca, mas parece mais *sexy* do que uma dançarina de *pole dance* nua.

E obviamente devo parar de me imaginar enfiando o pau na boceta dela se não quiser acabar com uma complicação de bola castrada patrocinada pelo clã das bruxas.

— A Srta. Blunt pediu o divórcio. Ela não quer nem mesmo pensão

alimentícia ou indenização.

Mateo, que observava suas tacadas como uma prostituta observa o dinheiro, gira em a cadeira para encarar Aspen. Maniacamente. Como se ela fosse a próxima em sua lista de merdas.

— Do que acabou de chamá-la? — Não há nenhum insulto em sua voz com sotaque italiano. O mafioso passou duas noites na cadeia, em parte porque usou os punhos para desenhar um mapa no rosto de outro homem, e em parte porque esse homem é um Della Roma. Ou seja, um dos rivais dos Luciano. O caso me deu bem mais trabalho do que esperava para conseguir um passe livre da prisão.

— Senhorita Blunt — Aspen repete, obviamente sem notar o clima. Ou talvez tenha entendido perfeitamente e esteja provocando mesmo assim, porque é sádica.

— O sobrenome dela é Luciano, porra. — Mateo aponta um dedo para ela.

— Ela prefere o nome de solteira.

— Não dou a mínima para o que ela prefere. Na minha frente, você a chama de Sra. Luciano.

Ela assente, mas não de forma submissa, e sim com aquela ousadia insolente que me dá vontade de cravar a porra dos meus dentes nela. Odeio a mulher com mais paixão do que deveria ser permitido, mas ainda assim quero fodê-la.

Fododeio ela, mais especificamente.

A lógica que meu pau segue é que finalmente serei capaz de controlá-la e mostrar à ruiva a verdadeira marca da minha loucura. Mesmo que apenas no sexo. E não, essa nova lógica não começou depois de eu descobrir que ela é a *femme fatale* de vinte e um anos atrás.

Com certeza não.

O irmão de Nic vira metade do copo.

— Vá até Caroline e diga a ela que a diversão acabou. É melhor ela voltar para casa hoje, ou serei eu a arrastá-la de volta.

— Ela pode entrar com uma ordem de restrição em caso de qualquer comportamento ameaçador.

— Então se certifique de que ela não faça isso, caralho. — Ele cambaleia para ficar de pé, parece um soldado em um batalhão derrotado.

Justo quando penso que a reunião desagradável acabou, Aspen tem que abrir a boca.

— Temo que terei de recusar. Ela tem o direito de se proteger de você, e eu não serei aquela a tirar esse privilégio.

Essa diabinha.

Mateo gira em um *flash* de movimento e se lança sobre a advogada. Intrometo-me entre eles no último segundo, e ele bate no meu peito. Eu o agarro pelos ombros.

— Vamos nos acalmar, Mateo.

— Repete — fala com Aspen, que nem se levantou. — A parte sobre ela estar se protegendo de mim. Quero ouvir você repetir, porra.

A ruiva enfim desliza do assento e se move para o meu lado, o semblante tão frio quanto o gelo da Sibéria.

— Você a traiu e mostrou que é violento quando se trata dela, então ela deseja proteção contra você.

— Eu não a traí, porra — ele resmunga, quase sem fôlego.

— Vou cuidar disso — digo ao sujeito. — Vá para casa, Mateo.

Aspen abre a boca para dizer algo provavelmente estúpido e desnecessário, de novo. Mas eu a cutuco, e ela pisa no meu pé com a parte pontuda do salto alto. O mafioso cambaleia para fora da boate de ombros caídos, e definitivamente não anda em linha reta.

— Para sua informação, não preciso que me defenda. Eu poderia ter feito isso sozinha sem problemas.

— E em que momento faria isso? Quando seu sangue fosse o novo papel de parede da boate? — Eu a encaro, a mandíbula travada com tanta firmeza quanto seus braços cruzados. — Tenha cuidado com as palavras antes de dizê-las. Achei que era eu que não tinha diplomacia, mas você não tem bom senso aparentemente. Além disso, se ainda quer a proteção do Nicolo, não vai conseguir isso irritando o irmão dele.

A mulher empalidece, e isso reforça o pensamento que tive antes. Aspen fala com base em suas emoções, está ilogicamente irritada com Mateo e o ataca com sua atitude gelada como resposta. Duvido que tenha pensado no acordo que fez com Nic em relação a toda essa farsa.

— Há algo que eu deva saber?

Ela levanta o queixo com um desafio que endurece meu pau. Seus olhos brilham em uma mistura de terra proibida e floresta misteriosa.

— Para quê? Para me sabotar com a informação?

— Se essa fosse minha intenção, teria acontecido com ou sem sua cooperação.

— Desculpe meu estoicismo e minha incapacidade de acreditar que tem motivos nobres.

— A nobreza e eu não compartilhamos o mesmo universo, as mesmas crenças ou a mesma posição social. Além disso, seu ídolo, Nietzsche, era um autoproclamado niilista que criticava fortemente os estoicos. Então adotar um termo filosófico deles deveria ser algo presunçoso para seu pequeno coração nietzschiano.

— Ser estoico e adotar a filosofia de verdade são coisas completamente diferentes.

— Isso é como o paradoxo do ovo e da galinha. Ser um estoico é adotar a filosofia que, ao contrário do que seu querido Nietzsche quer que você e seu clube *vintage* de fãs acreditem, tem pontos em comum com o niilismo. Nenhuma das duas correntes acredita que o indivíduo tem livre-arbítrio. Portanto, não pode desempenhar um papel ativo em seu próprio destino. No entanto, ao menos os estoicos dão às pessoas espaço para encontrar maneiras de existir dentro da natureza. Os niilistas não.

— Então você é um estoico agora?

— Não sou nenhum desses tolos. Eu decido meu próprio destino, apesar do que esse bandos de *nerds* de livros dizem.

— Não é assim que as coisas funcionam.

— É exatamente assim que funcionam. — Faço uma pausa, corro o olhar pelo rosto dela, que não tem motivo para ser tão atraente. — Por exemplo, se eu quiser esses lindos lábios em volta do meu dedo ou de outra parte de mim, tudo o que preciso fazer é agir.

Aspen não é afetada, a não ser pelo respingo de vermelho que surge em seu pescoço e a denuncia na hora. Isso e o fato de ela engolir duas vezes antes de falar, em seu tom arrogante de sempre:

— A única ação que vai realizar é se defender quando eu o processar por assédio sexual, seu pau no cu.

— Foi você quem acabou de mencionar meu pau. Portanto, o processo pode vir dos dois lados. Embora ache que um processo seria a última coisa em sua mente quando estiver se contorcendo debaixo de mim.

— Sua arrogância deveria fazer você ser proibido de respirar.

— Mais uma vez, é assertividade, não arrogância, docinho. Quer testar isso?

— Testar o quê?

Dou um passo à frente, elimino a distância que nos separa. Em vez de recuar, como qualquer mulher nessa posição faria, a bruxa se mantém firme. Então, eu a empurro lentamente para trás até prendê-la entre meu peito e o balcão do bar. Minhas mãos repousam sobre a superfície de madeira escura de cada lado da ruiva e, por um momento, os ruídos à nossa volta se esvaem.

Tudo o que resta é um zumbido fraco em meus ouvidos e o som controlado de nossas respirações misturadas. Seus olhos nunca deixam os meus, brilhantes demais, com desafios e palavras não ditas e uma tensão assassina que só deveria existir em guerras.

Aspen seria uma general infernal com o mero objetivo de decapitar o rei.

Pena para ela esse rei em particular tem uma abordagem diferente em relação às senhoras de guerra obstinadas.

Meu rosto se abaixa, e eu me divirto com a forma como a mulher me observa com atenção, embora esteja com calor.

— Vou beijá-la, e se não demonstrar nenhuma reação, eu me afasto, devolvo seu espaço entediante e até saio do seu caminho com a Gwen.

Os lábios da advogada se abrem antes de se selarem.

— E se… eu demonstrar uma reação?

— Será minha vez de fazer uma jogada, e eu vou usá-la para tirar essa fachada de vadia e, eventualmente, te foder. — Retiro uma mão da bancada e a deslizo da curva esguia de sua cintura até o quadril.

Apesar de sua grande personalidade, ela é tão pequena em meu poder, tão frágil e quebrável, e isso não deveria dar ao meu pênis mais ideias para ficar mais duro. Meus dedos se afundam em sua carne e, embora um pedaço de tecido nos separe, o calor da ruiva se choca com o meu como se dançássemos em volta de uma fogueira. Um fogo selvagem do caralho, com o mero propósito de queimar a terra e tocar o céu.

E então algo acontece.

Ela se contorce – ou treme, não faço ideia de qual seja a atitude. E é um espetáculo a ser contemplado, porque Aspen não costuma ser do tipo que treme.

Ela é do tipo que faz os outros tremerem.

Abaixo ainda mais a cabeça com a intenção de me deliciar com seus lábios e mordê-los até a fazer sangrar – ou o contrário. A ideia de sua contorção faz o pau entrar no modo "quero foder" pela primeira vez. Contudo, não penso nisso quando a reação dela passa de choque para um desejo feroz que rivaliza com o meu. Pontos vermelhos aparecem em seu rosto, escorrendo do pescoço como lava. Seus lábios se contraem, e a mulher prende os dedos em minha camisa.

— Não.

— Com medo de um pequeno desafio, docinho? Não pensei que fosse de desistir. — A voz está tão baixa e próxima de sua bochecha que Aspen pisca devagar, com as narinas dilatadas.

Meus lábios quase roçam a camada de sardas sob seus olhos. Elas são como estrelas do céu noturno de uma ilha, tão diminutas e brilhantes, e dão a ela uma vantagem mais afiada do que as maçãs altas do rosto.

Não me nego a provar e deslizo a língua, lambendo-as como se fossem sobremesa. A bruxa tem gosto de frutas exóticas e do mais puro *patchouli*. Não é doce, mas é tão inebriante, terroso e picante quanto a própria mulher. Ela também tem esse cheiro. *Patchouli*. Um perfume tão raro e tão forte quanto a ruiva.

Aspen estremece, as unhas marrons cravadas em meu peito.

— Kingsley…

Ela fica parada, e eu me interrompo, mas não tiro a língua de sua bochecha. Porque a advogada apenas gemeu meu nome, como um cântico, uma oração ou algo do gênero. Não dou a mínima, ela acabou de me dar o cartão de "acesso total", e pretendo fazer uso dele.

Os lábios deslizam para baixo, deixando um rastro molhado em seu rosto. Mordisco a bochecha, depois chupo o local agredido enquanto continuo o caminho até sua boca. E quando estou prestes a devorar seus lábios no almoço, meu celular vibra entre nós.

A mulher se assusta, e eu praguejo sob a respiração.

Embora tenha a intenção de ignorar a ligação e voltar a almoçar Aspen, é ela quem me empurra para longe, com as duas elegantes palmas das mãos batendo em meus músculos peitorais. Pego o telefone a fim de cancelar a ligação. Então a ruiva tenta se afastar, mas mantenho uma de suas mãos refém em meu peito.

O pulso é fino, frágil, e começo a notar como ela está magra. Perdeu peso?

Ou talvez tenha sido desse tamanho o tempo todo e só agora estou prestando

atenção a isso. É verdade que, antes, não a via como uma mulher, mais como uma enxaqueca constante e uma complicação incômoda.

Correção: eu não a via como uma mulher na qual quisesse enfiar o pau.

Para mim, Aspen sempre foi mulher. Muito irritante, mas ainda assim uma mulher.

É verdade que as coisas mudaram desde quando descobri que a bruxa é a mãe da Gwen – ou seja, a mesma *femme fatale* que desempenhou o papel principal na noite erótica/*thriller* inesquecível da minha vida. Não só quero comê-la com ódio até ambos ficarmos exaustos, também preciso controlá-la de alguma forma.

De qualquer forma.

Recuso-me a acreditar que essa tensão indesejada e a energia destrutiva tenham algo a ver com questões não resolvidas do passado. Só não permito que o cérebro tenha esse comportamento vergonhoso.

O nome piscando na tela mata meus pensamentos e quase assassina meu tesão.

Quase.

Aspen vê "ANJO" escrito em letras maiúsculas e desiste de suas tentativas de escapar de mim. Limpo a garganta, penso em mulheres idosas, bestialidade, necrofilia e Susan. A última é suficiente para fazer o meninão desanimar.

— Papai! — Gwen grita do outro lado da linha com uma animação contagiante.

— Quem está falando?

— O quê…? Sou eu, papai.

— Achei que a polícia estava me ligando para me informar sobre seu desaparecimento, já que parece ter se esquecido da minha existência.

Aspen revira os olhos. Minha filha começa a rir.

— Ai, não seja bobo, pai. Só deixei de ligar ontem à noite porque estava… ocupada.

Dois pensamentos me assaltam o cérebro. O primeiro é que eu não precisava daquela imagem do meu anjo, e o segundo é uma questão honesta: por que não matei aquele desgraçado do Nate mesmo?

— Enfim, estamos nos divertindo bastante, mas estou com muitas saudades. Vou abraçá-lo muito quando voltar, então é melhor estar pronto para o ataque.

— Estou sempre pronto para seus abraços, meu anjo. — E odeio essas

demonstrações com todas as forças.

Os longos cílios de Aspen se curvam suavemente sobre o rosto, mas ela está focada na conversa. A julgar por sua expressão, deve conseguir ouvir a voz de Gwen do outro lado.

Meus dedos se entrelaçam aos dela quando se fecham, até ficarem achatados contra o meu peito novamente. Minha filha continua contando sobre suas aventuras com Nate, não as sexuais, porque até eu tenho limites. Ela conversa alegremente, diz que comprou coisas para mim, no plural.

— …tomamos um vinho daqui ontem à noite, e ele era bem forte! Fiquei extremamente bêbada depois de uma taça e não conseguia nem andar.

— Gwyneth Catherine Shaw, o que eu disse sobre beber antes dos 21 anos? Onde está o Nate? Deixe-me falar com o desgraçado.

— Ah… hã… o sinal… está ficando ruim… Tenho que ir, pai. Diga oi a Aspen por mim…

Bip. Bip. Bip.

Aquela pestinha não consegue mentir nem para salvar a própria pele, e mentira do sinal ruim foi seu pior desempenho em anos.

Coloco o telefone de volta no bolso, pensando se devo ou não retransmitir a última parte do diálogo. A advogada me observa com expectativa, tal qual uma criança esperando para saber se está na lista das comportadas do Papai Noel.

— Ela está bem? — murmura.

Começo a notar que a bruxa só se torna mansa quando se trata de Gwen.

— Baseado em suas habilidades de mentira ainda horríveis, ela está se saindo muito bem.

— Fico feliz que não tenha puxado a você nesse departamento.

— Ou a você.

— Ou a mim. — Ela sorri um pouco.

E que se foda.

Foda-se isso tudo.

Ranjo os dentes.

— Ela mandou oi.

Os olhos da mulher se arregalam.

— O quê?

— Você tem problema de audição?

— Não, mas… acho que isso é um sonho.

Belisco sua bochecha, e ela afasta minha mão com o braço livre.

— Ai! Para que isso?

— Para provar que não é um sonho.

— Idiota — diz, mas não tira a mão de baixo da minha.

E ainda está sorrindo, mais animada agora, como uma versão bem mais jovem de si mesma. Uma versão gravada em meu íntimo. Uma versão que pretendo trazer à tona.

7



Aspen

— Terra chamando Aspen, alô?

Levanto o olhar do café, batizado com tequila, para o rosto de Caroline, na expectativa. Estamos sentadas no meu apartamento, com os dois *huskies* dela de cada lado, como anjos da guarda – ou demônios, levando em conta seus nomes: Lúcifer e Caim.

A desculpa de Callie é de que sua casa gigante é muito fria e solitária, e ela precisa de um corpo quente para abraçar. A vítima sou eu há uma semana. Tentei expulsá-la nos primeiros dias, mas acabei desistindo.

Caroline é muito mais mansa do que eu, mansa até demais, então foi esmagada mais vezes do que qualquer uma de nós consegue contar. No entanto, a loira também é uma coisinha teimosa quando se trata daqueles com quem se importa. Parte do suborno dela para continuar se aproveitando é trazer álcool e colocar uma reprise de *Friends* toda noite. Mas quase ninguém assiste de verdade, pois ela usa esse tempo para falar sobre o passado ou o desastre que é sua vida e tentar me arrancar informações.

— Eu estava ouvindo, Callie.

Ela joga um travesseiro de pelúcia – que trouxe com ela, porque Deus me livre de ter essas coisas fofas por perto – e ataca outra fatia de bolo de chocolate. Em seu pijama de coelho e com o cabelo preso em um coque, parece assustadoramente jovem. Especialmente quando faz cara feia para mim.

— Ah, é? Do que eu estava falando?

— Como Mateo é bom de cama. — Reviro os olhos. — Pela milionésima vez. Tem certeza de que o divórcio é o que quer neste momento?

— Só porque ele fode bem não significa que vou pisar no meu orgulho por ele. Não vou me apaixonar por paus, Aspen. Pera lá, essa é a primeira regra no livro de honra de garotas.

Mexo o café e puxo a alça do vestido de algodão que caiu do meu ombro.

— Isso é bom e tal, mas meu pescoço ainda está em jogo.

— Não se preocupe. Disse ao Mateo que você é como minha irmã de outra mãe. Ele é um babaca, mas é honrado o suficiente e segue seus códigos idiotas, que não incluem traição, obviamente. Ele não vai tocar em você.

— Nicolo tocaria.

— Não se nos divorciarmos. Esse tem sido o objetivo daquela cobra desde o começo.

Deslizo para a beirada da cadeira.

— Escuta. Tem certeza de que ele te traiu? O cara negou na minha frente. E negou de novo na sua frente no outro dia, quando tiveram a briga épica. No meu apartamento, aliás.

Suas bochechas adquirem um vermelho profundo.

— Eu o vi dormindo com uma mulher esparramada em seu peito em um hotel. Que outras provas preciso?

— E como foi parar naquele hotel? Naquele quarto específico?

Ela encara os personagens barulhentos na TV, com lágrimas brilhando nos olhos.

— Encontrei o cartão de visitas do hotel e o recibo da reserva no bolso do paletó dele. O gerente do hotel me deixou entrar no quarto com o cartão-mestre quando eu disse que sou uma Luciano, e foi aí que encontrei o Mateo com uma amante. Uma amante jovem, que mal parecia ter 20 anos. Sei que estávamos tendo problemas ao tentar ter um bebê e tudo mais e que ele não é exatamente do tipo carinhoso, mas o babaca também sabe muito bem que enfiar o pau em qualquer buraco disponível de Nova York é um limite inegociável para mim. Às vezes não consigo acreditar que ele faria isso comigo. Outras vezes me lembro das provas incontestáveis.

Dou batidinhas no meu lábio inferior.

— Essa evidência concreta é suspeita.

Caroline olha para mim por baixo dos cílios molhados.

— Suspeita como?

— No dia em que brigaram, Mateo disse que suas memórias sobre aquela noite são nebulosas. Ele foi ver um parceiro de negócios e tomou uma bebida, mas lembra muito bem que dormiu sozinho e não tocou em outra mulher.

— Mateo diria qualquer coisa para me enganar.

— Ele não parece ser do tipo que usa eufemismos, Callie. Se tivesse traído, teria dito isso abertamente e usado a força para fazê-la voltar para ele. Mas ele tem feito visitas como um duque reservado da era vitoriana que está cortejando uma dama. Sem mencionar os carros pretos dos capangas dele que a seguem por toda parte para nenhuma escória, como a Della Roma, colocar as mãos em você.

Minha amiga franze os lábios.

— Piranha, você está do meu lado ou do dele?

— Do seu. É óbvio que está sofrendo, considerando todas as coisas açucaradas que você continua consumindo em um nível insalubre e como fica emotiva do nada.

Ela se encolhe, lambe o bolo grudado em seus dedos.

— Percebeu isso?

— Claro que sim. Então que tal dar um fim nisso em vez de torturar a si mesma e a ele?

— Pensei que seu chefe, Nicolo, tivesse ordenado que você separasse nós dois. Ele iria querer sua cabeça se descobrisse que está bancando a conselheira matrimonial.

— Nicolo não é importante.

Caroline sorri como uma garotinha, como quando costumávamos trocar presentes de Natal, porque os únicos presentes que nossas famílias nos davam eram traumas.

— E eu sou?

Limpo a garganta e continuo bebendo meu café.

— Ai, meu Deus, nossa querida diabinha está sentindo algo por mim.

— Não force a barra, Callie.

Ela ri e pula do sofá para se aconchegar ao meu lado, em uma cadeira idiota. Mal cabe a gente, mas a loira se enrola em mim igual a um coala. Como se isso não bastasse, seus cachorros também se juntam ao abraço sentimental da família. Tivemos um começo difícil, mas Cain e Lúcifer gostaram de mim no final. Callie abraça minha cintura como uma criança carente, e eu suspiro.

— Estou tentando beber meu café.

— Chama isso de tequila logo. Além disso, não é bom tomar café à noite. Vai ter problemas para dormir.

Tenho problemas para dormir de qualquer maneira. No entanto, em vez de admitir isso, digo:

— Tenho que revisar alguns casos antes de dormir.

— Alguém já te disse que é viciada em trabalho?

— Você. Todo dia.

— Alguém mais precisa dizer isso. O pai da sua bebê está explorando você? Quer que eu solte o Mateo nele?

Paro com a caneca nos lábios e, em seguida, tomo um gole longo que chega a travar na garganta. Em suas tentativas de reacender nossa amizade, Caroline me deixou bêbada uma noite e acabei contando para ela sobre a confusão com Kingsley.

Como eu não tinha percebido que era ele quem tirou minha virgindade, minha inocência, e me engravidou na primeira vez. Como ele criou nossa filha sozinho.

E como ele me faz sentir completamente fora de mim.

Ainda mais nos últimos dias.

Um arrepio me percorre com a mera lembrança de como ele lambeu minhas bochechas e quase me beijou naquele dia no bar.

E a pior parte é que dei ao homem a reação que esperava antes mesmo de seus lábios encontrarem os meus. Constrangimento é só o começo do que senti – e ainda sinto – por aquele momento de descuido. Perdi o controle com uma facilidade que me assusta pra cacete. É por isso que o tenho evitado com um fervor que rivaliza com a necessidade de escapar das minhas origens imundas.

— Na verdade, não trabalhamos juntos — digo à loira, em um tom indiferente que deveria fazê-la deixar o assunto de lado.

Contudo, mais uma vez, ela é pior do que os próprios cachorros quando encontram um osso.

— É, mas estão sempre perto um do outro, cuidando dos assuntos jurídicos do Nicolo e até tendo *reuniões*.

Estreito os olhos.

— Por que diabos enfatizou "reuniões"?

— Porque é onde toda a ação acontece. Dã.

— N-nenhuma ação aconteceu.

— Ah, meu Deus. — Ela enfim me solta, os lábios se abrindo como os de

um peixe. — Aconteceu, sim!

— Não, não aconteceu.

— Você gaguejou como uma colegial apaixonada pelo *quarterback*, e nunca nem teve paixonites.

— Cala a boca. — Coloco a mão em seu rosto para bloquear a expressão alegre, mas ela só me cutuca de lado e continua sorrindo como se estivesse drogada.

Callie escapa de minhas garras e adota um tom narrativo, tendendo a segurar um microfone imaginário.

— Querido diário, encontrei o homem que virou meu mundo de cabeça para baixo na Noite do Diabo, vinte e um anos atrás, e quero transar de novo no covil de Satanás. Por favor e obrigada.

— Callie, eu juro: ou cala a boca, ou jogo você pela janela.

— Parece ser bem pervertido e seria mais emocionante do eu nas últimas semanas. Outro dia, acabei ajustando *sem querer* o jato do chuveirinho forte demais e gozei na hora.

— E por que está me contando isso?

— Ah… sei lá, talvez precise da dica, considerando sua própria falta de ação. Isso, junto da tensão, pode ser complicado de se lidar.

— Obrigada pela preocupação.

— Sempre!

— Podemos, por favor, mudar de assunto?

— Nem ferrando. Não vou largar do seu pé até me contar hoje mesmo o que aconteceu entre vocês dois.

Dou outro gole no meu café.

— E o que te faz pensar que algo aconteceu?

— Porque está suspirando como uma velha que carrega o peso do mundo nas costas.

— Só estou pensando nos casos.

— Você é fodona demais para se preocupar com trabalho. Consegue fazer essa merda de olhos fechados. Além disso, ouvi você murmurando "aquele filho da puta" enquanto preparava a tequila. Foi mal, quero dizer, seu café. E só tem um filho da puta que te deixa irritada a ponto de xingá-lo do nada.

Solto um gemido.

— Tem alguma chance de eu te convencer a deixar esse assunto pra lá?

— Sim. — Sorri docemente. — Me contando os detalhes.

— Não é nada de mais.

— Você me conta, e eu decido.

— Ele só estava sendo um babaca, como sempre. — Solto um suspiro frustrado. — Tipo, eu entendo. Kingsley fica pior quando tem audiência com a madrasta, mas não tinha motivo nenhum para descontar em mim. Só me atrasei cinco minutos para a reunião dos sócios por causa de um cliente, e ele me perguntou, na frente de todo mundo, se eu os respeitava. Quando eu disse que sim, é claro, ele soltou: "Aparentemente, não o suficiente, ou você teria chegado na hora, Srta. Leblanc".

— Ah, não, ele não fez isso.

— Sim, fez. Foi o mais perto que já cheguei de cometer um assassinato. Ele é um babaca, com maquiavelismo correndo nas suas veias em vez de sangue.

— Sim, cortem a cabeça dele na guilhotina. O babaca.

— Idiota.

— Cretino com masculinidade frágil.

— Desgraçado filho da puta. — Solto um suspiro. — Não acredito que ele ganhou dois casos no mesmo dia. Aposto ele consegue energia ao sacrificar almas inocentes no altar do Diabo.

— Aspen, querida, não deveria admirá-lo enquanto planejamos cortar o pau dele e dar de comida aos meus cachorros. Como é que chamam isso? Ah, certo, conflito de interesse.

— Não o admiro. Eu só…

— Considera ele um rival?

Suspiro.

— Do pior tipo. Às vezes queria ser tão assertiva quanto aquele cara, mas acho que isso significaria abrir mão do meu coração recém-descoberto… e meio que preciso dele.

— É, esquece essa ideia de descartar corações. Essa merda te deixa vazia. Além disso, talvez o fato de ele ser rico, gostoso pra caralho e bem-sucedido seja só uma fachada para esconder o vazio por dentro.

— Não tem nada de vazio no Kingsley, Callie. Ele é maior que o mundo e

poderia ser visto do espaço.

— Ou talvez seja isso que ele quer que você e o resto do mundo acreditem. — Ergue uma sobrancelha. — Fui casada com um chefe da máfia por uns três anos e respiro o mesmo ar que homens perigosos todos os dias, então sei quando eles embrulham a própria imagem em uma camada de merda brilhante para cegar quem tenta olhar mais de perto. Seu Kingsley está no topo da escala de enganação.

— Ele não é meu Kingsley.

— Oh, desculpa. O pai da sua bebê e o homem que roubou seu coração de quatorze anos. Talvez devêssemos adicionar vilão da sua alma à lista?

Antes que eu possa bater nela e correr o risco de ser mordida por um de seus cães, a campainha toca. Caroline empalidece, e é minha vez de sorrir.

— Seu próprio vilão enfim chegou, então pode parar de ficar obcecada olhando para o relógio.

— Não abre a porta — diz ela, mas já estou de pé. — Juro por Deus que enviarei a Kingsley seus diários daquela época, piranha.

— Para seu azar, já queimei todos, *piranha*. Então, a menos que você queira umas férias no inferno, isso não vai acontecer. Ah, e você está com rímel na bochecha, talvez queira tirar isso.

Estou sorrindo enquanto Callie pragueja e corre para o quarto a fim de se arrumar. Ela diz que odeia o cara, mas ainda quer parecer o mais bonita possível na frente dele. Pego um suéter na sala de jantar e visto antes de atender. Caroline pode ser um pouco ingênua às vezes; caso contrário, não pensaria que eu seria capaz de manter a porta fechada quando Mateo está do lado de fora. Não é como se ele fosse ficar obedientemente quieto. O homem pode estar sendo paciente com ela, mas vai destruir tudo se minha amiga se recusar a vê-lo, e eu meio que preciso da minha porta.

— Aspen — o sujeito me cumprimenta assim que abro, parecendo muito melhor do que seu estado abatido no dia em que quase dilacerou meu rosto.

— Mateo. Entre, embora ache que não precisa de convite.

— Na verdade, preciso.

— Então é um vampiro, afinal de contas?

— Não, apenas um italiano bem-educado perto dos amigos de minha esposa. — Estreita os olhos, e eu estreito os meus de volta antes de me afastar.

— Vou sair de perto de você por uns trinta minutos. E, Mateo?

— Sim?

— Faça um favor a todos nós e a convença de que você é inocente ou simplesmente a deixe ir embora. De qualquer forma, por favor, pare de usar minha casa para suas sessões de namoro.

— Anotado. — O mafioso confirma com a cabeça e entra como se fosse o dono da residência.

Balançando a cabeça, enfio os pés nos sapatos confortáveis mais próximos, pego minha carteira e saio. Lamento não ter usado um suéter mais grosso ou um casaco quando o ar frio toca na minha pele. Mas congelar é um veneno melhor do que testemunhar as brigas repetitivas de Mateo e Callie.

Há a opção de pedir aos seus capangas estacionados do lado de fora para me darem um casaco, mas o homem provavelmente os jogará pela sacada se interromperem seu tempo sagrado com a esposa. Então opto por caminhar em um ritmo acelerado e gerar mais calor corporal. Passo por uma boutique exibindo um lindo vestido com temática de orquídea-baunilha e não penso duas vezes antes de entrar e comprá-lo.

Em seguida, peço à moça para embrulhar e enviar para o novo endereço de Gwen. Ela voltará para casa em breve e, ainda que eu queira dar o vestido à minha filha pessoalmente, isso deixaria as coisas estranhas, e ela ficaria acuada comigo. Então, um presente sem contato é a melhor opção, mas ainda espero que a garota goste.

Os lábios se abrem em um sorriso ao me lembrar de como ela disse oi. Minha filha pediu ao pai babaca para me dizer oi. Sem querer exagerar, mas não dormi nada naquela noite. E tudo bem, talvez parte disso tenha a ver com o formigamento que eu sentia devido ao toque de um certo homem.

Por mais que eu goste de pensar que sou indiferente, o coração acelera sempre que me recordo da maneira sensual como seus dedos magros seguravam meu rosto ou como os lábios e a língua se banqueteavam em minhas bochechas. Por que o idiota me afeta tanto? Só… por quê?

Ando mais rápido, em uma tentativa infrutífera de afastar pensamentos sobre ele. Até tento me concentrar no que está ao meu redor. É o melhor método para não ficar presa na cabeça acelerada. É quando noto que entrei em um bairro não tão bom. Por ter vivido no gueto durante toda a infância, reconheço o fedor de mijo e vômito como um sinal de pobreza, overdoses de drogas e corpos se

vendendo no escuro.

Ah, e uma mulher dormindo em lençóis fedorentos com comprimidos ao seu redor.

Os bairros ruins têm gosto de lágrimas amargas, comida vencida e dejetos humanos.

Os bairros ruins têm uma alma perigosa, um coração negro e a misericórdia de um deus tirano.

E embora eu tenha feito o necessário para escapar, vejo-me de volta a esse inferno. Pergunto-me se sempre gravitarei em torno do perigo da minha infância da mesma forma que Caroline. Talvez, como ela, eu só encontre consolo em um governante do submundo que não teria medo de bairros ruins.

Retiro esse pensamento da mente devagar e me viro para sair. Um farfalhar soa atrás de mim e, antes de eu investigar, um baque corta o ar. Meus olhos queimam e, na próxima vez que os pisco para abri-los, estou de joelhos, a cabeça pendendo para o lado. Não tento olhar para meu agressor ou entender a situação. Os dedos trêmulos encontram a carteira, e consigo agarrar meu pequeno *spray* de pimenta preso ao meu chaveiro. Pressiono-o sem mirar atrás de mim.

Ao entender que cometi um erro, é tarde demais. Pensei que havia apenas um agressor, mas uma bota pesada bate no meu peito, jogando-me para trás com uma facilidade assustadora. A cabeça atinge uma superfície repugnantemente quente – o corpo de outra pessoa –, e estrelas se formam atrás dos meus olhos quando um homem me dá um soco no rosto.

O amigo dele pisa no meu ombro com a bota, e eu mordo a língua para não gritar. O segundo soco vem, depois o terceiro e, quando terminam, minha boca está inundada com um gosto metálico pungente.

Não percebo que desapareceram até ouvir passos pesados se afastando. Ainda assim, fico ali, a cabeça pesada como um tijolo e os braços e pernas esparramados em uma posição não natural. A necessidade de me dissolver no chão é muito maior do que a vontade de viver, contudo o pensamento de que os agressores podem voltar e me estuprar ou deixar o trabalho para outra pessoa das comunidades me dá a energia que não teria imaginado ser possível.

Não sei como consigo usar a parede para me equilibrar, ajeitar o suéter ao meu redor e andar. A dor explode em todas as articulações, um dos olhos está inchado demais para enxergar e os lábios parecem grandes demais para o rosto. Acho que algo está fraturado ou machucado no peito também, porque respirar é

semelhante a escalar o Everest com uma perna quebrada.

Logicamente, sei que devo consultar um médico, mas prefiro morrer a ir até o hospital. Sim, Gwen está viva, porém tenho trauma com aquele lugar desde quando colocaram uma bebê natimorta em meus braços. Não consegui lidar com essa questão ou com qualquer outra em minha vida.

Não sei por quanto tempo ando, mas é tempo suficiente para perder a sensibilidade nas pernas, receber olhares estranhos de nova-iorquinos desapaixonados e desabar contra uma parede uma ou duas vezes – ou uma dúzia. Finalmente, consigo chamar um táxi e me jogo dentro dele. O motorista me encara pelo espelho retrovisor, os olhos castanhos nebulosos e demoníacos no espelho.

— Você está bem, senhorita? Devo levá-la ao hospital?

— Não… o hospital não… — falo de modo incoerente, os lábios mal se movem. Depois, desabo no assento de couro sintético.

Chacoalho a cabeça de vez em quando, luto contra os pontos escuros que se alastram pela minha visão e contra a calmaria de ficar inconsciente.

Só preciso ir para casa, recompor-me e denunciar isso…

O peito aperta quando o carro estaciona. Ergo a cabeça, entretanto não vejo o edifício onde moro. Em vez disso, estou encarando um demônio de dentes afiados no topo de um grande portão de metal preto, saído direto de um filme gótico.

A mansão do Kingsley.

Droga. O que estou fazendo aqui?

— Chegamos, senhorita — diz o motorista, a voz distante.

— Aqui não é meu apartamento…

— Esse foi o endereço que me deu. Quer que eu a leve a outro lugar? — Seus olhos brilham no retrovisor, turvos, como naqueles filmes de suspense.

— Não, muito… obrigada… — Enfio algumas notas em sua mão e praticamente me jogo para fora do carro.

Ele continua ali por um tempo, deve estar pensando que sou louca. Ou talvez seja um dos agressores e o tenham enviado para concluir o trabalho. Preciso de toda a força que tenho para alcançar o portão, arrastando os pés e com falta de ar.

O táxi enfim vai embora, e solto o fôlego. Então minhas pernas decidem que é um momento tão bom quanto qualquer outro para me abandonar. Estou

pronta para me jogar no chão, mas caio direto em braços mornos.

— Aspen?

O rosto inflexível me encara com uma expressão tão sombria quanto a de um senhor-demônio.

E isso não deveria me fazer sentir segura. Nem em paz.

Nem, porra, como se estar com ele fosse certo.

Mas faz.

Meus dedos se cravam em seus braços, e engulo meu próprio sangue enquanto soluço:

— Eu… não tinha para onde ir…

Não percebo a gravidade de minha confissão quando a escuridão me leva embora.

8



Kingsley

As tentativas de me impedir de entrar na categoria fúria estão se mostrando um fracasso completo. Caminho de um lado ao outro no quarto, onde Aspen jaz na cama como uma beleza despedaçada. Abri e fechei o Zippo tantas vezes e sem a menor delicadeza que me surpreende o fato de ainda não ter quebrado.

A luz que entra pela janela me força a parar e encarar o jardim, no qual as folhas multicoloridas caem para sua morte.

Merda. Passei a noite inteira assim.

Andando para lá e para cá, socando uma parede – ou duas – e contemplando a melhor forma de cometer um assassinato.

Eu não deveria.

Porque, como meus pensamentos de uma semana atrás declararam, não brigo por mulheres. Só há uma razão para a violência: libertação. Para mim mesmo e para meu pau.

No entanto, sempre há aquele erro na matrix. A exceção às regras. O ponto fora da curva. Tudo aconteceu quando voltei da corrida noturna, suprimindo a necessidade de incendiar a casa de Susan, e vi Aspen mancando pelo portão da frente em um estado que daria trabalho para diferenciá-la de zumbis.

Desde então, não pensei na ruína da minha madrasta ou em suas provocações sobre o quão fraca minha mãe era no tribunal ontem. Ela gosta de me lembrar por que rejeitei a própria ideia de crescer e me tornar uma réplica da ex-esposa do seu falecido marido. Liliana Shaw era tão delicada quanto seu nome e, mesmo se eu fosse humano o suficiente para amá-la, soube desde cedo que era do tipo que precisava ser protegida, nunca do tipo que protegia os outros.

Era do tipo que devia ser tratada com luvas de pelica, com cheiro de flor, igual ao seu perfume favorito.

E como as palavras de merda da Susan soam como um sino toda vez que a vejo, geralmente me coloco em modo de autoexaustão até entrar em colapso no final do dia. Não é segredo eu me tornar neurótico e acelerado, uma versão especial de idiota. Isso ocorre sempre que encontro o monstro de plástico no tribunal.

Adicione isso a uma frustração sexual de nível adolescente e saberá que, quando cheguei em casa, não deveria ser abordado por nenhum ser humano com amor à vida, à propriedade e à dignidade.

Então, imagine minha surpresa quando a mulher por trás dessa frustração estava interpretando uma sobrevivente do apocalipse no portão da minha casa. O médico, um familiar a um telefonema de distância sempre, veio examiná-la na noite passada e disse que tinha sido agredida fisicamente.

— Não me diga, Sherlock. Dá para ver — falei ao Dr. Werner enquanto deslizava a mão pelo cabelo.

Estava extremamente irritado devido a dois fatos.

Um: Aspen foi agredida.

Dois: o doutor estava tocando nela.

Talvez o médico da família precisasse ser uma mulher. E mesmo essa opção não caiu muito bem no estômago revoltado.

— Ela foi abusada? — indaguei, o peito apertado pela primeira vez desde que… Gwen caiu da bicicleta e bateu o joelho quando tinha uns 10 anos.

— Nada indica isso do lado de fora, mas não posso dizer com certeza até ela acordar e me dar permissão de examiná-la.

— Ao menos cuide dos ferimentos.

— Você pode sair?

— Por que precisa que eu saia para isso? Vai fazer seu trabalho comigo aqui.

— Sr. Shaw, entendo sua angústia, mas você não é parente próximo da Srta. Leblanc até onde entendi e, portanto, não deve estar presente durante nenhum exame médico.

— Decidi que *ficarei* aqui. Agora, faça seu trabalho, ou vou fazê-lo ser banido da cidade.

A ameaça foi suficiente para levá-lo à ação. Isso, por sua vez, fez-me arder mais do que a temperatura da sala. E ainda que o homem tenha confirmado a ausência de ferimentos graves, ainda estava a dois segundos de bater sua cabeça

contra o objeto mais próximo e cortar seus dedos com luvas, com os quais ele a examinava clinicamente.

Não há lógica nem explicação para a possessividade furiosa que sinto por esta mulher. Uma possessividade que, até agora, só senti em relação ao bem-estar do meu legado, Gwen, e à necessidade da destruição inevitável de Susan.

E a pior parte? O sentimento é completamente diferente de todos os anteriores, irrevogavelmente ilógico. Acima de tudo, queima como ácido.

Dr. Werner foi embora depois de eu optar por fazer pessoalmente o curativo em seus ferimentos e o expulsar. Se tivesse tocado na ruiva mais uma vez, estaria boiando na piscina neste momento. Além disso, estou sempre me arranhando, machucando e ensanguentando de uma forma ou de outra. Logo, a tarefa não me era estranha.

Espalhei a pomada na pele de Aspen, cobrindo a galáxia de hematomas em seu rosto e ombro e uma leve marca vermelha na parte de cima do peito. Isso sem mencionar o olho roxo do tamanho da prefeitura, igualmente sombrio.

Isso foi há dez horas.

Dez horas andando de um lado ao outro, observando os movimentos da mulher pelas câmeras de vigilância depois que pedi alguns favores aos detetives com o objetivo de rastreá-la desde quando saiu do apartamento.

Não me passou despercebida a entra de Mateo no prédio, minutos antes de Aspen sair vestida com roupas casuais. Depois, a ruiva entrou em uma boutique e saiu de mãos vazias, mas com um sorriso de menininha. O ataque aconteceu após a advogada se aventurar por um beco sem câmeras de vigilância porque, cinco minutos depois, ela saiu mancando, abraçando a parede, com um mapa de hematomas no corpo.

A única coisa suspeita que notei foi uma van preta com vidros escuros, captada por uma câmera de uma campainha próxima daquele local. Eles se mantiveram longe das câmeras de vigilância como profissionais, então não pegou placa do carro e definitivamente não captou rostos.

Poderiam ser os homens de Mateo, até onde sei, mas já me certifiquei de que ainda estavam agindo como os cães de guarda de seu chefe durante o tempo em que a ruiva estava sendo espancada.

Meu olhar se fixa em sua silhueta – dormindo, com as sobrancelhas franzidas, a pele marcada de uma forma grotesca. Sei como sua pele clara fica quando é mordida, chupada e satisfatoriamente saciada. Lembro-me de ter

deixado todas essas marcas e mais algumas nela, há vinte e um anos, e de ter feito uma trilha com dentes, língua e lábios.

E embora Aspen tenha mantido aquela maldita máscara, recordo a sensação, a possessividade e o impulso ilógico de fazer tudo de novo. Mas a imagem em minha cabeça e essa de agora são tão opostas quanto o dia e a noite. Embora o Dr. Werner tenha me assegurado que os ferimentos são superficiais e vão se curar, ainda assim… porra, não me sinto muito bem.

Desde que ela foi seguida, até como foi espancada e, por fim, como acabou aqui. A última parte me preenche com uma emoção à qual me recuso veementemente dar um nome.

Um gemido sai de seus lábios, semelhante ao último pedido de misericórdia de alguém morrendo. Esta mulher é mais forte do que o universo e seus alienígenas, um fato que sempre me enfureceu, mas me fascina na mesma medida. Então, vê-la espancada é… estranho.

Esqueça estranho.

Isso me deixa furioso de uma maneira que eu nunca experimentei antes. Ela se mexe em seu sono, pisca o olho não inchado uma vez… duas vezes, e depois se levanta. Quando está quase sentada, imediatamente olha para o vestido de algodão fino.

Joguei fora o suéter – estava sujo, ensanguentado e com um buraco do tamanho do meu punho. O vestido também estava ensanguentado, mas as chances de eu removê-lo e continuar racional eram abaixo de zero. Então, deixei-o intacto.

— Kingsley — Aspen sussurra, logo estremece, provavelmente devido ao tamanho duplo de seus lábios e ao corte.

— Bom dia, raio de sol — digo sem nenhuma cordialidade, abrindo o Zippo. — Agora que saiu da sua fase de Bela Adormecida, se importa em me dizer, enfatizo, o que *caralhos* aconteceu?

— Eu… — A ruiva pisca a ramela acumulada em seus olhos, apesar do meu cuidado em limpar aquela merda. Depois, inspeciona os arredores. — Espere… onde estou?

— Na minha casa, anteriormente conhecida como Mansão do Vale Negro até eu processar o Estado para ter a liberdade de retirar o nome pretensioso. E vencer, óbvio. Você apareceu aqui com hematomas do tamanho do Texas, lembra?

Ela abre os lábios inchados, fecha-os e os abre de novo em uma imitação pobre de um peixinho-dourado.

— Eu… não pretendia vir aqui.

Com movimentos de caranguejo, tenta se levantar, estremece e então cai para trás com a graça de uma pena destroçada. Mas como tem uma cabeça mais dura do que um sapato de couro italiano, ela tenta se levantar de novo. Desta vez, eu a empurro de volta para baixo com uma mão firme, mas gentil.

— Não está em condições de se sentar, muito menos de ficar de pé. Logo, a menos que pretenda sangrar no meu chão e limpá-lo você mesma, fique deitada.

— Encantador. — Solta um suspiro doloroso.

— Encantar você é a última coisa que quero, e não me interessa se queria vir aqui ou não. Veio mesmo assim, e ainda não respondeu à minha pergunta.

A ruiva olha para minha mão casualmente apoiada em seu ombro. Mais uma vez, faço-o não com força, no intuito de de não machucá-la, mas com assertividade suficiente para ela saber que não haverá como escapar do aperto.

— Se importa? — Aspen diz baixinho.

— De jeito nenhum. — Sento-me ao lado dela sem tirar a mão, e a advogada deixa escapar um som similar ao rosnado de um animal ferido.

No entanto, não resiste, provavelmente com muita dor para se importar. Olha para a parede contrária, para as pinturas feitas com vidro escuro quebrado, porque o caos é a única forma de beleza que aprovo.

— Fui atacada.

— Tenho habilidades de dedução suficientes para descobrir isso por conta própria. Quem, onde, por que e como são as perguntas para as quais gostaria de obter respostas.

— Eu não sei. — Engole em seco e se encolhe.

— Você foi agredida sexualmente?

— Não.

— Tem certeza?

A mulher me encara com o único olho bom.

— Como assim, tenho certeza?

— Não precisa ficar na defensiva. Só estou analisando a situação de diferentes pontos de vista para ter uma compreensão completa do que está acontecendo.

— O que há para analisar sobre "não, não fui agredida sexualmente"?

— O fato de que poderia ter perdido a consciência.

— Não perdi. Esqueça isso.

— Tudo bem. Reconheceu quem fez isso?

— Não. Poderia ter sido qualquer um.

— Tem tantos inimigos assim, é?

Ela me fita com o único olho bom de novo, e ele tem mais força do que os sete bilhões de pares espalhados pela Terra.

— Você é um deles, considerando seu histórico.

— Vamos evitar seguir pelo caminho das provocações, porque vou te esmagar facilmente, e você não está em condições de trocar farpas comigo até perder o fôlego. Agora, tornemos nosso tempo útil ao reduzir as opções aos suspeitos conhecidos. Quem poderia ter algum problema com você ultimamente, além de mim e do seu pai psicopata?

Seus olhos se arregalam, e os lábios tremem.

Merda.

— É seu pai? — indago, desnecessariamente.

— Eu… não sei.

— Ah, sabe. É óbvio.

Aspen evita meu olhar de novo, desta vez puxando o lençol sobre o rosto e afastando minha mão no processo.

— Talvez seja você, idiota.

Deslizo o lençol para baixo, resisto à vontade de tirá-lo e possivelmente machucá-la no processo. Se a suavidade e eu tivéssemos um encontro individual, eu a levaria a enrolar uma corda em volta de seu pescoço frágil. Contudo, ainda me pego tentando não causar mais desconforto à advogada.

— Sou muitas coisas, mas espancador de mulheres não está na lista. Minhas batalhas com você são exclusivamente mentais, sem violência física envolvida. A menos que sejam de natureza sexual, é claro. Além disso, se realmente acreditasse que te machuquei, você teria vindo até mim, de todas as pessoas?

— Eu queria ir até Nate — murmura baixinho, e eu quase esqueço por que não deveria estar envolvendo meus dedos em volta de sua garganta e a sufocando até a morte.

— E ainda assim, está aqui porque não tinha para onde ir, como me disse tão eloquentemente, lembra? Uma coisinha tão solitária…

Seus lábios se abrem, depois se fecham antes ela sibilar:

— Vai se foder.

— Com prazer. Mas precisamos esperar os hematomas sararem, porque essa cena é estranhamente parecida com um filme *snuff*, e eu não sou fã.

— Vai ser fã da minha língua quando ela estiver curada o suficiente para te mastigar. Ou dos meus dentes quando eu morder seu pau, seu babaca.

Rio, e isso a pega de surpresa, já que me encara como se tivesse crescido um terceiro chifre vermelho em mim.

Que se foda. Ou Aspen se foda.

Não me importa quem neste momento. Bem, pelo menos a bruxa está de volta.

Vou até a cabeceira e indico uma tigela de mingau de aveia mantida em um recipiente aquecido. Pedi à minha governanta, Martha, que preparasse isso e três sabores de chá de ervas para a visitante.

— Coma isso, depois tome os analgésicos e descanse. Se precisar de alguma coisa, peça à Martha, ela vai buscar para você.

— Não tomo café da manhã. Além disso, por que está falando como se eu fosse ficar aqui? Vou trabalhar.

— Vai tomar café da manhã hoje, e de jeito nenhum vai para a empresa parecendo uma imitação de um zumbi de baixo orçamento.

— Mas tenho reuniões!

— Que sua assistente vai remarcar.

— Mas…

— Isso é inegociável, Aspen. Nada de trabalho em seu estado. Não seja um bebê.

— Não sou um bebê.

— Está fazendo birra como se fosse um.

— Só quero fazer meu trabalho!

— E como seu chefe, vou colocá-la de férias. Obrigatório, não opcional.

Com isso, saio do quarto, e seu urro frustrado é a última coisa que ouço antes de fechar a porta. Fico ali por alguns minutos, depois dou uma olhada lá dentro.

A teimosia perde a batalha, e ela volta a dormir. Martha, uma mulher rechonchuda, gentil e de meia-idade, que me ajudou a criar Gwen, entrega minha pasta.

— Alguma instrução especial?

— Dê comida a ela, algumas roupas de Gwen e a ajude a tomar banho, se necessário. Ela é orgulhosa e não pedirá ajuda, portanto ofereça. Não a deixe sair em nenhuma circunstância. Você é obrigada a usar todos os métodos necessários para garantir isso. Trancá-la dentro de casa é um deles.

A funcionária confirma com a cabeça e indica um telefone dançando sobre a mesa.

— Ele está vibrando há algumas horas.

É o da Aspen. Eu o joguei em algum lugar na entrada quando a levei para dentro, junto com a carteira, e não o verifiquei desde então. Correção. Não saí do lado dela desde então, exceto quando Martha chegou e eu tomei um banho rápido e troquei de roupa.

Ao pegar o telefone, surpreendentemente intacto, vejo o nome "Na Alegria e Na Tristeza" cercado por dez corações piscando na tela. Sem brincadeira. Uma porrada de dez corações vermelhos pulsantes.

Logicamente, sei que Aspen não é o tipo de pessoa que gosta de corações; a ruiva preferiria ser comida por um tubarão a ser carinhosa. Essa é uma das poucas características que temos em comum. No entanto, de maneira ilógica, a ideia de ela ter um homem em sua vida, a exceção à sua regra de não nutrir emoções, queima em minhas veias como uísque barato.

Atendo, com a intenção de usar minha presença masculina com pau em uma jogada glamourosa. A voz estridente que me cumprimenta do outro lado da linha interrompe o plano de forma nada glamourosa.

— Aspennnn! Onde estava? Estou ligando para você há horas e pensei seriamente em ir à polícia e tudo. Por dois motivos diferentes: seu desaparecimento e as chances de Mateo cometer um assassinato em massa. Ele sabe sobre o idiota do Della Roma que me bateu, e suas acusações de agressão vão parecer uma piada diante das acusações de "vou matar aquele desgraçado e toda a sua família". Tentei impedi-lo e mantê-lo comigo, mas foi embora logo de manhã, enquanto eu dormia.

— Deveria ter se esforçado mais. Agora vou ter que limpar sua bagunça.

Há uma longa pausa do outro lado da linha antes de alguém – tenho certeza

de que é Caroline Luciano – sussurrar:

— Kingsley?

— O único.

— Oi! Sou a Caroline.

— Não me diga. Imagino que seja a única com audácia suficiente para salvar o contato como "Na Alegria e Na Tristeza", com uma quantidade nojenta de corações.

— *Shhh*. Não conte à Aspen. — O humor desaparece. — Espera, ela não trocou de volta? Onde minha amiga está e o que você fez com ela?

— Ela está machucada e dormindo. Não a incomode até amanhã.

— O quê?

Desligo antes de a mulher terminar a frase e saio com planos de degustar meu prato favorito: vingança.

9



Aspen
QUATORZE ANOS

— Tá, e agora? — Cruzo os braços, fingindo que não estou, na verdade, mal conseguindo seguir a linha reta. A essa altura, não há dúvida de que o álcool provavelmente está fluindo em meu sangue no lugar de oxigênio.

O ar frio morde minha pele com a consistência de uma cobra venenosa, mas mantenho os lábios fechados para evitar que os dentes batam. Qualquer semblante de calor vem de uma mão que está esmagando a minha.

Os dedos fortes do Anonymous têm mantido os meus como reféns durante a última meia hora, depois de ele me levar para fora da mansão. Quando tentei protestar, o cara me deu uma escolha: ou eu aceitava essa coisa de segurar a mão, ou poderia retomar minha posição anterior no ombro dele.

Esse idiota tem uma maneira irritante de dar alternativas estúpidas que, na realidade, não são opções.

Agora estamos caminhando pelas ruas, cheias de luzes ofuscantes e uma horda de pessoas. Nunca gostei do lado bom da cidade. Por isso, mesmo com Callie vindo aqui sempre que pode, eu o evito com todas as forças. O lado bom da cidade tem cheiro de notas de dólar, perfume caro e um luxo do qual não podemos nos aproximar. Portanto, até eu conseguir chegar a esse lugar, prefiro não estar aqui.

O Anonymous olha para frente, mas não parece absorvido pelas festividades, pela alegria ou pelas inúmeras pessoas em trajes de diferentes cores e formas. Na verdade, parece entediado com tudo isso. Porém, ainda se destaca, e isso tem pouco a ver com sua máscara e mais com toda a aura.

A calça e a camiseta pretas esticam seus músculos, sugerindo algum tipo de disciplina física. O que faz sentido se eu considerar a maneira como ele nocauteou alguém antes. Mas há mais perfeição do que sua superioridade física. É a presença dele, a intensidade e a maneira de falar bem. O garoto provavelmente crescerá e se tornará um homem de poder, como as pessoas para

quem meu pai trabalha.

Talvez ele seja muito pior.

E ainda assim, não consigo evitar ficar presa em sua órbita sem chances de sair desse transe. Nunca me senti tão atraída por uma pessoa antes, tão envolvida em alguém que quero ouvir a voz e ficar em sua presença o máximo possível.

— E agora? — indago.

— Agora andamos, *femme fatale*.

— Não podemos fazer isso sem dar as mãos?

— Não, porque você vai fugir.

— Isso se chama sequestro.

Ele inclina a cabeça na minha direção e, pela décima segunda vez esta noite, gostaria de poder tirar essa máscara e ver o que realmente está por baixo dela. Ele é mesmo um monstro?

— Com todas essas pessoas ao redor?

— A presença de pessoas ou a falta delas não nega o sequestro.

Ele levanta um ombro, a voz completamente neutra.

— Vou sequestrar você então.

Meu coração aperta, os lábios se abrem. Ele está falando sério? Mencionei sequestro para a acusação o abalar um pouco e o cara pensar que o incômodo da situação não vale a pena. Pensei que havia pelo menos 80% de chance de ele me deixar ir, mas o rapaz ignorou completamente esse fator de risco.

— Realmente não se importa que eu o denuncie à polícia?

— Você não tem nenhuma evidência ou descrição facial. Seu relatório ficará na mesa da polícia incompetente por dias, meses, e então será arquivado.

Cravo as unhas em sua mão e tento arranhar a pele. Ele faz um estalo, a voz pingando de diversão.

— Assiste muito *CSI*?

— O quê? Por quê?

— Presumo que o programa esteja por trás de suas tentativas de obter algum DNA de mim. Mas aconselho você a parar com isso. Não só vai complicar as coisas para si mesma, mas seus pais podem pagar o preço por me arrastar pela lama. Veja, meu pai se ofende quando o nome da família é tocado, e ele tem amigos perigosos.

Não solto sua mão. Na verdade, cravo as unhas mais fundo.

— Não tenho pais.

Seu ritmo diminui e, de repente, torno-me o único assunto de sua atenção antes dispersa. A mudança é sutil, mas é tão intensa que engulo em seco.

— Meu Deus. Você continua ficando mais interessante. Por que não tem pais, *femme fatale*?

— Isso não é da sua conta.

— Talvez eu queira que isso se torne da minha conta.

— Por quê? — Fito a cor brilhante de seus olhos. Eles são definitivamente cinza-claro ou azul-escuro – ou uma mistura dos dois. — Por que quer saber sobre mim?

— Porque você me interessa. O que, a propósito, é uma emoção que dificilmente despertam em mim.

— Eu deveria me sentir honrada?

— Sim. Também deve responder à minha pergunta.

— Se eu responder, você me deixará ir embora?

— Eu diria que sim, mas isso seria uma mentira, e tenho certeza de que não prefere essa opção. Deveríamos adotar uma política de honestidade.

— A honestidade é apenas uma ilusão inventada pelas pessoas para manipularem os outros.

— Você é muito inteligente.

— Para uma garota ou para meu próprio bem?

— Você é inteligente demais para sua idade. Mas isso é uma coisa boa. Se usar seu cérebro da maneira certa, chegará a algum lugar.

Faço uma pausa, as unhas inconscientemente se soltam de sua mão. Essa é a primeira vez que alguém elogia meu cérebro sem parecer condescendente ou com pena. Até meu professor disse que ser inteligente demais não é uma coisa boa para uma mulher do nosso lado do gueto.

Tia Sharon disse que isso me fará morta.

No entanto, esse estranho, um garoto que usava só uma máscara, disse as palavras que eu tanto desejava ouvir de alguém.

De qualquer pessoa.

Desde que acreditem em mim. Desde que alguém queira enxergar além de

minhas origens e entrar em minha verdadeira alma.

Por outro lado, ele não sabe de onde venho, então talvez mude de ideia quando descobrir meu CEP.

— E como sabe disso? — pergunto, sentindo-me um pouco sóbria de repente.

— Simplesmente sei. Agora, quanto à política de honestidade, gostaria de participar dela?

— Me ofereça algo primeiro.

— O quê?

— Por que você me levou? Ou mais precisamente, me sequestrou?

— Ouviu algo que não deveria saber.

— Se estava tão preocupado com o incêndio criminoso ou com o que quer que seus amigos estavam tramando, teria me denunciado ou me obrigado a participar da ação. Definitivamente, não teria optado por me levar em uma caminhada, como em uma época medieval.

Sua risada ecoa no ar como a mais assustadora música. E a pior parte é que não consigo evitar me sentir atraída por isso. Não consigo parar de encará-lo, sua altura e ombros largos.

— Tudo verdade. A razão pela qual te peguei, ou *sequestrei* você, como prefere rotular, é que estou entediado e você é interessante, como mencionei anteriormente. De um jeito meio *nerd*, o que é incomum para mim. Só gosto meninas pelo corpo delas, não tenho interesse nenhum em suas mentes.

— Você é um porco misógino.

— E você é fã de rótulos. Mas gosto do seu senso de intuição. Dá um tesão da porra.

Meu estômago tem cãibras, e não entendo as emoções que o atravessam ao mesmo tempo, nem como minha temperatura sobe apesar do frio. Ele para e meus olhos se arregalam quando o espero fazer alguma coisa. Em vez disso, o cara pega um cachecol largo de lã de um vendedor na rua, joga uma nota de cem dólares para o homem que o vende e, em seguida, solta minha mão para enrolar o cachecol em meu pescoço e braços.

Fico olhando para ele, atônita.

— Talvez queira parar de me olhar como se eu fosse o messias. Não há nada remotamente livre de pecado em mim.

— Por que me comprou isso?

— Porque, a julgar pelos seus dentes batendo e os braços trêmulos, está com frio. Isso é fácil de solucionar.

— Não quero ficar em dívida com você.

— Não está. Considere isso uma compensação por tê-la sequestrado. — A voz se torna divertida na última parte.

E não posso evitar a sensação de calor interno e externo que me inunda.

Ele entrelaça nossos dedos de novo e continua andando. Ficamos em silêncio por um tempo, e me vejo concentrada demais em seu toque, em seu calor, em seus dedos que acariciam os meus, depois param e recomeçam em um ritmo caótico, mas suave. Puxo o cachecol mais apertado em volta de mim para esconder a tentativa esquisita de respirar mais a fundo nele. É a primeira vez que encontro uma colônia masculina tão… sedutora.

— Não está esquecendo de nada? — o Anonymous indaga depois de um tempo, inclinando a cabeça para o lado.

— Esquecendo o quê?

— Eu te ofereci uma verdade. Agora é sua vez. Quer compartilhar?

— Não há nada para compartilhar. Minha mãe morreu e meu pai está praticamente morto.

— Praticamente morto — repete devagar. — Imaginei que esse tipo seria comum, mas não tão comum.

— Está familiarizado com a experiência?

— Se quer dizer ter um pai inútil que estaria melhor morto, então sim, estou bastante familiarizado. — Acaricia as costas da minha mão, mas o gesto não é afetuoso; no entanto, também não é ameaçador.

É uma mistura de ambos. O cinza preso no preto e branco.

A calma que precede e vem depois de uma tempestade.

A tempestade se manifesta em seus olhos enquanto eles me prendem através da máscara.

— Parece que você e eu temos mais em comum do que eu pensava inicialmente. Talvez seja por isso que se destacou para mim em primeiro lugar.

— Isso é uma coisa boa ou ruim?

— Se tiver sorte, nenhuma das duas. Senão, ambas.

— E como sei se tenho ou não sorte?

— Saberá quando for a hora.

— Por que não pode ser agora?

— Não há emoção em saber quando vai ser o próximo *touchdown*. Previsibilidade é chata.

— Nem sempre. — Eu o encaro, mais uma vez presa na forma como sua altura e sua constituição quase preenchem o horizonte. — E não me diga que é um atleta?

— O que te faz pensar isso?

— Sua analogia sobre *touchdown*.

— Qualquer um poderia usar essa analogia. Não é um privilégio exclusivo dos atletas.

— Bem, você é?

— E se eu for?

— Ficaria surpresa. Você… é culto.

— E todos os atletas são supostamente idiotas? Sabe, esses mesmos estereótipos pintam as ruivas como bruxas que deveriam ser queimadas em fogueiras.

— Eu… não quis dizer isso. É que todos os atletas que conheço são idiotas arrogantes.

— E eu sou a exceção?

— Não, você é o rei da multidão. Por que se tornou um atleta se parece estar bem de vida? Os atletas da nossa escola estão perseguindo o sonho da NFL para mudar de classe social.

— Para controlar as explosões de adrenalina.

Meus passos vacilam, em parte por causa da resposta dele, em parte, por causa do aperto em minha mão.

— Por que precisa controlar isso?

— Alguns de nós são programados de forma diferente e têm uma abundância dessa coisa, então procuramos mecanismos de enfrentamento para controlá-la.

O rapaz faz um sinal para frente.

— Chegamos.

Levanto a cabeça e noto que não só nos afastamos da rua principal, mas

também não há pessoas, luzes brilhantes ou conversas indistintas. Em resumo, todos os elementos que eu usava para criar uma falsa sensação de proteção. A única coisa que existe à minha frente é uma estrada de terra escura cercada por arbustos altos, sem saída à vista.

— O que é este lugar? — Tento e falho em impedir que minha voz trema.

— Privacidade.

— E quem te disse que quero privacidade?

— Você pode não querer, mas eu quero.

— Prometeu que ficaríamos em um lugar público.

— Nunca prometi nada. Disse que te daria essa opção, e fiz isso na última hora ou algo assim.

— Essa é sua forma de me fazer baixar a guarda?

— Pode ser. Está funcionando?

Meus lábios se apertam, e a umidade arde nos meus olhos. Odeio essa sensação de completa impotência. Não consigo acreditar que fui atraída por ele. Não que eu tivesse alguma chance de afastar seus avanços, mas pensei que talvez ele se importasse em algum momento. Parece que estou sozinha nessa. Tudo o que levou até esse momento provavelmente foi calculado para me fazer cair nos encantos dele.

E caí. Com uma facilidade embaraçosa.

— O que vai acontecer agora? — cuspo para esconder a dor. — Se eu disser não, vai terminar o trabalho do seu amigo e me forçar?

— Forçar você? Não. Forçar você a admitir que quer isso tanto quanto eu? Sim.

— E como vai fazer isso?

— Vou fazer algo e, dependendo da sua reação, vou ficar com você ou te deixar ir.

Não tenho a chance de dizer nada, porque ele puxa minha mão entrelaçada à dele e me traz rente ao seu peito. O batimento cardíaco ruge, e tenho certeza de que ele pode ouvir as pulsações frenéticas contra sua caixa torácica. No entanto, qualquer tentativa de regulá-lo desaparece no ar frio quando ele levanta a máscara devagar.

Não consigo respirar.

E tem tudo a ver com o que estou enxergando.

Ele só revelou o queixo quadrado e os lábios sensuais, mas é o suficiente para me fazer ansiar por mais.

Mais dele. Disso.

Seus olhos brilham na escuridão por trás da máscara enquanto o rapaz mergulha direto nos meus lábios, capturando-os com uma aspereza que tira o fôlego dos meus pulmões. O peito e o estômago explodem em uma miríade de emoções quando o Anonymous enfia a língua dentro de mim e se delicia sem remorso com a minha.

Então dois de seus dedos agarram meu queixo, inclinando-o para cima a fim de ter mais acesso. Para me devorar como um animal faria. Até que eu não tenha escolha a não ser derreter contra ele.

Logicamente, eu deveria lutar.

Logicamente, eu deveria tentar correr.

Mas a lógica não existe na Noite do Diabo.

A lógica é a última coisa em minha mente enquanto o deixo me devastar com uma intensidade que nunca experimentei antes.

Talvez nunca mais experimente.

E eu sei, só sei que este cara não vai me deixar ir. E talvez eu também não queira que ele me deixe ir.

Os pensamentos são reforçados quando o garoto solta meus lábios e sussurra contra eles:

— Decidi ficar com você, no fim das contas.

10



Kingsley

Enrolo as mangas até os cotovelos enquanto me aproximo dos dois desgraçados inconscientes pendurados no teto pelos próprios pulsos.

— Tem certeza de que quer sujar as mãos, riquinho? — Nicolo provoca de seu canto, acendendo um charuto e cruzando as pernas nos tornozelos.

— Vai se foder, Nic. Isso não tem nada a ver com você. — Pego a mangueira de água e giro a válvula para a pressão máxima.

— Pelo contrário, isso tem tudo a ver comigo, considerando que foram os meus caras que encontraram esses dois para você.

— E você já foi devidamente compensado com dinheiro que suas empresas nem merecem. — Inclino a cabeça para o lado. — Não está me fazendo um favor. Isso é uma transação comercial.

— Não deveria ser um pouco mais grato? Não só estou deixando você usar meu porão para seu pequeno fetiche como também estou indo contra o Bruno ao capturar esses dois em… — Ele olha para o Rolex. — Vinte horas.

Logo depois de assistir àquela filmagem, no final da qual Aspen saiu com o rosto ensanguentado, enviei para Nicolo e o mandei encontrar os caras. Claro, ele é um gato que nunca caça sem um propósito, então sua condição foi mais dinheiro para a empresa.

Nem sequer tentei manipulá-lo a reduzir o valor. Qualquer negociação da minha parte o teria levado a fazer um trabalho desleixado. Um trabalho lento. Portanto, dei a ele o valor exato. Assim, o resultado foi rápido.

Passei o dia inteiro no tribunal, defendendo um homem mentalmente doente que assassinou os próprios pais a sangue frio vinte anos depois de eles terem abusado dele de maneira física e emocional. E aproveitei cada segundo ao conseguir para ele um veredito de "inocente" e esfregar isso na cara do promotor. Aquele idiota nunca teve chance, porque levo abuso parental a sério, para o lado pessoal, e lido com isso sem piedade. A mídia pode me chamar de Diabo

Selvagem o quanto quiser. No entanto, só porque essas pessoas deram a vida a alguém não as considero acima de críticas. Muitas delas são seres humanos imperfeitos que deveriam ter se tornado inférteis. E se precisarem morrer por seus pecados, que assim seja.

É por isso que quase não experimentei nenhum sentimento de perda quando Benjamin Shaw faleceu. Aquele velho enfim encontrou seu desfecho com um ataque cardíaco enquanto estava em sua extravagante *jacuzzi*. Ele se afogou, assim como minha mãe. A ironia é a vadia mais mesquinha que existe.

Mesmo com as endorfinas que recebi no tribunal, não consegui afastar a sensação de uma agulha me picando na nuca ou do aperto no peito ao lembrar quem eu deixara em casa. Liguei para Martha duas vezes durante os únicos intervalos que tive e, aparentemente, Aspen dormiu durante a maior parte do dia. Pensei em enviar o Dr. Werner para examiná-la de novo, mas a ideia de ele a tocar enquanto eu não estivesse lá apagou a ideia blasfema.

Ela devia estar se recuperando de todas as horas perdidas de privação de sono. Não é segredo que vira noites no escritório com frequência e tem a alma de uma viciada em trabalho incurável.

A única razão pela qual ainda não voltei para casa para ver como ela está é o telefonema que recebi de Nicolo anunciando que tinha encontrado os proprietários daquele carro não identificado. Ele poderia estar mentindo, é claro, e ter pegado dois homens aleatórios, mas a rápida pesquisa sobre os caras indicou que eram bandidos que passaram um tempo na mesma prisão de Bruno.

Ignorando a presença e as palavras de Nic, direciono a mangueira para um dos sujeitos, com uma barba loira e a constituição física de um lutador, e a abro totalmente. Ele acorda ofegante, com os olhos desfocados, e respirações guturais saem de sua boca entreaberta. Eu lhe dou uma pausa para acordar seu amigo mais magro, com nariz e lábios grandes demais para o rosto sem graça. O criminoso se levanta em um sobressalto, sacudindo-se em suas amarras como um animal levado para o abate.

— Mas o quê… que porra é essa? — diz o barbudo loiro, ainda atordoado.

— Você colocou as mãos imundas em alguém que não deveria tocar, é isso o que aconteceu, porra. — Levanto o punho e lhe dou um soco tão forte que o ranger dos ossos ecoa no ar enquanto o desgraçado se encolhe em suas amarras.

Faço isso de novo e de novo até o som de ossos se quebrando ser a única coisa que ouço, e o cheiro metálico de sangue impregnar o ar. O vermelho respinga em minha camisa, braços e rosto, mas não paro.

Não faço uma pausa.

E definitivamente não tenho piedade.

Sempre adorei a violência. Contudo, esta é a primeira vez que a reverencio.

Que se foda a lei. Às vezes, a justiça só pode ser alcançada com o velho olho por olho. Especificamente o olho dele, que soco várias vezes até seus capilares explodirem. Mas não importa o quanto eu bata, não há como apagar a imagem do olho inchado de Aspen ou o fato de ela mal conseguir abri-lo esta manhã.

O filho da puta desmaia em algum momento no meio da minha diversão induzida pela adrenalina. Então me viro para o amigo dele, que estava assistindo ao show enquanto tremia.

— Ei… ei… podemos chegar a um acordo. — O comparsa engole em seco, cheira a suor repugnante misturado à colônia barata e puro medo.

Dou um soco em seu rosto, faço-o engasgar com a própria saliva.

— Esse é o problema. Não tem acordo nenhum.

— Por favor. — Ele tosse. — Certamente nos trouxe aqui para obter informações, certo? Posso te contar tudo o que quiser se me poupar.

Minha respiração é áspera, porém controlada, como a de um predador no meio de uma caçada. Não preciso de informações deste canalha, pois sei que foi Bruno quem o enviou. Já pedi para Nicolo ir até seu subordinado enquanto ainda está na prisão. Entretanto, o desgraçado é mais intocável do que um deus dentro dos muros da Ática.

— Quanto Bruno te pagou para seguir e agredir a filha dele? — pergunto ao capanga.

Ele empalidece sob a luz fluorescente, os lábios finos tremendo.

— Eu não… Isso não é…

Dou um *uppercut* que faz o sangue explodir de seu nariz.

— Pensei que fosse me contar tudo. No entanto, se está pronto para morrer, então esquece.

— Não… espera… Bruno não paga. Ele… nos deu proteção quando estávamos cumprindo pena e exigiu compensação quando saímos. Só isso, juro. Nem sabíamos que era filha dele. Ele só nos deu uma foto e um nome e disse para darmos uma lição nela.

Uma lição.

Meu sangue ruge nos meus ouvidos.

A "lição" deles poderia ter sido um estupro e, mesmo assim, o velho nem se preocupou em prevenir isso. Dou um soco em seu maxilar, e o merdinha chora que nem um bebê.

— Disse que me pouparia — o cara soluça.

— Não, não disse. — Puxo-o pela camisa e respiro contra seu rosto manchado de sangue e suor. — Vou te dizer o que vai acontecer, filho da puta. Vou te socar até você perder a consciência, como seu amigo ali, depois vou te afogar até acordar e aí repetir tudo de novo. Vou te torturar por cada marca que deixou na pele dela. Quando eu terminar com essa sua existência miserável, vai implorar pela morte.

E então faço como prometi até meus dedos, mãos e braços ficarem ensanguentados e os canalhas se agarrarem à vida por um fio. O problema é que ainda não parece suficiente.

— Tenho ferramentas que podem ser usadas em vez dos punhos, sabia? O que você é, um homem das cavernas? — Nicolo, que estava observando do canto com um brilho sádico nos olhos, junta-se a mim. Sua colônia amadeirada cara se destaca em meio à urina, sangue e suor.

Até eu comecei a cheirar como essa escória. Se Aspen estivesse aqui, ela entoaria sua citação favorita.

Se você olhar muito tempo para o abismo, o abismo olha de volta para você.

Talvez meu *status* de garoto rico, como Nic gosta de apontar, seja uma mera camuflagem do monstro que sempre estive destinado a ser.

Pessoas normais experimentariam remorso ou uma pontada de culpa por não se sentirem culpadas. Eu, por outro lado? A única coisa que sinto enquanto olho para suas silhuetas inconscientes e quase sem respirar é a necessidade de mais.

Observo o sangue escorrendo de seus rostos e de meus punhos como um *serial killer* faria.

— Ferramentas não dão a mesma satisfação que minhas mãos nuas.

A risada de Nicolo ecoa no espaço com a maldade de um supervilão.

— Tem certeza de que ela ainda não é sua mulher? Porque, a essa altura, está fazendo mais por ela do que um homem faria por sua esposa, honra e poder.

Não gosto de ouvir isso.

Na verdade, não gosto nem um pouco, a ponto de decidir que já é o bastante.

Deixando o mafioso para trás, pego minha pasta e o terno em uma cadeira

próxima e não sinto nada ao manchar o tecido feito sob medida com sangue. Entretanto, lembro a mim mesmo de comprar uma muda de roupa no caminho para casa.

— O que quer que eu faça com esses dois?

Olho para ele por cima do ombro.

— Faça o que faz de melhor, Nicolo.

Ele não precisa que eu elabore. Seu sorriso sádico é a última coisa que vejo quando fecho a porta atrás de mim.

11



Aspen

Nós nos encontraremos de novo, minha dália vermelha.

Acordo arfando por um ar inexistente. A umidade se acumula em meus olhos, e o coração quase escorrega ao chão. Por um segundo, fico desorientada sobre onde estou. Mas as memórias logo voltam, constantes e horrendas em sua nitidez. Quase posso ouvir o baque e o som dos meus gritos reprimidos de dor.

A cabeça gira ao redor, e estremeço com o movimento repentino. Lentamente, deslizo para fora da cama. Espero que a sombra de Kingsley apareça do nada e me jogue de volta no colchão.

Solto um suspiro cortado quando isso não acontece.

Só aquele idiota cuidaria de uma pessoa machucada enquanto exibe seu diploma de babaca da "Escola de Bastardos".

E ainda assim… Olho para meu vestido sujo e os hematomas no meu braço e ombro, para o mapa de destruição por todo o corpo. E o sentimento mais proeminente que me domina é a gratidão. Se não fosse por ele, eu teria desmaiado em algum canto desconhecido e teria enfrentado um destino pior do que ser espancada até virar polpa.

Saio cuidadosamente do quarto, tento e falho em não me impressionar com a mansão. Este lugar tem uma alma que pode ser sentida a um quilômetro de distância, como uma antiga catedral gótica usada para esconder esqueletos.

É a primeira vez que percorro suas paredes. Durante o casamento de Gwen, o jardim foi tudo o que vi do imponente local. Anteriormente conhecido como Mansão do Vale Negro, esta residência tem uma presença tão sombria quanto seu atual dono, mas também tem seus encantos.

Os pilares antigos e ornamentados pertencem a algum museu de arquitetura, e o piso de mármore reflete um gosto sofisticado. Há tanto espaço, corredores e áreas de estar intrinsecamente decoradas que é fácil se perder entre eles. Existe um ar de intenção sinistra na alma da casa. Mais uma vez, uma réplica de seu

proprietário.

De acordo com os depoimentos públicos sobre a mansão, Kingsley tem um apego sentimental ao lugar. Por isso Kingsley ficou furioso quando seu pai morreu e sua madrasta, Susan, herdou-a. O fato de ter herdado quase todo o resto – bilhões em portfólios e uma faixa de impostos mais alta incluída – não significou nada para ele.

O cara é o tipo de louco capaz de provar que seu pai estava senil nos últimos anos de vida, tornando o testamento nulo e sem importância. Então ele reverteu a validade para o testamento mais recente antes disso, no qual ele tem a propriedade da mansão. Afinal, nasceu aqui e deveria herdá-la como a décima geração do clã Shaw.

A imprensa o pintou como um "Diabo Selvagem" e o marcou com traços misóginos e sexistas porque expulsou uma mulher da casa em que ela viveu a maior parte de sua vida.

E embora todos esses adjetivos se apliquem ao babaca por outros motivos, não é o caso quando se trata de Susan. Esbarrei com ela algumas vezes quando apareceu para exibir seus músculos inexistentes na empresa, e foram eventos infelizes que eu preferiria nunca mais ter de testemunhar.

Se Kingsley não tivesse se formado na escola de imbecis, teria sentido pena dele. De novo, porém, os iguais andam juntos. Então, talvez ele e sua madrasta compartilhem um destino adequado.

Nate nunca viu o charme desta casa, eu sim. Parte disso tem a ver com o fato de que minha filha mora aqui há tantos anos. Os pés param em frente a uma enorme pintura de demônios comendo anjos. Os detalhes são tão impressionantes que chegam a ser intimidadores. Todos os demônios têm rostos repulsivos, chifres e sangue nas mãos, e todos os anjos gritam em agonia enquanto são devorados vivos.

Tenho certeza de que há uma versão na qual os anjos matam os demônios, mas por que não me surpreende que Kingsley tenha preferido esta cena? Até mesmo o portão externo tem um demônio sentado em cima.

— Essa foi a última pintura que a Sra. Shaw comprou.

Eu me assusto, contudo escondo a reação quando uma mulher baixa, com curvas generosas, para ao meu lado. O cabelo castanho está preso em um coque conservador, e ela usa uma roupa clássica de empregada que a faz parecer refinada.

— Olá. Meu nome é Martha e sou a única governanta que o Sr. Shaw mantém por perto.

— Sou… Aspen. — Faço uma pausa quando a dor irrompe em meu ombro, lembrando-me da agressão.

— Eu sei — diz a governanta com um sorriso caloroso.

— Você disse Sra. Shaw. Qual delas? — Faço um sinal para o quadro, voltando a conversa a ele.

— Sra. Liliana Shaw. A única que pode ser chamada de Sra. Shaw neste lugar. A outra é apenas Susan. — É a vez de ela fazer uma pausa. — Ou qualquer outro nome expressivo que o Sr. Shaw a chame.

Rio. É claro que ele tem nomes expressivos para todo mundo. Martha, no entanto, parece alheia à minha reação, pois continua observando os demônios.

— Assim que se mudou para cá, Susan tentou vandalizar o quadro. Então, o Sr. Kingsley Shaw o escondeu na casa do Sr. Nathaniel Weaver e o levou com ele quando se mudou daqui, aos 18 anos. Ele o trouxe de volta quando retornou, há cinco anos.

— Deve ter muito valor para ele, esforçou-se tanto para preservá-lo. — Novamente, faz sentido para um demônio proteger sua própria espécie. Para o bem maior do inferno e tudo mais.

— Mesmo que isso possa ser verdade, é mais uma mensagem do que qualquer outra coisa. O quadro e a memória da Sra. Liliana vieram para ficar. Susan é apenas uma infeliz mancha na história da Mansão do Vale Negro. — Martha sorri. — Ou assim diz o Sr. Shaw.

Ela parece muito feliz com isso. Algo me diz que é o tipo de criada que tem uma lealdade feroz à Liliana e, portanto, a Kingsley também. Não me surpreenderia se tivesse espionado para ele quando Susan era a senhora da casa. O que faria sentido, já que o advogado a aprova quando não o faz com ninguém. Martha me encara:

— Gostaria de tomar um banho? Preparei uma muda de roupa no banheiro de hóspedes.

— Ah, não. É melhor eu ir para casa e começar a trabalhar.

Porque foda-se o Kingsley. Ele não quer que eu apareça na empresa? Tudo bem. Ao menos posso trabalhar de casa.

— Já é tarde, senhorita. — Martha gesticula para as portas de vidro e, com certeza, o sol está prestes a descer.

Puta merda.

Dormi uma noite e um dia inteiros? Isso não acontece há… uma eternidade. Sou o tipo de pessoa que dorme cinco horas. Mais do que isso deve ser denunciado à polícia das estranhezas.

— Seria melhor tomar aquele banho. — A mulher me empurra em direção ao banheiro com gentileza, sem levar em conta minha relutância. — Vou te ajudar.

— Não, posso fazer isso sozinha.

Ela balança a cabeça, os lábios se curvam em um sorriso.

— Ele mencionou que diria isso.

Estreito os olhos.

— Mencionou o quê?

— Que não aceita ajuda. Estarei lá fora se precisar de alguma coisa.

Com um aceno de cabeça, ela sai e fecha a porta atrás de si, deixando-me com pensamentos confusos aos quais me recuso a dar um nome.

Tipo, como diabos Kingsley me conhece tão bem quando se mantém distante de tudo e de todos?

Tomar banho é mais difícil do que ter dentes arrancados. Mas vou até o final, sibilando e choramingando toda vez que um corte queima. Não importa o quão difícil seja, não chamo Martha.

Recuso-me a ser mimada ou tratada tal qual uma flor delicada.

Como resultado, termino cerca de quarenta minutos depois, sentindo-me menos revigorada e mais como uma soldada fora da guerra. Estou feliz que as roupas que Martha me deu são um vestido e algumas calcinhas de algodão. Surpreendentemente, elas servem. O vestido é branco e solto, com um corte moderno na gola, e mal chega ao meio das minhas coxas. Definitivamente, curto demais para meu comprimento favorito. O cheiro de baunilha me envolve assim que o visto, e saio do banheiro sem me preocupar em secar o cabelo. A governanta fica ali, com as mãos entrelaçadas uma sobre a outra.

— São… da Gwen?

— Sim. Tenho certeza de que ela não se importaria.

Meu coração aperta e, embora eu tenha que puxar o vestido para ele cobrir mais do que minha bunda, não penso em tirá-lo. Pode ser assustador, mas quero sentir o cheiro dela de perto, mesmo que seja assim.

De repente, sinto muita saudade da minha filha.

Ou talvez não seja nada repentino. Até quando achei que ela tinha morrido, ainda sentia falta dela com cada fibra do meu ser.

No pesadelo que tive há um tempo, papai estava vindo me matar, e tudo o que eu conseguia pensar era em abandoná-la de novo. Quer dizer, sim, Gwen está mais velha agora, casada. Provavelmente não precisa de uma mãe, mas eu preciso dela.

Sempre precisei.

A lembrança da minha menina foi o que me manteve seguindo em frente por décadas. Desde quando fugi de casa e trilhei meu próprio caminho, sem amarras, sempre em movimento.

— Gostaria de ver o quarto dela? — Martha pergunta.

— Quer dizer o da Gwen?

— Sim. Ela levou quase tudo o que considera valioso, mas há alguns pertences dela por aí se quiser dar uma olhada.

— Eu adoraria.

Embora odeie que Kingsley demita a mulher por isso, não perderia a chance de fazer um *tour* no lugar que minha filha chamava de lar. A governanta faz um discurso digno de um magnata do setor imobiliário enquanto me mostra a casa primeiro. No entanto, passa rapidamente pelo quarto e pelo escritório do dono da mansão. Nem mesmo se dá ao trabalho de abrir suas portas.

Em seguida, indica o quarto de Gwen:

— Pode ficar aqui o tempo que quiser. Tenho de preparar o jantar.

Eu lhe agradeço, e ela acena com a cabeça antes de ir para suas tarefas.

Meus olhos gananciosos observam a decoração digna de princesa. O cortinado de renda sobre a cama, a cortina de musselina que a envolve, o papel de parede com orquídeas-baunilha – nenhuma surpresa aqui.

Na verdade, todo o quarto tem o tema baunilha, desde o carpete até as portas do *closet*, até mesmo a escrivaninha e as canetas multicoloridas. Ela é definitivamente mais feminina do que jamais fui – não tenho certeza de quem minha garotinha imita. Não a mim ou ao pai dela, isso está claro. Provavelmente a Caroline. Ela esfregou sua energia estúpida e fofa em mim antes mesmo de eu descobrir que estava grávida.

Sento-me na cama, passo a mão sobre o lençol e então vejo uma foto

emoldurada em sua mesa de cabeceira. Foi tirada no dia de sua formatura do ensino médio, a julgar pelas roupas e pelo chapéu.

Kingsley a segura pela cintura no ar, como se a menina estivesse voando, e Gwen ri descontroladamente. Os dois se olham com tanto amor que isso me quebra ao meio. Naquele momento, eu já a conhecia e a tinha categorizado como a filha do babaca.

Nunca me ocorreu que também era minha filha e que eu estava perdendo um momento da vida dela que jamais poderia recuperar.

Deslizo os dedos pelo rosto dela, sinto as emoções amargas se acumularem em meus olhos. Sem querer, toco o rosto do homem, e isso me assusta. Não pelo contato em si, nem pelo fato de ele ser ilegalmente atraente, mas porque não consigo odiá-lo neste instante.

Se não fosse por ele, Gwen não teria se tornado a jovem incrível que é. É preciso ser um homem de aço para criar um bebê sozinho desde os 17 anos.

"Você não deveria idolatrar alguém que odeia, piranha." A voz de Caroline ecoa na minha mente enquanto coloco o porta-retratos de volta onde o encontrei. Não consigo resistir e abro a gaveta. Dentro dela há comprimidos para dormir, uma coleção deles, mais coisas cor de baunilha e um álbum.

A empolgação percorre meu corpo quando o pego. Desde o momento em que o abro, sinto como se estivesse sendo transportada para o passado. Está cheio de fotos da Gwen pequena, de seus aniversários, de seu primeiro dente, de seus primeiros passos, do primeiro dia na escola. Todas estão documentadas com *post-its* na parte de cima, com a surpreendente caligrafia organizada de Kingsley.

Ele está em quase todas as fotos, seja carregando nossa filha no colo, torcendo por ela ou rindo com a menina para a câmera. Então percebo que só fica despreocupado quando está perto de Gwen. É como se ela fosse a única pessoa autorizada dentro de seus muros.

Na verdade, nem sabia que esse lado do advogado existia até que o vi rindo alto quando ela levou o almoço do pai até o escritório, alguns anos atrás. Lembro-me de ter ficado chocada com a cena, com sua risada, sua alegria. A raridade daquilo rivalizava com um eclipse.

No álbum, posso ver claramente: ele tem uma versão que mostra ao mundo e uma versão que é só da filha. E não sei por que as emoções amargas continuam crescendo dentro de mim. Deve ser porque perdi as etapas mais relevantes da vida de Gwen, enquanto o Kingsley esteve presente em todas elas.

Continuo folheando, passando pelas fases da vida dela como se fosse um filme.

Até Nate está presente em algumas fotos, em especial do aniversário da minha menina, tão solene como sempre. A inveja surge dentro de mim, e eu não conseguiria afastar a dor nem se quisesse.

Mas vejo o álbum inteiro. Duas vezes. Na terceira, pego-me demorando em certas fotos. Como o 15º aniversário de Gwen. Ela está sorrindo, no entanto parece mais forçado do que as guerras do governo. Seus olhos estão um pouco inchados, a expressão é mecânica. *Eu chorava nos meus aniversários porque eles me lembravam da minha mãe, que me abandonou naquele dia.*

As palavras dela quando descobriu que eu era sua mãe. Coincidentemente, isso aconteceu no mesmo dia em que eu descobri. As memórias voltam para mim com rapidez.

— Sinto muito, filha — sussurro para a foto dela.

— Não deveria parecer mais arrependida por violar a privacidade de alguém?

Levanto a cabeça e grunho quando a dor explode em meu ombro. Em seguida, enxugo a umidade acumulada em meus olhos, porque demonstrar até mesmo um indício de fraqueza na frente de um predador é uma maneira segura de convidá-lo a atacar. Implacavelmente.

E Kingsley é o pior predador que já conheci. Está no mesmo nível do meu pai.

O fato de ele ter cuidado de mim não me engana. Pode ser uma mera farsa para me prejudicar mais tarde.

Ele está na entrada, vestido com o terno preto habitual, que não deveria ficar tão bem no cara. Kingsley sempre foi a perfeição física, e isso não se deve somente ao seu rosto, aos olhos penetrantes ou ao corpo bem-definido.

É o carisma que vem com o sujeito. O silêncio que abriga tempestades tão profundas quanto a cor de seus olhos.

Alguns cortes decoram as costas de suas mãos, e minha curiosidade leva a melhor. Sei que ele luta com Nate como um *hobby*, mas nosso sócio não está por perto, então como conseguiu isso? Os caras não fazem curativos nas mãos antes de qualquer luta? Além disso, tenho certeza de que não é o mesmo terno que o advogado usava hoje de manhã. Ainda é preto, porém o corte é diferente. Não que eu esteja prestando atenção em suas roupas ou algo assim.

Não consigo evitar a sensação incômoda de estar imaginando onde ele

poderia ter estado para ser forçado a trocar de roupa. O demônio surge casualmente encostado na moldura da porta, com as pernas cruzadas na altura dos tornozelos, como se estivesse ali há algum tempo. Observando, esperando seu momento, como fazem todos os predadores.

Para azar dele, não sou uma presa.

— Não violei a privacidade de ninguém. — Estou surpresa com meu tom frio enquanto coloco o álbum de volta na gaveta com tranquilidade. — Você me trouxe de bom grado para dentro de sua casa e esqueceu de colocar as regras sobre liberdade de movimento onde eu possa vê-las.

— Deve estar melhor se sua língua voltou ao seu passatempo favorito de responder.

Na verdade, minha língua está dolorida e doendo pra cacete, mas isso não significa que eu vá cair sem lutar. Eu me levanto, mantenho a cabeça erguida com esforço.

— Desculpe por arruinar suas fantasias distorcidas de me ver de joelhos. Boa sorte na próxima vez.

O homem se desvencilha da moldura da porta e me alcança em alguns passos determinados. A força por trás deles tira o fôlego de meus pulmões, não mais do que quando seu peito quase roça o meu. A distância que nos separa é de um fio de cabelo, e até mesmo esse espaço é preenchido com o cheiro de madeira de cedro misturado ao potente aroma de sua masculinidade.

Todas as minhas tentativas de respirar adequadamente são lançadas ao chão e murcham até morrerem devagar quando Kingsley agarra meu queixo com o polegar e o indicador, inclinando-o com lentidão para cima até ter toda a minha atenção e mais um pouco. Sua outra mão pousa em minha cintura, controladora e tão possessiva que mal consigo sentir o tecido que nos separa.

— Como insinuei hoje de manhã e você se recusou a aceitar em sua linda cabeça, vê-la ser fisicamente espancada não me traz nenhuma sensação de vitória. A única posição em que ficaria bem de joelhos seria quando estivesse se engasgando com meu pau, docinho.

Meus lábios se separam, e isso não tem nada a ver com o fato de estarem inchados. Eu me esforço para dar uma resposta contundente e me deparo com um bloqueio constrangedor.

— Se sua língua estiver curada, podemos começar imediatamente.

— Só nos seus sonhos, idiota.

— Nos meus sonhos, você está aguentando meu pau na bunda como uma profissional.

— Ainda bem que é um sonho, porque isso não vai acontecer nesta vida. E só para constar, você é um maldito pervertido.

— O número de preocupações que tenho com sua opinião sobre mim é negativo.

— E mesmo assim, ainda quer um pedaço de mim.

— Não *um* pedaço. Vários pedaços. — A voz é baixa. E sua mão também desce da cintura para o quadril, depois para a bunda.

Solto um grito quando ele aperta a carne, conduzindo-me diretamente ao seu peito. A dor que explode em meu corpo não tem nada a ver com minha reação. Logicamente, eu deveria estar horrorizada até os ossos, porém essa sensação está vergonhosamente ausente. Em vez disso, o coração deflagra uma guerra, como se tivesse a intenção de pular entre nós.

Minhas coxas tremem contra as do sujeito, e tenho certeza de que ele sente o quanto tem efeito sobre mim.

Algo que não gosto.

A fraqueza. Estar à mercê de outra pessoa.

Só faço sexo quando estou cavalgando. Nunca quando estou dominada.

Não depois daquela primeira vez, pelo menos.

Isso me assustou pra caralho, o poder que ele tinha e continuou a ter sobre mim quando não era nada mais do que uma máscara do Anonymous. Agora que ganhou um rosto, um rosto ilegalmente lindo, isso é ainda mais perigoso.

Então, bato a palma da mão em seu ombro, tentando afastá-lo, em vão.

— Kingsley — aviso, mas a voz é muito suave até para meus próprios ouvidos.

— A maneira como diz meu nome é nada menos do que um convite do tipo "venha me foder".

— Vai se foder.

— Já vamos tratar disso daqui a pouco, mas primeiro… — Amassa a carne da minha bunda e esfrega audaciosamente a enorme ereção contra a parte inferior do meu estômago.

Quero não ser afetada, amaldiçoá-lo para um recanto especial no inferno, mas estou desmoronando. Meu interior se contrai, até a dor no meu rosto e no

ombro fica em segundo plano diante do desejo selvagem que se alastra por mim.

Mas por quê?

Por que estou inexplicavelmente excitada com o toque dele?

Por favor, que isso seja um caso distorcido de gratidão, e não algo diferente e desastroso.

Como se sentisse minha turbulência interior, Kingsley inclina minha cabeça para trás com o intuito de me encarar com os olhos selvagens.

— Se lembra daquele desafio?

— Que desafio? — Fico grata por ter recuperado parte de minha compostura, considerando as circunstâncias.

— Aquele em que me evitou por uma semana porque estava com medo de ceder ao que nós dois queremos.

— Não quero você.

— Está me dizendo que, se eu enfiar a mão por baixo desse vestido, não encontrarei sua boceta inchada, molhada e pronta para ser penetrada?

— Não. — A palavra é tão baixa que fico surpresa por ele tê-la ouvido.

Um sorriso diabólico estampa seu rosto.

— Vamos testar isso então.

Antes de eu me opor, o mundo é tirado de baixo dos meus pés.

12



Aspen

Essa é a segunda vez na minha vida em que sou carregada. Ou, mais precisamente, a terceira, pois é bem provável que ele tenha me carregado para dentro de casa ontem à noite.

Por ironia, a primeira vez também foi por este homem. Kingsley.

Também conhecido como o ser mais irritante que já andou na Terra.

O mais atraente também.

Só que não estou sobre o ombro dele, igual a anos atrás. Agora ele está me carregando no estilo noiva, como em algum filme cafona. Por um segundo, estou desorientada demais para decifrar a mudança de planos. Só quando saímos do quarto de Gwen e descemos o corredor é que me toco.

Bato o punho contra seu peito e juro que a coisa dura faz um som sob minha mão. Talvez o cara não seja humano, afinal, e eu esteja presa a uma máquina sem alma. Mas será que estaria tão fora de mim se ele não fosse de carne e osso?

— O que está fazendo, Kingsley?

— Te levando para um ambiente mais adequado. Não sei quanto a você, mas sexo no quarto da minha filha é algo que me brocha.

— Me coloca no chão — grito, chutando as pernas no ar para ele me soltar.

O babaca crava os dedos em minha cintura, faz-me estremecer.

— A menos que queira piorar seus ferimentos, fica quieta, porra.

Estou prestes a morder sua orelha quando ele abre uma porta para… seu quarto.

Mal cruzei por aqui antes, em meio às óbvias tentações de Martha de me manter o mais longe possível. A luz branca toma o espaço, destacando a aparência limpa, minimalista e quase clínica do cômodo. As cores são igualmente básicas: cinza, preto e branco. O coração dispara quando noto que aquelas são as mesmas cores do meu próprio quarto. Caramba. Falando em coincidências

esquisitas…

Kingsley me joga na cama de modo gentil, mas também com o tipo de firmeza que demonstra sua necessidade de dominar. Levanto-me apoiada nos cotovelos, a tempo de vê-lo tirar o paletó. Seus movimentos transbordam controle, facilidade e confiança de um homem que sabe o que está fazendo e para onde está indo.

A camisa branca estica sobre seu peito musculoso enquanto ele joga o paletó em algum lugar que não consigo ver. Então, sem quebrar o contato visual comigo, o advogado retira as abotoaduras e enrola as mangas da camisa nos poderosos antebraços.

Eu não conseguiria desviar o olhar, mesmo se tentasse. Porque o fato é que Kingsley tem veias salientes. Também tem mãos grandes, com dedos longos e veias visíveis que se estendem das costas das mãos até os braços.

E embora eu tenha, de algum modo, esquecido os detalhes de antes, a memória do que aquelas mãos fizeram comigo me atinge. Bem entre as pernas. Sem falar nos cortes nas costas das mãos e nos nós dos dedos, que dão um toque bárbaro à sua aparência já insensível. Naquele momento, o sujeito poderia ser classificado como um monarca implacável com uma propensão à conquista.

— É o seguinte, docinho — fala com uma voz cheia de luxúria que arrasta a minha —: seus lábios estão feridos, e sua língua está mastigada, provavelmente porque se recusou a dar aos filhos da puta a satisfação de vê-la fraca. Como resultado, você a mordeu constantemente até quase arrancá-la.

Minha boca se abre.

— Como…

— Disse isso naquela época, certo? Prefere engolir veneno. Sei que Nietzsche é seu ídolo e o santo messias do seu cérebro, mas ele também é um idiota que não consegue se decidir. Então, da próxima vez que estiver em uma situação de risco de vida… — Seu joelho cai entre minhas pernas, abrindo-as sem esforço enquanto ele golpeia a mão no colchão perto da minha cabeça. A outra segura meu queixo de novo. O polegar desliza em meus lábios, e eles formigam de prazer e dor. — Você vai abrir esses malditos lábios e gritar por socorro. Fui claro?

— Já te disse que não acredito nisso. — Tento afastar a mão, mas Kingsley não me dá espaço para lutar. Ele tem o tipo de autoridade enfurecida que é impossível de ser removida. E apesar de eu ter me rebelado contra isso antes,

posso sentir que estou perdendo o espírito guerreiro agora.

— Você vai começar… eventualmente. Agora… — Desliza o polegar para frente e para trás sobre meus lábios outra vez, sem poupar as partes inchadas, cortadas ou machucadas. — Visto que está com dor, estou atualizando o desafio anterior de um beijo para outra coisa.

— Outra coisa?

A pergunta em voz baixa fica no ar enquanto o homem, com muito tato, coloca a mão entre meus seios e escorrega os dedos pela região até os dois mamilos se projetarem. A fricção contra o vestido é tão dolorosa que ofego.

— Você é tão sensível aqui, não é? — diz com um sadismo sombrio, então fecha os lábios ao redor do mamilo, por cima do tecido, e os chupa. O fato de nem ter se dado ao trabalho de tirar o vestido e estar fazendo isso mesmo com a roupa ainda em meu corpo é mais obsceno do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado.

Kingsley lambe, sonda e morde o mamilo com tanta força que acho que vou gozar só com a fricção. As explosões de dor do ombro e da parte superior do peito se misturam ao êxtase e se alastram para meu íntimo dolorido.

É demais.

Ele.

Isso.

Tudo sobre este momento é tão surreal em si que não consigo entender. Só posso fazer é cair na armadilha com a impotência de uma presa.

O cabelo forma uma auréola sobre minha cabeça de tanto que estou me contorcendo. O desconforto dos hematomas e sua reivindicação sem remorso torna a atmosfera animalesca por natureza. E quando penso que terei um orgasmo só com a sensação, Kingsley solta o mamilo torturado, deixando uma mancha molhada e transparente no vestido branco. Então, lambe os lábios como se estivesse orgulhoso de sua obra.

Estou pronta para chamá-lo de cem nomes expressivos, mas o pensamento some, porque sua cabeça abaixa até o outro mamilo, agraciando-o com a mesma atenção dada ao anterior. Minhas mãos se fecham em punhos doloridos, estrangulam o lençol, e queria que fosse de desgosto. De negação. Qualquer coisa, menos o que estou sentindo agora.

Tesão e uma sensação assustadora de esquecer tudo.

Os mamilos latejam, enviam um choque direto entre minhas pernas com

cada uma de suas mordidas brutais.

— Ah, Deus…

— É um pouco injusto que ele receba elogios por algo que estou fazendo — o homem diz ao deslizar a língua no mamilo, então o morde até eu suspirar. — Agora, diga meu nome.

— Vai se foder, Kingsley.

Ele ri, o som sombrio e lunático enquanto morde o mamilo uma última vez e escorrega entre minhas pernas.

— Vou te foder até consertar essa atitude em você, docinho.

Estou desorientada quando ele se abaixa até o pé da cama. Não entendo o que está acontecendo, só compreendo quando o advogado se ajoelha ali e joga minhas pernas sobre os ombros firmes, mergulhando entre as coxas.

A deliciosa sensação de ser esticada até o limite mal é notada, porque ele está puxando o vestido até a cintura. Seus lábios encontram a parte interna da coxa, e eu estremeço quando o sujeito me inspira lentamente, como se saboreasse o prato principal de um chefe. Então morde a carne. Com força.

— *Urgh*. Isso dói, idiota. — Agarro seus ombros na tentativa de afastá-lo, mas o babaca morde de novo. Desta vez, arranca um gemido de mim.

— Fique parada, ou vai doer mais — fala contra minha pele, depois a chupa, passando a língua para frente e para trás até eu estar uma bagunça.

Caio de volta no colchão. Minhas mãos, assim como minha determinação, mal se seguram. A pele está pegando fogo com seus beijos, mordiscadas e eventuais chupadas suaves. É como se o homem tivesse prazer em me ver pular, então falho em suprimir os gemidos. Quando ele alcança minha calcinha, estou ofegante, lutando para respirar.

— Você é a única mulher que fica muito *sexy* com calcinha de algodão, bruxa. — O sujeito comprova suas palavras ao morder minha pele através do material.

Uma faísca de fogo se espalha pelo meu âmago e quase me obriga a ficar de pé. Kingsley rasga a calcinha com os próprios dentes, criando uma fricção insuportável contra minha parte mais íntima.

— Você está bem molhada para alguém que dizia não me querer.

— C-cala a boca, idiota…

— Será que é realmente uma boa ideia me xingar quando sua boceta está

encharcando minha boca como uma puta?

As coxas tremem fisicamente, e odeio a reação ilógica.

— Não… me chame disso.

— Chamar de quê? — O advogado dá uma lambida demorada de baixo para cima em minha abertura, roubando o fôlego no processo.

— P-puta. Não sou a puta de ninguém.

— De ninguém a não ser eu, porque vou comer sua boceta como se fosse uma. — Encosta a língua no clitóris com uma força que me leva ao limite.

O clímax é tão forte que a boca se abre em um grito sem palavras. De repente, vejo-me berrando tão alto que fico surpresa por não derrubar o lugar inteiro. Kingsley, no entanto, não parece ter concluído. Enfia a língua dentro da minha abertura, transformando a onda anterior em algo mais poderoso. Ele me fode com a língua com tanta força, rapidez e controle que me deixa ofegante.

Meus dedos afundam sem pensar em seu cabelo, e puxo os fios sedosos, praticamente me esfregando contra sua boca.

Estou desesperada por uma coisa que não consigo identificar.

Algo que está crescendo dentro de mim com o poder da tempestade que brilha em seus olhos quando me encara.

Ou observa.

Nem sei mais.

Às vezes, o homem olha para mim como se eu fosse a conquista que pretende destruir em pedaços irreparáveis.

E talvez eu olhe para ele como o desafio que nunca vencerá.

O cavalo preto que nunca será domado.

É um morde e assopra. Dar e receber. Mesmo agora, quando Kingsley pensa que estou à sua mercê, embora eu não esteja rendida de forma alguma.

O demônio aperta mais forte as coxas, interrompe meus movimentos frenéticos. Ao mesmo tempo, continua a chupar, mordiscar e foder a boceta até me fazer delirar.

Jesus. Ele está me deixando louca.

Quando penso que vou me tornar uma só com a cama, o som de algo vibrando ecoa como uma desgraça no ar. Kingsley sai do meio das minhas pernas e lambe os lábios.

— Seu gosto é tão selvagem quanto sua aparência.

Espero que ele volte para comprovar, mas o desgraçado tira o celular do bolso, olha para a tela e me diz:

— Tenho que atender. Fique quietinha para mim, docinho.

Começo a recuar, mas o sujeito liberta minha coxa e enfia dois dedos dentro de mim ao mesmo tempo em que responde:

— Shaw falando… Sim, estou disponível.

Caralho. O maluco está falando sério? Aparentemente sim, porque ele enrola os dedos dentro de mim, e tenho de colocar a mão na boca para silenciar qualquer som embaraçoso.

— Sim, eu entendo — diz, com a calma de um padre pecador.

Como diabos consegue manter a calma enquanto reorganiza meu interior?

Não obtenho resposta para isso, mas recebo outro dedo. Agora os três estão tão fundo dentro de mim que atingem meu ponto G. Uma, duas vezes…

A cabeça cai para trás, e um ruído de luxúria escapa de mim. Kingsley sorri com a astúcia e o charme de Lúcifer em pessoa enquanto balança a cabeça e começa a me foder com os dedos. Ele entra e sai com um ritmo frenético que rouba minha sanidade.

Que droga.

Deus. Caralho. Que. Merda.

O fato de outra pessoa ser capaz de ouvir meus gritos de prazer não parece me impedir de soltá-los. Na verdade, tudo o que ouço é o som de seus dedos afundando dentro e fora da minha excitação, e a pura obscenidade disso me puxa ao limite. Um limite tão íngreme que estou exultante e apavorada de pular do abismo ao mesmo tempo.

— Elaborarei uma oferta final depois de revisar as estatísticas do ano passado. Se estiverem abaixo dos meus padrões, vou largá-los antes que tomem a próxima dose de oxigênio. — Afasta o celular e murmura: — Pronto. Boa garota.

Gozo em seguida. Pela combinação da situação, de suas palavras e da maneira como seus dedos socam em mim rápido e forte. Meus ruídos são incontroláveis, viro a cabeça para o lado e enfio o rosto no colchão para abafá-los.

Kingsley continua preguiçosamente enfiando os dedos dentro de mim até terminar a ligação. Fico escondida no colchão, com vergonha e emoção percorrendo o corpo com igual intensidade. O que aconteceu comigo agora,

cacete? Preciso começar a ver um terapeuta para me entender melhor? Porque meu corpo, minha alma e meu coração parecem ter dado férias ao cérebro.

Duas mãos poderosas seguram minhas bochechas e me forçam a encará-lo, e é quando o encontro de pé acima de mim, olhando em minha direção com uma expressão com a qual não tinha direito de me encarar. Do mesmo jeito que me fitou todos aqueles anos atrás. Quando disse que decidiu ficar comigo, no final das contas.

Seus dedos deslizam por todo o meu rosto e pelo cabelo em um toque gentil e possessivo na mesma medida.

— Tão lindamente quebrada, minha putinha.

Volto à realidade e o empurro para longe, deslizando para trás no colchão.

— Não sou sua puta.

A luz brilha em seus olhos, geralmente turvos.

— Prefere ser chamada de boa garota então?

— N-não.

— Acabou de gozar quando ouviu. Porém, ficou mais molhada quando te chamei de puta, então isso significa que tem uma tendência por menosprezo e elogios. Interessante.

— Sua morte também será interessante se não parar com isso. E pode me dizer que porra foi isso agora?

— Terá de ser mais específica do que isso. Agora mesmo, muitas coisas aconteceram, e todas elas terminaram com orgasmos imundos e sua boceta se apaixonando pelos meus dedos e pela minha língua. A próxima será a vez do meu pau.

Não consigo evitar o calor que cobre meu pescoço com as palavras grosseiras e sujas. Por que ele as verbaliza com tanta facilidade? Ainda assim, forço-me a responder:

— A parte de falar ao telefone enquanto me toca. O que diabos há de errado com você?

— A mesma variação do que há de errado com você, porque gozou como uma garota *muito* boa.

Sobressalto-me com essa palavra mais uma vez, e o maldito não deixa passar, porque sorri.

— Nem preciso dizer que ganhei. É bom colocar sua melhor armadura,

docinho, porque a coisa vai ficar séria quando eu te perseguir de verdade.

* * *

Depois de me refrescar, coloco o suéter mais próximo em cima do vestido a fim de esconder as manchas molhadas vergonhosas. Então, estou pronta para sair correndo da casa de Kingsley e levar o cérebro até um consultório médico.

Talvez os bandidos tenham batido em minha cabeça com força suficiente para soltar alguns parafusos. Essa é a única maneira de entender o fiasco que acabou de acontecer. A situação toda não faz sentido e está me deixando desconfiada. Por que ele iria me querer? Nunca me quis antes. Ao menos não como Kingsley Shaw.

Será que é só porque o homem se lembrou daquela noite de vinte e um anos atrás? Contudo, isso ainda é ambíguo. O sujeito tem algum tipo de tendência antissocial e narcisista, e o número de pessoas com as quais ele realmente se importa se resume a Gwen e Nate. Portanto, não poderia estar me desejando todo esse tempo.

Na verdade, deixou claro que se livraria de mim. É disso que se trata? Ele não conseguiu encontrar um método para me levar ao conselho, então decidiu partir para um jogo de sedução? Mas Kingsley não é do tipo que se rebaixa a esse nível, sem falar que é direto até demais.

Que droga.

Toda essa reflexão sobre os motivos do sujeito está me deixando louca, e a proximidade dele piora as coisas. Preciso sair daqui para espairecer.

Mas o advogado tem outros planos. É claro que sim.

Ele basicamente me arrasta para a sala de jantar, que é grande, fria e desapaixonada, igual ao dono. A mesa está posta para dois, e o anfitrião se senta à frente dela como um lorde das trevas no inferno. É estupidamente injusto que o homem ainda esteja elegante como sempre, com sua camisa branca, calça preta e cabelo penteado à perfeição, enquanto eu luto para ficar de pé.

Pegando um guardanapo, indica a cadeira à sua direita.

— Sente-se e coma.

— Pode parar de agir como se fosse meu chefe fora da empresa?

— Não mesmo. E não é como se você me deixasse agir como seu chefe na empresa.

Ajeito o cabelo.

— Isso é porque sou tão boa quanto você no que faço.

— Tão arrogante?

— Você também é arrogante, mas como tem um pau entre as pernas, isso se chama carisma. Todavia, quando uma mulher tem confiança em si mesma e em seu trabalho, ela é rotulada como uma vadia egoísta. Se quisermos ser justos, você deveria ser chamado de pau no cu egoísta.

— Então acho que estamos quites, porque me chama assim o tempo todo. Mas talvez queira parar de dar atenção ao meu pau, ou ele vai entender isso como um convite.

— Em outro planeta, babaca.

— Fala como se eu não conseguisse fazer isso acontecer. Além disso, não finja que não me quer. Isso não é só uma mentira descarada, mas também tenho as evidências que provam o contrário.

— Que evidências?

— Seu corpo se desmembrou por minha causa, mesmo quando estava com dor.

— Isso se chama reação física.

— Reação física. Desejo sexual. Luxúria. O rótulo não tem significado, docinho. O efeito real tem. Portanto, negue o quanto quiser, mas o fato é que me deseja.

— Você também me quer.

— Disse o contrário?

— Por que me quer?

— Por impulso do momento.

— Além de não agir por impulso, também está dedicando muito tempo e esforço a algo que é feito no calor do momento, supostamente. Portanto, me permita dizer que isso é mentira.

Os lábios do demônio se contraem em um sorriso malicioso.

— Sua atenção aos detalhes sobre mim é comovente.

— Presto atenção aos detalhes de tudo. Isso não é exclusividade sua.

— Ah, é?

— *Ah, é?* — imito o tom provocativo. — Agora fala por que me quer.

— É apenas uma reação física, como mencionou. Um desejo por foder com ódio.

— É isso?

— É isso.

O peito se aperta, e não faço ideia de por que a vontade de sair correndo daqui é mais forte do que a necessidade de respirar. Ainda assim, obrigo-me a não parecer afetada e continuo no lugar. Obrigo-me a não pensar na porta que ele acabou de bater na minha cara.

Kingsley arrasta o olhar preguiçosamente sobre mim, e eu me remexo. Cacete. Depois de o sujeito rasgar minha calcinha de forma tão brutal, não estou usando mais nenhuma. Logo, acidentes não devem ser permitidos. Enrolo o suéter com mais firmeza em volta de mim, e Kingsley sorri.

— Leve as roupas com você.

— Claro que sim, gênio. Espera que eu saia pelada?

— Não, ou terei de lidar com todos os filhos da puta que testemunharem o show de *striptease* de uma forma não tão agradável — diz casualmente, como se não estivesse fazendo uma ameaça.

— Elas são da Gwen.

— Agora são suas. Minha filha não vai mais usar isso depois de você.

Não consigo ver, mas sinto meu pescoço ficar vermelho. Desgraçado. Definitivamente, totalmente e sem dúvida alguma eu o odeio pra caralho.

Se pudesse não o desejar, seria ótimo.

— Agora, sente-se e coma. Não vou dizer isso uma terceira vez.

— Não estou com fome.

— Não comeu nada desde de manhã.

— Ainda não estou com fome. Tenha uma boa noite. — Dou um passo em direção à saída, mas quando passo pelo homem, ele me agarra pela cintura.

Solto um grito enquanto o advogado me puxa para trás e me empurra para baixo em seu colo. Mais precisamente, estou sentada em uma coxa dura, as pernas abertas e a boceta nua roçando em suas calças.

A temperatura sobe de dois dígitos para três super-rápido. Tento dar uma cotovelada no sujeito, mas as respirações quentes em meu ouvido me congelam no lugar.

— Se ainda está com tesão e gostaria de montar na minha perna, vá em frente, mas não posso prometer que não vou te foder logo depois. Machucada ou não.

Eu me contorço, os punhos cerrados em ambos os lados do corpo.

— Me solta, Kingsley.

— Não até você comer. — Aponta o queixo para a tigela de sopa e o prato de camarão na minha frente. — Tudo isso.

— E se eu recusar?

— Então sua teimosia e eu podemos ficar aqui a noite toda. Você vai comer em algum momento, montar na minha perna, ou ambos.

— Seu…

— Desgraçado, idiota, babaca, pau no cu. Conheço a peça, e ela não serve para nada além de me irritar. Portanto, a menos que queira testemunhar uma manifestação hedionda dessas emoções, me poupe.

Cruzo os braços sobre o peito, olho para ele atrás de mim.

— Vamos ficar assim, então, e ver como vai se sair amanhã no trabalho, quando estiver virado.

— Essa sua boca está implorando para ser fodida, docinho.

Aperto os lábios para não falar. Qualquer coisa que eu disser nessas circunstâncias só vai sair pela culatra. Embora eu nunca recue diante de ninguém, o campo sexual com Kingsley não é meu forte. Este é o único homem de quem eu nem sequer consigo pensar em tomar o poder e, apesar de ser irritante, também é estranhamente excitante.

E odeio isso. Odeio ele.

Ele me prende entre seus braços, pega a sopa e começa a comer sem nenhum problema. Fico olhando para os lustres e para a parede, a porta, as janelas. Qualquer lugar, menos o advogado, porém isso ainda não dissipa a tensão. Na verdade, ela aumenta a cada segundo, até que consigo ouvir minha pulsação batendo nos ouvidos. O calor do sujeito embaixo e atrás de mim torna difícil pensar, respirar ou me concentrar.

Algo quente é colocado em meus lábios. Uma colher cheia de camarão e

arroz.

— Para de ser teimosa e abra a boca.

Bufo, mas não sigo sua ordem.

— Você é uma mulher irritante. Sabia disso?

— Engraçado vindo de um homem irritante… — Enfia a colher em minha boca, e não tenho escolha a não ser engolir ou engasgar.

— Isso não é justo! — falo, cobrindo a boca com as costas da mão para ele não me fazer comer outra colherada.

— Azar o seu, docinho. "Justo" e eu não temos nada em comum. Agora, abra essa boca e coma.

Nego com a cabeça.

Kingsley estreita os olhos.

— Tem algum tipo de transtorno alimentar? Agora que parei para pensar, só vejo você bebendo coisas como café, álcool. *Muito* álcool. Porra, espera aí, você é alcoólatra?

— Cala a boca. E falando sério, por que caralhos está tão focado em mim ultimamente? Gostava mais quando não dava a mínima para mim.

Ele continua em silêncio, e eu me amaldiçoo. Não queria fazer a pergunta, mas agora que está em aberto, exijo uma resposta. Contudo, ao mesmo tempo, uma parte de mim está aterrorizada com o que o sujeito pode dizer.

— Ainda não dou a mínima para você, exceto pelo fato de que te quero na minha cama e, por isso, precisa estar saudável o suficiente para me aguentar.

Meus ouvidos pegam fogo, não sei se é raiva ou algo totalmente diferente.

— Não sou uma das suas prostitutas, Kingsley. Não pode me dizer o que fazer com meu corpo. Se quer isso, vá atrás delas.

— Elas são acompanhantes, não prostitutas. E eu voltarei para elas quando terminar com você.

Posso sentir o vulcão subindo na garganta. Eu seriamente imagino mastigar a cabeça dele no estilo de um filme de terror.

Mas então o homem diz:

— Que tal uma troca?

— Se não é sua vida pela paz da humanidade, não estou interessada.

Ele ri, e eu odeio como o som vibra contra meu pescoço e atravessa a pele.

— Sou precioso demais para me sacrificar por algo tão chato quanto a humanidade. Então, que tal eu responder a qualquer pergunta que tenha sobre Gwen e, em troca, você termina este prato?

Estava pronta para dizer ao demônio para ir foder um poste. Contudo, o maldito foi direto na minha jugular. Sabe o quão desesperada estou por alguma migalha de relacionamento com Gwen, mesmo se eu tiver de vender minha alma ao Diabo – ele – por isso.

— Não uma pergunta. Quero um número infinito.

— Não é assim que funciona. Uma pergunta para uma refeição.

— Três.

— Uma.

— Duas.

— *Uma*. Se quiser mais, então precisa jantar comigo em outro momento.

— Você é um babaca astuto. — Suspiro.

— Obrigado pelo elogio, bruxa. Agora, abra a boca.

Tento pegar a colher.

— Posso comer sozinha.

Kingsley a mantém fora do alcance e faz um som de desaprovação.

— Minha mesa. Minhas regras.

Solto outro suspiro e abro a boca, sentindo-me estranha, como uma criança, mas também tão excitada… Isso deveria ser ilegal. Parte do desejo tem a ver com o fato de alguém estar cuidando de mim, envolvendo-me e me fornecendo uma proteção que nunca sonhei. De alguma forma, a atitude estimula um tipo esquisito de luxúria que nunca experimentei antes.

Fecho os olhos por um instante, penso em Gwen, e isso faz a sensação se esvair devagar.

— Ela pergunta sobre mim? — A voz é baixa no silêncio da sala de jantar.

Kingsley continua me alimentando constantemente, com uma expressão vazia, mas não é a raiva vazia que usa para camuflar seus demônios. Essa é mais neutra, como quando o advogado se encontra em um estado estático – o que é raro pra caramba.

— Ela fez isso alguns dias atrás. Disse oi de novo e me perguntou se eu estava te dando trabalho.

— Você… nunca me disse isso.

— Você estava na "Operação Evitar Kingsley", então não achei que se importasse o suficiente com o que Gwen tinha a me dizer sobre você.

Abaixo a cabeça.

— Ainda poderia ter me contado.

— A palavra-chave é *poderia*. Além disso, o que mudaria? A menos que vá na ofensiva com ela, Gwen nunca vai te considerar uma mãe.

— *Ofensiva*?

— Significa atacar. Seja proativa. Não espere que ela venha até você em algum momento. Isso poderia ter sido possível há alguns anos… Inferno, até mesmo alguns meses atrás, mas ela está mais estável emocionalmente agora graças a um certo filho da puta que não deve ser nomeado. Portanto, provavelmente não sente a necessidade de uma mãe como sentia antes.

Meus lábios se separam.

— Acabou de me dar um conselho sobre Gwen? Pensei que me queria fora da vida dela.

— Ainda te expulsaria se isso fosse uma opção. Porém, de novo, eu me importo com ela mais do que qualquer outra coisa no mundo. Então, se minha filha te quer, não posso só apagar você ou Nate. Embora meus planos assassinos para o maldito ainda estejam vivos e funcionais.

Rio.

Ele estreita os olhos.

— Do que está rindo?

— Nada. Você só parece um pai muito rigoroso.

— Sou um pai muito rigoroso, é por isso que não acredito que a deixei se casar com Nate. Acha que uma anulação seria possível agora?

— Temo que não, a menos que queira ser o assunto de Nate sobre como escapar de um assassinato. Sério, não entendo por que o provoca tanto sobre isso. Os dois são adultos apaixonados.

— Ele é o mais velho e não deveria ter olhado na direção da minha filha. Você não estava lá, então não sabe o que é descobrir que seu "irmão", que deveria te apoiar, estava transando com sua filha debaixo da porra do seu teto.

— *Touché*, idiota. — Empurro-o para longe e me levanto, surpresa ao ver que comi quase tudo na tigela. — Pela milésima vez, no entanto, eu não sabia que ela

existia. Pare de me culpar pelos vinte anos perdidos.

Já me culpo o suficiente.

— Eu teria que me importar para culpar você e, como mencionei, estou pouco me fodendo.

— Vai se foder, Kingsley.

— Muito em breve. E vou começar com essa boca.

— É melhor revisar seu testamento, porque vou arrancar seu pau com uma mordida. — Mostro o dedo do meio para ele e saio, resistindo à vontade de correr como se minha bunda estivesse pegando fogo.

Sua risada maligna cola na minha mente muito tempo depois de eu sair da sua casa. Só quando o ar frio lambe minha pele é que noto: deixei minha carteira e meu telefone lá dentro – ou espero ter deixado, porque não os vi a noite toda. Tenho certeza de que os peguei no beco e paguei o taxista, entretanto.

— Quer uma carona?

Solto um suspiro conformado enquanto me viro e encontro Kingsley brincando com as chaves do carro e segurando meu telefone e minha carteira.

— Posso pegar um táxi.

— Nenhum vem até aqui, vai ter que andar muito.

— Vou chamar um.

— Ou pode desistir da batalha pelo bem da guerra e me deixar te dar a porra de uma carona.

O homem não me deixa protestar enquanto agarra meu braço e me arrasta para seu carro. Tento não me sentir grata, realmente tento. Mas falho miseravelmente de qualquer maneira.

13



Kingsley

— Senti tanto sua falta, pai!

Gwen me aperta em um abraço que poderia ser confundido com uma tentativa de assassinato. Mesmo assim, sorrio e a envolvo com meus braços. Essa garotinha – não tão pequena mais – é a razão pela qual fui salvo de minha própria mente há muito tempo.

Se não fosse por sua existência, eu estaria fodido até os ossos, sem nenhuma luz no fim do túnel. Bem, não sou o próximo na fila para ser o substituto da Madre Teresa, mesmo assim… Pequenas mudanças.

Este anjo trouxe algo importante à minha vida. Algo que, devido à sua ausência, levou-me a um caminho violento e sangrento.

Propósito.

Portanto, o fato de ela não estar mais sob minha proteção – não totalmente ao menos – tem, lenta e seguramente, destruído esse propósito.

— Você claramente sentiu minha falta, a julgar pelo fato de ter acrescentado três dias inteiros à viagem. — Olho fixamente para Nate, que está sentado na minha sala de estar, com as pernas bem abertas, em posição relaxada e se sentindo bem à vontade.

O filho da puta parece muito satisfeito consigo mesmo. Está até usando uma calça de couro, uma camisa de botão e um sorriso sinistro. Um visual que não existia em seu guarda-roupa antes.

— Só queríamos ficar um pouco mais. — Gwen se afasta, parece tão radiante quanto o sol de verão. Aparentemente, o fato de ter se casado não mudou seu estilo se eu considerar os *shorts* jeans, a camiseta regata folgada e os tênis casuais que usa como uma segunda pele.

Ela tenta – e falha – controlar seu cabelo ruivo indomável.

— Além disso, sabe que Nate voltaria direto para o trabalho assim que

retornássemos.

— O que deveria ter feito há três dias, em vez de me deixar carregando todo o peso. E pare de sorrir, filho da puta. É nojento.

— Pai! — Gwen arfa, então se joga ao lado do marido. — Não dê ouvidos a ele, Nate. Gosto quando você sorri.

Sento-me no meu próprio lugar, estreitando os olhos.

— Já está tomando partido, Gwen?

— Você é irracional, pai.

— Sem mencionar idiota — Nate diz, com a expressão vazia de sempre. Pelo menos a esquisitice se foi.

— Nate — minha filha sussurra-grita. — Não chame o papai de idiota.

Ao menos a pestinha ainda tem alguma lealdade comigo.

— Infelizmente, sua negação não vai anular o fato de que ele é um. — O sujeito levanta as sobrancelhas para mim em puro desafio. — Do pior tipo. Se soubesse que tipo de coisas ele faz pelas suas costas…

— Eu vou te matar — falo sem emitir som, para Gwen não ouvir, e o homem apenas sorri outra vez e invoca a versão do inferno assustador.

Minha menina franze a testa para ele.

— O que quer dizer?

— Nada com que deva se preocupar… ainda. — Beija o topo da cabeça da esposa, e ela simplesmente deixa pra lá.

Gwen fala sobre toda a diversão que tiveram e me conta dos presentes que trouxe para mim. Todos os sete, porque ela pensa em mim onde quer que vá e quer me dar alguma coisa. Em seguida, diz que está com saudades de Martha e vai até lá para conversar com a governanta.

Assim que Nate e eu ficamos sozinhos, pondero se ele vai ou não morrer com um único tiro da espingarda do meu avô, exposta bem atrás da cabeça do babaca. Ele joga a mão no encosto do sofá.

— Sabe que é totalmente transparente quando essa sua cabeça está fervilhando em violência, não é?

— Então é melhor correr, filho da puta.

— Essa palavra e eu não somos amigos. Por falar em amigos, ouvi rumores inquietantes sobre você reatar o relacionamento com Nicolo Luciano.

— Não são boatos. São notícias.

O advogado se levanta, sem qualquer preocupação, chega até mim em poucos passos e fala em tom baixo:

— Perdeu o caralho do juízo naquele maldito coma? Por que diabos voltaria de bom grado para o círculo sujo da máfia depois de se esforçar tanto para cortar os laços com eles?

— Não é nada pessoal. Só negócios.

— Porra nenhuma. Você detestava o envolvimento do seu pai com eles e fez questão de acabar com isso quando ele ficou sete palmos abaixo do chão. Portanto, ou revela o motivo real para mudar de ideia, ou será a Gwyneth a arrancar as respostas de você.

Eu me levanto e o agarro pela gola da camisa em um movimento rápido.

— Não a envolva nisso.

Nate me agarra pelo paletó.

— Foi você quem fez isso. Ela é sua filha, King. Se algo der errado, o que, alerta de *spoiler*, sempre acontece com a máfia, Gwen terá um alvo em suas costas.

Ela terá um alvo nas costas de qualquer maneira por causa da desgraçada da mãe dela. Mas não digo isso, porque mostraria que me importo, e isso é uma blasfêmia no meu dicionário.

— Ela não vai. — Empurro-o para longe. — E diga ao seu passarinho que se atreve a me espionar que eu o expulsarei deste planeta quando o encontrar.

Meu genro coça o queixo.

— Hmm.

— O quê?

— Você disse "passarinho".

— E daí, porra? — Talvez esteja com a paciência de uma criança pequena nos últimos dias.

Especificamente, desde quatro dias atrás, depois de eu ter deixado Aspen em seu apartamento e ela me dar um fora.

— Você não disse "bruxa". Ou seja, não presumiu que fosse ela, mesmo sabendo que é meu braço direito. O que está acontecendo?

Não pode ser a ruiva, porque ela estaria se servindo em uma bandeja para Nate e, embora sejam próximos, a mulher não é próxima o suficiente de ninguém

para permitir que eles a vejam fraca.

Ou revelar seu passado a eles.

Ou se colocar em uma posição desfavorável diante do marido de sua filha.

Mas o que Aspen não sabe é que, quanto mais se refugiar em sua caverna, mais eu a perseguirei.

E daí se ela não responder às minhas ligações ou mensagens de texto? Em algum momento, vou até ela.

O único motivo pelo qual ainda não arrebentei sua porta e entrei em seu apartamento é dar à advogada a ideia errada de que está segura.

Ou que desisti.

A maneira mais eficiente de uma pessoa cautelosa e cuidadosa se abrir é iludi-la, fazê-la acreditar que está livre do perigo. Contudo, se a mulher acha que eu recuaria agora, depois de tê-la experimentado, não tem ideia do que a aguarda. Porque uma vez não é suficiente. Preciso vê-la se contorcer de novo, gemer com aquela voz rouca e se despedaçar na minha frente como uma obra de arte erótica.

A cena de quatro dias atrás foi uma raridade em sua beleza. Surpreendentemente, a bruxa se mostrou quebrável. Foi a única vez em que a vi tão vulnerável, com indícios de submissão que vou trazer à tona nem que seja a última coisa que eu faça.

Aspen Leblanc é a guerra que vou conquistar ao colocar a ruiva de joelhos.

Literalmente. Figurativamente.

Volto a me concentrar em Nate, que me observa com expectativa.

— Aspen está de férias.

Ele olha para toda a sala, depois me direciona a mesma atenção antes de me rodear como uma imitação pobre de um leão enjaulado.

— Você se drogou no caminho para cá, Nate? Ou isso, ou preciso interná-lo em um instituto psiquiátrico.

— Só estou me certificando de que não caí em um universo paralelo, já que Aspen está em suas primeiras férias em uma década, aparentemente, e você de fato sabe o nome dela. Achei que nossa sócia só tivesse o título de bruxa no seu repertório de nomes limitados.

Depois de dar duas voltas inteiras ao meu redor, o homem para à minha frente e estreita os olhos.

— Que porra está acontecendo?

Posso ter subestimado as habilidades de dedução de Nate e seu nariz de cachorro, porque ele me examina com zero chances de deixar isso pra lá. Então, em vez de oferecer a verdade que nem gosto de admitir para mim mesmo, escolho uma versão mais branda.

— Ela foi agredida.

O advogado se interrompe, o rosto endurece.

— Quando? Onde? Como? Quem? — Todas as mesmas perguntas que fiz. E ainda assim, quero bater na cabeça dele por uma razão ilógica. Tipo, por que caralhos tem esse nível de preocupação com ela?

— Cinco dias atrás. Em um beco. Fisicamente. Quanto a quem, ainda está sob investigação. Ela fez um boletim de ocorrência, mas a polícia incompetente não está descobrindo nada.

E não vai. Porque já cuidei disso.

— A agressão física se estendeu a uma sexual…

— Não — interrompo-o com rispidez ao notar que não quero discutir esse tópico com ele especificamente, de todas as pessoas.

— Bom. — Solta um suspiro. — Bem, não é bom, mas ainda assim… Quão ruim ela está?

— Ruim o suficiente para ser colocada em férias obrigatórias. Foi espancada quase até a morte, mas ainda quer trabalhar como se nada tivesse acontecido.

— Aspen é extremamente viciada em trabalhar.

O som de um estrondo nos alcança. Tanto Nate quanto eu olhamos para a fonte e encontramos Gwen piscando rapidamente, um massacre de um prato e *cupcakes* jogados a seus pés. Seu queixo treme como quando ela era uma garotinha e controlava as lágrimas.

— Aspen… está machucada?

O marido caminha até o lado dela, envolve um braço em volta de seu ombro e, com tato, puxa-a para longe da bagunça. Porque, conhecendo seu péssimo relacionamento com o mundo exterior, minha filha provavelmente pisará no vidro ou juntará os cacos e se cortará no processo.

— Não muito — Nate garante. — Ela vai ficar bem.

— Mas papai disse que foi ruim o suficiente a ponto de ela precisar tirar férias obrigatórias. — Minha menina se solta do aperto dele e corre até mim. A

raiva e a decepção em seu rosto cortam meu peito de aço. — Você fez isso?

— *O quê?*

— Sempre a odiou e prometeu fazê-la desaparecer. Bateu nela ou pagou alguém para bater nela com a intenção de assustá-la?

A mandíbula se contrai com tanta força que fico surpreso por não quebrar.

— Cuidado com o que diz, Gwen. Sou seu pai, não seu amigo, e não tem o direito de me acusar.

— Por que não? Você ameaçou matá-la uma vez. Eu o ouvi! Você é meu pai e eu o amo, mas também é um homem impiedoso com qualquer um que o contrarie. Aprendi isso da maneira mais difícil quando você quase matou Nate, seu melhor amigo, porque ele o desobedeceu. Então me perdoa se acho que é capaz de fazer mais do que isso com a Aspen.

Posso sentir o vulcão subindo do fundo do meu interior, então cerro os punhos. Gwen não percebe, está muito envolvida em suas emoções para se dar conta disso. Nate, no entanto, sente a mudança na atmosfera e passa o braço em volta da cintura da esposa, protegendo-a. Ele sabe que eu nunca a machucaria, mas também entende que a garota está me levando ao último limite inexistente.

— Gwyneth, pode não ser o que está pensando — diz o advogado gentilmente.

— E por que não? — fala com ele, mas continua me encarando com o mesmo olhar de traição. — Quis uma mãe desde que entendi o significado disso, pai. A ausência dela fez eu me sentir vazia, como se eu fosse menos do que uma pessoa completa, como se não fosse digna de amor. Finalmente a encontrei depois de vinte anos horríveis, e você foi egoísta quanto a isso. Pode ser tão egoísta, pai… Você me fez comemorar todos os aniversários, mesmo sabendo que eu os odiava porque me lembravam do dia em que fui abandonada. Mas não se importa com isso, não é? Não se importa com o fato de que tudo o que penso é me aproximar da mãe que enfim encontrei e vivo com medo constante de ela não gostar de mim. Aspen é tão inteligente e bem-sucedida, não acho que consiga estar à altura dela, e isso me assusta. No entanto, meu sentimento não significa nada para você. Você a odeia e quer que eu a odeie também, mas estou te dizendo agora que não é possível. Então pare de fazer tudo girar em torno de você, pai. Desta vez, é sobre mim!

O silêncio toma conta da sala. Além do meu som rangendo os dentes para me impedir de surtar.

— Nate, tire-a daqui. — Estou surpreso por parecer calmo, embora seja o tipo de calma "vou virar o capeta em um segundo".

O homem cerra a mandíbula, porém começa a afastá-la, porque nem mesmo ele gostaria que Gwen me visse em meu estado não humano.

— Não, quero ficar! — Minha filha tenta se soltar. — Me diz que não foi você quem a machucou, pai.

— Saia daqui, Gwyneth — berro, e ela vacila antes de as coisas mais repugnantes que já vi na minha menina escorrerem por suas bochechas.

Lágrimas.

Gwyneth funga, o rosto fica vermelho, então se vira e corre.

Nate me lança um olhar reprovador, murmura um "vai se foder" e a segue.

Eu? Quero dar um soco na parede.

Então faço exatamente isso e enfio o punho na parede mais próxima.

Os nós dos dedos explodem de dor, mas não é suficiente para diluir a imagem de Gwen chorando ou extinguir o som das acusações dela.

Não me importo se o mundo inteiro me pinta como o pior vilão: minha filha nunca deveria pertencer ao rebanho.

Ela é meu milagre.

Contudo, mais uma vez, talvez eu não mereça um.

Pego o Zippo e o abro, depois fecho em um ritmo maníaco, contemplando meu próximo curso de ação. Obviamente, começa e termina com a mulher que me deu aquele milagre.

14



Aspen

A porta do escritório no apartamento se abre, e eu suspiro pela centésima vez em um período de dez minutos. Caroline surge na porta carregando um prato, usando o pijama felpudo e uma expressão nada apologética. Lúcifer e Caim espiam pela fresta, seguindo-a como crianças carentes.

Levanto os olhos da tela do computador e a encaro, sem expressão.

— O que foi agora?

A loira entra como se não estivesse me interrompendo pela décima vez – de propósito.

— Pensei que gostaria uma caneca de chá e um pedaço de bolo.

— Não bebo chá nem como bolo.

— Deveria. — Desliza a caneca na minha frente. — É bom para sua saúde.

— Obrigada, doutora. Agora, por favor, poderia me deixar trabalhar sem procurar uma desculpa para me interromper?

Ela coloca a mão no quadril.

— O objetivo de estar de férias é realmente descansar, sabia?

— Descansar é para os mortos.

A garota me olha com um olhar de "você tá de sacanagem, né?", depois se apoia na mesa bem no meio das minhas coisas e cruza os braços.

— Não acredito que está trabalhando normalmente depois do que aconteceu com você.

Callie estava ficando maluca da cabeça quando cheguei em casa naquela noite. Aparentemente, ela tinha me ligado o dia inteiro e não conseguia falar comigo. Kingsley a atendeu naquela manhã, mas só a confundiu ainda mais e não ofereceu explicações. Considerando tudo o que acontecera, nem pensei em verificar o telefone até o momento em que o advogado me deixou em casa.

De qualquer forma, quando entrei no apartamento, Caroline estava chorando enquanto se preocupava comigo e andava de um lado ao outro. Ela sempre foi sensata e chorava por nós duas com frequência. Desde aquele momento, minha amiga tem sido um pé no saco: tenta me impedir de trabalhar, mesmo em casa – cortesia do meu chefe dos infernos.

Por um lado, não sei como me sentir em relação a isso. Por outro, estou feliz por não ser obrigada a cruzar com ele na empresa. Realmente não tenho a menor ideia de como vou encará-lo sem pensar em sua língua e dedos dentro de mim. Qualquer sinal do relacionamento profissional que tínhamos foi por água abaixo – não que fosse o melhor, pois eu o considerava secretamente um rival. Mas até mesmo esse senso de limites relacionados ao trabalho sumiu agora. Tudo o que me resta são emoções caóticas e chupões.

Muitos deles em volta dos meus seios, mamilos, estômago e coxas. Estão cicatrizando junto com meus hematomas, e não sei por que diabos toco neles todas as noites. Olho para eles no espelho todas as manhãs.

Não é para sentir a mesma descarga de adrenalina de quando Kingsley os deixou em minha pele. Com certeza não é.

— Estou viva e funcionando, Callie. Para de transformar isso em uma tragédia.

— É uma tragédia, e por que usou a palavra *funcionando* para falar de si mesma, porra? Você não é uma máquina, piranha.

— Já acabou? — Eu a encaro.

— Não. — A loira retribui o olhar. — Deveríamos dar um jeito de fazer quem te machucou pagar por isso.

— Já relatei o acontecimento à polícia.

— A polícia é inútil. — Ela fica mordendo a parte interna de suas bochechas. — Posso pedir a Mateo que investigue isso e te dê proteção.

— Pediria ao Mateo?

Ela limpa a garganta e puxa o pijama de um jeito adorável.

— Pediria por você.

— Obrigada, mas não há necessidade disso, Callie. Já estou sob a proteção de Nicolo.

A loira me cutuca com a severidade de uma avó zangada.

— Nicolo é um maldito oportunista que não hesitaria em mastigar você e

cuspi-lo no momento em que terminasse.

— E Mateo não?

— Não. — Levanta o queixo. — Ele é leal.

— Pensei que ele tivesse te traído.

— Bem, tirando isso… — Ela estremece e parece não acreditar mais em suas convicções anteriores.

A essa altura, ou Callie está interpretando um papel épico de sou-difícil-de-ser-conquistada ou está tão presa em sua própria mente que não consegue enxergar o que Mateo está fazendo por ela. É um homem que não vê nada além da esposa. O mundo parece existir só para ela.

E minha amiga está cega para tudo isso.

A máfia é vitalícia, e a única saída é a morte, o que significa que não são permitidos divórcios. Essa é a razão pela qual minha mãe se matou – para ir embora. Portanto, a essa altura, Mateo está só entretendo Callie. Quando chegar a hora, ele nunca permitirá o divórcio. Nem mesmo se Nicolo lhe der o sinal verde para ir contra os costumes deles.

— Enfim… — Começa a fechar meu *laptop*. — Pare de trabalhar, ou vou ligar para Kingsley e informar que não está levando suas férias a sério.

Meus dedos se contorcem, e eu perco a chance de manter o *laptop* aberto. Não posso acreditar que a simples menção do nome do desgraçado seja o suficiente para tirar minha psique do eixo. Isso não é normal, comum ou aceitável. Ainda assim, não consigo controlar a reação quando se trata desse homem.

É como se Kingsley tivesse embaralhado minha alma e construído um lugar aconchegante para si mesmo em meu peito. Mesmo agora, imagens do advogado me dominando sem remorso, pegando tudo o que queria sem hesitação ou questionamentos, passam em minha cabeça como um filme assombroso.

Deveria estar revoltada com a ideia de alguém me controlar, e parte de mim está, mas não é a mais forte agora. Essa parte em questão, no momento, faz meu corpo latejar em lembrança enquanto luto para me manter no presente.

— Não se atreva, Callie.

O sorriso doce que curva seus lábios quase me deixa com diabetes.

— Com certeza vou, se continuar se comportando como uma diabinha teimosa. O apelido não é tão bonitinho agora, na vida real.

— Bonitinha é a última coisa que quero ser.

— Mas estava muito bonita com aquele vestidinho branco que usou naquela noite. Aposto que deixou aquele homem louco.

— Callie… pela milésima vez, não aconteceu nada.

— Ã-hãm. Claro. Acredito totalmente em você.

— Callie!

— O quê? Você cheirava à colônia, estava com as bochechas coradas e os olhos brilhantes.

— Estava sentindo dor.

— Dor do desejo, isso sim. Mas, ei, vá em frente, mulher. Pelo menos uma de nós está tendo alguma atitude.

— Sai daqui antes que eu bata em você.

A loira me joga um beijo.

— Sabe que me ama e que estou certa.

Tive de expulsá-la fisicamente do meu escritório, o que a fez rir e abraçar seus cães, usando-os como armadura. Quando enfim estou de volta à minha mesa, solto um suspiro pesado, mas não abro o *laptop*. Em vez disso, pego o celular e fico olhando as mensagens de texto que recebi de Kingsley nos últimos dias. Temos os números um do outro há anos, mas só nos contatamos nas raras ocasiões em que trabalhamos em um caso juntos.

Isso acontece em especial quando um cliente é acusado criminalmente e processado civilmente.

Todas as nossas trocas de mensagens têm sido secas e profissionais, com sua habitual pitada de sarcasmo mordaz. Entretanto, as mensagens que o homem enviou nos últimos dias foram drasticamente diferentes.

Você parece ter a mentalidade de autocuidado de uma criança, portanto este é seu lembrete para limpar as feridas e tomar analgésicos.

Alguns minutos depois.

Outro lembrete para fazer o que acabei de te falar. Nem tudo é sobre você, docinho. Só não quero que Gwen fique chateada quando souber que está ferida. Além disso, ainda tenho seu gosto doce em minha língua. Refeição cinco estrelas.

Altamente recomendável.

Na manhã seguinte.

Se aparecer na empresa, vou mandar os seguranças te expulsarem. Tome seu café da manhã.

Ah, e bom dia. Está curada o suficiente para aguentar meu pau entre seus lábios? Ou nas pernas? Ou na bunda? Aceito o que vier.

Durante o dia.

Estou no meio de uma reunião, mas só penso em como sua boceta gananciosa se desfez em meus dedos.

Você ainda está com minhas marcas nessa pele machucada, docinho? Consegue me sentir em você a cada movimento que faz?

A propósito, antes que essas marcas desapareçam, eu te darei outras. Você almoçou?

Jantou?

Vai se tocar essa noite ou tem um brinquedo que faz o trabalho?

Só para constar, meu pau garante um desempenho muito melhor. Tudo o que precisa fazer é pedir.

As mensagens continuavam a oscilar entre assuntos mundanos e comentários cheios de luxúria em questão de segundos. Dizer que eu estava ficando zonza seria um eufemismo. Mais do que isso, minhas coxas se contraíam ao lê-las. Mesmo agora, posso sentir o calor subindo pelo meu pescoço e pelas bochechas, depois se espalha pelo corpo com a insistência perturbadora de um furacão.

O motivo de eu não ter respondido a nenhuma delas não é timidez ou falta de palavras. É o puro terror da minha reação a ele. Ao lado do homem que eu não sabia existir, com a qual estou começando a me acostumar aos poucos.

Não quero me acostumar com Kingsley. Ou com seus cuidados. Ou com suas palavras obscenas.

Como disse de forma tão eloquente, ele acabará voltando para suas acompanhantes. É isso o que os homens fazem quando estão entediados: vão embora. E eu me recuso a ser só mais uma parada no caminho dele.

Isso não significa que não tenha ficado bêbada lendo e relendo suas mensagens. Deveria ter pensado mais sobre a ameaça que meu pai possivelmente representa para mim, mas não. Droga, Kingsley tem o efeito destrutivo de um acidente de avião. Um tiroteio em massa. E de uma guerra destrutiva.

A porta do meu escritório se abre e, embora trabalhar não fosse parte da minha preocupação, exaspero-me.

— Juro por Deus, Callie. Vou te jogar pela janela.

— Talvez seja melhor esperar até ver sua visita. — Há um raro som de alegria na voz de Caroline e, quando olho para cima, paro de respirar.

A última pessoa que eu imaginava encontrar no meu apartamento me encara com os olhos inchados, a expressão cabisbaixa e uma vergonha silenciosa.

— Gwyneth — sussurro, ainda sem acreditar no que estou vendo.

Ela puxa a blusa, mexe os pés e responde baixinho:

— Oi.

Sua voz é muito mais suave do que a minha, mais feminina e delicada. Até mesmo agora, quebrada, angustiada. E a vontade de destruir quem causou isso à minha filha ferve nas veias com a intensidade de um vulcão.

— Vou trazer um pouco de chá e bolo — anuncia a loira com alegria, jogando Gwen para dentro com um empurrão nada sutil.

Meu telefone quase cai no chão, e noto que ainda tenho as mensagens obscenas de Kingsley abertas. Rapidamente, eu o jogo na gaveta e me levanto, com a coluna reta.

— O que faz aqui? Quero dizer, não, não é que eu não a queira aqui, mas o fato de ter vindo ao meu apartamento me faz perguntar. É claro que não é minha intenção questioná-la, mas…

Jesus. Calo-me quando seu queixo treme. *Como sou idiota*. Minha filha vem me visitar enfim, e eu saio falando como uma criança nervosa de 5 anos.

Gwen passa os dedos em seu suéter, olhando para mim por baixo dos cílios.

— Está muito machucada?

Ah, foi por isso que ela veio. Kingsley deve ter contado. Então percebo que a garota pode ter notado meus hematomas também, e esse não é um estado em que eu desejava que ela me visse.

— Não, estou bem.

— Não parece estar bem.

— São só hematomas. Eles vão sarar.

Seu queixo treme de novo, e ela abaixa a cabeça.

— Sinto muito.

Aproximo-me dela devagar, o coração batendo mais forte a cada passo. Falo baixo, com medo de que um alcance mais alto a faça fugir.

— Pelo quê?

— Pelo que o papai fez. Não gosto desse lado dele.

— Espera… o quê?

Gwen levanta a cabeça, uma lágrima grudada em seus cílios.

— Papai te machucou porque não foi embora como ele mandou. Ele também fez isso com Nate, quando se recusou a me deixar.

— Gwen, não. Kingsley não fez isso comigo. Na verdade, foi ele quem me ajudou e cuidou de mim até eu ficar melhor. Se não tivesse feito isso, só Deus sabe em que beco eu estaria agora. — Sou orgulhosa, mas isso não significa que eu negaria o que o homem fez por mim. Uma parte minha tem tanta gratidão ao sujeito que não tenho ideia de como expressar isso.

O rosto da minha filha fica congelado em uma estranha mistura de alívio e horror, então a visitante ofega.

— Ele realmente não fez nada?

Balanço a cabeça, acreditando nisso também. Kingsley é muitas coisas, mas sub-humano não é uma delas.

— Ai, meu Deus. — Começa a tremer como uma vara verde, a lágrima finalmente escorrendo por sua bochecha. — Chamei-o de monstro e outros nomes e o ataquei por machucar minha mãe depois que a encontrei por fim.

Meu coração quase para de bater. Não importa se ela está falando de mim na terceira pessoa, admitiu indiretamente que sou sua mãe.

Mãe. Dela.

— Ele ficou tão bravo, pior do que quando lida com a Susan — Gwen sussurra mais para si mesmo do que para mim. — E se ele nunca me perdoar?

A angústia óbvia faz seus dentes rangerem e interrompe minha dança de comemoração. Ela está com dor e, embora eu seja imune à minha própria dor, a da garota me atinge de maneira diferente: projeta-se através de meus ossos e quase rasga o coração. Tem sido a mesma coisa desde quando tia Sharon acertou minha barriga. O que importava não era minha dor, mas o medo de que Gwen se machucasse.

Em uma tentativa pobre de suavizar a voz, digo:

— Tenho certeza de que, se pedir desculpas, ele vai perdoá-la.

Ela me encara com olhos vibrantes e cheios de esperança.

— E se não perdoar?

— Kingsley se importa com você mais do que com qualquer outra coisa no

mundo, Gwen. Com certeza vai te perdoar.

Ela solta um suspiro trêmulo e sussurra:

— Obrigada por dizer isso e… e ainda sinto muito pelo que aconteceu com você. Sabe quem fez isso?

Seu avô, que será uma ameaça à sua vida se eu não fizer algo a respeito.

No entanto, contento-me com um:

— Não.

— Tenho certeza de que a polícia vai encontrá-los — diz a menina com pura determinação, sem tentar enxugar as lágrimas.

Ela é do tipo que usa as emoções como um brasão. Bem diferente de mim e de seu pai.

— Eu te trouxe uma coisa. — Gwen procura no bolso de seu suéter e tira um pequeno chaveiro em forma de balança da justiça. — Não é nada demais. Só notei que não tem um e me deparei com isso. Achei que parecia legal e que combinaria com você… e, sim, comprei.

Meu peito quase explode com os sentimentos que o atravessam. Acho que não fui feita para lidar com tantas coisas ao mesmo tempo. Quando não pego o chaveiro, minha filha empalidece.

— Tudo bem se você não gostar, eu posso…

— Não, eu gosto. — Aceito-o com as duas mãos. — É lindo. Obrigada.

Ela sorri igual a uma criança e enfim enxuga os olhos com a parte de trás da manga.

— De… de nada.

— Ai, vou chorar. — Caroline aparece por trás de nós, secando as lágrimas, provavelmente depois de ter ouvido toda a conversa. Então sorri para Gwen. — Sou a tia Caroline e conheço sua mãe desde antes de termos menstruado.

Os olhos da garota brilham.

— É mesmo?

— Com certeza. — A loira sorri. — Quer tomar uma caneca de chá comigo, comer um pedaço de bolo e me deixar contar histórias sobre uma versão mais jovem e menos fodona dela?

— Callie, para com isso — sibilo, o pescoço esquentando.

— O quê? Ela não se importaria. Certo, Gwen?

Minha filha não olha para mim, mas seu rosto adquire um tom profundo de vermelho quando murmura:

— Adoraria um chá. Você tem bolo com sabor de baunilha?

— Claro que sim! Tenho todo tipo de bolo — Callie diz, muito feliz, e arrasta a menina com ela para a sala de estar.

Eu as sigo, sentindo-me tonta e ainda incrédula com a situação.

Minha amiga conta a Gwen histórias embaraçosas de nossa juventude, uma após a outra, interrompida por meus protestos e chutes sempre que tenho a chance. Minha filha, no entanto, não parece nem um pouco entediada ou envergonhada. Ouve atentamente, ri e até faz questionamentos, totalmente envolvida em uma parte de mim que há muito esqueci.

Uma parte que escrevia em diários, olhava para as estrelas e fazia desejos estúpidos que nunca se realizariam.

Uma parte tão ingênua que fui obrigada a matá-la para sobreviver.

Quando sai, Gwen tem um sorriso no rosto, já trocou número com Caroline e me deseja melhoras.

Sinto-me tão nas nuvens que até mesmo a hiperenergia de Callie não me incomoda mais. Porém, mais tarde, quando me deito na cama, um incômodo estúpido segue no fundo da minha mente. Na verdade, está lá desde que minha menina esteve aqui.

Ele ficou tão bravo.

As palavras dela ficam tocando na minha cabeça em um *loop*. Já vi Kingsley em vários níveis de raiva algumas vezes, e sempre foi algo ruim.

O tipo de ruim que as pessoas evitam.

E embora eu tenha sido uma dessas pessoas há tempos, isso me soa errado agora.

Inexplicavelmente errado.

Examino as mensagens enviadas por ele nos últimos dias e decido responder à última.

Kingsley: Café da manhã?

Aspen: Pulei a maioria das refeições, exceto uma fatia de torta de maçã, porque essa é a única coisa que Callie faz direito.

Ele não lê a mensagem. Então ligo para o advogado, e o coração bate mais forte a cada toque até ir para a caixa postal.

Desligo e fico observando a tela, depois ligo de novo.

Ainda não atende.

Estou prestes a dormir – ou tentar – quando me lembro de algo que Nate me disse uma vez.

"Fique longe de Kingsley quando ele estiver com raiva. O homem se torna volátil, imprevisível e cheio de sede de sangue. Estou surpreso por ele não ter perdido a vida acidentalmente devido a esses fatores."

Meus dedos tremem enquanto uma ideia louca começa a se formar na minha mente. A pior parte de tudo é que a ideia maluca está, lenta e certamente, transformando-se em ação.

15



Aspen

Se a loucura é um território, já cortei suas cercas e o invadi com as mãos ensanguentadas. O ar gelado forma pingentes de gelo em minhas veias, nem puxar o casaco sobre mim está adiantando.

O *smartwatch* se ilumina na escuridão para me dizer que já é tarde. Ou seja, supertarde. Passa da uma da manhã.

E uma cabana abandonada no meio do nada é o último lugar para onde deveria ter dirigido.

Nem deveria me lembrar do caminho exato para lá, mas lembro.

Depois de deixar o carro no final da estrada, ando o resto do caminho enquanto observo meu entorno a cada passo. Os pés vacilam em frente à árvore sob a qual ele me beijou naquela noite. Quando levantou a máscara do Anonymous, devorou meus lábios e depois disse que ficaria comigo, no final das contas.

Basicamente, Kingsley me carregou o resto do caminho até chegarmos à pequena cabana. Encontramos uma garrafa de tequila e compartilhamos à medida que conversávamos. Pensando sobre o assunto agora, foi a primeira vez que provei tequila, e ela se tornou minha bebida favorita. Não lembro muito da nossa conversa, mas lembro que durou bastante.

O suficiente para eu esquecer que ele poderia ser uma ameaça. O suficiente para eu achar certo ele me beijar de novo, tirar minha roupa e me tocar como ninguém nunca fez. Pode ser que não me recorde de tudo o que aconteceu antes do sexo, mas recordo que o rapaz afirmou vir aqui quando sentia necessidade de ficar sozinho.

Estou me agarrando a qualquer coisa. Já se passaram vinte e um anos, então talvez os métodos de desabafar e os lugares escolhidos pelo advogado tenham mudado. A propriedade é tão assustadora quanto no passado, escura, com sombras semelhantes a monstros do folclore. Naquela época, eu estava tão presa

na conversa tensa e no clima entre nós dois que não prestei muita atenção enquanto caminhávamos até aqui.

Nem pensei que ele pudesse chamar os amigos para me estuprar como uma brincadeira da Noite do Diabo. Confiava no cara de uma maneira irritante.

Não confio facilmente nas pessoas. Se é que confio.

A lógica da minha versão mais jovem era que ele já tinha mostrado seu lado malvado logo no início. E se realmente quisesse me machucar, teria feito isso depois de socar o amigo Coringa.

Um som distante de murros chega aos meus ouvidos, e eu paro, os pés instáveis na grama alta. Talvez seja porque é uma noite fria, um evento natural que sempre me lembra do passado, mas a escuridão parece ser uma entidade com a alma ameaçadora que paira sobre meu ombro.

O som de batidas se repete, e não me permito raciocinar conforme sigo direto em direção a ele. Ignorar os pios de uma coruja e os outros sons assustadores dos animais noturnos é mais difícil do que imaginei. Gosto de pensar que tenho um espírito forte, mas isso é aterrorizante até para mim.

O caminho que leva à cabana está tão escuro, nem consigo ver minhas próprias mãos. O local desgastado, que deve estar em uma batalha feroz com a natureza para continuar de pé, parece nada mais do que um vulto torto com chifres.

Sigo a direção das batidas sem esforço, quase de forma natural.

Quando chego ao enorme e desordenado quintal da cabana, congelo. Uma grande silhueta está em frente a um imenso carvalho que quase engole a casa por cima. Suas raízes são similares a cobras gigantes nas trevas da madrugada.

Só a lua, constantemente encoberta por nuvens, oferece alguma fagulha de luz. É uma noite na qual monstros planejariam o caos, fariam suas festas e colheriam algumas pobres almas.

O barulho que ouvi antes é, na verdade, socos enquanto Kingsley bate no tronco da árvore repetidamente. Desde que o conheci – oficialmente, como ele mesmo, e não com uma máscara do Anonymous –, o sujeito tem sido a pessoa mais irritantemente confiante que já vi.

Ele anda, fala e respira com propósito. É o dono de qualquer ambiente no qual entra, e não é porque tem dinheiro. Kingsley Shaw é o tipo de homem que não apenas rouba a atenção, mas faz isso de forma tão perfeita que ninguém nota quando fica estático para ouvi-lo.

Sempre invejei seu tipo de confiança que parece ter nascido com ele. Portanto, vê-lo indisciplinado, selvagem e parecido com um demônio encontrando refúgio na escuridão provoca uma emoção bastante diferente.

Uma emoção assustadoramente semelhante à do passado, quando a "eu" ingênua governava minha vida.

— Kingsley. — A voz é baixa, mas tem o peso de uma bomba no silêncio – ou semissilêncio.

Ele não dá sinais de ter me ouvido e continua socando a árvore. Algo escuro escorre pelo tronco, brilhando na noite.

Por favor, que não seja sangue.

Eu o chamo outra vez e, quando não há resposta, aproximo-me lentamente. Dizer que não estou com medo seria uma mentira. Na verdade, todas as fibras de autopreservação do meu ser me dizem para voltar ao carro e ir embora daqui.

Mas não o faço.

Estou fazendo isso porque ele me ajudou uma vez – ou duas – e não gosto de ficar devendo às pessoas.

Ou é isso que digo a mim mesma enquanto coloco a mão em seu ombro com cuidado.

Em um momento, estou ao seu lado; no instante seguinte, sou arremessada de um lado ao outro, e a dor explode em minhas costas quando sou jogada contra a árvore.

Sinto uma mão de aço em volta de minha garganta.

Olhos que não têm brilho algum me fitam. São sombrios, vazios.

Mortos.

E embora eu não consiga ver seu rosto na escuridão, tenho certeza de que também não há expressão alguma.

Ele aperta minha garganta o suficiente para me deixar tonta. A falta de oxigênio me rouba a respiração e os pensamentos. Minha reação instintiva é arranhar, chutar, bater. Sobreviver. Essa é a única droga que tomo desde criança. Contudo, não faço isso.

Levo a mão ao rosto do homem, sentindo a tensão em sua mandíbula, em seu comportamento e em suas respirações profundas e controladas.

— Sou… eu…

Ainda que isso provavelmente tenha a importância de uma pedra em seu

sapato, continuo acariciando seu rosto, desesperada para afastar seus demônios. Nunca o vi sem eles, mesmo quando está em seu território, mas também nunca os vi dominando o advogado.

E odeio isso.

Esse não é o Kingsley que conheço.

E definitivamente não é o Kingsley que criou nossa filha por nós dois durante longos vinte anos.

— King… — balbucio, a voz embargada devido à pressão e à forma como o sangue quase explode em meu rosto.

Acho que ele vai acabar comigo agora, vai existir uma lápide triste em meu túmulo que provavelmente não dirá "Mãe". Não é assim que vou morrer.

— King! — grito com toda a força, em uma última tentativa.

Seus dedos interrompem a missão morte súbita, soltando-se devagar, mas o sujeito não os remove. Aspiro ar com avidez pela pequena abertura, quase me engasgo com minha própria respiração.

— Que porra está fazendo aqui, Aspen? — A voz é mais grave, quase gutural, e me dá arrepios na espinha.

— Gwen… Gwen disse que você estava bravo, e eu pensei… Bem, você mencionou que este lugar oferece o *yang* para o seu *yin*.

— Porra! — Solta a palavra em um longo suspiro. — Porra, caralho, porra.

Seus dedos apertam minha garganta de novo, e eu guincho, preparando-me para o sufocamento. Mas ele não faz isso. Ao menos não até o fim. Em vez disso, pressiona nas laterais, deixando-me tonta, porém não de forma ameaçadora. É uma demonstração de quem detém o poder e é quase… sedutor por natureza.

— Por que se lembra disso? — A voz ainda é áspera, cheia de tensão, mas também não é tão assustadora quanto estava há um minuto.

— Tenho uma memória boa. — *De você*.

— Não deveria estar aqui. Vá embora.

— Não posso fazer isso quando está com a mão na minha garganta, gênio.

O homem usa a mão e me puxa para a frente, depois me bate de volta contra a árvore. Não violentamente como antes, mais para ilustrar seu ponto de vista.

— Essa sua boca vai te meter em muitos problemas.

— Já me meti.

— Você é a porra de uma inconveniente.

— E você é a porra de um idiota.

— Talvez queira calar a boca, bruxa. Me provocar é a última coisa que deseja fazer nas atuais circunstâncias.

Minhas coxas se contraem, e os formigamentos que venho sentindo desde quando ele me encurralou se acumulam entre elas. A sanidade deve ter saído em definitivo do meu crânio, porque eu o encaro.

— Quem é você para me dizer o que devo fazer…

Minhas palavras são interrompidas em um suspiro quando ele choca seus lábios contra os meus. É um beijo violento, tão selvagem quanto Kingsley e igualmente destrutivo. Meus dentes batem nos dele, e meu corpo se desfaz por inteiro. Qualquer indício do controle que eu costumava ter se despedaça e murcha a seus pés. Estou perdida na intensidade de seus lábios nos meus, de como sua língua conquista a minha, não me deixando escolha a não ser beijá-lo de volta com uma energia selvagem que combina com a dele.

Ainda me sufocando, seu polegar roça meu queixo, inclinando-o para cima a fim de aprofundar o beijo, enquanto a outra mão desliza da minha cintura para a bainha do vestido. Os movimentos são cheios de total disciplina, mas não há nenhuma paciência por trás deles. O sujeito não tem interesse em me seduzir, falar palavras obscenas para mim ou ser charmoso como da última vez.

Agora, é um homem determinado a tomar e conquistar. Como fez há muito tempo.

Ele puxa o vestido para cima e tira a calcinha, desta vez de renda. O advogado não vê esse detalhe por razões óbvias. O material se estica contra minhas partes íntimas encharcadas e se rasga, causando um ruído assombroso. Faço uma pausa ao perceber que o som, o gemido gutural, está na realidade vindo de mim.

Kingsley levanta minha coxa até sua perna e fala ardente e assustadoramente contra minha boca:

— Nunca deveria ter se lembrado deste lugar, muito menos ter vindo aqui, docinho. Não deveria *mesmo* ter me mostrado o quanto posso explorá-la como uma puta safada.

O tesão cobre a parte interna de minhas coxas, e eu me contorço, recusando-me a acreditar que fiquei excitada com aquelas palavras.

— Não sou… uma puta.

— Não é qualquer puta, não. Mas *minha* puta? Com certeza.

Ele enfia quatro dedos dentro de mim ao mesmo tempo, com uma intrusão que deveria ser dolorosa, mas está longe disso. Fico na ponta dos pés, respirando com dificuldade contra a mandíbula de Kingsley.

— Sua boceta sabe que é minha puta, docinho. Ela está quase engolindo todo o meu punho.

— Vá se… foder… — Ofego, tentando e falhando em resistir à onda de poder se formando dentro de mim.

— Você é quem vai ser fodida. — Retira os dedos justamente quando estou prestes a atingir o ápice. Meu som de frustração fica preso quando o homem levanta minha perna e se joga dentro de mim.

Nem sequer me concentrei no fato de ele ter abaixado a calça ou libertado o pau antes disso. No entanto, todos esses detalhes não importam, porque Kingsley está tão dentro de mim que tenho vontade de vomitar.

É uma vontade do tipo bom. Do tipo que me faz gozar.

E isso dói.

Dói tanto que ferimento do ombro parece mero descuido.

Quase me esqueci de como seu pau é grande, grosso e largo. Deveria estar em qualquer lugar, menos dentro de outro ser humano.

— Ah… Deus.

— Pare de elogiá-lo quando sou eu que estou fazendo todo o trabalho — fala contra meu queixo, então flexiona os dedos ao redor do meu pescoço a fim de mordiscar a pele entre eles.

— Você é ridiculamente enorme — murmuro. — Não podia ter um pau minúsculo que combinasse com sua personalidade, hein?

— Essa. Boca. Do. Caralho. — Acentua cada palavra com uma mordida no meu lábio. Quando termina, posso sentir o gosto metálico do sangue.

Não tenho certeza se é dele ou meu.

Também não tenho capacidade de me importar, porque o sujeito levanta minha outra perna e me deixa suspensa entre ele e a superfície áspera da árvore, então me penetra com tanta violência que gemo de prazer e dor.

Os dois sentimentos andam de mãos dadas com este homem. E o mesmo acontece com o êxtase e a loucura.

Seus dedos amassam minha bunda enquanto mete em mim profundamente,

depois se afasta quase por completo antes de me penetrar de novo. Posso ouvir o som da minha libido e me sentir apertada em volta dele. Ele se enfia outra vez e estoca tão fundo que gemo igual a um animal.

Nós dois somos animais agora.

Kingsley faz de novo, então arremete em mim com uma intensidade assustadora. Os pulmões estão famintos por ar, mas o corpo implora por mais.

Muito mais.

Ele alterna entre os dois ritmos, deixando-me absolutamente louca. Quando minhas pernas começam a cair, bate na minha bunda, e eu grito. Meus olhos ficam grandes no escuro.

— Que porra foi essa?

— Fica comigo quando estou fodendo você. Fui claro?

Não tenho a chance de responder, porque ele tira a mão da minha garganta para mordê-la. Com força. Em seguida, arranca as alças do vestido. Elas se rasgam na frente, fazendo meus seios se projetarem para fora. E o homem quase coloca um inteiro em sua boca. Ele morde, fode e me bate de vez em quando, não me dá espaço para recuperar o fôlego, muito menos para pensar.

Meu corpo inteiro ganha vida, e a energia fervente explode de dentro para fora.

Ele me come com movimentos rápidos, profundos e violentos que me impedem de acompanhar a ação.

— Vai mais devagar.

— Acrescente um por favor e posso considerar.

— Filho da puta desgraçado.

— Essa é minha deixa para meter com mais força então.

Não achei que fosse possível, mas ele acelera mesmo o ritmo. Apesar do casaco, a árvore arranha minhas costas devido à intensidade de suas estocadas, e posso sentir novos hematomas se formarem em toda a pele.

— Onde está essa sua boca agora que está sendo fodida até o talo? — o advogado resmunga contra meu mamilo, então o morde.

— Vai se… foder. — Inspiro, a voz embargada enquanto gozo em uma turbulência de emoções endurecidas para as quais não consigo encontrar uma explicação.

— Com prazer.

O cara me fode com mais força durante o orgasmo. Os movimentos não têm remorso, são apimentados com tapas na bunda e mordidas em qualquer lugar que sua boca alcance. Estou em um estado de hipersensibilidade tão grande que tudo em que consigo me concentrar é na entrada e saída de seu pau dentro de mim.

— Consegue sentir sua boceta me estrangulando, docinho? Ser comida no escuro como um animal te excita?

— Cala… a boca… — Estou mortificada por ter esquecido desse detalhe. O fato de estarmos do lado de fora, onde qualquer um poderia chegar e testemunhar a cena.

Não sou virgem, nem inexperiente, nem puritana, mas sempre fui tradicional. Do tipo "*vapti*, *vupti*, valeu, até mais". Do tipo "eu é que mando nisso aqui". Do tipo "só faço sexo a portas fechadas e na cama". Ainda assim, todas as minhas regras são anuladas e perdem efeito quando se trata deste homem. Ele me empurra muito além dos limites, rumo a uma dimensão que eu não achava existir.

— Você é uma coisinha tão safada, mas também é uma garota tão boa. — Dá um tapa na minha bunda e inclina a coxa para cima a fim de ficar mais dentro de mim. E então dá uma estocada direta que atinge meu ponto G, repetindo de novo e de novo. — Agora, goza comigo.

Eu gozo. A cabeça cai para trás com um grito alto enquanto Kingsley se esvazia dentro de mim.

Dentro. De mim.

De novo não.

Não tenho a chance de protestar, porque seus lábios reivindicam os meus. Estou muito tonta, atordoada e definitivamente incapaz de ficar em pé, então não luto enquanto ele me puxa para mais perto.

Ainda enterrado profundamente dentro de mim, o sujeito caminha com propósito para Deus sabe onde.

Ao mesmo tempo em que me beija.

E só pensar em uma coisa: talvez ele seja o *yin* do meu *yang*.

16



Kingsley

Há partes de nós que ninguém deveria ver, sob nenhuma circunstância.

Segredos, cicatrizes emocionais e cantos inexplorados fazem parte do pacote.

Acima de tudo, há partes que não gostamos nem de olhar no espelho.

Todo mundo tem uma parte que não gosta. A minha é o todo.

Quando eu era adolescente, com emoções perturbadas e sede de violência, achava que era porque meu pai tinha traído minha mãe, que passou a se odiar e me fez vê-la se afogar em seu próprio sangue.

Depois, conforme fui crescendo, percebi que minha necessidade de uma postura mais sombria na vida não tinha nada a ver com meus pais, e sim com minha cabeça, programada de forma diferente.

Tão diferente que, quando Nicolo quebrava o brinquedo de todas as outras crianças, eu só observava sem me incomodar nem ficar animado.

Tão diferente que usava emoções sombrias, como ódio, vingança e violência, para preencher o buraco que descobri dentro de mim

E estava me saindo tão bem usando a máscara cravejada de diamantes, feita dos meus bilhões, e sendo o rei ao qual meu nome se refere…

Escondo meus demônios famintos, as emoções distorcidas e meu tipo especial de vazio tão bem que nem minha filha vê. Nate enxerga, mas só uma parte, e somente quando eu perco o controle.

Então por que diabos esta mulher que parece tão pequena em meus braços vê esse buraco aberto?

E mais importante: por que ela me procurou quando tinha plena consciência de que eu estaria no meu pior momento?

Em parte, isso não tem relevância, porque estive enterrado em sua boceta apertada na última hora. Depois que eu a carreguei para dentro da casa, eu a fodi

de quatro no carpete enquanto puxava seu cabelo vermelho brilhante que, sob a luz fraca, parecia sangue.

A cor favorita dos meus demônios.

Em seguida, joguei-a no sofá surrado, arranquei o que restava de nossas roupas e a comi com suas pernas sobre meus ombros.

De alguma forma, acabamos no chão de novo, onde bati em sua bunda. Então não conseguindo resistir, eu a virei e a penetrei novamente. Fodi-a com uma energia renovada e descontrolada até seus gemidos se transformarem em gritos e pequenos choramingos.

É onde estamos agora: no carpete de trinta anos que só vê a faxineira todo domingo, como uma igreja.

Estou em cima de Aspen, com uma de suas longas pernas em meu ombro e a outra no chão. Seu corpo é um mapa de marcas de mordida, de sucção, de dedos, de tapas. Todas os tipos. Tomei meu tempo enfeitando cada centímetro de sua pele com minha boca, meu pau e minhas mãos. O pau se levanta devagar quando penso em todos os outros lugares em que posso marcá-la. Lugares que ninguém além de mim jamais verá.

Aspen está deitada de costas, com os cabelos feito chamas ao redor do rosto, cheirando ao *patchouli* mais forte e a mim.

Somente a mim.

O suor gruda em sua pele, e as manchas de antes do meu esperma lhe decoram a barriga. Morder não foi o suficiente, então gozei em seus peitos rosados e na barriga pálida.

Homem das cavernas? Provavelmente. No entanto, começo a achar que não tenho limites com esta ruiva.

Se fosse qualquer outra pessoa, ela já teria ido embora há uma hora, alguns milhares de dólares mais rica e com uma cópia do seu acordo de confidencialidade. Nunca senti desejo por uma mulher imediatamente depois do sexo, por mais intensa que tenha sido a experiência. Mas Aspen é uma exceção irritante a essa regra.

Seus olhos se arregalam enquanto olham para mim e depois para nossos corpos unidos.

— Você está… ficando duro de novo.

— Não me diga, Sherlock.

— Sai de cima de mim, seu monstro. — Bate as duas mãos pequenas no meu peito e empurra, mas o gesto não tem força para me mover de verdade.

— A única coisa monstruosa em mim está entre minhas pernas, docinho.

— Precisa de um médico para seus problemas de vício em sexo. — A advogada me empurra novamente e, desta vez, saio de dentro dela.

Enquanto estou pronto para a vigésima rodada, ela não está. Hematomas roxos cobrem seu ombro e algumas partes de seu rosto, não escondidas pela maquiagem.

Devo ter ignorado isso quando a tomei como um neandertal contra a árvore – ou nas milhões de vezes depois. Ainda assim, pego-me esquecendo disso outra vez enquanto vejo meu esperma escorrendo de sua boceta e lambuzando as coxas.

Uma estranha sensação de possessividade me agarra pelas bolas. A necessidade de possuí-la de novo e de novo cresce dentro de mim com a persistência de um desastre natural. Soltando um suspiro trêmulo, de alívio ou desconforto, não sei, Aspen tenta se sentar e estremece.

— Seu desgraçado. Minha bunda parece estar pegando fogo.

— Nem finja que não gosta. No momento em que te bati, você gozou toda no meu pau.

Os lábios tremem antes de ela os apertar.

— Cala a boca.

— Tem medo de admitir suas tendências fetichistas?

— Não sou fetichista. Sou *vanilla*.

Rio.

— Baunilha é o que Gwen come e respira em vez de ar. Você, docinho, é a definição de uma submissa.

— Não sou submissa.

— Sim, você é. Só não sabia disso antes. Se quiser provas… — Eu me inclino e sussurro em seu ouvido em um tom baixo e profundo: — Qual é a sensação de ser chamada de *boa garota*?

Um tremor de corpo inteiro a atinge, os lábios se separam e aquele traço vermelho retorna ao seu pescoço. Quando a ruiva volta a si e me empurra para longe, já é tarde demais.

— Viu?

— Pare de sorrir, ou vou bater em você.

— Sua boca suja me deixa muito excitado, docinho. — Faço sinal para o pênis, que definitivamente está tentando garantir outra rodada.

— Nem pense nisso.

Ela desliza recua alguns centímetros, ignorando por completo as marcas das minhas mãos.

— Não ia fazer nada.

— E espera que eu acredite em você? Tem o desejo sexual de um touro.

— Meu pau se sente honrado.

— Isso não foi um elogio — resmunga. — Além disso, não usou camisinha.

— Devia ter se lembrado disso na primeira vez. — Não consigo resistir a juntar meu esperma com os dedos e espalhá-lo lentamente em suas curvas.

A mulher estremece, os dedos dos pés se curvam.

— Não tive chance… Você não vai perguntar se tomo anticoncepcional ou não?

— Isso importa?

— O quê? — esbraveja.

— Se você toma, e há uma probabilidade de 99,99% disso se considerarmos o quanto é uma adulta responsável, então pronto. Se for o 0,01% restante e você não estiver tomando anticoncepcional, lidaremos com isso quando se tornar um problema.

— Como diabos pode dizer isso depois de tudo o que aconteceu no passado?

— O passado está no passado. Não consigo ver a razão pela qual isso deveria ser transformado em uma discussão.

— Uau, também não sei. Talvez o pequeno fato de que Gwen saiu do seu pau na última vez que o colocou em mim.

— Ela deve ter sido um espermatozoide rápido.

— Você é nojento. — Bate no meu ombro. — O que aconteceu não é uma piada.

— Nunca pensei nisso como uma piada, considerando meu *status* de pai solo. O fato é que éramos crianças naquela época, porém não somos mais, então deixe de drama. Não combina com você. — Começo a fodê-la com meu esperma, mas a mulher rasteja para trás tal qual um animal ferido. Seu olhar poderia cortar pedras enquanto Aspen se dobra sobre si mesma.

— Eu disse: nem pense nisso, Kingsley.

— Você tem que elaborar porque, ao contrário do que a imprensa afirma, não consigo ler mentes.

— Seus olhos estão brilhando com aquela luz que significa que vai me levar para a cama de novo.

— Não vou te levar para a cama, vou te *comer*. — Sorrio, caindo de costas para controlar fisicamente minha libido. — Mas vou te dar tempo de se recuperar.

Ela continua sentada de frente para mim, mas puxa os joelhos até o peito e esconde a maior parte de sua nudez.

— Obrigada, Vossa Majestade.

— De nada, minha boa garota.

Sua boca se abre, e eu sorrio. Dizer que gosto de pegá-la desprevenida seria um eufemismo. A ruiva se torna dócil, de certa forma, e adorável pra caralho.

Um adjetivo que eu nem deveria ter a capacidade de usar com esta mulher.

Aspen tem esse lado escondido de todos. Exceto eu.

— Você está de muito bom humor para alguém que estava socando uma árvore no meio da noite como o personagem principal de um filme de terror.

— Uma foda intensa faz isso. Você foi uma boa jogadora. — Estendo a mão para pegar as calças que estão por perto e tiro o Zippo do bolso.

— Não sou um maldito jogo.

— Pode ser a porra das Olimpíadas inteiras. — Pego o casaco dela e jogo em sua direção.

Enquanto estou tão quente quanto uma sauna, a advogada está tremendo agora. É uma pena sacrificar a visão de seus peitos e da boceta rosada, mas… prioridades e tudo mais.

— Você consegue ser tão babaca.

— Consigo ser? Pensei que era um babaca com toda certeza. — Coloco o casaco sob seu queixo, então inclino a cabeça para ter uma visão melhor de seus olhos.

São tão profundos quanto a Terra, mas ainda alcançam o céu com a teimosia de árvores altas. A ruiva se afasta, então para, agarra minha mão entre as dela e a examina.

— Quebrou os nós dos dedos.

Recuo com cuidado, deito-me de novo e abro o Zippo com a mão apoiada no peito.

— Vão sarar.

— Você não é um marginal nem está mais no ensino médio.

— Obrigado pelo lembrete desnecessário sobre meu *status* existencial. Vou adicioná-lo como uma nota na agenda.

— Dar ênfase à razão e ao pensamento sistemático é sinônimo de se afastar da vida, sabia?

— Me poupe dessa conversa de Nietzsche. — Viro a cabeça para encará-la. — Além disso, já ouviu falar em praticar o que prega?

— Eu?

— Quando foi a última vez que viveu o momento? Além de quando eu estava te fodendo até o talo agora mesmo, é claro.

— A polícia da arrogância está te levando sob custódia.

Sorrio.

— Você está fugindo do assunto "viver no momento". Faz isso mesmo ou é tão teórica quanto seu ídolo mentalmente instável?

— Eu…

— O quê?

— Assisti *Friends* com Caroline na outra noite. — Ela estremece quando diz a frase.

— Uau. Isso é tão foda quanto fazer *bungee jumping*.

— Não pode me dar sermão quando tudo o que faz é destruir, se vingar e causar mais destruição.

— Ou isso, ou se envolver em algum território nojento como paz, amor e cura da fome no mundo.

Ela solta uma risada, e o som é leve como a qualidade do ar.

— Que blasfêmia.

— Eu sei. A pior delas.

Ficamos olhando um para o outro por um instante, o único som que ecoa no ar é o movimento de abrir e fechar do Zippo. Aspen rapidamente volta a atenção ao teto sem graça e seus pilares de madeira.

— É melhor irmos embora antes que alguém nos denuncie por invasão de

propriedade.

— A menos que eu possa me denunciar, isso é altamente improvável.

Sua cabeça gira em minha direção.

— Você é dono daqui?

— E de uma centena de outras propriedades. É verdade que esta segue mais a temática de Halloween do que as outras e poderia ser usada para alguns rituais satânicos.

A mulher corre os olhos pelas molduras das janelas mais velhas do que a sujeira, pela decoração desgastada que parece ter saído de um *set* de motel de baixo orçamento para um filme de faroeste e pela luz fraca do lustre que ameaça cair ao nosso lado.

— Nunca disse que era dono deste lugar.

— Nunca disse que não era. Tecnicamente, na época, era do meu pai. — Meus lábios se contorcem. — Um presente de aniversário para minha mãe, uma cabana de férias para onde podíamos ir nos fins de semana.

— Deve ter sido legal.

— *Horrível* pra caralho, você quis dizer. Não houve nada de bom no casamento de Benjamin e Liliana Shaw. Tudo o que fizeram foi fingir que eram os próximos rei e rainha americanos enquanto se afogavam em outras coisas além um do outro simultaneamente. Ele, em boceta. Ela, em qualquer pílula na qual pudesse colocar as mãos: analgésicos, sedativos, antidepressivos — interrompo-me, sem saber o que diabos deu em mim para falar sobre meus pais. — Mas, ei, uma criança genial com aparência divina saiu daquela união infeliz, então não foi um casal inútil, afinal.

Ela não compra a tentativa de aliviar o clima e franze a testa.

— Abandonou este lugar porque ele lembra seus pais? Ou talvez porque lembra a criança que você foi com seus pais? Chamou-o de *yang* para seu *yin*, não *yin* para seu *yang*, como é mais frequente. Porque você é o *yin*, o lado negro da esfera, então a versão infantil de você talvez seja esse *yang*?

— Tem tantas perguntas para alguém que estava, há menos de dez minutos, me implorando para parar antes de você desmaiar. Gostava mais quando era muda.

— Suas tentativas de ser um babaca para me fazer abandonar o assunto são a definição de fracasso.

— Você é irritante pra caralho.

— Eu sei, me diz isso sempre que pode. Para constar, você já passou da fase irritante e está na fase insuportável. Agora, responda à minha pergunta.

— Acrescente um por favor e posso considerar.

Ela franze os lábios.

— Não.

— Boa sorte.

— Você vai ver, vou tirar minhas próprias conclusões. Quando estiverem tão gravadas na minha cabeça, nenhuma verdade que me diga vai conseguir substituí-las.

— Não achei que gostasse de guardar detalhes sobre mim nesse cérebro tão ocupado.

— Cala a boca — Aspen diz. É sua fala característica de "estou com vergonha", o pescoço fica vermelho. Em seguida, limpa a garganta. — Enfim, Gwen me visitou, e eu disse a ela que não teve nada a ver com meu ataque.

Meu maxilar se aperta ao me lembrar do relacionamento de merda com minha filha. A relação está indo ladeira abaixo quando ela escolheu meu melhor amigo como o amor de sua vida.

— Não importa.

— Claro que importa. — Aspen se levanta, deixa o casaco cair até a barriga. Os seios balançam suavemente enquanto se inclina. — Ela ficou tão magoada com a possibilidade de ferir você. Você é um idiota, mas é um bom pai idiota, então não deixe essa briga desnecessária te destruir… Kingsley!

— O quê? — Não paro de olhar para a carne marcada de seus seios.

— Ouviu uma palavra do que eu estava dizendo?

— Sim e não. É meio perturbador, para não mencionar assustador, falar sobre Gwen quando seus peitos estão totalmente expostos.

Ela os cobre com um braço, fica toda vermelha.

— Seu pervertido desgraçado.

Agarro seu braço e o puxo para baixo, expondo os mamilos rosados.

— Quer ver o que é um pervertido de verdade?

A ruiva deve ter tido um vislumbre da luxúria e das milhões de posições que planejei para ela brilhando em meus olhos, porque os dela se arregalam,

oscilando entre verde e marrom.

— Não, Kingsley.

— Me chame de King como fez antes.

— Eu… não chamei.

— Sim, você chamou, com essa sua vozinha *sexy* e gutural. — Eu a puxo para perto, jogando o casaco para o lado.

— Não ouse, ou eu vou morder seu pau.

— Safada, sabe que eu amo isso. — Agarro um lado de sua bunda vermelha, e ela geme.

— Droga… seu babaca.

— Eu sei, docinho. Você tem permissão para me chamar de quantos nomes exóticos puder pensar enquanto te fodo. — E então abro suas pernas e passo a comer a boceta doce tal qual um animal faminto.

É minha forma distorcida de agradecimento por me salvar da minha própria cabeça. Ou ao menos me distrair dela.

17



Aspen

— Alguém vai me dizer o que está acontecendo?

Resmungo ao redor da borda da caneca de tequila – é inútil chamá-la de café – e me viro para encarar Nate. Estamos na sala de conferências da Weaver & Shaw. Enorme, sem graça e sem alma. Seu principal uso, além das reuniões dos sócios, é traçar estratégias para extrair mais dinheiro dos ricos e influentes.

Só alguns minutos atrás, concluímos uma reunião com uma grande corporação que está tentando fugir das garras da Receita Federal. O CEO saiu com a promessa de um processo perfeito e um largo sorriso no rosto. Os advogados associados saíram com tarefas a cumprir, e eu esperava fazer o mesmo antes de Nate fechar a porta e bloquear meu caminho.

Ele se inclina contra a grande mesa, com os braços cruzados e aparente despreocupação, mas seus olhos escuros me prendem com a exigência de uma resposta à sua pergunta. Uma resposta que não tenho, a menos que eu confirme ter transado com seu melhor amigo, sócio e sogro.

Isso foi ontem – ou hoje de manhã. Desde então, estou surpresa por conseguir andar – ainda que devagar, para não desencadear a sensação de Kingsley dentro de mim. Estou mais dolorida do que um guerreiro fora do campo de batalha, com mordidas, chupões e marcas de mãos que deveriam ser o suficiente para prestar queixa por agressão.

Embora uma agressão seja a última coisa que parece. Aquilo foi pura reivindicação, intensa e insuportavelmente inabalável. Não tive chance de sair ilesa, e não é só por causa do que o homem fez. É o fato de que acabei me deixando levar e aproveitei cada momento.

E sei que, se não ficar longe, ainda vai acontecer mais disso. Da próxima vez, provavelmente nem vou conseguir andar.

Da próxima vez? Por que diabos está pensando na próxima vez? Não vai ter próxima.

Massageio a têmpora, tento me forçar a voltar ao presente.

— Como assim?

Nate levanta uma sobrancelha, o que significa: "você não vai me enrolar". Depois, começa a contar com uma mão.

— Primeiro, descubro que foi agredida, depois fico sabendo que King voltou a ser o parceiro de Nicolo Luciano e, como se isso não bastasse, você coincidentemente está se envolvendo com a máfia também. Ausento-me por uns dias, e você muda de lado para o mundo clandestino? Esperava isso do King, mas não de você, Aspen.

Bebo um longo gole da tequila com café, porque estou sóbria demais para esta conversa.

— E a vida é só uma simulação.

Ele fica olhando, totalmente inalterado.

— O que está acontecendo?

— Precisava de um favor, ok?

— Que tipo de favor?

— Do tipo com o qual não deve se preocupar.

— Se isso diz respeito a você, então tem todas as condições para me deixar preocupado. Você é minha amiga e mãe da minha esposa, Aspen. Portanto, se há algo que eu precise saber, agora é a hora de dizer.

— Não é nada, Nate. Vou cuidar disso e prometo que a empresa não vai ser envolvida no assunto.

— E quanto à Gwyneth? Ela vai ficar de fora dos seus negócios com a máfia também? Achei que queria uma chance com ela. Alerta de *spoiler*: não é assim que vai conseguir.

Encho o estômago com mais álcool.

— Nunca a machucaria.

— Você não, mas seus novos melhores amigos talvez.

— Não vai acontecer. — Respiro fundo conforme massageio a outra têmpora. — Só esquece, Nate. Às vezes é melhor não mexer no vespeiro.

Ele sabe que venho de uma infância difícil e que perdi meus pais quando criança. Também sabe que fui abusada pelos meus pais adotivos e acabei fugindo. Porém, não conhece os detalhes e com certeza não tem ideia de quem é meu pai.

Eu poderia ter considerado contar em outras circunstâncias, mas agora que ele é o marido da minha filha, está fora de questão. Nate é protetor demais quando se trata de Gwyneth, e isso só criaria problemas desnecessários. O cara pode se tornar aquele que me distancia dela para protegê-la da minha bagunça.

— Então me explique isso, Aspen. O que King tem a ver com seu vespeiro? Além do fato de que conceberam Gwyneth juntos, a única coisa que compartilham é um desdém mútuo e intenso.

Meu peito se aperta, e tenho de fazer uma pausa antes de falar. Que isso? É só o nome dele, por que estou me sentindo como uma pré-adolescente com paixonite e hormônios?

— Ele não tem nada a ver com isso. — Pareço tão convincente que até eu acreditaria em mim mesma se estivesse menos sóbria.

— Vamos ver. — Nate conta na mão de novo. — Ele coincidentemente voltou para o lado de Nicolo na mesma hora que você foi até ele. Ele agora te chama pelo nome de batismo, cheguei a pensar que ele não sabia qual é. Ah, e ele está tão fora de controle que fodeu tudo com Gwyneth ao mostrar seu lado monstruoso. Então me desculpe se acho que há algo mais nessa história.

Merda.

Minha mão começa a ficar instável, então aperto a caneca com mais força.

Nate descobrir sobre nossa sessão de sexo – ou sessões – nada mais é do que uma complicação desnecessária.

A não ser que já tenha acabado.

Continue dizendo isso a si mesma.

— Você, de todas as pessoas, sabe muito bem quão imprevisivelmente volátil Kingsley é. Então sou a pessoa que devia perguntar o que há de errado com ele depois do coma. Talvez tenha batido a cabeça com muita força?

— É, não mesmo. Você não está usando uma tática de questionamento inverso comigo, Aspen. Está escondendo algo, posso sentirno ar.

Afasto-o com a mão, optando por me trancar em meu escritório pelo resto do dia, quem sabe por tempo indeterminado.

Antes de eu dar um passo, a porta se abre sem sequer bater.

Só uma pessoa neste prédio ousaria invadir o espaço da sócia sênior da firma.

E o mais estranho é que o sinto antes mesmo de vê-lo. Como se houvesse uma conexão estúpida entre nós ou algo assim.

Quando levanto a cabeça e meus olhos se chocam com os olhos tempestuosos de Kingsley, sou atingida por aquela sensação assustadora que tive quando ele interrompeu a maratona de sexo e conversamos.

Um sentimento que vai além do físico e se aprofunda em um território muito mais obscuro.

O homem bate a porta, prova que não tem um osso gentil em seu corpo e vem em minha direção com determinação, as sobrancelhas franzidas. Se pudesse ser menos elegante em seu terno preto e aparência bem-cuidada, ajudaria bastante.

Embora a última vez que o vi ele estivesse sem o terno e parecesse muito mais letal com aquela arma entre as pernas.

Minhas coxas tremem com a lembrança, e a dor que tentei apagar no banho retorna com força. Eu me amaldiçoo internamente por pensar nele nu e reagir com intensidade a isso.

Nate está aqui, pelo amor de Deus.

Fique calma.

Fique calma…

Kingsley estaca a um fio de cabelo de mim, mas não antes de me encharcar com seu cheiro de cedro masculino.

— O que está fazendo aqui, porra?

Minha boca se abre, então fecha antes de eu retrucar:

— O que diabos há de errado com você logo de manhã? Não tomou um café?

— Não respondeu à minha pergunta. Por que está aqui se suas férias ainda não acabaram?

— Porque realmente tenho trabalho a fazer e, ah, verifique seu calendário. Estamos em um século no qual as mulheres não recebem ordens sobre o que fazer.

— Confira seu contrato. É um pedaço de papel que diz que sou seu chefe e, portanto, vou lhe dizer o que fazer, como fazer e quando fazer. E é agora. Dê o fora daqui antes que eu chame os seguranças para te expulsar.

— Vou gravar tudo e denunciá-la ao conselho por abuso de poder e, se eu estiver a fim, posso processá-lo por indenização também.

— Grande merda, bruxa. Processos baseados em puro rancor são minha

especialidade. Boa sorte para me vencer no tribunal.

— Isso é digno de pipoca e tudo mais, mas por que parecem estar prestes a se beijar ou rasgar as roupas um do outro? Talvez os dois, e não nessa ordem específica… — Nate fala à minha direita.

Kingsley e eu recuamos. Ou eu recuo ao menos, o calor sobe até o pescoço. O babaca capaz de me provocar com sua mera presença só dá um passo atrás. Sem semblante não muda nem um pouco, continua irritado, fechado e com todas as outras emoções negativas que o advogado sabe exibir tão bem.

— Talvez em outra vida — digo em resposta à pergunta de Nate.

Kingsley estreita os olhos para mim em pura desaprovação antes de sua fachada rígida voltar. Sei que não vou gostar do que ele vai dizer antes que abra a boca.

— Então isso faria de você uma mentirosa.

Congelo, Nate congela, e o mundo inteiro parece emudecer.

Que… porra…

— Nós fizemos Gwen, lembra? Teve muita foda envolvida — o sujeito diz com calma controlada, e eu quase não o ouço devido ao latejar em meus ouvidos.

— Hmm. — Nosso sócio coça o queixo. — Só para constar: se um de vocês matar o outro, seja em primeiro grau ou homicídio culposo, eu não representarei a outra parte. — Ele nos lança um olhar desconfiado e murmura: — São pais e têm idade suficiente para superar brigas de criança. Se recomponham.

Então ele sai pela porta e me deixa com o pesadelo em forma de homem.

Enfio um dedo em seu peito.

— O que há de errado com você, caralho? Nate já está suspeitando de algo, e você quase revelou tudo.

— Além da sua expressão digna de filme de terror, não vejo por que Nate não deveria saber. Está com medo de que seu ex-parceiro de foda fique com ciúmes?

— Na verdade, não quero mais complicações. E pela última maldita vez: Nate e eu nunca fomos parceiros de foda, não que isso seja da sua conta.

O demônio me agarra pela cintura, e eu tremo quando me vejo encurralada entre seu peito e a mesa de conferência. Minha bunda queima ao atingir a borda, cortesia do cara que extingue toda a distância entre nós até que apenas minha caneca de café nos separe.

Sua voz cai para um discurso *sexy* quando diz:

— O gosto da sua boceta ainda está em meus lábios, então digo que isso é da minha conta, sim.

— Estamos no trabalho — sussurro-grito, examinando nossos arredores.

— E daí? Sou o dono do trabalho.

— Bem, eu não sou. Então, com licença para eu ir ganhar a vida, Sua Alteza Real.

— Pare de me provocar, a menos que queira uma foda em cima desta mesa.

Meu controle sobre a caneca enfraquece devido a dois fatos. Primeiro, sei que este homem louco cumpriria a promessa. Segundo, estou inexplicavelmente zumbindo com um tesão nauseante diante dessa possibilidade. Quando não digo nada, ele interpreta como um sinal de que a ameaça foi eficaz.

— Agora, vai ou não vai parar de ser teimosa e retomar suas férias?

— Estou perfeitamente bem.

— Esconder os hematomas com maquiagem não faz você ficar bem. Faz de você uma vigarista.

— Ah, me perdoe. De quais hematomas estamos falando? Os dos bandidos ou os que você me deu selvagemente, como se fosse um bárbaro? Não consigo nem me mexer sem senti-los.

Um sorriso largo, até orgulhoso, curva seus lábios.

— Missão cumprida. Prepare-se, docinho, haverá mais marcas antes de essas desaparecerem.

— Você é um…

— Pervertido? Está começando a soar como um disco arranhado.

— E você está começando a ficar confortável demais ao me tocar. — Afasto sua mão. — Não sou seu brinquedo da semana, Kingsley.

— Pode ser de um mês ou dois. Não me importo.

— Bem, eu me importo.

Ele franze a testa.

— Em qual duração está pensando?

— Nenhuma. Foi coisa de uma noite. Transamos um com o outro até dizer chega e acabou.

— Isso pode ser verdade para você, mas eu ainda nem comecei, docinho. —

Agarra meu queixo, espalha os dedos em minha pele com um comando dominador e inclina minha cabeça para trás. — Na minha casa hoje à noite?

— Não.

— Na sua então? Mas terá de levar Caroline Luciano de volta à mansão dela. Não gosto de uma plateia.

— Não.

— Nossa, bruxa. Não sabia que gostava de exibicionismo.

— Não no sentindo de que não vai acontecer, idiota. Além disso, tenho que participar de um evento com um dos meus clientes do exterior hoje à noite.

— Então fica para a próxima.

— Em vez disso, aprenda a aceitar um não como resposta.

— Me permita recusar. — Segura minha caneca de café. — E para de beber durante o expediente. Ou fora dele, aliás.

Então sai, levando minha bebida e me deixando com frustrações do tamanho de uma montanha.

18



Kingsley

Às custas de ser chamado de stalker com tendências de comportamento invasivo, descubro exatamente onde Aspen está esta noite. Graças ao fato de Caroline não ter o menor senso de esconder informações.

Foi tão fácil manipulá-la para me dizer onde Aspen está que é um pouco suspeito. Especialmente com sua risada malvada no final e o ambíguo comentário:

— Você realmente deveria ter visto aqueles diários.

De qualquer forma, obtive as informações de que precisava e me livrei de Nate, alegando que se tratava de uma importante ligação de negócios. Ele tem passado o dia inteiro tentando me sequestrar ou me forçar a ligar para minha filha. De acordo com o homem, eu deveria pedir desculpas. De acordo comigo, meu sócio é um ladrão de filhas e deveria se foder.

Além disso, foi ela quem passou dos limites dessa vez. Pensar que sou um espancador de mulheres é o pior julgamento errôneo que alguém, sangue do meu sangue, já me infligiu. Tendo em vista o fato de que vivi a vida inteira testemunhando minha mãe ser abusada emocionalmente – abuso é abuso –, qualquer variação desse veneno está fora do meu nível.

A menos que seja estraçalhando a cabeça de alguém.

A moral da história é que Gwen deve ser a pessoa que pede desculpas. E por mais que criar uma brecha entre nós não seja diferente de excluir uma parte de mim, ela precisa dessa lição.

E eu preciso que a mãe dela pare de ser difícil pra caralho. Para isso, tenho de encontrá-la.

Isso se prova ser mais difícil do que eu imaginava, considerando que estou vagando pela residência dos Carson por meia hora e não a vi. É grande, antiga e não tem alma, como todas as mansões de pessoas ricas. A nora do velho durão está organizando algum tipo de baile beneficente para ajudar crianças órfãs. Ela

também parecia estar levando isso a sério quando entrei aqui mais cedo sem convite, como de costume, mas com um cheque bem alto para a causa.

Duvido que a loira do tipo Barbie compartilhe a visão do sogro de que o único propósito de uma instituição de caridade é servir como um paraíso fiscal para os ricos. A casa foi decorada com luzes suaves e mesas extravagantes cobertas de veludo vermelho. Telas e mais telas mostram um vídeo cuidadosamente feito de depoimentos de crianças aos quais ninguém presta atenção. Os convidados se misturam em círculos fechados, fofocando ou reacendendo relacionamentos. O verdadeiro tópico desta noite – crianças – está em algum lugar perto do inexistente.

Entro no baile e, depois de alguns instantes, encontro-me em um grupo de velhos lobos que eram amigos do meu pai. Mal estou prestando atenção à interação e definitivamente não estou os entretenho. Muitos desses idiotas acharam que, como herdeiro do meu pai, eu continuaria investindo nos negócios deles por causa de seus relacionamentos pessoais.

Logo descobriram que não vou às festas de aniversário deles, não tenho interesse nos seus lagos de carpas no jardim e sou frio o suficiente para vê-los falir em vez de ser puxado para o buraco junto com eles. Meu pai era um investidor, sim, mas muito apegado para o estilo de Wall Street. É por isso que minha fortuna é muito maior do que a dele.

Sou prático e lógico e não saio por aí seguindo as pessoas.

Exceto por uma certa *femme fatale* ruiva, óbvio. Precisei tomar medidas drásticas ao vir para cá.

Porque é claro que, porra, o evento de Aspen tinha de acontecer no complexo do nosso concorrente. O Carson & Carson é um dos poucos escritórios de advocacia rivais pelos quais tenho algum tipo de respeito. Apesar do fato de o sócio mais velho, Alexander Carson, ter sido amigo e advogado do meu pai.

Ele é antiquado, gosta de negócios obscuros porque pagam bem e não tem medo de sujar as mãos.

Em resumo, tudo o que Benjamin Shaw era.

Nate e eu nos tornamos seus concorrentes quando abrimos a Weaver & Shaw, e o teríamos esmagado se não fosse por seu filho. Sangue novo, jovem e com ideias revolucionárias que mudaram os velhos hábitos de seu pai.

Enquanto ouvia as conversas dos velhos sobre impostos, vi Aspen. Com o Carson mais jovem. Asher.

Sou obrigado a tomar um gole do meu Macallan para não espumar pela boca.

A advogada sempre foi uma mulher linda, mesmo se comportando como uma criatura irritante que adora ser uma pedra no meu sapato por diversão. Sua beleza tem um toque afiado, e isso tem menos a ver com os cabelos ruivos e as maçãs do rosto altas e mais a ver com o olhar cortante e a postura ereta.

Se a confiança pudesse ser classificada em categorias, a dela seria a mais tranquila. É ousada, mas não o suficiente para fazê-la gritar ou deixar a irracionalidade tomar conta. Ela também é determinada ao extremo, e é por isso que sei: quando decide algo, não há como impedi-la.

Mas não esta noite.

Passo o olhar por seu vestido preto simples de mangas compridas, que chega até o chão. A mulher tem até um lenço da moda cobrindo o pescoço, por razões óbvias. Só de pensar que está olhando para os chupões furiosos que deixei nela no espelho, meu pênis fica duro como uma rocha. Ele está em um modo de despertar constante desde a noite passada, e eu me recuso a ser um adolescente e me masturbar.

O desejo cegante de agarrá-la entre aqueles homens e enfiar o pau dentro de sua boceta é tão irresistível que fico surpreso por ele não explodir na minha calça social.

Aspen sorri para os dois homens que estão com ela. Um deles é Carson Júnior, e o outro é um sujeito que parece ter uns quarenta e poucos anos. Tem uma constituição forte, rosto branco e postura ereta, semelhante à minha. Reconheço um homem com poder quando o vejo, e ele está definitivamente no espectro.

Penso em como mandá-lo para o próximo planeta sem chamar a atenção de ninguém. Ou talvez eu deva chamar a atenção para o fato de que o cara é casado – a julgar pela aliança em seu dedo – e ainda está perto demais de Aspen.

Justo quando estou pensando em incendiar a mansão de Alexander Carson, os olhos de camaleão da ruiva encontram os meus. Eles se arregalam, seu sorriso vacila e ela segura a taça de champanhe com mais força. Eu sorrio, adoro a sensação de pegá-la desprevenida um pouco demais. Provavelmente porque ela não é o tipo de pessoa que gosta de ser pega desprevenida.

— Surpresa — digo do outro lado da sala.

Ela franze os lábios em uma clara indicação de "fique longe". Sem sequer oferecer um "com licença", deixo os velhotes para trás e marcho em direção à

mulher. Se ela fosse a única no círculo, tiraria o sapato e me acertaria na cabeça com ele. Mas como há companhia e padrões sociais a serem respeitados, a advogada deixa as emoções apodrecerem dentro de si a ponto de quase explodir.

E sei disso porque a vermelhidão se espalha de seu pescoço até o queixo, e as chamas se acendem em seus olhos. Pioro a situação ao sorrir quando entro sem ser convidado em seu pequeno círculo.

— Carson, como tem passado?

Asher aperta minha mão. Ele tem quase 30 anos, a mesma idade de Sebastian, sobrinho de Nate, que ele praticamente criou, então está conosco a vida toda.

— Kingsley. — Levanta uma sobrancelha, parecendo cada vez mais uma versão jovem e solene de seu pai. — Ouvi dizer que estava em coma, mas parece tão bem quanto o Diabo.

— E tão manipulador quanto, então é melhor proteger seus clientes antes que eu os roube.

— Anotado — diz, estreitando os olhos de leve. — Aspen é muito mais acessível do que você em questões comerciais. Pelo menos ela não me ameaça na minha própria casa.

— A propriedade é proporcional. — *Logo eu falando, que tenho lutado com unhas e dentes pela casa da minha família.* Enfim dou atenção ao outro homem. — Onde estão meus modos? Apresente-nos, Srta. Leblanc.

Ela me lança um olhar que poderia cortar meu coração inexistente.

— Jonathan, este é Kingsley Shaw, o coproprietário da empresa onde trabalho. Kingsley, este é Jonathan King. Um empresário inglês que está investindo nos Estados Unidos.

Apertamos as mãos com firmeza, até mesmo com força bruta, e ele mal escapa de ter seus dedos esmagados. Contudo, quanto mais aperto minha mão, mais o sujeito me imita, até que nos soltamos ao mesmo tempo. Que tipo de mensagem o filho da puta está tentando passar?

É com esforço que protejo minha postura indiferente.

— Não sabia que os interesses da Srta. Leblanc alcançavam o outro lado do oceano.

Ele oferece um sorriso reservado e fala com um sotaque britânico elegante que parece saído de algum programa de história.

— Ela é engenhosa assim mesmo, a Srta. Leblanc. Uma das melhores advogadas estrangeiras com quem já trabalhei.

Cerro os dentes, e não tenho certeza se é por causa das palavras do cara ou do modo como ela brilha com um sorriso orgulhoso ao ouvi-lo.

— Você é um dos meus clientes mais valiosos, Sr. King. — Ele levanta seu copo. — A parcerias mais frutíferas. — Asher e Aspen levantam seus copos. Eu não.

— Fico feliz em saber que a Weaver & Shaw é valiosa para você — digo em vez disso. — Sua esposa vai se juntar a nós, Sr. King?

— Infelizmente não. Eu a poupo da monotonia destes eventos sempre que possível.

— Ela tem sorte de ter você — fala Aspen, e embora seja uma declaração que poderia ser dita por cortesia, acaba com minha paciência.

— De fato — digo com raiva disfarçada e, em seguida, agarro a mulher pelo braço com rapidez e firmeza. — Se nos derem licença, cavalheiros, a Srta. Leblanc e eu temos assuntos a tratar.

Nem mesmo espero a resposta deles antes de a arrastar ao meu lado pelo corredor.

— Que diabos pensa que está fazendo? — a ruiva sibila, praticamente correndo para acompanhar meus passos largos. — Kingsley! Me solta.

Suas unhas cravam em minha mão, mas não importa o quanto ela me rasgue e arranhe, não a solto. O público que assiste aos nossos movimentos pode muito bem ser invisível. Tudo o que consigo ver são tons de preto e vermelho e um desejo inegável. Eu a empurro para dentro de um dos quartos e a bato contra a porta. Ela ofega, os lábios entreabertos.

— Mas que…

Suas palavras terminam em um arfar quando choco meus lábios contra os dela. A advogada fica atordoada por um segundo antes de tentar me morder, murmurando e colidindo a boca com a minha. Aspen e eu não apenas nos beijamos, nós guerreamos.

Vamos a extremos dos quais ninguém mais se aproximaria.

Seguro um punhado de seu cabelo flamejante, mordo seu lábio com a mesma força que ela abocanha o meu. Um gosto metálico explode em minha boca, mancha os lábios, e não tenho certeza se é o dela ou meu.

Também não me importo.

Afundando os dedos em seu vestido, mergulho-os até chegar à sua cintura. Quando eles encontram a boceta nua, eu gemo, afastando-me de sua boca.

— Não só está encharcada como também veio preparada para ser fodida.

— Vai se foder, seu babaca. Como ousa interferir no meu trabalho?

Enfio dois dedos na boceta, e isso é o suficiente para cortar suas palavras. Seus olhos se arregalam, e a respiração se torna mais difícil, mas Aspen murmura:

— Vou matar você… se se meter nos meus negócios de novo… Ah, porra.

— Ã-hã, porra. E não é recomendável me ameaçar de assassinato quando sua boceta está se apertando em volta dos meus dedos.

— Você… não tem… nenhum… direito… *caralho*.

Eu a calo com meus lábios nos dela enquanto a ruiva treme em volta dos meus dedos. Adoro como algumas investidas bruscas e a estimulação do clitóris são capazes de levar esta mulher ao limite.

Ela é uma deusa do sexo.

Ainda a segurando pelos cabelos, tiro os dedos de dentro da boceta e a arrasto até a janela alta com vista para o jardim dos fundos. Sua reação é demorada devido ao orgasmo, considerando que tenho de praticamente carregá-la. Encosto seu corpo contra o vidro, e ela suspira. Contudo, não lhe dou tempo para processar o que está acontecendo, pois libero o pau e o enfio por trás.

Que se foda a camisinha.

Nada será uma barreira entre mim e o calor desta mulher irritante.

Minha mão repousa em seu quadril, a outra agarra sua mandíbula com um comando inegociável.

— Gostou de ser elogiada por aquele filho da puta?

Suas pernas tremem e a boceta me engole inteiro, mas ela tem a audácia de me olhar de volta.

— Gostei. Nem todo mundo é um idiota como você.

— Ainda assim, sou eu quem está com o pau enfiado na sua boceta apertada, docinho. — Acentuo as palavras com algumas estocadas fortes e rápidas que interrompem sua respiração. — De agora em diante, vai apagar qualquer outro homem de sua vida, entendeu?

— Vai se foder.

Solto sua cintura e dou um tapa na bunda.

— Essa não é a resposta certa. Agora, fala.

Aspen guincha, os gemidos ecoando na escuridão.

— N-não.

Minha palma encontra sua carne, mas é mais forte desta vez que ela grita.

— Tenta de novo, docinho.

— Para com isso… inferno…

Um tapa.

— Não até você me dar a resposta certa.

— Não pode me dizer o que fazer.

— Observe. — Dou três tapas consecutivos em sua bunda, eles a deixam ofegante e apertada ao meu redor. — Você é uma putinha, docinho. Bastam alguns tapas e estará engolindo meu pau.

— Seu pau no cu…

Solto o queixo dela e deslizo o polegar pela fenda até encontrar o orifício traseiro.

— Quer dizer esse aqui? Mmm, parece virgem e pronto para ser fodido.

Aspen fica imóvel.

— Kingsley… não…

— Hoje não. — Enfio o polegar em sua bunda. — Mas um dia você vai levar meu pau nesta bunda como uma boa garota, e então vai gritar tão alto que o mundo vai saber que está sendo fodida por mim. — Ela treme, e eu aproveito a chance para bater nela. — Ainda não me respondeu.

Seu ruído surpreso de prazer atravessa o ar, mas ela murmura:

— Não.

— Se quer ser capaz de se sentar amanhã, me dê a resposta certa.

Ela me olha por cima do ombro e se atreve a sorrir.

— Ainda assim… não. Me mostre o pior que pode fazer.

Então me transformo na porra de um animal. Meu ritmo é frenético, profundo, sinto que nunca vou me cansar dela. Também enfio um dedo em seu orifício de trás, dedilhando-o enquanto a fodo e dou tapas em sua bunda até pequenos gemidos escaparem da ruiva.

— Vou foder essa sua teimosia para fora de você, Aspen. E quando isso

acontecer, farei tudo de novo.

Eu a agarro pelos cabelos para seus lábios ficarem a poucos centímetros dos meus. Ela balança a cabeça em meu abraço, mesmo quando as lágrimas se acumulam nos cantos de seus olhos. Se são lágrimas de prazer ou de dor, não sei.

— Olha seu rosto. — Direciono seu semblante para nosso reflexo no vidro. — Está vendo o êxtase nele? Isso é o que qualquer convidado pode ver se estiver do lado de fora e olhar para cima. Ele verá você aguentando meu pau como a putinha imunda que é. Vai mostrar a eles o quanto está sendo fodida por mim? Ou será uma boa garota e só vai dar seu prazer para mim?

Seus lábios se entreabrem.

— King… para de dizer esse tipo de coisa…

— Diga a palavra mágica.

— Não… — Sua fala gemida termina em um suspiro quando dou um tapa em sua bunda já vermelha.

Ela goza então, com força e um som gutural que desencadeia meu próprio orgasmo. Minhas bolas se apertam, e as costas se sacodem em linha reta enquanto eu a penetro com investidas selvagens e profundas.

— Caralho. Caralho. Caralho. — Esvazio-me dentro dela por tanto tempo que acho que não vai acabar.

Quando me retiro, o esperma escorrega por suas pernas e por seus sapatos, e não consigo deixar de seguir o caminho com olhos famintos. Aspen se inclina contra o vidro, os chupões que deixei em seu pescoço visíveis por baixo do lenço amassado, tão desgrenhado quanto ela. Enrolo um pouco de seus cabelos brilhantes em minha mão e a puxo para mim até suas costas ficarem encostadas em meu peito.

— Me solta — a mulher pede com uma voz vulnerável. — Estou sensível.

Encontro a pele clara do pescoço dela, bem entre dois chupões desbotados, e mordo. Com força.

— Ai, isso dói! Por que continua me mordendo como um animal no cio?

— Sou melhor do que um animal. Estou sempre no cio. — Reviro os quadris para provar meu ponto.

— Puta merda. — Ela me lança um olhar de reprovação. — Como ainda pode estar duro?

— Meu pau e eu chegamos em um consenso de que não vamos parar. —

Mordo seu pescoço de novo, desta vez chupando sua carne. — Não até você nos dar a resposta certa, docinho.

E logo eu a reivindico de novo.

E de novo.

E, porra, de novo.

19



Aspen

— Tenho minha própria casa, sabia? — Cruzo os braços sobre o robe, parada perto da porta do banheiro e lançando olhares furiosos para o viciado em sexo à minha frente.

Isso vai além de qualquer coisa que eu poderia ter pensado ou imaginado. Isso não fazia parte do combinado. Definitivamente não concordei em ser consumida várias vezes em uma festa cheia de gente até mal conseguir andar direito A única razão pela qual consegui voltar a socializar foi porque quase acertei um chute nas partes dele para me soltar.

Porém, é claro, Kingsley não solta. Ao menos não por muito tempo. Ele é como um enorme gato preto que dá uma pausa à presa só para atacá-la depois. E foi exatamente isso que fez. Primeiro, deixou-me socializar sozinha enquanto me observava de longe, mas depois grudou ao meu lado e me apresentou a alguns amigos de seu pai.

Não dava para ficar brava com isso, porque fazer conexões é vital no ramo jurídico e muitos daqueles empresários são clientes em potencial. Não sei por que ele estava me fazendo esse favor, até me apresentou como sócia sênior de sua empresa, o que nunca faz. Juro que pensei que o homem tinha apagado minha posição da cabeça dele há muito tempo.

De qualquer forma, o advogado estava de bom humor, e provou isso sussurrando palavras obscenas no meu ouvido como se me desestabilizar fosse seu esporte favorito. Quando saímos do evento – ou eu estava saindo, porque sua mera presença me causava frustração sexual –, ele sugeriu me levar para casa.

Ou melhor, empurrou-me para dentro do carro.

E todo esse esforço foi para me foder em sua mansão de novo. Contra a porta, a parede e, agora pouco, no chuveiro. Graças à sua libido insaciável, não consigo andar direito. De novo.

E estou toda penosa e dolorida por todo o corpo.

Jesus. Não sou mais tão jovem assim.

E ele também não. Então, de onde é que tira essa energia?

Parece estar até pronto para uma próxima.

Talvez eu precise fazer amizade com a Martha e pedir a ela para me tirar deste lugar depois de eu colocar Boa noite, Cinderela na bebida dele.

Seu cabelo escuro cai sobre os olhos conforme o sujeito usa uma toalha para secá-lo, os fios molhados voam para todo lugar. Tento desviar o olhar do seu torso esculpido, mas falho. Não ajuda nada que gotas de água escorreguem pelo seu abdômen até a linha V, que desaparece sob a cueca boxer. Ele tem o tipo físico perfeito, parece saído direto da capa de uma revista.

— Seu apartamento está tomado por uma certa esposa de mafioso e seus cachorros — diz em resposta à minha declaração anterior. — Como eu disse, ter uma plateia não é minha praia.

— Como sabia que a Caroline tem cachorros?

— Quando falei com ela no telefone mais cedo, disse que Caim e Lúcifer mandaram um oi. Sinceramente, espero que esses sejam apenas nomes de cachorros brutos, e não que tenha convidado demônios de verdade para seu apartamento.

— Por que ligou para Caroline? Já sei, ela disse onde eu estava?

— Correta.

Vou matar a Callie.

— Não fique tímida. — Kingsley faz menção à minha proximidade com um sorriso torto. — Não vou te morder.

— Não vai me morder uma ova. Tenho as marcas para provar que está mentindo.

— Permita-me corrigir a afirmação. Não vou mordê-la *agora*. — Ele vem em minha direção com passos longos e determinados, colocando uma toalha limpa sobre seu ombro.

Pego o objeto mais próximo, um candelabro de ouro, e o mantenho à minha frente.

— Juro por Deus, Kingsley. Se der mais um passo, vou jogar isso na sua cabeça.

Se pensei que isso o deteria, estava completamente errada, pois ele continuou se aproximando com um sorriso malicioso.

— Você tem a força para danificar meus neurônios de gênio?

— Assim como tem a de me drenar.

— Sua boceta e sua boca não estão em consenso, docinho. — Parou a um fio de cabelo de distância. — Aposto que, se eu colocar meus dedos dentro dela, essa boceta vai engoli-los e mantê-los lá.

— Para com isso… — Encosto o candelabro em seu peito, mas alguma coisa cega meus olhos.

Uma toalha.

Ele agarra o candelabro com uma facilidade constrangedora. Então, minha visão volta ao normal quando o sujeito começa a secar meu cabelo com as duas mãos. Fico tensa, mas o homem continua a tarefa.

— Relaxa. Não vou foder com você de novo… por enquanto. Precisa comer e beber mais água primeiro, ou ficará desidratada.

Meus lábios se separam enquanto eu o encaro, honestamente procurando um sinal de que isso é uma pegadinha. Quando não encontro nada, minha garganta seca.

Desde quando ele é uma pessoa atenciosa? Sim, sei que o advogado dedicou sua vida à Gwen e é um pai amoroso. No entanto, fora isso, foi coroado como um idiota. Tinha presumido que ele também seria assim com suas parceiras sexuais.

Uma sensação de mal-estar se espalha pelo meu estômago ao pensar nisso. Não, de jeito nenhum. Não vou pensar nas amizades coloridas dele, no exército de acompanhantes e no fato de que sou uma delas.

Não sou.

Só deixei Kingsley me foder para resolver toda a tensão entre nós. É só isso.

Só isso.

Tento pegar a toalha.

— Posso fazer isso sozinha.

— Fica quieta. — O anfitrião cuida individualmente de cada fio vermelho como se estivesse em uma missão.

— Não sou um bebê — resmungo.

— Não, mas é descuidada com as necessidades do seu corpo.

— Posso secar meu próprio cabelo com uma toalha.

— O que não fez. Para de fazer tempestade em copo d'água e de querer encontrar problema em tudo.

Abro a boca para dar uma resposta agressiva, mas decido fechá-la. Estou na defensiva, total e completamente. Se eu disser alguma coisa, isso só vai ser uma prova contra mim.

— Imagino que não esteja acostumada com pessoas cuidando de você — ele fala suavemente no silêncio da sala. Ou tão suavemente quanto Kingsley consegue.

— Sou independente.

— Essa é outra palavra para dizer "tenho medo de me abrir"?

— Somente um babaca sexista presumiria que uma mulher independente é assim porque tem medo de alguma coisa.

— Não estou presumindo, docinho. Sei disso com certeza, e se "sexista" é o rótulo que quer me dar, fique à vontade. Seja lá o que te ajuda a dormir à noite. Estou pouco me fodendo, na verdade, não ligo mesmo. Só saiba que nenhuma resistência da sua parte vai mudar minha decisão sobre o que vou fazer com você.

— O que isso quer dizer?

— Exatamente o que ouviu. Decidi que é minha por enquanto, e isso significa que nenhum outro homem tocará em você além de mim. Ah, e virá aqui a cada duas noites e ficará na minha cama.

Detesto que algo se aperte em meu coração e o estômago se contraia. Que isso?

— Ficar na sua cama?

— Ou chuveiro, balcão ou parede. Basicamente, qualquer superfície que possa ser usada para foder você loucamente.

— E simplesmente decidiu isso sozinho sem, sei lá, conversar comigo ou algo assim?

— A parte sobre você ser minha é incontestável. A segunda parte, que diz a respeito a você aparecer aqui, é negociável. No entanto, se quiser que eu vá ao seu apartamento, expulse o público primeiro.

— Uau. Soa tão confiante quanto ao fato de que eu concordaria em ser sua.

— Sou rico, bonito e tão inteligente que deveria ser ilegal, sem falar que tenho um pau que não consegue aguentar. Sou um bom partido. Altamente recomendado. Então por que não concordaria?

— Não sei, talvez pelo fato de eu nem gostar de você?

— Não precisa gostar de mim para me dar, docinho. Sua boceta apoiaria de bom grado minha reivindicação.

Esmurro seu peito e o empurro para longe – ou tento ao menos.

— Me permita usar sua frase favorita e recusar.

Ele tira a toalha da minha cabeça, mas não abre uma distância entre nós. A cor de seus olhos escurece como uma tempestade se formando à distância, com a pura intenção de destruição em massa.

— Sua teimosia não é mais tão fofa.

— Não era para ser. — Eu o encaro, e sua mandíbula se fecha.

Ficamos assim por longos segundos, como um cabo de guerra entre dois generais poderosos. É quase impossível manter contato visual com Kingsley por um extenso período, mas estou pronta para voltar à estaca zero se isso significar manter minha posição.

— Então fale — ele diz por fim.

— Falar o quê?

— Seu contra-argumento.

— Isso não é um relacionamento. Apenas uma transa, da qual qualquer um de nós pode se desvincular a qualquer momento. E não sou sua nem de ninguém. Pertenço a mim mesma.

O olho dele se contrai. Fora isso, não há reação em seu rosto.

— Então quer que tenhamos uma amizade colorida, menos a parte dos amigos. Deveríamos chamar de inimigos coloridos? Um relacionamento de fododeio?

Agora que ele falou assim, parece ainda mais bagunçado do que na minha cabeça. Mas até que soa plausível o suficiente, e posso me manter firme, então dou um aceno afirmativo decidido.

— Quanto controle das coisas você tem, Aspen? O bastante para mover uma montanha? Duas? Quero que se lembre deste momento quando eu fizer cada pedacinho disso desmoronar.

— Isso significa que concorda?

— Com o quê, exatamente? Um relacionamento aberto em que você age como se não fosse minha e eu posso enfiar meu pau nos buracos disponíveis da cidade?

Um gosto amargo explode no fundo da minha garganta com a imagem que o homem descreveu, e uma estranha energia negativa se instala em meu peito. Demoro alguns instantes para encontrar a voz.

— Se foder com outra mulher, vou foder com um homem e farei você assistir.

— Ah, eu não estarei assistindo, docinho. Ele estará, enquanto eu faço você gritar meu nome no momento em que quica no meu pau como uma putinha imunda. E quando ele ficar com tesão, vou cortar a garganta do sujeito e foder você de quatro no sangue dele.

O estômago se aperta e, por um momento, desejo que ele esteja brincando ou que isso seja uma alucinação distorcida. Contudo, o brilho escuro que emana em seus olhos é nada menos do que um desejo de violência, uma possessividade perversa da qual sou alvo.

— Você é doente, Kingsley.

— E você está corando.

— Estou furiosa.

— Semântica.

Solto uma longa lufada de ar.

— Estou falando sério. Nenhuma outra mulher.

— Claro. O preço é admitir que é minha.

— Não.

— Então vamos fazer do meu jeito e, acredite se quiser, vai se arrepender dessa decisão. — Joga a toalha no chão e se vira, com os ombros cheios de tensão. — Desça quando estiver pronta.

O cômodo ganha uma frieza inusitada quando o advogado sai, e não tenho a menor ideia do porquê tremo como um gatinho perdido na chuva.

Não é pavor.

Eu me recuso a acreditar que seja pavor.

Depois de vestir uma das camisas de Kingsley, que me engole inteira e chega até o meio da coxa, desço as escadas. Sou grata por ele não ter nenhum funcionário morando na casa, o que deveria ser esperado em mansões como esta. Parece que os empregados vêm durante o dia e vão embora antes de o patrão chegar em casa.

Faço uma pausa em frente à pintura do demônio. Agora que sei seu

significado e a história por trás dela, ganhou uma luz diferente e mais sinistra. Não consigo deixar de pensar em um Kingsley mais jovem, olhando para demônios que podem ou não refletir os que estão dentro dele.

O homem os carrega há muito tempo. Desde a adolescência.

E podem ter sido o que me atraiu nele, em primeiro lugar.

Afastando essa epifania incômoda, sigo o som de pratos tilintando que vem da cozinha. Ela é espaçosa, tem um balcão de mármore embutido e equipamentos de aço adequados para a cozinha de um chefe.

As costas de Kingsley parecem ter perdido a tensão de antes, enquanto ele está no fogão. Porém, sei que não devo ficar aliviada; se há algo que aprendi sobre este homem é que ele tem um PhD em esconder emoções. O que demonstra quase nunca é o que sente.

Vou até seu lado e me concentro em todos os ingredientes e pratos que estão sendo preparados por um momento. Uma sopa de lentilhas, presumo. Molho de cogumelos e algo com cordeiro.

Quando foi que ele comprou mantimentos? Mais importante, por que parece tão à vontade cortando vegetais perfeitamente simétricos?

— Não sabia que você sabia cozinhar.

— Há muitas coisas que não sabe sobre mim — diz sem olhar para mim.

— Quando aprendeu?

— Na infância. Meu avô costumava dizer que a receita secreta para ser um líder poderoso é saber quando, como e por quanto tempo se deve misturar as pessoas à sua disposição. Cozinhar uma refeição é a mesma coisa. Cada ingrediente tem um padrão e um propósito: fazer uma refeição perfeita.

— Acabou de comparar pessoas a refeições?

— Ingredientes. A refeição é o resultado, ou seja, o dinheiro que elas trazem para a mesa trabalhando ou se entregando à cultura do consumo.

— Você é um porco capitalista com um estado de espírito maquiavélico.

— Processe minha conta bancária.

— Só porque é rico e atraente não tem o direito de explorar as pessoas ou tratá-las como se fossem gado.

— Só ouvi a parte do rico e atraente. — Faz uma pausa quando finalmente levanta a cabeça e se concentra em mim.

A tempestade de fogo que se acende em seus olhos me deixa sem fôlego. Ele

tem um jeito de me encarar intenso, como se eu fosse sua refeição favorita. Não um mero ingrediente. Preciso de todas as forças para não me contorcer ou revelar o que estou pensando.

— Você fica muito gostosa com minha camisa.

Limpo a garganta, sem saber como aceitar elogios.

— Achei que era melhor do que traumatizar nós dois pegando emprestadas as roupas da Gwen de novo.

— Concordamos em alguma coisa. — Pega um prato, ainda parecendo completamente à vontade.

Kingsley devia cozinhar para a Gwen o tempo todo. Nate mencionou que ela é uma boa cozinheira e uma padeira ainda melhor. Duas qualidades que eu definitivamente não tenho. Vivo de comida enlatada, quentinhas e refeições queimadas da Callie nos últimos tempos.

— Era próximo do seu avô? — pergunto, depois faço uma pausa diante da sensação incômoda em minha cabeça.

Por que quero saber mais sobre ele quando acabei de traçar uma linha de limites lá em cima?

— Na verdade não, ele morreu quando eu era jovem. No entanto, considero essa casa um legado dele, e não do meu pai. Porque meu pai a usou como garantia, perdeu-a e depois a comprou outra vez. Portanto, definitivamente não é algo que ele valorizava.

— É porque ele a deu para a Susan?

— Isso e o fato de que ele a colocou como garantia várias vezes, mesmo depois de perdê-la.

— A Susan pode tê-lo manipulado para isso.

— A menos que Susan tenha talentos de magia proibida, ela não o forçou a fazer nada. Meu pai era dominado, mas não o suficiente para perder a cabeça. Ainda era dominado, mesmo assim.

— É por isso que se esforçou para provar que ele estava senil nos meses que antecederam sua morte? Uma espécie de último "foda-se"?

Ele sorri.

— Com uma placa de RIP em pedaços para sua morte. Até mandei fazer uma lápide especialmente para a ocasião que dizia "pai não amado e casado com uma interesseira feita de plástico". Susan mandou destruir, por motivos óbvios.

— Percebe que todas essas travessuras com a Susan são inúteis, certo? Você tem a casa, a vantagem e mais dinheiro para esmagá-la. Não seria melhor esquecê-la e, tipo, deixar seu rancor de lado?

— Não até ela se tornar uma mendiga na beira da rua, exatamente como no dia em que entrou para esta família. Na verdade, farei mais do que isso: vou fazê-la se ajoelhar no túmulo de minha mãe e implorar seu perdão. Talvez aí eu a deixe pra lá.

Enfim percebo: ódio, raiva e todas as emoções negativas que não deveriam existir em uma pessoa.

— Ah, meu Deus. Essa é sua maneira de fazer algo pela sua mãe agora, porque não tinha poder quando era jovem? — Kingsley continua em silêncio, mas sei que acertei em cheio. — É, não é? É por isso que se recusa a deixar a Susan de lado. Está preso ao passado.

— Nós dois então, porque a simples menção do seu pai a transforma em uma folha trêmula.

— Meu pai está vivo e é uma ameaça muito séria.

— E daí? A menos que queira entrar no assunto, é melhor não ficar mexendo no meu passado. Meus podres não te dizem respeito.

Aperto os lábios, e ele entende como um sinal de que eu deixei pra lá. Maldito imbecil. Diz que sou teimosa, mas ele é tão cabeça-dura quanto um touro. Quando não digo nada, o homem faz um gesto para o balcão.

— Sente-se. A comida vai ficar pronta daqui a pouco.

— Não estou com muita fome… Mas não recusaria uma bebida.

— Você vai comer, e não vai beber álcool sob meu teto.

— Por que não, ué? Você tem uma adega do tamanho do Texas com tanta bebida valiosa quanto seus os poços de petróleo de lá.

— Não sabia que lia artigos sobre mim.

— É… um fato conhecido.

— O fato mais conhecido é que está beirando o alcoolismo com seus hábitos diários de beber, chegando até a disfarçar uma bebida como café. Vai largar esse vício.

— Uma pena que não pode me dizer o que fazer.

— Na minha casa, posso. Além disso, seu consumo de álcool enquanto está trabalhando é motivo suficiente para te levar ao conselho e te denunciar para a

OAB. Talvez tenha um choque de realidade quando sua licença estiver em risco.

— Então é isso que tem feito todo esse tempo? Descobriu minhas fraquezas para me expulsar da W&S e até me impedir de praticar a advocacia? — Sabia que não devia ter deixado este filho da puta ver meus lados mais íntimos. Ele não é diferente de uma cobra que rasteja até sua vítima e, quando vai para o golpe final, já é tarde demais.

— Se eu quisesse te expulsar, teria começado o processo.

— Mas está me ameaçando.

— Não estou te ameaçando, estou só apontando seus hábitos de consumo de álcool, que precisa largar. E não venha com esse discurso de vítima. Estou pouco me fodendo para sua taxa de sucesso ou quantos clientes você tem. Se está bebendo durante o expediente, isso afeta sua produtividade e pode custar mais aos seus clientes do que imaginam.

— Não é como se eu ficasse bêbada ou não tivesse acesso ao cérebro. Só faço isso para entorpecer pensamentos indesejados dos quais não consigo escapar quando estou sóbria.

— Não é não. Encontre um mecanismo de enfrentamento mais saudável.

— Diz o homem que dá socos em árvores à noite.

— Isso não vai contra meus códigos de conduta como advogado. Seus hábitos de bebida vão. Ponto-final. Agora, sente-se.

Eu o encaro.

— E se eu recusar? O que, só para sua informação, é uma chance de 100%.

— Então há 1000% de chance de eu puxá-la para o colo, machucar ainda mais essa sua bunda dolorida e, por fim, enfiar a comida na sua garganta.

Odeio como minhas coxas se contraem com a imagem que ele desenha na minha cabeça, e é preciso todo o meu autocontrole para manter a fachada de frieza.

— Bruto — murmuro.

— Nunca afirmei ser diferente. Agora, vamos fazer isso do jeito bonzinho ou do jeito bruto?

Meu olhar é toda a resposta que ele precisa para praticamente me jogar por cima de seu ombro. Não consigo controlar o guincho de empolgação que sai de meus lábios ou os gemidos e choramingos que se seguem quando Kingsley começa a fazer o que prometeu.

Quando eu gozo na mão dele, uma sensação sombria paira sobre minha cabeça. Será que é isso que o cara quis dizer ao tentar tirar meu controle? Ou é algo muito pior?

20



Kingsley

Estava bebendo com Nicolo na boate de Luciano no centro da cidade quando ele solta a bomba.

— Estão falando que vão libertar Bruno antes do próximo aniversário da filha. E quando digo estão falando, me refiro aos meus informantes.

Paro de abrir o Zippo para encará-lo.

— O quê?

Ele se inclina para trás, contra o couro da cabine VIP que estamos ocupando, com um cigarro balançando no canto da boca.

— Ele pode estar pensando em transformar o aniversário dela em uma data de morte. É uma coisa poética que alguns pais fazem quando tomam de volta a vida que geraram.

Minha pulsação começa a palpitar em meus ouvidos na velocidade de uma bomba letal. Mas forço um ritmo constante ao abrir e fechar o Zippo, concentrando minha atenção em Nicolo; ele parece um pouco relaxado demais sobre os fatos que acabou de compartilhar. Sem notar minha reação, ou notando e ignorando, o homem faz contato visual com um de seus funcionários, que corre com uma garrafa de Macallan.

O caos na boate não consegue atravessar os limites do meu cérebro. A música alta fica em segundo plano, com a importância de uma camisinha usada. O cheiro de perfume forte, suor, sexo e álcool paira no ar como uma nuvem soturna. Mas não presto atenção a todos esses detalhes. Nem sequer me concentro na garrafa oferecidas por ele.

— Pode impedir isso.

— Não posso. Bruno é um de nossos soldados mais leais, o homem de confiança do Lazlo. Posso ter dado proteção à ruiva, mas não às custas de acabar com Bruno. Minha ideia de proteção é não o deixar matá-la, e isso não implica,

em nenhuma circunstância, acabar com a vida do sujeito. Além disso, ela não está cumprindo a parte do acordo. O Mateo ainda está casado com a loirinha interesseira e tem se comportado como um cachorrinho rejeitado. — Empina o queixo na direção do irmão, que está recusando as investidas de duas morenas de pernas abertas e parece a um segundo de expulsá-las do clube.

— As objeções do seu irmão ao divórcio estão por conta de vocês, não de Aspen. A propósito, esse é o nome dela. Use-o.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você a está defendendo, King?

— Estou relatando fatos. Ela te trouxe mais dinheiro nas últimas duas semanas do que todos os seus soldados juntos. Não me importa se enrola tudo no pau, se enfia na bunda ou se encharca de sangue, contanto que cumpra sua parte do acordo e dê a ela a proteção que pediu.

— Eu farei isso, mas somente sob minhas condições. — Sopra uma nuvem de fumaça em minha direção. — Contudo, se as coisas derem errado, e sempre dão, não me responsabilizo por efeitos colaterais.

— O que isso significa?

— Já passei uma mensagem para Bruno dizendo que a ruiva está sob minha proteção agora. Embora esteja sob as ordens diretas de Lazlo, ele aceitou isso e prometeu não me contrariar. Portanto, a menos que quebre essa promessa, não vou planejar sua morte.

Fecho o isqueiro, estreitando os olhos.

— Ele não precisa sair para machucá-la. Está fazendo o trabalho atrás das grades.

— Não há provas.

— Que se foda. Ouviu aqueles vagabundos mencionarem o nome dele no seu porão.

— Isso foi antes de eu passar a mensagem para o Bruno.

— Ah, estou vendo onde isso vai dar.

— Vai explicar?

— Na época da escola, você costumava se cercar do maior número possível de pessoas: alunos, professores, funcionários, diretores. Todos eles. Não se tratava de um concurso de popularidade, mas de uma estratégia elaborada de dividir e conquistar. Todos faziam parte de seu tabuleiro de xadrez, que poderia e

seria usado no futuro. A situação é semelhante agora. Não quer perder os serviços do Bruno, mas também gosta do dinheiro que Aspen traz para o tabuleiro, por isso está mantendo os dois. Mas está se esquecendo de uma coisa, Nic.

Ele cruza uma perna sobre a outra e acende um charuto, depois sopra a fumaça em minha direção com a despreocupação de um senhor hedonista.

— E o que seria?

— Nunca fiz parte de seu grupo patético, das suas estratégias ou da porra do seu complexo de deus. O inferno vai congelar antes de você me usar ou usar alguém próximo a mim.

— Então a ruiva é próxima de você?

— A porra do nome dela é Aspen. E ela é mãe da minha filha.

— É com isso que alimenta o cérebro para dormir melhor à noite?

— Não, Nic. Você não vai usar uma tática de reversão e mudar o assunto para se concentrar em mim. É sobre você, então por que não me diz qual é o jogo desta vez?

— Não é um jogo. É… uma observação. Meu pai costumava dizer que há dois tipos de monstros. Aqueles que vagam livremente, como você e eu, só têm o céu como limite e até mesmo consideram a possibilidade de desafiá-lo. O outro tipo são aqueles como Bruno, que passaram a maior parte de suas vidas trancados. Seu objetivo não é nem o mundo nem o céu. Eles têm um único objetivo: destruir a pessoa que os colocou naquela cela.

— Nesse caso, ele deveria levar sua insatisfação para o diretor do presídio.

O mafioso sorri com frieza, congelando o ar.

— Sabe quantos guardas Bruno matou ou causou a morte?

— Não, mas tenho certeza de que vai me revelar.

— Vinte e cinco. Uma vida para cada ano que passou atrás das grades. E em todas as vezes, um de seus subordinados ou companheiros de prisão levou a culpa por isso. Portanto, mesmo que você ou qualquer outra pessoa envie alguém para se livrar dele enquanto estiver preso, isso não vai acontecer. O homem tem um reino sem regras lá, no qual ninguém pode se meter, muito menos na sua amada lei.

— Então está me dizendo que devemos nos preparar e esperar?

— Vocês não têm escolha a não ser esperar. A parte de se preparar é redundante.

Enfim aceito a bebida e dou um longo gole, mas nem mesmo a queimação é capaz de afastar o número de cenários que invadem minha cabeça. Nicolo fala de negócios, mas estou ouvindo só superficialmente. O número de seus homens que salvei da prisão está se tornando incontável e, embora eu me considere o melhor advogado de defesa criminal do mundo, isso está se transformando em hora extra. Seus capangas são como cães sem treinamento. Ou talvez tenham sido bem treinados por Nic para estar em uma missão constante de fazer valer seu valor – e, portanto, mostrar seu poder.

O sujeito sempre gostou de assustar as pessoas com sua reputação implacável, para elas não ousarem ir contra ele. Uma tática que nós dois empregamos desde a infância. Nunca tentei suavizar minha imagem ou atender às frágeis mentalidades e corações emocionais do público. Quando me temem, ficam longe. Quando me temem, não têm a audácia de olhar para meu trono ou tocar meu poder.

Mateo se junta a nós logo depois, assim como algumas acompanhantes, cortesia da boate. Suas tentativas de chamar minha atenção correspondem ao desespero de um peixe se debatendo. Uma delas está tagarelando sobre a história do Macallan, como se fosse um robô automatizado, e eu lhe digo para beber até ela não invadir mais o ambiente com sua voz.

Tinha me esquecido do fato de que eu costumava transar com ela há pouco tempo. É verdade que não as escolhi por suas habilidades de comunicação ou falta de caráter. Escolhi porque não eram uma porra de dor de cabeça. Ao contrário de uma certa bruxa na qual, só de pensar, fico duro e sinto uma necessidade urgente de foder. Ela, especificamente.

Já se passou uma semana desde o dia em que Aspen se recusou a ser minha, tanto no meio da transa quanto depois. O fato de eu ter batido em sua bunda a ponto de ela não conseguir se sentar direito por dias não teve importância. Ao menos não o suficiente para fazê-la mudar de ideia.

Desde então, ainda assim, a ruiva tem ido à minha casa diariamente.

Ou eu a tenho arrastado comigo. Semântica.

Devido ao seu sangue de bruxa e às supostas relações com o próprio Satanás, é difícil dominá-la. Sempre briga com tudo. Exceto quando meu pau entra em sua boceta, é claro. E mesmo assim, a mulher nunca deixa de falar o quanto sou babaca.

Entretanto, é isso que torna tudo divertido. Sua resistência, sua luta e sua capacidade de se rebaixar me transformam em um animal todas as vezes.

Não faço a menor ideia de como eu conseguia lidar com essas robôs e com a robô-qual-é-a-cara-dela-mesmo antes. Elas não têm o fogo no rabo que gosto, com certeza têm o mesmo efeito que um frio congelante e acabam com qualquer tesão meu. E não é como se eu tivesse transado com Aspen na noite passada, já que ela preferiu não vir. Quando bombardeei seu celular com mensagens de texto, no estilo esquisitão, a advogada me disse que ia sair com Caroline, Mateo e o amigo dele.

Ênfase na parte do *amigo*.

Eu disse a ela para não ir, ou eu apareceria, estragaria sua noite e destruiria as chances de Caroline e Mateo se reconciliarem. Aquele casal tem a inteligência emocional combinada de um gato gordo e a mesma filosofia de viver às custas dos outros.

Aspen desligou o telefone na minha cara depois de repetir suas palavras favoritas: "você não pode me dizer o que fazer". Ela só não estava sendo enterrada a sete palmos do chão pelo meu pau porque Nate e Gwen vieram me visitar para jantar. Chutei que ele a obrigou a fazer isso. Ela parecia infeliz, fez beicinho durante a maior parte da noite e tinha olheiras.

A traidora se encontrou com a mãe duas vezes em uma semana, o que é um recorde. E ela provavelmente só veio jantar comigo porque o marido já estava farto de seu estado de deterioração e resolveu consertar as coisas com as próprias mãos. Não é preciso dizer que o jantar foi tenso. Minha filha não se desculpou, e eu não a enchi de amor nem incentivei um comportamento de princesa mimada. Para piorar a situação, estava irritado com todo o fiasco de Aspen e o encontro duplo com o filho da puta na minha frente e sua esposa.

Como a ruiva é inteligente, evitou a empresa o dia inteiro hoje, trabalhou fora e até mesmo pediu à sua assistente para levar o que precisasse.

Se correr, o bicho pega, bruxa.

Balançando o copo de uísque na mão, concentro minha atenção em Mateo.

— Vai haver divórcio ou não?

Ele olha para mim, depois para Nicolo.

— A palavra divórcio precisa ser apagada de seu extenso vocabulário. Juro, Nicolo: se mencionar isso para a Caroline mais uma vez, não vai gostar do que vou fazer.

— Isso soa como uma ameaça — insinuo para Nic. Apesar de parecer relaxado com uma garota pendurada em seu braço e um charuto saindo de seus

lábios, ele obviamente não gostou do que o irmão disse.

— Mateo sabe que não deve me ameaçar. Não é verdade, Teo?

— Está dito. Caroline é a única pessoa de quem não pode se aproximar.

— Ouvi dizer que está fazendo as pazes com ela — digo.

Sua expressão se ilumina com isso.

— Estamos saindo.

— Considerando que é casado, acho que já fez gol nela o suficiente para dispensar a parte de sair.

— Estamos "fazendo gol" desde que nos conhecemos. Nunca saímos. Dessa forma é diferente. Melhor.

— Quem é esse impostor? — Nicolo diz com desgosto. — Me devolva meu irmão.

— Aonde vão nessas saídas? — pergunto, ignorando a presença ranzinza de Nicolo. — Mais especificamente ontem. E já que está falando nisso, com quem?

— Um restaurante no centro da cidade que pertence a um amigo meu da faculdade. Mais tarde, ele se juntou a mim, junto com Caroline e Aspen. — Mateo faz uma pausa. — Ela adorou a comida e a companhia.

— Caroline?

— Não. — Ele sorri. — Aspen.

Minha mão se flexiona com tanta força que fico surpreso de o copo não se quebrar. Já deu. A bruxa terá de pedir a seus ancestrais algum feitiço para me conter quando eu colocar minhas mãos nela esta noite.

— Por falar na diabinha…

Levanto a cabeça ao ouvir a voz de Mateo e vejo Aspen sendo conduzida em nossa direção por um segurança. Ela está usando um terninho que parece muito *sexy* enrolado em seu corpo alto e magro. Como está com sua pasta, deve ter vindo a trabalho.

Um fato que tanto Nicolo quanto Mateo esqueceram de mencionar.

Mas não importa, porque essa pode muito bem ser minha chance de cumprir a promessa que fiz a ela há uma semana.

— Venha para meu colo, Julie — digo à garota que está lutando para terminar sua bebida há uma hora.

— É Judith. — Ela franze a testa, mas faz o que lhe foi pedido, com as

pernas esticadas em ambos os lados de minhas coxas.

Sussurro para que só ela consiga ouvir:

— Dê o seu melhor, e será recompensada com uma profissão melhor do que esta que obviamente odeia e na qual é péssima, a julgar por suas habilidades de jogar conversa fora e aguentar bebidas.

Julie Robô Judith mostra o primeiro sorriso verdadeiro em toda a sua carreira de merda e acena com a cabeça. Ela passa os dedos em minha gravata bem a tempo de Aspen nos ver. Fingi que não a notei enquanto sorria para alguma bobagem que Julie estava dizendo. No entanto, em minha visão periférica, noto uma pequena pausa nos movimentos da advogada. É uma mera fração de segundo que nem aparece em seu rosto. Pouco tempo depois, ela caminha em nossa direção com determinação, os cabelos brilhantes balançando sobre os ombros. Limpa a garganta alto o suficiente para competir com a música meio abafada da boate.

— Aspen — Mateo a cumprimenta. — A que devemos a visita?

— Preciso da assinatura de Nicolo para uma aquisição. — Posso sentir sua atenção em mim antes mesmo de levantar a cabeça.

E quando o faço, ela me encara tão duramente que é um milagre nenhum *laser* sair de seus olhos.

— Aspen… — digo como se tivesse acabado de detectar sua existência. — Junte-se a nós.

— Não, obrigado. Você parece ter atingido sua cota de companhia.

Ela demonstra estar no domínio da situação, o que significa que ainda tem aquele controle irritante. Minha mão desliza pela cintura de Julie enquanto a outra agarra seu cabelo castanho em um punho. Apesar da luz fraca, a mancha vermelha que explode na garganta da ruiva seria visível de Marte.

Até seus lábios pressionam mais um contra o outro.

Só por diversão, deixo a boca pairar a alguns centímetros do pescoço de Julie, enquanto ela geme como uma estrela pornô. Mesmo quando adquire um tom curioso de vermelho, Aspen mantém a compostura. Eu a admiro.

Então digo:

— Ainda pode se juntar a nós. Julie não se importaria.

— A única coisa que vou fazer é comparecer no seu funeral — ela cospe, e abre a pasta. Quase derruba todos os papéis, então pega um arquivo e o enfia no

rosto de Nicolo. — Assine.

Ele parece meio divertido, meio entediado enquanto leva seu tempo rabiscando no documento. A advogada bate o pé no chão, ignorando completamente Julie e eu conforme a garota se esfrega na minha coxa para um orgasmo. Assim que Nicolo termina, Aspen praticamente arranca o arquivo dos dedos dele e o enfia de volta na pasta. Espero que ela se vire e vá embora, porém a ruiva marcha em nossa direção.

Sorrio.

— Mudou de ideia sobre se juntar a nós?

A bruxa me encara conforme pega a bebida de Mateo e a derrama sobre minha cabeça com um sorriso doce no rosto.

— Tenha uma noite de merda, idiota. — Ainda sorrindo, acena para todos. — Senhores.

Então se vira e sai com a graça da realeza. Mas não antes de eu conseguir o que quero. Meus lábios se contraem e empurro Julie e seus suspiros irritantes para longe de mim. Nicolo, que estava sorrindo como um idiota viciado em *crack*, olha para mim.

— Se importa de explicar melhor por que está sorrindo?

— Não é da sua conta.

— Eu discordo. — Toca em um charuto apagado como se fosse o corpo de uma mulher. — Lembra quando éramos jovens e nossos pais nos ensinaram a importância de mirar no centro de poder de alguém? A única coisa sem a qual eles vão desmoronar e não serão capazes de juntar seus pedaços de novo? Acho que acabei de encontrar o seu.

— Você é arrogante demais para pensar que pode me machucar sem ser aleijado em troca, Nic. Lembre-se: eu distribuo brinquedos, mas não sou um deles. — Limpo o líquido do rosto, sem me importar com o terno sob medida arruinado.

Sem me dar ao trabalho de pedir licença, levanto-me e vou atrás de Aspen. Ela pode não ter sido tão direta sobre isso quanto eu esperava, mas me deu a abertura que eu procurava.

A abertura que significa que não só se é afetada por mim, mas seu controle pode muito bem estar pendurado por um fio.

Porque não importa o quanto ela tente esconder, vi agora há pouco.

Lágrimas brilharam em seus olhos.

Pode ter sido por frustração ou raiva, porém é munição suficiente para eu usar.

Desta vez, a ruiva aprenderá da maneira mais difícil que é minha e não há como lutar contra isso.

21



Aspen

Estou surpresa por conseguir sair da boate e entrar no estacionamento sem bombardear o lugar inteiro no estilo terrorista, só para transmitir o caos que está se formando dentro minha garganta.

Os saltos fazem um som estridente no asfalto, e eu me viro. Quer saber? Eu deveria voltar lá e esmagar uma garrafa inteira contra a cabeça dura de Kingsley. Um mero copo de álcool não é nada no panorama geral. Soltando um longo suspiro, meio que abandono a ideia e marcho até meu carro. É só meio tipo de abandono, porque foda-se. A vontade de quebrar alguma coisa – de preferência a cabeça e o pau de Kingsley – é uma tentação grande demais para ser completamente deixada de lado.

Por outro lado sinistro, eu me recuso a ser vista como emotiva, problemática.

Fraca.

Os dedos tremem ao redor da chave do carro, e eu limpo as lágrimas de raiva que se acumularam em meus olhos. Não vou chorar por causa daquele desgraçado

Não nessa vida, Satanás.

Apoiando o peso contra o carro, inspiro profundamente, reúno cada pedaço do autocontrole que conquistei sobrevivendo nas ruas, estudando à beça e trabalhando o dobro dos meus colegas homens para ser reconhecida entre eles.

Imagens das mãos de Kingsley na cintura daquela garota invadem minha mente, e eu fecho os olhos. Pare de pensar em babacas. Não leve para o lado pessoal. Não significa nada. Nós não significamos nada.

A umidade se acumula em meus olhos, e nenhum pensamento crítico ou metódico consegue impedir a lágrima que desliza pela bochecha e chega à boca.

Algo me sacode, e eu me sobressalto ao notar que é meu celular. Arquejando, puxo-o do bolso, um pouco grata pela distração. A mensagem que ilumina a tela

faz meu mundo parar por um segundo.

Gwyneth: Acabei de fazer esses. Quer alguns?

Anexada está uma foto, no estilo do *Instagram*, de *cupcakes* coloridos com lindas coberturas de arco-íris.

Gwyneth: Ah, Nate acabou de dizer que não gosta muito de doces. Tudo bem, eu acho. Só fiz demais e pensei em compartilhar. Levaria para meu pai, mas ele não está falando muito comigo.

Meus dedos praticamente voam pela tela.

Eu: Eu adoraria alguns. Se não for incômodo.

Gwyneth: Claro que não me incomoda! Devo ir até seu apartamento? A Caroline vai estar lá? Ela gosta de bolo, então vou levar alguns para ela também.

Sorrio, prestes a responder um "SIM" em letras maiúsculas, quando ouço um farfalhar atrás de mim.

Meu pequeno momento de felicidade desaparece. O desgraçado tem a audácia de vir atrás de mim depois do que me fez assistir. No entanto, essa é uma boa oportunidade para esmagar a cabeça dele com meu salto. Respiro fundo e me viro de repente.

— Eu vou te matar…

Minhas palavras terminam em um engasgo abafado, quando alguém enfia um pano contra minha boca e nariz. O fedor de antisséptico e clorofórmio de cortar o estômago enche minhas narinas e se aloja na cabeça com a letalidade de uma bala.

Uma figura sombria paira sobre mim, agarrando-me pelos ombros, quase os arrancando das articulações. Cravo as unhas em seu braço, arranho com toda a energia de sobrevivência em mim. Obviamente não é muita, porque ele continua esmagando o pano contra meu rosto, forçando-me a respirar o clorofórmio.

Merda… merda…

Sinto o controle enfraquecendo e os músculos ficando moles. O som assustador dos meus saltos raspando contra o chão desaparece aos poucos ao fundo, e as pálpebras começam a pesar.

Não…

Um choque de cores e sons explode na minha frente de uma só vez.

O pano é removido do meu nariz e eu caio contra o carro, deslizo para o chão devido à força da tosse. Meus suspiros em busca de ar limpo fazem os olhos lacrimejarem, e eu balanço a cabeça algumas vezes para trazer de volta o foco. A princípio, não tenho ideia do que aconteceu, se isso é um susto ou uma

brincadeira de mau gosto. Contudo, mesmo no fundo, percebo que é muito mais sério do que isso.

A cena que se materializa à minha frente pode muito bem ter saído de um filme de terror. Kingsley segura pelo colarinho a figura escura que quase me apagou e enfia o punho em seu rosto mascarado. O outro homem o aborda, e os dois rolam no chão em um borrão de socos, chutes e sons guturais.

Mesmo em meu estado atordoado, posso ver que, quem quer que seja meu agressor, é um profissional. Apesar do talento de Kingsley para a violência, não terá vantagem.

Engatinhando, encontro a pasta que caiu no chão e a vasculho em busca do *spray* de pimenta. Antes de eu achá-lo, o agressor dá um chute nas costelas do advogado e sai correndo pela noite. Kingsley se levanta, provavelmente para ir atrás dele, mas eu sussurro:

— Não… não… vá…

As palavras são desesperadas, dolorosas e cruas. Tão cruas que chegam a doer. Ou talvez o que realmente dói é saber que, se o homem o seguir, ele será sequestrado em vez de mim, só para transmitir uma mensagem.

Ou pior, ele será fuzilado.

— Merda. — Meu salvador me alcança em dois longos passos e me toma em seus braços. O ato é tão fácil que desejo sumir no abraço por um tempo. E parece natural, como se o sujeito estivesse fazendo isso – abraçando-me, envolvendo-me – há décadas. Ele passa um braço forte em volta da minha cintura, deixa meu corpo se encaixar ao seu. — Você está bem? Vou levá-la ao hospital.

Balanço a cabeça freneticamente, com falta de ar e de palavras.

— Estou bem. Só espera um pouco.

— Não consegue nem ficar de pé, Aspen.

— Eu consigo. — Tento me afastar e acabo caindo de volta em seu abraço.

— Fica parada e deixa de teimosia.

— Nada de hospital… — murmuro, sentindo os olhos pesados. — Por favor, King… nada de hospital…

Meus dedos se afrouxam contra seu peito, e odeio a sensação de segurança que tenho com ele. Em vez de tentar encontrar meu próprio caminho e lamber minhas feridas sozinha, prefiro o calor deste lugar.

Onde seu coração bate contra o meu.

* * *

Quando abro os olhos, a visão de paredes brancas quase me faz hiperventilar.

Hospital não.

Não.

Antes de eu me precipitar, gritar desesperadamente e me jogar pela janela mais próxima, sento-me de repente na cama e congelo. O resto do quarto vai ganhando foco aos poucos, e seus tons neutros familiares me acalmam instantaneamente.

Estranho.

Olho para mim mesma e noto que estou vestindo só uma camiseta.

Kingsley.

Cheira à roupa limpa, cedro e ele. Resisto à vontade de cheirar como um viciado em drogas e, em vez disso, escolho me concentrar no meu entorno. É a primeira vez que durmo na cama de Kingsley, aliás. Sim, nós transamos muito, mas geralmente é em qualquer superfície além de uma cama de verdade. Além disso, sempre vou embora logo depois, recusando-me a passar a noite, apesar de seus convites contínuos.

Um fato sobre o qual Caroline tem me criticado quando me chama de sedutora sem coração. Mas o que Caroline não sabe é que me entregar mais a esse homem me assusta pra cacete. Já perco tanto controle perto dele, o mínimo que posso fazer é tentar proteger o restante do meu coração.

A porta se abre, e Kingsley entra carregando um prato de comida. Ele está de moletom cinza e camiseta escura, o cabelo desgrenhado em uma bagunça perfeitamente imperfeita. Engulo a saliva acumulada na garganta, porque não importa o quanto eu tente, não sou imune à beleza física ou à presença imponente deste sujeito. Embora uma parte do meu cérebro sempre o considere um rival que quero eliminar e um babaca que preciso derrubar pelo bem da humanidade.

— Você está acordada — diz com uma severidade que não transparece em seu rosto enquanto coloca a bandeja de camarão e algo similar a caldo de galinha na mesa de cabeceira.

— Há quanto tempo estou inconsciente?

— Cerca de três horas. O médico disse que o clorofórmio não fez efeito completamente.

— Você não me levou ao hospital.

— Você implorou para eu não fazer isso. Por quê?

— É um ambiente hostil e eu não me sinto segura.

— Porque pensou que tinha perdido sua filha em um.

Não é uma pergunta porque, é claro, ele juntaria as peças e descobriria tudo. Abaixo a cabeça, olho para minhas mãos. Não tenho controle sobre as palavras que saem da minha boca.

— Hospitais me lembram do desamparo que senti naquela época. Da minha incapacidade de proteger o sangue do meu sangue. Não só pensei que tinha perdido minha filha, algo dentro de mim morreu naquela cama de hospital, então faço o possível para nunca reviver aqueles momentos e evito hospitais o máximo que dá.

— Você não precisa ir. Tenho um médico de família. — Ele se joga no colchão ao meu lado. — Embora eu o tenha substituído por uma mulher.

— Por quê?

— Como assim por quê? Não deveria estar comemorando isso como uma feminista que tem uma causa favorita chamada defender as mulheres e a igualdade de carreira?

— Mas você é a coisa mais distante de um aliado, então por que mudaria voluntariamente o gênero do seu médico de família?

— Porque está constantemente se machucando e nenhum homem desenvolverá o hábito de tocar em você. Se dependesse de mim, nenhuma mulher teria esse privilégio também, mas… necessidade e tudo mais.

— Você é louco.

— Isso é maneira de me agradecer, bruxa?

Olho para minhas unhas marrons, duas das quais estão quebradas. Provavelmente por causa da luta anterior. A incerteza do que poderia ter acontecido comigo se Kingsley não tivesse aparecido naquele exato momento me cobre de tristeza. Os dedos se enrolam em volta do lençol.

— Obrigada.

— Não ouvi. Você pode repetir?

— Não.

— Onde estão seus modos, docinho? Acha difícil agradecer às pessoas?

— Nem todas as pessoas. *Você*. Seu comportamento idiota torna impossível demonstrar gratidão. Prefiro me engasgar com minha própria saliva.

— São muitas palavras para um simples obrigada, mas tudo bem, não vou atrás do seu coração de pedra… ainda. — Faz uma pausa, examina meu rosto. — Reconheceu o homem que tentou te drogar?

Balanço a cabeça lentamente.

— Ele estava mascarado o tempo todo.

— A essa altura, é seguro deduzir que seu pai está brincando de marionete atrás das grades.

Cravo os dedos nas palmas das mãos até quase quebrar mais unhas.

— Ele nunca fez isso comigo antes.

— Ele não estava perto de sair antes. Deveríamos ter um código para quando estiver em perigo.

— Que tipo de código?

— Uma palavra em uma mensagem, com a qual você me alertará se precisar de ajuda.

— Por que eu ligaria para você pedindo ajuda?

— O fato de eu ter tirado o seu da reta nas últimas vezes conta. Qual você quer que seja a palavra?

— Eu não sei… Nietzsche.

— Foda-se esse babaca.

Sorrio.

— Vai ser essa. Lide com isso.

O homem estreita os olhos.

— Também precisa de guarda-costas ou dos homens de Nicolo.

— Falo com Mateo. Gosto mais dele.

Um músculo se contrai em sua mandíbula enquanto ele me olha em silêncio.

— Ele não é casado com sua amiga?

— Mais uma razão pela qual confio nele mais do que naquela cobra do Nicolo.

— Confia nele o suficiente para ter encontros duplos, aparentemente.

— E o que isso tem a ver com você? — A voz ganha um tom cortante e

venenoso enquanto as memórias da noite voltam com a amargura de uma pílula e a letalidade de uma arma. — Posso escolher ir a encontros, jantares ou orgias, e você não tem nada a ver com isso.

Sua expressão se fecha, e os olhos escurecem como a crueldade de um oceano no meio do inverno. Quando sua mão se estende para mim, não tenho certeza se ele vai me estrangular até a morte ou usar o travesseiro para fazer isso. Não espero e, em vez disso, dou um tapa.

— Não me toque com a mesma mão que estava em outra mulher.

Um sorriso maroto inclina seus lábios.

— Seu ciúme é fofo.

— Não é ciúme. É amor-próprio.

— Porra nenhuma. Você fez sua performance emocional do século lá dentro, e ainda teve lágrimas para acompanhar. Então que tal admitir que esse relacionamento aberto não é para você?

— Vai se foder, Kingsley.

— Vou recusar a oferta. Em vez disso, pode me ver fodendo com aquela garota na próxima vez, em *full* HD.

Consigo sentir o calor subindo do meu peito para o pescoço e as orelhas, e me recuso a ceder ao vulcão. Recuso-me a deixá-lo vencer.

— Então será convidado para o assento da primeira fila da minha próxima foda.

Num segundo, estou sentada; no outro, estou de costas. Os dedos de Kingsley envolvem minha garganta, apertam as laterais até que tudo em que consigo me concentrar é seu peso em cima de mim. Ele poderia me esmagar em um minuto – não, um segundo seria o suficiente. E a pior parte é que meu íntimo está pulsando de desejo.

O que diabos há de errado comigo? O cara está me sufocando, e eu estou latejando?

— A única forma de outro homem tocar em você é se ele tiver um desejo de morrer. Então, a menos que queira a morte de algum desgraçado em sua consciência por puro ressentimento, vá em frente e provoque esse meu lado sem lei, docinho. Eu te desafio, caralho.

— Você fez isso *primeiro.* — Posso sentir as palavras cruas saindo das profundezas da minha alma e coração machucado. — Tocou em outra pessoa

primeiro, babaca. E eu acredito em karma. É meu tipo favorito de vingança.

— Você foi a um encontro e se recusou a ser minha. Tocar em outra mulher foi sua lição, porque nós dois sabemos que abrir qualquer coisa não é como isso aqui funciona. Da próxima vez que eu disser que você é minha, vai gritar de volta em concordância, fui claro?

Inclino meu joelho para chutá-lo na virilha, mas o homem se levanta no último segundo e escapa do ataque.

— Tenta essa porra de novo.

— Vai. Se. Foder.

— Não é a palavra certa. — Tem a audácia de fazer *tsk*. — Diga que você é minha.

Aperto os lábios.

Ainda me agarrando pela garganta, Kingsley pega minha camisa e a enrola em minha cintura, levanta a perna e então dá um tapa na bunda. Eu guincho, ainda dolorida, carregando um mapa de suas impressões digitais da última vez que ele fez isso.

Dois dias atrás. Faz só dois dias, mas parece que o sujeito não me toca há uma década. É assustador como meu corpo e outras partes de mim às quais não quero dar um nome se acostumaram a ele. O advogado libera o pau duro, que está praticamente roxo e pingando pré-gozo. Parece que não sou a única depravada o suficiente para ficar com tesão com esse festival de ódio.

Nós dois somos animais insaciáveis com sede de mais.

Ele enfia os dedos nas minhas curvas.

— Olha como está encharcada para mim, docinho. Sua boceta está implorando para ser fodida.

Estremeço quando o advogado faz isso com os dedos, empurrando para dentro de mim, com a palma da mão encostando no clitóris.

— Tão convidativa, apertada e pronta — murmura em palavras obscenas que me excitam mais do que deveria ser permitido.

Então se afasta, e eu mordo o lábio para não protestar. Seus dedos se movem pela minha umidade até o buraco traseiro, espalhando a excitação por ele todo antes de entrar.

Junto os punhos nos lençóis e aperto.

É uma depravação que ele tem feito ultimamente, sente prazer em dedilhar

minha bunda enquanto fode minha boceta. Sempre pareceu excitante de uma forma estranha, mas uma coisa está faltando: seu pau não está dentro de mim. Ele está deslizando contra meu íntimo, para cima e para baixo, em um ritmo torturante.

— Ah, porra… — Levanto os quadris, preciso aliviar a pressão acumulada em meu interior.

— Porra, docinho, de fato. — Enfia outro dedo em minha bunda, esticando-me a ponto de doer.

Mas o que mais dói é o quanto estou ansiosa por alguma coisa.

Qualquer coisa.

É por isso que odeio abrir mão do controle. O desconhecido e a dependência de outra pessoa são dois dos meus piores pesadelos.

— Puta que pariu. — Mordo o lábio. — Faz alguma coisa.

Ele balança a cabeça devagar.

— Diga que você é minha primeiro.

— Não.

— Então ficaremos assim a noite toda.

— Você vai ficar com as bolas azuis.

— E você terá uma boceta azul, sem nenhum orgasmo.

— Você é um desgraçado, Kingsley.

— Você é uma desgraçada, Aspen. Apenas diga as palavras.

— Não sou seu brinquedo, idiota.

— Não, você não é. Você é a porra do jogo todo.

Minha boca fica entreaberta, e uma sensação de náusea cai no estômago. Por que… por que ele diz coisas que me deixam completamente fora de mim?

— Prefere me imaginar com outros brinquedos ou nos dar o que ambos queremos?

Eu me mexo, sinto o coração ser perfurado com força e rapidez.

— Não quero você.

— Claro, vamos dizer que também não quero você enquanto meu pau está duro e sua buceta está encharcada.

— *Urgh*…

— Diga, Aspen.

— Me come — sussurro, o coração pulando para a garganta.

— E?

— Eu sou… sua. — Encaro-o. — Temporariamente.

Posso dizer que Kingsley não gostou dessa última adição, considerando o aperto de seus dedos em minha garganta, mas ele finalmente entra em mim. O impulso é tão forte e violento que deslizo para fora da cama e ofego com a intensidade. Meu ventre está estimulado e molhado, e gozo de imediato com a mão em meu pescoço e os dedos em minha bunda.

— Diz que também é meu — gemo em minha névoa de luxúria, com os olhos entreabertos e o coração quase subindo ao céu.

Quando ele não diz nada, eu o seguro.

— Diga, ou eu realmente vou te matar da próxima vez que tocar em outra mulher.

— Eu sou seu. — O demônio sorri. — Temporariamente.

A pronúncia dessa palavra cria um buraco dentro de mim, mas me esqueço disso quando ele me fode até quase morrer e depois pinta minha boceta, bunda e seios com seu esperma. Algo mudou entre nós, e não tenho ideia do que seja.

Tudo o que sei é que não penso em ir embora quando Kingsley me envolve em seus braços e dorme enrolado em mim.

22



Aspen

— Vou sentir tanto sua falta.

Mal consigo respirar quando Caroline me aperta em um abraço que poderia ser confundido com o de um urso.

Relutantemente e com constrangimento suficiente para provocar uma vergonha de segunda mão, dou um tapinha em suas costas.

— Você não vai deixar o planeta.

Ela se afasta, emburrada.

— Bem, estou te deixando depois de me acostumar com você.

— Vamos nos ver de novo, Callie.

— Pode apostar que sim. — Beija minha bochecha. — Estou tão, tão feliz por ter me reaproximado, sua piranha linda. Se cuida, está bem? Se algo acontecer, não é para se esconder e lidar com isso sozinha. Estou a apenas uma ligação de distância.

Aceno lentamente com a cabeça, e ela me abraça mais uma vez antes de levar seus cães para fora da porta. Os dois animais soltam bufadas desanimadas enquanto olham para mim uma última vez antes de se juntar à dona e a Mateo, que a espera do lado de fora. Depois de semanas de saídas e cortejo no estilo do século XIX, os dois finalmente se reconciliaram. Por fim, Caroline entendeu que ele não a traiu e que toda a cena foi uma armação, provavelmente de Nicolo.

Um vazio sombrio toma o apartamento quando a porta se fecha. Estou finalmente recuperando minha paz e meu espaço, sem ninguém para me interromper sempre que tento trabalhar. E ainda assim, parece que fui empurrada de volta àquele buraco negro que chamei de minha vida há pouco tempo. Uma vida repleta de verificações com o guarda da prisão e de segurar a respiração ao falar com ele sobre meu pai.

Liguei para o policial depois dos dois ataques, e ele disse que nada mudou no

estado do meu pai. O babaca parecia à vontade enquanto enviava pessoas para se livrar de mim – ou me ensinar uma lição. E o fato de que ele pode me machucar mesmo atrás das grades envia trepidações pela minha alma. O que acontecerá se o desgraçado realmente sair?

Mesmo com os guardas e as promessas de proteção de Nicolo, mal consigo dormir à noite. E sempre, sem dúvida, vigio minhas costas quando estou na rua. É como se eu tivesse voltado a ser a Aspen mais jovem e paranoica.

Fecho o robe em volta do peito, sento-me no sofá e abro meu *laptop*, optando por trabalhar. Apesar do esforço, a concentração não vem. Então vou até a cozinha e abro a garrafa de tequila que escondi de Caroline. Ela e Kingsley têm que parar de tentar me privar do álcool quando é a única coisa capaz de me manter funcionando da maneira correta. Além disso, nunca estou bêbada, só embriagada o suficiente para escapar do caos na minha cabeça e dos sentimentos no coração recém-revivido.

Sirvo um copo e pego o celular, fitando-o. O idiota não me ligou nem me mandou mensagem hoje. Recuso-me a pensar que essa é uma das razões pelas quais o vazio está fazendo uma festa no meu coração. Já se passaram duas semanas desde quando ele me fez concordar com a exclusividade e começamos nosso acordo pouco ortodoxo. Pouco ortodoxo porque me sinto fazendo algo proibido sempre que encaro Gwen. É como se eu estivesse dentro de algo de errado e emocionante ao mesmo tempo.

Durante essas semanas, fui para a casa dele ou ele veio aqui – quando Caroline estava saindo com Mateo. Kingsley me fode até eu não conseguir me mover e então me alimenta à força já que, aparentemente, é um problema o fato de eu quase não ingerir comida de verdade durante o dia.

Às vezes, passamos a noite juntos só para ele me acordar com o pau dentro de mim ou os lábios na minha boceta. É assustador o quão sexualmente compatíveis somos. Nunca tive um amante que conhecesse meu corpo melhor do que eu como o desgraçado do Kingsley Shaw. A pior parte é que ele tem prazer em me atormentar com o conhecimento.

E nem me fale sobre sua resistência, porque é tão louca quanto o cara. Simplesmente não entendo a capacidade do homem de foder como se ainda estivesse no auge. Pelas minhas memórias dele quando adolescente, era rápido e determinado. Agora é intenso, animalesco em sua transa violenta, quase sempre acompanhada de algum tipo de dor. O tipo de dor que dá um toque especial a cada liberação que o advogado faz de mim. No início, tentei resistir à atração,

para não cair em sua teia elaborada com cuidado. Mas logo entendi que era inútil.

Quando não me canso dele.

Quando anseio por mais de sua mão firme e toque sem remorso.

Às vezes, logo depois de terminarmos. É um vício infeliz, pelo visto.

É por isso que estou olhando para o telefone silencioso.

Definitivamente não é porque sinto falta da companhia dele ou preciso dela agora mais do que em qualquer outro momento ou algo assim.

Geralmente, brigamos como os piores inimigos. Nossas filosofias, perspectivas e visões de mundo são tão diferentes quanto a noite e o dia.

Ele é um manipulador. Eu sou uma racionalista.

Ele é violento tanto no pensamento quanto na ação. Eu sou mais diplomática.

Ele é a tempestade. Eu sou o mar que se recusa a virar de cabeça para baixo.

E ainda assim, temos as conversas mais profundas. Kingsley é um dos poucos homens que não se intimida com minha mente, o único homem que quer mais dela. No entanto, nossas conversas terminam em uma briga verbal quase sempre, e depois vem uma foda de ódio para resolver tudo.

Não é saudável, beira o tóxico e deveria ter acabado há muito tempo.

Mesmo sabendo disso, qualquer momento passado com ele é o único em que me sinto tão inegavelmente viva. O único momento em que não penso na ameaça representada por meu pai ou na bomba-relógio que é minha vida. Além disso, não é como se não tivéssemos nada em comum. Ok, só um pouco, como o quanto nós dois amamos e nos importamos com Gwen ou como não toleramos babaquices.

Em especial um do outro. A questão é que podemos concordar.

Quem estou enganando? O inferno vai congelar antes de fazermos isso.

Ainda assim, o que temos – seja lá como for chamado – funciona de uma maneira estranha.

Tomando um gole da minha bebida, abro as mensagens e bebo outro gole. Então termino o copo inteiro. Não que eu precise de coragem líquida. Só para ter certeza, sirvo outro copo, finalizo e depois paro com essa besteira e bebo direto da garrafa.

Só quando meus nervos relaxam um pouco é que digito a mensagem.

Aspen: Caroline saiu com Mateo. Estou sozinha.

Ele vê, mas não responde de imediato. Tamborilo os dedos no balcão e tomo mais alguns goles. Kingsley é quem manda mensagem primeiro na maioria das vezes, ele me pega primeiro; invade meu espaço, minha mente e meu corpo sem pedir licença primeiro. E assim que tomo a iniciativa e mando mensagem, ele me ignora? Chacoalho o telefone, estreito os olhos, então cogito jogá-lo na pia.

Justo quando considero seriamente a última opção, a resposta vem.

Kingsley: Parabéns por se livrar da interesseira e seus cães demoníacos.

Aspen: Ela não é uma interesseira. Callie é minha amiga.

Meus lábios tremem quando envio a mensagem. Ela é minha amiga. Uma das poucas pessoas que posso chamar de amiga, na verdade.

Uau. Olha eu tendo uma amiga. Ou me reunindo com uma antiga, ou algo assim.

Tem Nate, mas nosso relacionamento sempre foi mais de camaradagem profissional. Eu tinha uma pequena amizade com uma assistente anterior na empresa chamada Nicole Adler e a ajudei com seu caso de custódia, mas então ela se mudou com o chefe para a Inglaterra. Não temos contato com frequência. No começo, eu a ajudei porque entendia como é perder um filho, mas agora enxergo a verdade: ela se parecia com Callie devido ao cabelo loiro e à pele clara.

Kingsley: Não sabia que esse termo fazia parte do seu plano de vida.

Basicamente retruco a resposta.

Aspen: Vai me irritar por mais alguns minutos ou vai me dar sua resposta?

Kingsley: Minha resposta de quê? Fez uma pergunta?

Não fiz, mas quase consigo ouvir a zombaria na voz dele. Um dia desses, vou matar esse maldito por acidente, no estilo homicídio voluntário.

Aspen: Eu disse que estou sozinha.

Kingsley: Não vejo um ponto de interrogação aí. Você vê?

Aspen: Pare de ser um babaca.

Kingsley: O quê? Só estou fazendo uma pergunta inocente.

Aspen: Só venha antes que eu atravesse o telefone e te dê um soco nas bolas.

Kingsley: *emoji chorando de rir* Seu amor violento é adorável.

Aspen: Você não vai achar que sou adorável quando vier aqui, babaca.

Kingsley: Quem disse que eu vou? Talvez incorpore Aspen Leblanc em mim e me faça de difícil hoje.

Ele está falando sério?

Li e reli o texto. E sim, as palavras estão lá.

Aspen: Não me faço de difícil.

Kingsley: Isso é por que começa a provocar sempre que não quer dizer "obrigada" por medo de parecer emocional? Ou pelo fato de que faz de tudo para parecer agressiva na frente do Nate e de todo mundo, porque Deus me livre de descobrirem sobre nós?

Aspen: Você também é agressivo.

Kingsley: Como uma resposta ao seu comportamento. O karma pode ser sua vingança favorita, mas o puro rancor é a minha, docinho.

Aspen: Isso significa que não vem?

Kingsley: Adicione um por favor e eu vou considerar.

Estou espumando pela boca enquanto leio suas palavras. Estou prestes a chamá-lo de mil nomes, mas estou bêbada – ou chegando lá – e cercada por uma auréola solitária que preciso fazer sumir.

Porém, não vou implorar.

Então deixo o robe cair aberto e tremo com a rajada de ar que endurece meus seios nus. Puxo um deles e tiro uma foto sem rosto que só me mostra mordendo o lábio, puxando um mamilo rosa e dando uma sugestão da minha calcinha de renda. O dedo treme quando clico em Enviar e, em seguida, digito:

Aspen: Problema seu.

Nunca fiz isso antes porque não confiei em ninguém que não fosse usar isso contra mim no futuro. Também nunca senti vontade de mostrar essa parte minha à outra pessoa.

Um pensamento assustador se alastra pelos confins do cérebro.

Isso significa que confio em Kingsley?

Antes de eu encontrar uma resposta para a pergunta, minha campainha toca. Eu pulo, desvio a atenção do texto que o advogado leu, mas não respondeu.

Que desgraçado. Se ele não caiu nessa, então realmente terei de implorar. Talvez devesse pedir a um dos guardas que Mateo providenciou para me levar até a casa de Kingsley, assim posso dar um tapa na cabeça dele.

Fechando o robe, suspiro fundo e luto contra o gosto amargo da humilhação conforme praticamente arrasto os pés para abrir a porta. Deve ser o guarda que está na porta. Eles me trazem os pacotes depois de verificá-los.

Todavia, quando atendo, não é um segurança de rosto solene que surge na minha porta. É o próprio Kingsley, vestido com um terno preto – a única cor que ele usa – e exibindo a expressão de um senhor do submundo sombrio.

Meu coração palpita com a ferocidade de um pássaro preso que está fugindo de sua gaiola.

Droga. Não deveria estar tão feliz em vê-lo.

E ainda assim, não consigo evitar a alegria surpresa na voz.

— O que está fazendo aqui?

Ele me agarra pelo queixo e me empurra para trás, invadindo o apartamento como se fosse o dono do lugar.

— Não acha que eu ia conseguir ficar longe depois de me enviar aquela foto, acha? — Fecha a porta atrás de si, seus olhos brilhando com desejo sombrio.

— Não sei, talvez sim. — Minha boca está seca com o quanto preciso de seus lábios nos meus.

Então, quando o homem levanta minha coxa, subo em seu corpo, envolvo os braços em seu pescoço. Minhas pernas prendem sua cintura magra em uma contenção.

— O que mais achava, minha putinha? — O advogado apalpa minha bunda, e eu gemo enquanto suas marcas de mãos e mordidas latejam em lembrança da noite passada.

— Não me chame de puta se vai só me provocar.

— Você é a única provocadora nessa equação, docinho.

Ele bate minhas costas contra a parede, segura-me com uma mão sob a bunda e abre o robe com a outra. Sempre gostei da maneira como Kingsley me trata, com puro comando, sem chances de eu lutar contra seu controle dominante. Sinto que posso me soltar e não ter medo de cair por fim.

— Esse é o culpado que provocou esta noite.

Ele coloca quase todo o seio em sua boca, e eu gemo de novo ao puxar seu cabelo com a mesma violência. Então o livro do paletó, jogando-o em algum lugar ao nosso lado enquanto o homem devora meus mamilos. Tento desabotoar sua camisa, porque Kingsley está muito vestido, mas o fato de estar à beira de um orgasmo não ajuda.

— Pensei que não vinha — digo, dedos arranhando sua pele.

— Talvez não viesse.

— E ainda assim estava por aqui antes mesmo de eu te mandar uma mensagem.

— Planejei te deixar comida, ou você teria ido dormir sem uma refeição

adequada no estômago. — Seus lábios percorrem meus seios mordidos até o pescoço, e depois até a boca.

Ele enfia a língua para dentro, beija-me de boca aberta enquanto mexe no cinto.

— Você tem gosto de alcoólatra — sussurra perto de mim.

— Então para de me beijar — retruco quando sinto o calor subir para as bochechas e a vergonha escorrer para o peito.

— Álcool não é bom para sua saúde. O fígado vai te abandonar em breve.

— Realmente vai falar sobre meu fígado agora? — Esfrego-me contra sua ereção, que ele libertou da cueca boxer.

— É parte de você também.

— Não é a parte mais importante. — Alinho a boceta com seu pênis duro e, quando estou prestes a descer, a campainha toca.

— Ignora — Kingsley diz, e sou totalmente a favor disso. Não tem chance nenhuma de eu parar agora.

A campainha toca de novo, desta vez seguida por um murmúrio de vozes. Um dos guardas diz:

— Ela está em casa.

— Você tem certeza?

Ao ouvir a voz de Gwen, Kingsley e eu nos encaramos, atordoados, então tropeçamos em um caos estranho de membros.

— Porra, porra, porra! — ele pragueja baixinho ao puxar o robe pela minha cintura.

Ajeito o cabelo, que ele adora bagunçar como um *hobby*, e aponto na direção do quarto.

— Vai para lá e não faça barulho.

— Se livra dessa pequena empata-foda. Você tem cinco minutos.

— Me livrar é o cacete. Teve uma vida inteira com ela, mas eu tenho sorte de ter o tempo que Gwen está disposta a me dar. — Eu o empurro. — Vá.

O homem limpa o canto dos meus lábios, e isso me faz perceber a dor insatisfeita entre minhas pernas. Então ele vai para o quarto, e eu respiro fundo antes de abrir a porta com um sorriso.

— Gwen.

Minha filha sorri de volta, empurrando uma cesta em minha mão.

— Trouxe *cupcakes*.

— Obrigada. — Afasto-me para o lado, permito que ela entre, e a garota me observa atentamente quando passa por mim.

Que merda. Não me diga que o cabelo está denunciando o que acabou de acontecer?

— Por que está tão vermelha? — pergunta. — Tem feito exercícios?

— Hã, sim, malhando. Acabei de terminar.

— Em um robe?

— Foi só um treino de abdominais que fiz espontaneamente.

Coloco a cesta no balcão da cozinha e ofereço a ela um chá verde com baunilha. Estou estocando tudo de baunilha desde quando Gwen começou a vir aqui.

— Deve ser por isso que não atendeu à minha ligação.

— Você me ligou? — Verifico o celular que abandonei aqui mais cedo e, sim, há uma ligação perdida dela.

Não acredito que estava muito ocupada para notar. Graças ao maldito pai dela.

Às vezes, olho para Gwen e me pergunto como duas pessoas improváveis a criaram.

Parece surreal.

O fato de ela ser alguém autêntica, completamente diferente de mim e de Kingsley, é ainda mais surreal. Só fico feliz que não tenha passado pelos nossos traumas. Mesmo que tenha crescido sem uma mãe.

— Como está o Nate? — indago, despejando água quente em uma caneca.

— Ele vai chegar tarde hoje. Você não trabalha com ele no mesmo escritório?

— Sim… Só estava tentando puxar assunto.

Minha menina sorri.

— Você é ruim nesse jogo social, hein?

Abaixo a cabeça.

— Desculpa.

— Não precisa. Você entendeu a missão.

— Que missão?

Ela pega um *cupcake* que trouxe e ri.

— É só um jeito de falar, Aspen. Tipo, quando alguém faz algo certo ou de um jeito que todo mundo gosta, dizemos que a pessoa "entendeu a missão". Então você, tipo, entendeu a missão, porque a sociedade não é tão útil assim na verdade. O papai diz que ela só serve para ser usada, o que é errado, aliás, porque o papai às vezes é malvado.

— Só às vezes?

— Sim, só às vezes. Não acredite em tudo que a imprensa diz sobre ele. São uns babacas e gostam de pintá-lo como um demônio.

— Isso significa que voltaram a se dar bem?

— Bom, ele ainda quer que eu peça desculpas, mas eu me recuso.

Gwen faz um biquinho, parece absolutamente adorável.

— Por que se recusa? Achei que queria que ele te perdoasse.

— Ele… ele não me mima mais e… Bom, acho que ainda está bravo comigo, e tenho medo de que me machuque de novo se eu pedir desculpas.

— Ele não vai.

— Como pode ter tanta certeza?

— Ele simplesmente não vai. Da próxima vez que o vir, peça desculpas. Ok?

A garota dá um pequeno aceno de cabeça.

— Odeio não ser o anjinho dele, mas tudo bem. Kingsley sempre será meu pai. Demônio selvagem, levemente malvado e tudo mais.

Sortudo do caralho.

Em vez de agir com amargura e demonstrar minha reação, pergunto à Gwen sobre a faculdade. Ela me conta tudo sobre as provas e seus amigos e depois se junta a mim na sala de estar. Diz que sente falta de Caroline e que quer sair com minha amiga, porque a considera uma tia divertida.

E fico igualmente com ciúmes e feliz por compartilhar essas conversas com ela.

Colocamos um filme – terror, escolha de Gwen –, e ela me conta que tinha problemas para dormir, então geralmente assistia a filmes de terror para pegar no sono.

Ainda tenho um longo caminho para conhecê-la por inteiro, mas vamos

seguir um dia de cada vez. Enquanto minha filha permitir, estou disposta a fazer qualquer coisa.

Pouco depois, sua cabeça cai sobre meu ombro, de olhos fechados. Hesito antes de deslizar os dedos por seu cabelo ruivo. Quis fazer isso desde quando descobri que minha bebê estava viva, e não enterrada em uma cova sem nome.

Gwen inspira em meio aos gritos horrorizados que vêm do filme.

Mas então eles desaparecem.

Levanto a cabeça e vejo Kingsley parado ali, segurando o controle remoto.

Ele está todo arrumado, a expressão fechada enquanto nos observa. Apesar de suas objeções no início quanto ao meu relacionamento com a garota, não comentou mais nada nos últimos dias. No entanto, não sei se isso significa que aceitou ou não.

— Deixa ela dormir aqui — sussurra com uma voz baixa e profunda. — Se Nate vier buscá-la, ela não vai voltar a dormir.

— Você vai embora? — Apesar da minha felicidade por ter Gwen ao meu lado, não consigo evitar a pontada de decepção de perdê-lo.

— Ou isso, ou a estraga-prazeres vai descobrir. — Ergue uma sobrancelha. — Além disso, não disse que sou malvado?

— Você sabe que é.

Ele sorri e se inclina para beijar a testa de Gwen.

— Bons sonhos, meu anjo.

— Mmm, boa noite, papai — Gwyneth murmura enquanto dorme, e juro que meu peito está prestes a se abrir de tão cheio.

Ela me contou sobre falar durante o sono, mas testemunhar isso é uma experiência completamente diferente. O fato de que, embora Kingsley esteja um pouco bravo com a filha, ainda a trata como sua preciosa princesa também é outra experiência que aquece o coração. Ele tem um lado firme e protetor que nunca vi em nenhum outro homem. Fico imaginando o que eu teria me tornado se tivesse tido uma figura paterna amorosa como este cara.

Espero-o se afastar, mas o advogado cola nossos lábios em um beijo lento e apaixonado que me sacode até os ossos.

— Sonhe comigo, docinho.

E então sai pela porta, levando um pedaço do meu coração com ele.

23



Kingsley

Meus dedos se apertam na maleta enquanto olho para a visão nada agradável do rosto da minha madrasta. Mas não é a imagem plastificada que quero quebrar em pedaços. São os sentimentos por trás dela. A malícia que brilha em seus olhos redondos. O sorriso que se insinua em seus lábios.

Estamos no tribunal. Portanto, com muitas pessoas como testemunhas, um assassinato com certeza não passaria despercebido. Essa vadia teve a audácia de fazer o advogado argumentar que meus investimentos recentes e minha ligação às atividades legítimas de Nicolo são perigosos para o legado do meu pai. Está alegando incompetência e mau julgamento e por sua lógica falha, afirma que as ações do falecido marido na W&S deveriam ser revertidas para ela. Não vão. São minhas por direito e, embora eu seja provado incompetente, iriam para meu executor, não para ela. Mas a desgraçada acha que, se entrar com processos suficientes e usar seu poder, vai conseguir alguma coisa.

Além do meu desejo eterno de acabar com ela, não vai obter nada.

Susan acaricia as plumas rosa que descansam em seu ombro como se fossem um animal de estimação.

— Preciso demostrar minha devida gratidão por me dar essa oportunidade. É melhor deixar as chaves do reino a postos.

— As únicas chaves que vai conseguir são para uma clínica de recuperação para consertar o que quer que seus cirurgiões plásticos tenham arruinado. — Eu a encaro. — Seu advogado é um idiota incompetente e provavelmente se esqueceu de mencionar que o dinheiro que investi era originalmente meu, não do meu pai. Me processar por isso é como procurar agulha no palheiro. E ninguém provavelmente te falou isso, mas aqui vai um pequeno conselho: só porque pode entrar com uma ação judicial não significa que deva.

— Não é esse dinheiro que estou procurando, querido *filho*. — Não deixo de notar a zombaria em sua voz quando ela diz "filho". — É o resto, que era

originalmente do seu pai e, portanto, meu por direito. Eu o quero. Vou continuar argumentando no tribunal até ter a fatia de torta que mereci o tempo todo. Como é ser derrotado no seu próprio jogo?

— Nem começou a aprender o jogo, muito menos a me derrotar nele.

— Talvez eu seja melhor nisso do que pensa. — Dá um tapinha no meu braço, sorrindo. — Como vai a Aspen?

Estreito os olhos, esqueço parcialmente a sensação de seu toque nojento. Por que ela me perguntaria sobre Aspen? Ninguém sabe sobre nosso relacionamento além da Caroline. Provavelmente Mateo e Nicolo. E quem quer que estivesse na cabine privada naquela noite para testemunhar todo o incidente de derramamento de álcool e ciúmes.

Não achava que Susan estaria desesperada o suficiente para me seguir, mas talvez ela esteja. O fato de ela saber sobre a ruiva me faz cerrar os dentes. Minha madrasta, de todas as pessoas, deve manter sua energia destrutiva bem longe dela.

Ainda assim, não mordo a isca. Em vez disso, olho para ela com o rosto solene. A mulher apenas sorri, os lábios vermelhos parecendo grotescos.

— Você prometeu tirar tudo de mim, e eu prometo fazer o mesmo, Kingsley. Especialmente agora que tem mais a perder do que seu *status* de bilionário e aquela desova que chama de filha.

Com um último toque revoltante, ela sai, os passos rápidos e medidos. Queria que caísse de cara no chão e morresse da morte mais horrível. Ou quem sabe eu mesmo devesse providenciar isso, já que vaso ruim igual a ela não quebra tão facilmente.

Meu humor cai drasticamente para o pior possível pelo resto do dia. Todo mundo sabe que deve ficar longe de mim quando volto de uma audiência com Susan.

Todos exceto Aspen, a principal razão por trás do meu mau humor.

Posso lutar com Susan até o infinito e além. A razão pela qual não estou acabando com ela não é incapacidade, e sim desejo de vê-la sofrer e fazer mais cirurgias plásticas para preencher o buraco dentro de sua alma ruim. Preciso que ela fique em alerta até o dia de sua morte. Quando morrer, quero-a sozinha e sem beneficiários, então ela beijará o chão que minha mãe pisou antes de ser empurrada para seu lugar reservado no inferno.

Porém, um sentimento sinistro tem incomodado meu peito desde quando ela

perguntou sobre Aspen. Com intimidade. Então vou até o escritório da ruiva. A última vez que passei um tempo com ela foi há três dias, quando Gwen decidiu que seria uma boa ideia empatar minha foda. Como se isso não fosse sacrilégio suficiente, passou a roubar o tempo da Aspen todas as noites desde então. Às vezes com Nate.

Dizer que meu pau está planejando uma destruição em massa daqueles dois é o eufemismo do século. Talvez eu os tenha visitado sem avisar ontem à noite e empatado a foda de Nate até Gwen ir dormir, ele me deu um chute na canela por causa disso. Naturalmente, eu o chutei de volta. Então tivemos uma luta de boxe pelos velhos tempos.

Isso ainda não aliviou a tensão, no entanto.

E mais uma vez, recuso-me a me masturbar como um garoto de 13 anos. Portanto, isso deixa Aspen com problemas de frustração sexual para resolver, de preferência agora. Imagine minha surpresa quando sua assistente, uma mulher baixa de cabelos longos e óculos de armação dourada, diz:

— Ela tirou a tarde de folga, senhor.

— Estamos falando da mesma Aspen Leblanc, ou você pegou um bico e se tornou assistente de outra pessoa?

A secretária parece atordoada por um segundo, então deixa escapar:

— Estou falando da Srta. Leblanc. Ela geralmente não trabalha todo ano neste dia.

Verifico a data no meu relógio para confirmar que não é aniversário da Gwen. A ruiva mencionou que, como pensou que sua filha tinha morrido, ficou bêbada em seu túmulo e lamentou por ela. Mesmo que a parte de ficar bêbada seja um hábito desagradável da mulher excluindo o luto.

— Sabe por que ela não trabalha neste dia em particular?

A mulher balança a cabeça devagar.

— A Srta. Leblanc não é exatamente do tipo que desabafa.

Porra, nem me fale.

A marca entre minhas sobrancelhas poderia caber no Oceano Atlântico quando saio do escritório de Aspen. Há 50% de chance de Nate saber o que está acontecendo, mas não estou disposto a arriscar os outros 50% e fazê-lo suspeitar de alguma coisa.

Além disso, considerando que a advogada nunca teve uma conversa franca

com meu sócio sobre suas origens obscuras, eu poderia muito bem diminuir essa porcentagem para 30. Pego o telefone e paro enquanto olho para as fotos provocantes que ela me enviou ao longo dos últimos dias.

Porque a impossibilidade de tocá-la não é o suficiente, então a bruxa tem que me provocar com o que estou perdendo. Ou o que eu poderia estar fazendo se Gwen não tivesse adquirido o hábito de ficar perto da mãe como uma sombra pegajosa.

Olho ao redor para ter certeza de que ninguém veja sua nudez e digito uma mensagem:

Kingsley: Você não atendeu às minhas ligações o dia todo, então agora seria um bom momento para isso.

Kingsley: E é melhor expulsar Gwen hoje sob o pretexto de estar resfriada.

Nenhuma resposta.

Nem um sinal de *visualizado*.

Ao longo do dia, mando mil mensagens para ela do tipo…

Caso ninguém tenha mencionado, não sou um homem paciente, bruxa. Então, um jogo de morde e assopra só vai deixar sua bunda vermelha e sua boceta brutalizada pelo meu pau.

Você pode ao menos me avisar se está bem?

Eu juro, Aspen, vou mandar os capangas do Nicolo te procurarem e te trancarem em alguma cabana. Depois, vou colocar um rastreador em você.

Você não vê meu lado louco há um tempo, então talvez tenha esquecido. Mas prometo, docinho, que vai se arrepender desta brincadeira quando não puder andar amanhã.

Aconteceu alguma coisa?

Não me faça registrar um boletim de ocorrência de desaparecimento com a incompetente da polícia de Nova Iorque.

Você disse aos seus guarda-costas para não atenderem às minhas ligações?

Quando vou para casa, estou com um humor mais azedo do que vinagre e igualmente amargo. Liguei para Gwen a fim de bisbilhotar, e ela disse que estava tendo um tempo sozinha com Nate.

Desliguei antes de minha filha entrar em detalhes repugnantes.

Isso também descartou Nate, pois o filho da puta estoico realmente se esquece do mundo quando está com minha filha.

Caroline Luciano também não ajudou em nada, até começou a fazer meus

ouvidos sangrarem com o fato de Aspen ser cruel e ter ligado para ela só uma vez desde que finalmente se mudou.

Estou digitando o número de Nicolo enquanto saio do carro. Quando falei com o filho da puta sobre o último ataque do lado de fora da sua boate, inegavelmente orquestrado por Bruno, ele cantou a melodia usual de "sem provas". No entanto, ofereceu alguns de seus homens para proteção, que Aspen recusou, escolhendo os seguranças de Mateo.

Se Bruno estiver fazendo outra manobra, vou arrancar a cabeça de Nicolo.

Meus dedos param quando encontro o Range Rover de Aspen na minha garagem.

Ela está… aqui.

Recuso-me a batizar o sentimento em meu peito com um nome enquanto entro em casa, decidido a dar uns tapas em sua bunda até a mulher implorar para eu parar.

A ruiva está agachada no meio do grande salão em frente à pintura do demônio, os ombros caídos e os olhos grudados nela.

— Pode me dizer, sinceramente, por que não está atendendo à porra do telefone? — Paro na frente dela e fico surpreso com a vermelhidão de suas bochechas e a falta de cor no fundo de seus olhos enquanto a advogada me encara devagar.

— Não sei onde eu o joguei — diz, a voz baixa, quase mansa.

Eu a puxo pelo braço, ajudando-a a se levantar. Estou tão acostumado com Aspen sendo uma gladiadora fodona que parece estranho vê-la tão vulnerável. O fedor de álcool me ataca quando a mulher agarra meu rosto e tenta me beijar. Uma das poucas vezes em que ela tomou a iniciativa. Sinal de alerta.

— Você está bêbada — declaro o óbvio.

— Não dê uma de lei seca. E não estou bêbada, só altinha.

— Dirigiu bêbada?

— Não. Roubei uma das suas garrafas de vinho quando cheguei aqui, e ainda não entendi o fanatismo. Tequila é melhor.

Um músculo se contrai no meu maxilar.

— Cadê a Martha?

— Não a repreenda por isso. Ela pensou que eu estava no quarto de Gwen. — Aspen desliza as pequenas mãos por minha cintura até o pau. E embora o

filho da puta adorasse se familiarizar com sua boceta mais do que qualquer coisa, agarro seus pulsos e os tiro dali.

— O que está acontecendo?

— Quero que você me foda. É isso que está acontecendo.

— Acredite em mim, docinho, vou te foder até a morte, mas não antes de você me dizer por que parece ter visto um fantasma. — Deslizo os dedos por seus cabelos flamejantes, e ela estremece. Fecha os olhos com lentidão.

— Não pode simplesmente me comer? Você normalmente não desperdiçaria a oportunidade.

— Normalmente, mas não agora. Então comece a falar.

— Você, sua teimosia e esse seu comportamento controlador irritante são uma maldição. — Abaixa a testa contra o centro do meu torso, mas não me abraça. As mãos pendem sem vida em ambos os lados de seu corpo.

— Que bom que conseguiu tirar tudo isso do peito.

Aspen estremece outra vez, a respiração quebrada contra meu peito. Então noto algo.

Ela está se escondendo.

Totalmente decidida a não me deixar ver seu rosto.

— Hoje é o aniversário da morte da mamãe. — Treme como se as palavras a abalassem. — Tenho dois dias no ano em que me permito ser emocional. O dia em que pensei que minha filha morreu e o dia em que mamãe engoliu todos os comprimidos que conseguiu para enfim escapar do meu pai. Agora que sei que Gwen está viva, acho que todas as emoções estúpidas estão voltando para me assombrar. Odeio isso.

Meus dedos se perdem em seu cabelo, acariciando-o lentamente. Ela fica imóvel ao toque como uma criança pequena confortada pela primeira vez.

— Odeia o quê?

— As emoções. Não sou boa com elas, e tudo o que consigo pensar é em quão inútil eu era, em como passei o máximo de tempo que pude fora para evitar voltar e ver o quão pateticamente fraca mamãe era. Odiava meu pai por bater nela, mas eu a odiava também, às vezes, por não se defender. Eu a odiava quando limpava suas feridas, esquentava comida enlatada e lhe dava banho. Eu a odiava por me forçar a me tornar sua mãe em vez do contrário. Então saía mais, ficava mais na escola, esperando não testemunhar os episódios violentos do meu pai e

suas sessões de choro que sempre os seguiam. Além disso, queria escapar da órbita dele porque, quando ficava bravo, realmente bravo, seu instinto violento se estendia a mim também. Ele não me batia tanto quanto batia na mamãe, mas se eu ficasse no caminho, levava um tapa na cara ou um chute no estômago.

"E essa vida me sufocava. A ansiedade, o medo e a preocupação constantes me paralisavam, e eu não tinha esperanças de mudar isso. É por isso que preferia o mundo exterior, impessoal. Até que um dia cheguei em casa e vi tudo muito silencioso. Muito… sem vida. Ela costumava sempre deixar o rádio ligado, ouvindo *talk shows* e se concentrando nos problemas de outras pessoas em vez dos seus. Naquele dia, estava assustadoramente… quieto. Acho que eu sabia, mesmo antes de ir até o quarto dela, que algo estava errado. Tipo… tipo… tipo…"

— Ela se cansou e fez — sussurro, as palavras muito roucas para meu gosto.

— Sim. — A voz fica embargada quando ela crava os dedos em minha cintura, usando-me como âncora. — Mamãe estava deitada na cama como se estivesse dormindo, mas não estava respirando e… Pela primeira vez na vida, vi um sorriso em seu rosto machucado. Ela estava feliz por ir embora e acabar com seu sofrimento. Até hoje me pergunto se poderia tê-la salvado caso tivesse ficado mais tempo por perto. Se não tivesse fugido para fugir da energia negativa dela e do meu pai. Talvez, se tivesse sido uma filha mais presente, ela teria sobrevivido.

— Não, ela não teria sobrevivido. Já havia se decidido há meses ou até anos antes daquele momento. Você era uma criança e não tinha poder de impedir isso, portanto se culpar não é só inútil, mas também ilógico.

Aspen encosta o queixo em meu peito e me encara com um brilho antinatural nos olhos.

— E ainda assim, você se culpa pela morte da sua mãe.

— Não me culpo.

— É por isso que está atrás da Susan com o espírito de um fantasma vingativo?

— Isso se chama vingança, docinho. Minha contribuição para a humanidade é livrá-la de uma interesseira.

— Mentira — diz suavemente e estende a mão para acariciar minha bochecha. É hesitante no início, como se não tivesse a menor ideia de como fazer isso, depois é mais proativa e cheia de determinação. — Você se sente tão culpado quanto eu, talvez até mais, porque escolheu ficar com seu pai para

atormentar sua madrasta em vez de morar com sua mãe.

— Como sabe disso, porra?

— Nate.

Aquele filho da puta.

— Você também era jovem, Kingsley. Não poderia ter feito nada, e é hora de finalmente deixar isso para lá.

— Você se vingou do seu pai o jogando na prisão. Eu não.

— E olha onde isso me levou. Estou vigiando minhas costas há vinte e cinco anos, contando dias e meses para sua eventual libertação. Vingança não é a resposta, não quando coisas mais importantes estão em jogo.

Meu maxilar se aperta sob seu toque.

— Encontrei minha mãe nadando em seu próprio sangue, com lágrimas nos olhos e o isqueiro amaldiçoado do meu pai entre os dedos, quando tinha 13 anos. Então não vou, sob nenhuma circunstância, permitir que a mulher que causou aquela cena saia impune.

— Não está fazendo isso por ela, está fazendo isso por você. — Agarra minha gravata, sacudindo-me e me puxando para perto ao mesmo tempo. — Não vê como isso está tirando sua humanidade? Como isso está torturando você? Até Gwen sabe que precisa ficar longe de você nos dias que vê a Susan porque parece mais um estranho do que o pai dela. É isso que quer ser pelo resto da sua vida?

— Acabou?

— Não. — Levanta o queixo, apesar das lágrimas acumuladas ali. — Não vai se livrar de mim tão facilmente.

Que mulher desgraçada.

Eu me solto do aperto dela, ou melhor, forço-a a me soltar e vou até a cozinha me servir de um copo de água. Minha primeira escolha seria uísque, mas trazer isso na frente de uma alcoólatra enrustida não é diferente de entregar uma arma a um idiota.

Aspen me segue e, sem pedir desculpas, coloca-se entre mim e o balcão, forçando-me a olhar para ela. Para aqueles malditos olhos que me assombraram por tanto tempo.

— Você pode correr, mas não pode se esconder de mim, King.

O pau pula nas minhas calças pelo jeito que ela me chama. Foda-se esse

babaca e como ele fica excitado com facilidade quando se trata desta bruxa.

— Você é surpreendentemente carente — digo em contra-ataque.

— E ainda assim, está interessado.

— Talvez eu tenha mudado de ideia.

— Talvez seja um mentiroso.

Fogo selvagem cobre suas feições enquanto ela se ajoelha cautelosamente com a elegância de um anjo. Um anjo que estou transformando em meu demônio personalizado. Todos os meus planos e pensamentos me deixam quando Aspen desabotoa minhas calças e puxa o pênis para fora. O traidor que obviamente gosta mais da ruiva do que de mim cai direto no seu abraço, para sua glória total.

— Viu? — Ela me dá um sorriso malicioso enquanto me masturba devagar. — Seu pau acha que você é um mentiroso também.

— É uma reação física. A opinião dele não importa.

A outra mão da mulher acaricia as bolas, enquanto sua pequena boca envolve a cabeça e suga o pré-gozo.

— Porra, docinho. Seus lábios parecem feitos para mim. Agora, seja uma boa garota, abra essa boca e me chupe como uma putinha perfeita.

Ela me engole – ou o máximo que consegue de mim – até o fundo e chupa com a determinação de um súcubo.

Jesus Cristo, caralho.

Esta mulher vai me fazer gozar como um adolescente em sua primeira sessão de masturbação. Meus dedos afundam em seu cabelo, e eu o enrolo em volta do punho. Aspen intensifica a performance, a cabeça balançando para cima e para baixo com uma função: fazer-me gozar.

Posso ver essa determinação nos olhos brilhantes, o desafio e até mesmo a necessidade de me agradar. Nunca nesta vida pensaria que teria a ruiva nessa posição. Ela não é só orgulhosa, também odeia mostrar qualquer forma de vulnerabilidade.

Mas está de joelhos por mim.

Uma sensação de possessividade atravessa meus ossos com o pensamento.

Aspen pode ser um cavalo selvagem, mas é meu cavalo selvagem.

Usando o controle sobre seu cabelo, dou estocadas para dentro, atingindo a parte de trás de sua garganta. Ela fica parada, com o rosto avermelhado, e eu

espero que lute contra mim, até mesmo me afaste.

Porém, algo acontece.

Ela afrouxa a mandíbula, segura-se e me deixa foder sua boca tão impiedosamente quanto eu teria fodido sua boceta. Não me contenho e com certeza não vou com calma. Exatamente como nós dois queremos. E esta mulher selvagem absorve cada gota da minha loucura, mesmo quando a saliva e o pré-gozo escorrem por seu queixo.

Mesmo quando seus olhos se enchem de lágrimas.

Que se foda. Essa linda bruxa será minha morte.

Estou prestes a me esvaziar em sua linda garganta quando a última pessoa que eu esperava que estivesse aqui me chama do fim do corredor.

— Cheguei, papai!

24



Aspen

Congelo.

Assim como o puxão de Kingsley no meu cabelo.

E o mundo também.

Por um único segundo ao menos.

Depois, tudo volta a desabar como um furacão. Não sei se é o álcool, o excesso de exposição que ofereci ao homem ou o fato de ter me ajoelhado para ele, mas me sinto tão fora de mim que gostaria que a terra me engolisse inteira.

Não ajuda o episódio de ter minha garganta fodida por ele me excitar tanto que algumas carícias no clitóris seriam suficientes para me dar um orgasmo.

Mas o som dos passos de Gwen no corredor é quase suficiente para dissipar a sensação. Quase. Lentamente, começo a soltar o pau de Kingsley, contudo ele me prende no lugar com o aperto no meu cabelo e me empurra com uma violência que me pega desprevenida.

O que esse maluco desgraçado está fazendo? Se Gwen entrar, vai ver uma cena nada agradável de nós dois. Mas não tenho chance de protestar nem de subjugar a pulsação ardente entre as pernas quando o esperma explode na minha garganta e inunda minha boca. No mesmo instante, Gwen entra em casa.

— Papai!

Da minha posição atrás do balcão, posso ver as rugas no rosto do advogado, porém essa também é uma expressão sua quando está com raiva, então realmente espero que seja isso que nossa filha interprete. Não a parte do prazer. Quando ele se afasta e se arruma por fim, estou quase hiperventilando. O sujeito demora um pouco para recuperar o fôlego, depois diz em voz baixa:

— O que está fazendo aqui, Gwen?

— A casa também é minha, sabia? Morava aqui não faz muito tempo — rebate a menina com atitude, e eu a ouço deixar largar algo, provavelmente sua

bolsa, em um dos bancos e subir em outro. — E nem pense em me expulsar hoje.

Minha ideia de sair engatinhando para longe é completamente impossível agora que ela está tão perto. Engulo o máximo que posso do esperma de Kingsley, fazendo um trabalho de nível ninja para não emitir nenhum som.

Ele pega seu copo de água e, sem preocupação nenhuma, coloca a outra mão sobre o balcão.

— Não temos muito o que conversar ultimamente, Gwen.

— Como pode não estar falando comigo, papai? Não sou seu anjinho?

Posso ouvir o tom de princesa mimada em sua voz. Ela é mesmo a garotinha do papai.

— Não quando me acusa de ser um espancador de mulheres.

— Me desculpa — desabafa em um tom irritado. — Eu estava muito emotiva porque, bem, sei que não gosta da Aspen. Falando em Aspen, aquele é o carro dela lá fora?

Ai, merda. Merda!

Como eu estava pensando que conseguiria me safar sem ela descobrir se sou uma frequentadora assídua da casa de Kingsley agora?

— Não — disse o dono da mansão, com sua calma habitual.

— Então de quem é?

— De um dos meus clientes — mente com uma facilidade assustadora.

— Onde eles estão? — Gwen insiste.

— No meu escritório.

— E por que não está em seu escritório?

— Por que não está com seu marido, pelo qual lutou com unhas e dentes? — ele rebate.

— Já me desculpei, então por que está me expulsando? E Nate tinha uma reunião urgente com um cliente. Ele também vai trabalhar até tarde por causa de um certo sócio que obviamente não está assumindo a função de sócio.

— Então agora é minha culpa que se casou com um viciado em trabalho?

— *Urgh*, nunca me deixa ganhar, não é?

Nem me fale.

Eu o encaro e belisco sua coxa, ao que ele segue com o rosto solene, então faço de novo, com mais força. Desta vez, Kingsley cobre o grunhido com um

gole de água e me lança um olhar de morte.

— Não se eu puder evitar — diz a Gwen com um sorriso falso.

— Você é impossível. Não me surpreende que nenhuma mulher queira namorar com você.

— É o contrário. Sou eu quem não está interessado em namorar.

— Porque elas não querem você.

— Porque eu não quero elas.

Há uma pausa, e imagino pai e filha olhando um para o outro – ou pelo menos ela está olhando. Kingsley parece estar mais entretido do que qualquer outra coisa.

Não é ele que está de joelhos no maldito chão.

Gwen solta um som de exasperação.

— Que seja. Ao menos Aspen está namorando.

O advogado me lança um olhar divertido, como se dissesse "desde quando?", e então pergunta à filha:

— Ela te disse isso?

— Não, mas na outra noite, quando fui à casa dela, vi o paletó de um homem atrás de uma cadeira. Acho que ele o esqueceu lá. — Ouço os passos da minha menina pela cozinha e então vejo seu braço enquanto mexe em um armário. — Foi estranho porque não consigo imaginar Aspen fazendo algo sentimental, mas talvez ela seja diferente com a pessoa com quem está em um relacionamento. De qualquer forma, estou animada para quando me apresentar a ele.

Meu coração bate forte no peito, e estou tão concentrada em suas palavras que a posição em que me encontro nem importa mais. Gwen quer que eu a apresente ao homem com quem tenho um relacionamento. Por acaso, esse homem é o pai dela, e nenhuma apresentação será feita. Mesmo assim…

— Entendi. — Kingsley parece muito satisfeito consigo mesmo.

— É só isso que tem a dizer? — Gwen pergunta com uma nota de incredulidade.

— O que mais eu deveria dizer?

— Eu não sei… não está com ciúmes?

De si mesmo?

— Não — ele diz com a mesma diversão que me faz rir baixinho.

— Nem um pouco? — A garota parece ferida agora. — Ele vai levar Aspen embora, sabia? E vocês podem nunca ter tido um relacionamento no passado, mas você a procurou por toda a minha vida.

Minha boca se escancara enquanto eu o encaro. Ele me procurou? Essa é uma informação nova. A expressão brincalhona de Kingsley some.

— Só estava procurando aquela mulher para fazer a vida dela um inferno por ter abandonado você.

— Ainda assim… nunca se sentiu atraído por ela?

— Não.

Estreito os olhos e agarro seu pau, que ganha vida sob meu controle. Nunca se sentiu atraído por mim, não é? Ele me olha fixamente, com os olhos brilhando de luxúria sombria, antes de mudar a atenção para Gwen, que deve estar preparando seu chá favorito.

— Quem perde é você — diz minha filha. — Aspen é um bom partido.

— É mesmo? — Kingsley indaga por mim.

— Claro que sim. Ela é linda, inteligente e a mulher mais bem-sucedida que conheço. Então, sim, ela é definitivamente um bom partido que qualquer um gostaria de ter, mas não pode. Exceto por aquele homem, óbvio.

Um gosto salgado explode em minha boca e noto que é uma lágrima.

Uma lágrima feliz.

Agora posso morrer realizada. Nunca pensei que chegaria o dia em que ouviria minha filha me elogiar. Isso faz todas as dificuldades pelas quais passei valerem a pena. As ruins, as assustadoras e as terrivelmente feias.

— Se ao menos ela não fosse um pouco alcoólatra. — A tristeza na voz de Gwen me dá um tapa no rosto.

Kingsley me olha com uma expressão de "eu te avisei" estampada em seu rosto.

— Não percebi no começo — continua minha filha. — Mas ela sempre coloca álcool no café quando acha que não estou olhando. Outro dia, me sentei ao lado dela e abri um artigo sobre doenças causadas pelo álcool, mas acho que ela não percebeu. Não quero lhe contar isso de modo direto, porque ela pode me odiar por isso. Ah, acha que eu deveria perguntar à Caroline?

— Não sei, não me importo. Além disso, por que está se aproximando da Aspen quando a odiava até a morte há apenas alguns meses?

— Isso foi antes de eu conhecê-la. Ela simplesmente não faz ideia de como expressar seus sentimentos e, às vezes, é adorável quando ela fica olhando fixamente para mim enquanto tenta conversar.

Minhas bochechas esquentam. Puxa vida. Nunca tive vergonha da minha personalidade até agora. O fato de estarem falando de mim em terceira pessoa enquanto estou aqui é ainda mais vergonhoso.

— Além disso, é você quem a odeia, eu estava só te imitando sem pensar muito. Agora, sou eu mesma.

— É mesmo?

— É isso mesmo. Então não interfira nem transforme a vida dela em um inferno só para satisfazer seu ego. Estou de olho em você, pai. — Posso imaginá-la fazendo um gesto com a mão.

— Essa é a parte em que eu deveria estar com medo?

— Sim. Não vou deixar que machuque minha mãe depois de eu a encontrar.

Meu calcanhar arranha o chão nas tentativas de me impedir de levantar e abraçá-la. Desta vez, enquanto está acordada. Gwen me chamou de mãe. Não diretamente, mas é quase isso.

— Que barulho é esse? — a garota quer saber, desconfiada.

Que droga.

— A caneca — diz o homem, sem a menor sombra de nervosismo. — Agora, saia ou vá para seu quarto e me deixe trabalhar.

— Mas quero jantar com você.

— Hoje não, Gwen.

— Tanto faz. Vou fazer um jantar para o Nate, e você vai se arrepender de não ter aceitado minha companhia.

— Vou viver.

— De um jeito chato. — Eu a vejo passando por cima do balcão para dar um beijo barulhento na bochecha dele e me escondo ainda mais. — Te amo, pai.

A postura e a expressão de Kingsley se suavizam.

— Também amo você, meu anjo.

Solto um suspiro quando o zumbido e os passos da minha menina desaparecem, mas continuo escondida por mais algum tempo, por precaução.

— Está fazendo protesto para uma segunda rodada de chupadas no meu pau?

— O advogado sorri para mim com sua arrogância de outro mundo.

— Nem morta. Não acredito que gozou na minha garganta enquanto nossa filha estava tão perto. — Faço uma pausa ao ver que a chamei de nossa filha. *Merda.* Preciso me controlar porque estou começando a acreditar em *nossa*s coisas.

Nosso tempo.

Nosso trabalho.

Nosso relacionamento.

Caramba. Não foi a isso que me submeti.

— Não ia deixar que ela empatasse minha foda de novo. Ou então vou empatar a foda do marido dela pior do que tenho feito até agora.

— Você é horrível. — Começo a me levantar e perco o equilíbrio devido aos pés dormentes.

Caio contra o peito de Kingsley, e ele me agarra pela cintura e me coloca sobre o balcão. Depois, sem remorso, fica entre minhas pernas e levanta a saia até a cintura. O sujeito desabotoa minha camisa, puxando-a à força pelos braços e a joga no chão. O sutiã vai em seguida, até eu estar seminua e tão pronta para ser devorada por ele que chega a ser um pouco assustador.

— Que pena. — Limpa minha boca com o polegar, recolhendo o esperma que ficou ali, depois o desliza entre meus lábios. — Ficar de joelhos caiu bem em você.

— Você é o único homem por quem eu me ajoelharia.

Seus olhos escurecem, e seu aperto se torna possessivo como nunca vi antes. E por alguma razão, minha boca fica seca.

— E não vai se ajoelhar por mais ninguém no futuro — anuncia de repente.

— Como assim? — Minhas palavras são interrompidas por um barulho de passos.

— Pai! É o carro da Aspen. Ele tem a mesma placa… Puta que pariu!

Kingsley e eu ficamos olhando um para o outro com expressões de "puta que pariu" também. Enterro o rosto em seu tronco para esconder minha nudez enquanto o inferno começa.

25



Kingsley

Ser responsável perante qualquer pessoa neste planeta está fora de cogitação e não pode ser negociado. Mas há uma pessoa cuja vida está tão entrelaçada à minha que é impossível não sentir algum tipo de responsabilidade em relação a ela. A única pessoa que basicamente cresceu comigo e esteve presente em todos os episódios monumentais de minha vida. A mudança da casa do meu pai. Meus anos de faculdade. A graduação em Direito. O exame da Ordem. A abertura da Weaver & Shaw. A morte do meu pai.

E finalmente, finalmente, o encontro com sua mãe.

E essa pessoa agora está sentada na cadeira de frente para mim e para Aspen, que optou por se agarrar à outra extremidade do sofá a fim de sobreviver.

Era eu quem estava nessa posição há dois segundos – a pessoa a quem ela se agarrou para sobreviver –, mas no momento ela não está mais nua depois de ter se vestido às pressas, então não tenho mais nenhuma função a cumprir.

Além de ser o alvo dos olhares da minha filha, é claro.

Gwen tem a expressão de uma princesa arrogante. Menos o bater dos pés e o os braços cruzados. Ela e Aspen seguem coradas pelos últimos quinze minutos, o que teria parecido cômico em outras circunstâncias.

— Caso nenhum de vocês tenha notado, estou esperando uma explicação — diz a garota com uma teimosia reveladora, indo direto para a jugular.

Ela é definitivamente nossa filha.

Sua mãe se encolhe ainda mais no canto do sofá. A ruiva estava radiante depois de ouvir Gwen falar sobre ela antes e, para manter aquela expressão de admiração por mais tempo, incentivei a conversa. Agora, no entanto, está claramente fora da sua zona de conforto.

Estico minhas pernas à frente, encontro os olhos vibrantes de Gwen.

— Bem, é meu dever informá-la de que não temos obrigação de explicar

nada. Da última vez que verifiquei, eu sou o pai.

— Da última vez que verifiquei, você disse que não se sentia atraído por ela — rebate a menina. — O que obviamente não é verdade, a julgar pelo show de nudez que vi. Vou supor que não esteja relacionado ao trabalho.

— Sinto muito — sussurra Aspen, limpando a garganta.

— Pelo quê? — A voz de Gwen se suaviza quando fala com a mãe, ao contrário de sua atitude brusca comigo. Talvez eu a tenha mimado um pouco demais.

Aspen olha para ela por um breve segundo.

— Por você ter que testemunhar aquilo.

— Não deveria estar mais arrependida por terem um caso e não me contarem?

— Não é um caso — a mulher deixa escapar, rapidamente corrigindo Gwen, e eu estou muito perto de sufocá-la enquanto a fodo.

— Então o que é? — indaga minha filha.

— Boa pergunta. Por que não responde, bruxa? O que nós somos?

Ela me olha, incrédula. *O quê?* Achou que seria do jeito dela? Só há um caminho, e a advogada acabou de estragar tudo ao negar o que somos.

— Espero que, seja o que for, seja um relacionamento — diz Gwen, ainda batendo o pé. Quando nenhum de nós responde, ela suspira: — Ah, meu Deus, vocês são amigos coloridos?

— Não somos amigos — digo com uma calma que não sinto.

Os ombros de Aspen se mexem com isso, a coluna vertebral se ergue e a ruiva adota aquela personalidade de cadela gostosa que só ela consegue ter.

— Então são apenas coloridos? — Gwen joga as mãos para o alto. — Não posso acreditar nisso. Da última vez que fizeram isso, eu nasci e vivi a vida inteira sem uma mãe. Obrigada por serem egoístas mais uma vez e não me considerarem em qualquer arranjo sexual que tenham.

Aspen empalidece. Olho fixamente para Gwen, sem pestanejar.

— Olha lá como fala conosco. Nós somos os pais, não o contrário.

— Então aja como tal e para de mexer com minha cabeça. — Ela fica de pé e olha para Aspen com olhos de cachorrinho. — Estou muito decepcionada com você. Achei que estávamos em um ponto no qual poderia me contar sobre essas coisas, mas acho que não fizemos nenhum progresso. — Sacode a cabeça em

minha direção. — E eu pensava que não havia segredos entre nós, pai.

— Diz aquela que se casou com meu melhor amigo enquanto eu estava em coma.

— Bem, amo o Nate. Sempre amei. Vocês se amam? — Quando nenhum de nós responde, ela nos dá um olhar dramático e joga a bolsa no ombro. — Me liguem quando decidirem qual é o relacionamento de vocês e onde me encaixo nele.

A porta quase se solta de suas dobradiças quando Gwyneth a fecha atrás de si.

Isso é dramático, desnecessário e cheio das tendências empáticas exageradas de Gwen. Aspen, no entanto, parece ter levado tudo muito a sério, porque se levanta com as pernas tremendo como se estivesse tentando ir atrás da filha. Eu a agarro pela cintura e a coloco de volta no chão. Ela me olha por cima do ombro.

— Achei que não éramos amigos. Me solta.

— Verdade. Não somos amigos, docinho. Você é a porra da minha mulher.

Juro que ela cora como tomate antes de abaixar a cabeça e limpar a garganta.

— Gwen deve nos odiar.

— Não, só foi pega no calor do momento. Ela vai se acalmar depois de contar tudo ao Nate, e ele será o único a argumentar a favor dela. A desvantagem é que nosso sócio é muito menos emotivo do que a esposa, o que é mais difícil de lidar.

Ela geme, esconde o rosto em meu peito.

— Não quero perdê-la.

— Não vai. Ela gosta de você.

Seus olhos explodem em uma infinidade de cores enquanto me encaram.

— Sério?

— Sim. E ela é do tipo que perdoa. Não faço ideia de onde tirou isso.

— Definitivamente não foi de você.

— Ou de você.

A ruiva sorri, mas logo o sorriso se desfaz, e ela tenta se afastar.

— Aonde acha que está indo, docinho?

— Para casa. Acho que já causamos danos suficientes por uma noite.

— Nem fodendo. O estrago já foi feito. — Pego seu queixo com dois dedos e

o inclino para cima. — Além disso, odeia ficar sozinha neste dia, certo?

A respiração dela fica agitada:

— Como pode pensar em sexo em uma situação como essa?

— Penso em sexo em todas as situações quando se trata de você, então não consigo ver onde está a surpresa nisso.

— Você nunca vai se cansar?

— Você vai?

Ela hesita, mas não responde, e eu não permito que o faça quando selo nossos lábios e termino o que Gwen interrompeu.

* * *

Ao contrário do que eu esperava, minha garotinha está resistindo.

Já faz uma semana que ela se deparou com nossas preliminares e, desde então, vem se fazendo de difícil com nós dois. Porém, como eu imaginava, Nate foi a pessoa a quem ela entregou seu coração, e ele veio com uma capa metafórica e um título de cavaleiro de papelão para agir como seu representante.

Aspen tentou explicar, adotando sua diplomata interior. Eu disse que não tenho nada a justificar para ele, entre todas as pessoas. Não quando o idiota fez sexo com minha filha enquanto eu estava dormindo. Meu sócio me chamou de filho da puta idiota. Aspen olhou para mim, e os dois tentaram sair juntos para retomar a conversa lógica – também conhecida como chata. O que não permiti, é claro. Não dou a mínima para o fato de eles serem apenas amigos. Nate ainda é o único homem de quem a advogada é próxima e, em algum momento, acreditei que eram parceiros de foda.

A única razão pela qual eu não tinha certeza se eram realmente parceiros sexuais era o fato de Nate estar acostumado a descartar as mulheres com quem dormia como se fossem lenços usados. Ainda assim, uma parte de mim achava que talvez Aspen fosse especial o suficiente para ele manter uma amizade.

Esse pensamento deixou um fogo ardente em meu peito. Sou tão autodepreciativo quanto um candidato em debate eleitoral. Só me diminuo em situações de manipulação. No entanto, não posso negar o pensamento incômodo

de que, se Aspen tivesse de escolher um parceiro, seria alguém como Nate. Embora estoico e distante, ele é tão sensato quanto a mulher, não a forçaria a fazer nada e não haveria brigas envolvidas.

Agora, não me entenda mal. As chances de eu admitir isso em voz alta são nulas, mas não significa que o pensamento não esteja à espreita em minha cabeça. A solução? Usei o método de Nicolo, mentindo para afirmar que temos um almoço com ele a fim de manter Aspen ao meu lado.

O almoço aconteceu em minha casa, logo depois de dar uma surra em sua bunda por se recusar a comer e então ordenar que ela comesse.

No momento, a ruiva está em pé perto da janela, vestindo só minha camiseta.

E cheia de chupões.

E marcas de mordida.

E o desenho da minha mão.

Suas pernas claras estão cobertas de hematomas desbotados. Em algum momento, ela parou de reclamar das manchas, exceto quando tem de usar uma tonelada de maquiagem para cobrir os que estão no pescoço.

Pediu-me para não morder mais lá, mas que se foda. Sempre há essa necessidade animalesca de marcar cada centímetro de sua pele para Aspen pertencer somente a mim.

Sou o único homem que pode se apropriar de seu corpo e tem a missão de conquistar sua alma. Nunca tive esses sentimentos em relação a uma mulher antes. Havia um indício de que eu queria mais quando a conheci, mas não chegava ao ponto dessa obsessão ardente.

Não a ponto de estar faminto 24 horas por dia para prová-la.

Nunca fui o tipo de homem que se apega com facilidade – ou que se apega de fato. Nunca olhei para uma mulher duas vezes nem tive uma ideia atrás da outra para prendê-la a mim.

Mas a mulher parada na janela, verificando o telefone e massageando as têmporas, é a exceção a tudo isso.

É tão linda, como meu anjo caído e o demônio favorito do Diabo.

Incapaz de resistir ao impulso, coloco a cueca boxer e vou até ela, depois envolvo um braço possessivo em torno de sua cintura, enlaçando-a por trás.

Aspen cheira a sexo e a mim.

Sempre sinto meu cheiro nela agora, e sou grato pelo nariz sensível que me

permite vivenciar esse momento ao máximo. A outra mão massageia sua cabeça, e a ruiva suspira.

— Mmm. Aí mesmo.

— Ainda tem dores de cabeça fortes?

— Só quando estou cansada. Graças a alguém. — Fita-me de soslaio, e eu apenas sorrio ao continuar minha tarefa.

Aspen está sóbria há sete dias, e aposto que sua decisão de parar de beber tem a ver com o fato de Gwen tê-la chamado de alcoólatra. Se há uma coisa que aprendi sobre a advogada é que ela despreza demais ser fraca. Resultado de sua infância difícil, de seu pai mafioso e dos esforços que teve de fazer para conquistar sua posição no topo.

E de acordo com sua lógica, ser menos do que perfeita aos olhos de Gwen é um sinal de fraqueza. Isso é a coisa mais distante da verdade, mas se a faz parar de beber, então pode acreditar nesse fato o quanto quiser.

Ela tem sido uma criatura adoravelmente mal-humorada durante a abstinência. Os primeiros dias foram os piores, mas está se adaptando de maneira gradual, até começou a comer mais. E minha parte favorita? Aspen me procura sempre que pode e, quando tentei ignorá-la só para obter uma reação, a doidinha bombardeou meu celular com sua forma de convite – fotos eróticas.

Suspirando, ela relaxa em meu abraço, até seus movimentos no telefone param.

— Ainda está tentando falar com a Gwen? — Aponto para a tela, que se abriu no bate-papo em grupo com Caroline e Gwyneth.

— Ela está me ignorando, mas está falando à beça com a Caroline.

— Isso é uma manifestação de sua raiva. Ela vai superar.

— Você também disse que Gwen é do tipo que perdoa, mas esse traço de personalidade aparentemente não se aplica a isso. — A voz abaixa. — Sinto que ela está escapando entre meus dedos depois que finalmente a conquistei. E se continuar decepcionada comigo?

— Ela quer uma mãe desde criança, então as chances de esse desejo diminuir são abaixo de zero. Gwen é irritantemente determinada e não desiste a menos que consiga o que quer.

Seu rosto se ilumina, como acontece sempre que falo sobre nossa filha, e então a ruiva passa um braço em volta da barriga.

— Sabe, ela chutava muito quando estava dentro de mim, às vezes me tirava o sono no meio da noite. Achava que ela estava doente ou algo assim e não podia fazer nada a respeito, ou provocaria meus tios.

Minha mandíbula se contrai e paro de massagear sua cabeça para não a apertar ou fazer algo pior. Como eu, Aspen não gosta de falar sobre seu passado. Essa é uma das poucas vezes em que está oferecendo um vislumbre de bom grado.

— Seus tios ainda estão vivos?

— Felizmente não. Morreram em um acidente horrível logo depois de eu ter fugido. A cabeça da minha tia foi encontrada a um quilômetro de distância do corpo dela.

— Boa viagem.

Ela estremece.

— Achei que também me sentiria feliz, mas a morte dos dois não me devolveu a filha que perdi. Naquela época, eles me batiam sempre que podiam, tentaram me envenenar também e me trancaram até eu achar que ia morrer.

— Mas você não morreu. Está aqui.

— Sim. Coloquei armadilhas por toda a casa e tornei a vida de ambos um inferno. Tentei de tudo para proteger o bebê crescendo dentro de mim. Eu era jovem, mas não era realmente uma criança, sabe? E pela primeira vez em minha vida, me senti responsável por outra pessoa. Eu me apaixonei por ela no momento em que a descobri e costumava ler muito para a bebê, fazê-la ouvir todos os tipos de música e lhe contar histórias felizes, no entanto eu era pragmática demais para sentir alegria com elas. Eu… queria que ela fosse amada e cuidada e tivesse uma história diferente da minha. Então, quando colocaram aquela recém-nascida morta em meus braços, perdi todo o propósito e apenas sobrevivi. Até… Bem, agora. Quero dar a ela tudo o que tenho e o que não tenho, apesar do fato de não ser uma criança e já estar casada. Isso é estranho?

— Não, significa que você é uma mãe. E se serve de consolo, também queria que ela tivesse uma história diferente da minha. E é provavelmente por isso que eu a mimei e a protegi demais.

Ela me encara, forçando-me a largá-la.

— Você é um ótimo pai, Kingsley. O melhor pai que conheço.

— Ou não conhece muitos pais, ou isso foi um elogio.

Um rubor explode em seu pescoço, e ela sussurra:

— Cala a boca.

— Não se preocupe. Manterei suas emoções em segredo, docinho. Nem mesmo nossa filha saberá disso.

Aspen faz uma pausa, e seus lábios se abrem.

— Você… acabou… Você acabou de chamá-la de nossa filha?

— Bem, ela é, não é?

— Sim, mas nunca disse isso antes.

— Você a chamou de nossa filha primeiro no outro dia. Então estou só acompanhando a tendência.

Ela me mostra um sorriso.

— Obrigada.

— O mundo acabou de acabar ou você me agradeceu?

— Apenas siga em frente e pare de ser um espertinho.

Eu a puxo contra mim.

— Ah, sou?

— O pior de todos. — Suspira, encostando o nariz em meu peito. — Mas seu cheiro definitivamente afasta a dor de cabeça da abstinência.

— Cobro uma foda por cada abraço.

Seus ombros tremem de tanto rir.

— Viciado em sexo.

Acaricio seu cabelo flamejante.

— Eu me declaro culpado, Meritíssima.

Ficamos assim por um tempo, seus braços envolvendo minha cintura, o rosto dela enterrado em meu peito e meus dedos brincando com seus cabelos. E se o tempo pudesse parar, este seria o momento perfeito.

— Você deveria contar à Gwen o que acabou de me contar — digo após um tempo. — Ela entenderia.

— Prefiro não contar.

— Não precisa ser forte o tempo todo, Aspen. Há pessoas, inclusive o próprio sangue do seu sangue, que deveriam ver você como é. Seus defeitos, fraquezas e tudo mais. Alguém tão empática quanto Gwen vai gostar disso.

— Eu… vou pensar sobre isso. — Solta um suspiro. — É que parece tão estranho depois de todos esses anos. Muitas coisas parecem.

— Como o quê?

— Por exemplo, como encontrei você, Caroline e Gwen. É igual àquela súbita onda de vida que os pacientes têm antes de morrer.

— Essa é uma analogia deprimente.

— Eu sei, mas não consigo deixar de pensar nisso.

— O que não consigo parar de pensar é em como seus tios me encontraram.

A ruiva levanta a cabeça, franzindo a testa.

— Também não sei. Todos esses anos, pensei que Caroline os tinha ajudado, mas ela jurou que não.

Não gosto disso. É uma peça faltando em um quebra-cabeças e um buraco negro que atrapalha todo o quadro. A pior parte é que os únicos elos para essa teoria, a tia e o tio de Aspen, já se foram.

Como se tudo tivesse sido planejado.

Meu telefone apita no chão ao nosso lado, mas não dou atenção.

Aspen endurece um pouco antes de se afastar sutilmente.

— Vou voltar ao trabalho.

Agarro seu pulso antes de ela sair de vista.

— Por quê?

— Como assim, por quê? Tenho uma reunião com um cliente.

— Não é sobre isso que estou me perguntando. Por que se afastou de mim agora?

— Eu… não me afastei.

— Você nem está me olhando. — Inclino sua cabeça para cima a fim de ser saudado por seus olhos sem expressão.

Toda a luz se esvaiu deles como se a mulher estivesse em modo de batalha. Ela assume esse modo quando escapa para uma parte mais profunda de si mesma, onde é impossível encontrá-la.

— Tenho que trabalhar, Kingsley. Nem todos nós temos bilhões aos quais recorrer.

— Sua amargura de discriminação social não é só patética, também não tem lógica.

— Então sou patética. — Aspen me empurra com força, pega suas roupas do chão e bate a porta do banheiro.

Estou prestes a tirá-la de lá e descobrir o que caralhos a deixou tão irritada, mas isso só levaria a uma briga. Considerando nossas personalidades igualmente obstinadas, é melhor deixar as coisas esfriarem às vezes.

Pego o telefone e paro quando vejo uma mensagem na tela de uma das minhas parceiras anteriores.

Ei, sexy.

Estreito os olhos para a mensagem, depois para a porta do banheiro. A ruiva não pode ter visto. Se tivesse, já teria causado o maior escândalo. Apago a mensagem, bloqueio o número e penso até em trocar o meu. Muitas mulheres têm meu número quando deveriam ter levado seus acordos de confidencialidade a sério.

Elas não importam mais. Na verdade, nunca importaram.

A única mulher que realmente importa está, aparentemente, brava comigo.

26



Aspen

Sou uma pessoa lógica.

Na verdade, desde criança me sinto mais velha do que minha idade real por esse motivo.

Não deixo as emoções me influenciarem, nem mesmo quando era uma adolescente hormonal com uma gravidez inesperada e sentimentos não resolvidos. Meu principal objetivo sempre foi sobreviver, escapar do buraco em que nasci e levar uma vida diferente da dos meus pais.

Escolhi exercer a advocacia para ninguém ter a chance de passar por cima de mim. Assim eu poderia superar as estatísticas sobre pessoas que fogem de casa e provar que podemos ser bem-sucedidas.

Nossas origens não determinam quem somos, e sim nossas ações.

Eu queria reescrever minha história, começar de novo e enterrar o passado.

Mal sabia eu que ele me alcançaria. Ou que eu me descobriria a pessoa mais ilógica que já conheci.

Já se passou uma semana desde o dia em que vi a mensagem de texto de outra mulher para Kingsley. Uma semana inteira lutando contra as emoções sombrias que não deveriam estar me atacando. Durante aquela semana, tentei me afastar, mas o demônio é uma fera que não me deixa ficar sozinha.

Em meio ao sexo indecente, dando-me tapas, marcando minha carne com suas mordidas bárbaras, não tive tempo de recuperar o fôlego. Odeio ter me acostumado com sua mão áspera durante o sexo e como ela se torna gentil, mas firme, quando ele lava meu cabelo, adorando cada fio. Ou com a maneira de ele me alimentar, com receitas especiais que encontrou especificamente para ajudar na minha abstinência. Ou como ele me arrasta para sua academia em casa para trabalhar minha resistência e sempre, sem dúvida, acaba me fodendo no meio do treino porque é um animal incansável.

Mas o que mais odeio é que minha visão sobre tudo isso está começando a ficar turva.

É por isso que precisava reunir o que restava da minha vontade, convocar meu lado lógico e me lembrar de que o que vi naquele dia não foi nada.

Que ele não transou com ela de verdade.

Embora eu não estivesse fazendo um bom trabalho em me convencer desse fato, considerando que precisei lutar fisicamente para não verificar o telefone do cara.

Cedi duas noites atrás e digitei a senha dele enquanto Kingsley dormia. A única razão pela qual sei a senha é porque ele é tão aberto sobre digitá-la na minha frente como se confiasse em mim ou algo assim.

Bem, não deveria ter feito isso, porque quebrei totalmente essa confiança. No entanto, não havia nenhum vestígio do texto que vi. O nome dela, Britney, também não estava nos contatos. Para outras pessoas, isso poderia ter sido um bom sinal, mas elevou meu medidor de desconfiança a um nível mais alto, e me senti tão enojada comigo mesma por bisbilhotar as coisas do homem que tive náuseas a noite toda.

Não sou essa pessoa. Não fico com ciúmes, não permito que ninguém me faça sentir pequena, muito menos brinque comigo.

Então por que sinto vontade de chorar de frustração?

Soltando um longo suspiro, tento tirar o pensamento de Kingsley da minha cabeça e levanto a mão para tocar a campainha da casa de Gwen. Nate me convidou para jantar, e eu não perderia essa chance por nada no mundo. Minha filha tem me evitado ativamente, e é por isso que tenho andado nervosa nos últimos tempos.

A casa deles é espaçosa, mas não do nível de uma catedral como a de Kingsley. Tem o toque de Gwyneth com os infinitos canteiros de flores coloridas no jardim. Também há cadeiras aconchegantes no pátio da frente, onde posso imaginar ela e o marido sentados em noites tranquilas.

Apesar de sua fortuna, Nate sempre morou em um apartamento e só o usava para dormir. Ele é tão viciado em trabalhar quanto eu, sem vida pessoal agitada.

Ou era pelo menos.

Agora costuma sair cedo, tem limites rígidos para proveito pessoal e tirou mais férias nos últimos meses do que em toda a vida. E a parte mais cativante é que todo o seu tempo pessoal é dedicado a caminhadas e viagens com Gwen.

Nunca imaginei que Nate se transformaria nesse homem de família, e parece um pouco solitário, pois sempre pensei que compartilhávamos a mesma mentalidade.

Não que eu esteja com inveja ou algo assim. Não estou.

A porta se abre antes de eu apertar a campainha, e engulo em seco quando Gwen surge na entrada. Ela está usando *shorts* confortáveis e uma camiseta combinando que tem "Vanilla é o novo fetiche" escrito nela. O cabelo está preso em um coque bagunçado e tem um pouco de farinha polvilhada na bochecha.

— Hey — digo, mais nervosa do que nunca.

Aparentemente, sou confiante em tudo, exceto quando se trata da minha filha.

E do pai dela.

Não. Pare de pensar nele.

— Nate me convidou — falo quando ela continua em silêncio, então dou à garota uma caixa de bolo. — Fiz um bolo de baunilha. O mais fácil. Queimei os três primeiros, mas este sobreviveu, embora por pouco. Costumava comer alguns desses de uma barraca na lateral da nossa rua. Havia uma senhora de meia-idade que nos dava alguns de graça. Nos dava, eu e Caroline. Principalmente Callie, porque ela fez amizade com o pessoal da comida para darem as sobras a ela, então as dividia comigo. Eu preferia passar fome do que implorar por alimento… — Estremeço, percebo que estou falando há muito tempo. — Desculpe por tagarelar.

— Agora sei de quem herdei meu amor por baunilha. E alguns hábitos de tagarelice também. — Gwen pega o bolo da minha mão com um pequeno sorriso. — Vai ficar aí parada a noite toda? Entre.

Ando atrás dela, e minha filha me leva até a sala de jantar, onde a mesa já está posta para três pessoas. Nate se senta na cabeceira, parecendo relaxado em suas calças cáqui e camisa polo.

— Aspen.

— Nate — cumprimento de volta.

Gwen puxa minha cadeira para trás, e eu aproveito a deixa para me sentar.

— Sabia que eu estava vindo? — indago, olhando entre ela e seu marido.

— Claro. Nate me disse.

— Ah. — Isso é muito melhor do que pegá-la desprevenida, e ao menos ela

não se opõe à ideia de eu ir até a casa dos dois.

— Vou me trocar rapidinho — Gwyneth nos diz, então desaparece em um canto.

O olhar atento de Nate a segue até a esposa sair de vista e permanecer lá por um segundo a mais. Estou feliz que o bruto Kingsley não esteja aqui, ou ele teria começado um drama. Embora eu entenda que um pai superprotetor como o advogado ache difícil não pensar na filha como uma garotinha.

Não consigo imaginar como ele deve ter se sentido quando descobriu que seu melhor amigo se casou com seu "anjo". Porém, mais uma vez, até mesmo a brutalidade de Kingsley pode ver o quanto Nate lambe o chão que Gwen pisa.

Nada poderia ter impedido este homem de se casar com Gwen. Nem mesmo o pai dela.

— Ela passou a tarde inteira cozinhando, assando e escondendo álcool porque sabe que parou de beber — ele diz, enfim olhando para mim. — Eu me ofereci para ajudar, mas ela recusou.

Meu coração se aperta.

— Agora me sinto mal pelo bolo que provavelmente não é comestível.

— Acredite em mim, ela vai comê-lo mesmo se tiver de beber um galão de *milk-shake* com ele.

Sorrio.

— Obrigada, Nate.

— Pelo quê?

— Por me deixar vir aqui. — Queria uma chance de falar com ela cara a cara, mas sempre fui covarde, com medo de sua rejeição.

Se fosse Kingsley, ele teria agarrado essa chance. Na verdade, eu o ouvi falando com Gwen no telefone outro dia como se nada tivesse acontecido. Mas a verdade é que ele tem sido seu pai, sua mãe e seu melhor amigo todos esses anos. A garota não consegue ficar brava com o sujeito por muito tempo. Eu sou uma equação totalmente diferente.

Nate serve um copo de água e toma um gole.

— Convidar você foi ideia dela.

— Sério?

— Sim. Além disso, Gwen precisa de você tanto quanto você precisa dela, Aspen. Mas tem a teimosia de vocês dois, então pode levar um tempo para ela

admitir isso em voz alta.

— Está tudo bem. Posso esperar. Esperei por vinte anos para encontrar algum equilíbrio depois de perdê-la, então isso não é nada.

— Enquanto você espera… — Desliza os cotovelos na mesa e entrelaça os dedos. — Você não deveria resolver o que tem com King primeiro?

Meu estômago se contrai ao ouvir seu nome, e eu bebo um copo inteiro de água. É isso que tenho feito ultimamente sempre que tenho vontade de beber.

— Não é nada.

— Estarei pronto para acreditar em seu senso distorcido de nada se pararem de desaparecer nos escritórios um do outro à vista de todos ou se ele parar de expulsar de repente qualquer um que esteja na sala com ele quando recebe uma mensagem. Ou se pararem de se olhar com a intenção total de rasgar as roupas um do outro.

Meu pescoço esquenta, e eu me sirvo de mais água, o copo quase transborda. Somos tão óbvios assim? Quer dizer, Kingsley é tão óbvio assim? Ele não perde a chance de me arrastar para um canto escuro para fazer o que quer comigo. Devastar-me. Deixar-me completamente esgotada.

— Honestamente, não me importo com o que dois adultos fazem com suas vidas sexuais, e eu nem vou pensar em como fica com hematomas por todo o pescoço, até mesmo seus pulsos.

Balbucio na minha água.

— Você… você viu?

— Sim, sua habilidade de maquiagem é desleixada às vezes. Sem mencionar que ele coloca sua marca em lugares que não pode ver. — Gesticula para mim. — Como sua nuca.

Coloco uma mão sobre a nuca, surpresa com o fato de o copo não se estilhaçar em pedaços na minha outra mão.

— Aquele idiota de merda.

— Acredito que não há força envolvida?

Minhas bochechas queimam ainda mais.

— Eu o mataria antes de ele me obrigar a fazer qualquer coisa.

— Foi o que pensei. Só queria verificar, porque ele é um ser humano frio que não gosta de ser desafiado.

— Ele não é frio… só não é caloroso, mas ele se importa. Quer dizer, olhe

para o homem com Gwen: mesmo quando os dois têm suas diferenças, eles mandam mensagens de bom dia e boa noite um para o outro, e Kingsley garante que eu coma, é uma das razões pelas quais parei de beber e… — Paro quando um sorriso lento se espalha pelos lábios de Nate. — O quê?

— Sou eu ou você acabou de defender King?

— Eu não. — *Merda. Eu defendi.*

O que diabos há de errado comigo?

— Tá bom — diz de forma zombeteira. — Seja lá o que for que estejam fazendo, podem se esclarecer? Está confundindo Gwyneth, e eu estou, sem dúvida, do lado dela, não do seu ou do King.

O som de passos mata qualquer resposta que eu tinha. Os pensamentos se dispersam quando vejo o que Gwen está vestindo. É o mesmo vestido que enviei para a casa dela logo antes de minha filha voltar da lua de mel.

— Você está deslumbrante, esposa — diz Nate, a voz se aprofundando.

— Obrigada, marido. — A garota beija seus lábios rapidamente e então se senta. — Aspen comprou para mim.

— Ficou perfeito — digo, as palavras estranguladas por emoções estúpidas.

— Obrigada. — Sorri um pouco. — Fiz cogumelos, macarrão à bolonhesa e bife. Não sabia qual era sua comida favorita, então não sabia o que cozinhar. Se gosta de outra coisa, eu posso…

— Está tudo bem. Não tenho uma comida favorita. Não gosto tanto assim de comer, na verdade.

Gwen franze a testa.

— Por que não?

— Acho que comer era só uma tarefa tediosa quando eu era jovem, porque era difícil encontrar comida. Ficar com fome doía e sugava minha energia, então eu temia a sensação. Depois de crescer, comecei a comer só por necessidade. — Até recentemente.

Até Kingsley me sentar em seu colo ou no balcão e me fazer comer. Ou quando ele fez coisas obscenas com meu corpo enquanto como. Até que comecei a associar comida com nossos debates acalorados e uma deliciosa ardência na minha bunda.

— É porque fez isso sozinha. — Gwen pega um pouco da massa em um prato. — A comida deve ser consumida na companhia de alguém. Então, se não

tem ninguém para comer, me ligue… ou para o papai. — Ela desliza o prato na minha frente com um tímido "espero que goste".

Pego uma garfada e mastigo para não engasgar com o nó na garganta.

— Está delicioso. Obrigada.

— De nada. Papai me ensinou a cozinhar. Ele me ensinou tudo o que sei.

Engulo a boca cheia de comida.

— Estou feliz que tem ele.

— Eu também. — A menina brinca com o guardanapo no colo, olhos baixos. — Sinto muito por ter te culpado pelo que aconteceu no passado. A verdade é que não foi sua culpa, você era só uma criança quando estava grávida de mim. Eu era ilógica e emocional e não deveria ter descontado em você.

— Gwen, não…

— Me deixa terminar. — A voz fica quebradiça. — Senti tanto sua falta quando não tinha você e fiquei magoada pensando que me abandonou, mas você não fez isso. Ontem papai me levou para o túmulo que você visitava anualmente pensando que era eu e me disse que foi severamente abusada, passou fome e quase foi espancada até a morte, mas ainda tentou seu melhor para me proteger. Ele disse que me perder moldou quem você se tornou como pessoa e que, se não consigo entender sua situação, então não mereço você como mãe.

Meu queixo cai. Kingsley disse isso? Ele… me defendeu na frente dela?

Tipo, o que ele está fazendo agora? Essa é outra tática para me fazer confiar nele só para me arrancar o tapete?

— Você me mereceria de qualquer forma, Gwen.

— Não, ele está certo. — Seus olhos vibrantes encontram os meus com um brilho. — Sinto muito que tenha passado por tudo isso. Eu não fazia ideia de que sua vida era tão difícil.

— Eu… sobrevivi.

— Isso não significa que não tenha sido difícil. Sou adulta agora, sabe, então não precisa mais me proteger. Posso fazer isso sozinha e posso até proteger você, o papai e o Nate, se for preciso.

Meus dedos tremem sob os utensílios, e não conseguiria controlá-los nem se quisesse. Meu Deus. O que fiz para merecer uma filha como ela? Não é à toa que Kingsley a chama de anjo. Gwyneth é a melhor alma de todas.

Ela me faz comer de todos os pratos, copiando o comportamento do pai, e eu

não resisto. Não porque gosto da comida, mas porque minha filha está aqui.

Nós três conversamos sobre a empresa e sua candidatura à faculdade de Direito. Nate e eu lhe damos conselhos sobre as opções com base em nossa experiência. E em meio à atmosfera pacífica e familiar, odeio desejar que Kingsley estivesse aqui para participar da conversa. Ele torna sua presença maior do que a vida conhecida por sua ausência.

A essa altura, não sei se algum dia conseguirei eliminá-lo do meu sangue em vez de deixá-lo apodrecer por dentro. Depois do jantar, Nate vai procurar alguns jogos de tabuleiro enquanto Gwen me mostra a casa.

— É linda — digo a ela quando chegamos a uma pequena sala de estar com vista para a piscina iluminada.

A garota me encara com um sorriso malicioso nos lábios.

— Não é mais bonita do que a casa do papai.

— Elas têm atributos diferentes, acho.

Minha menina me observa com atenção, estreitando ligeiramente os olhos.

— O quê? — Tomo um gole da garrafinha de água que tenho carregado comigo.

— Você ama meu pai?

Engasgo com a água pela segunda vez esta noite.

— O quê? N-não…

Sua sobrancelha se franze como se a resposta fosse decepcionante.

— Sei que disse que ele é mau às vezes, mas é o melhor pai do mundo. E tudo bem, talvez as batalhas legais dele com a Susan sejam exageradas, mas ela também o provoca, foi a responsável pela morte da vovó e ainda a xinga. Além disso, no fundo, ele é um bom homem, então dê uma chance.

— Uma chance para quê?

— Para amá-lo.

— Não é assim que as coisas funcionam, Gwen.

— Mas… e se o papai amar você?

— Acredite em mim, esse não é o caso. — Kingsley não é capaz de amar outra pessoa. A única razão pela qual ele ama Gwen é porque ela é sangue do seu sangue.

Nossa filha é parte dele. Eu definitivamente não sou.

— Como pode ter tanta certeza? Perguntou a ele?

— Não, e com certeza não vou perguntar. — A menos que eu queira me fazer de boba. — Se o que temos a deixa desconfortável, então posso…

As palavras ficam presas em minha garganta e não sei por que Diabos estou à beira das lágrimas só de pensar nisso.

— Pode o quê? — Gwen avalia minha expressão. — Acabar com isso?

— Se… você preferir. É melhor do que você manter uma esperança vã de que isso seja um reencontro ou algo assim. Kingsley e eu nunca tivemos um relacionamento, para começo de conversa.

— Mas tinham uma conexão, certo? A tia Callie me disse que você nunca calava a boca sobre ele naquela época.

Desde quando ela chama Caroline de "tia Callie" e por que aquela idiota boca de sacola está contando meus segredos?

— Eu era uma adolescente sem noção. Felizmente, superei essas emoções hormonais.

— Não acho que possa superar completamente sua primeira paixão. Ela guarda um pedaço de você para sempre. Veja meu caso. Eu tinha uma queda pelo Nate desde os 15 anos e, mesmo que ele tenha me rejeitado anos depois, ainda não conseguia tirá-lo da cabeça.

— Isso é diferente. Nate acabou retribuindo e, honestamente, ele não teve chance contra sua determinação. Kingsley, entretanto…

— O quê?

— Sabe muito bem que seu pai não ama ninguém além de você.

— Bem, é verdade. Mas pode adicionar você à lista dele.

Poder e querer são coisas totalmente diferentes, e eu sou mais velha e madura o suficiente para não desejar o impossível. Direciono a conversa de volta para ela e Nate para não ficar presa em meus próprios pensamentos de novo.

Nós três jogamos um jogo de tabuleiro e assistimos a um filme de terror, conforme o pedido de Gwen, no meio do qual ela adormece contra meu braço. O marido a leva embora cedo demais.

— Deixe-me levá-la para a cama, eu já volto.

— Não precisa. Consigo encontrar a saída. — Inclino-me e beijo sua testa, meus lábios permanecem ali por um tempo. — Boa noite, meu bem.

Calço os tênis e bebo uma garrafa inteira de água da cozinha antes de sair da

casa.

— Aspen, espere.

Eu me viro com a mão na maçaneta do carro. Nate sai, carregando um álbum de fotos, e o oferece a mim.

— Ela esqueceu, mas pretendia lhe dar isso.

— O que é?

— Uma espécie de diário no qual Gwen acrescentava comentários a cada foto de si mesma. Ela queria que ficasse com isso para ver como ela cresceu ao longo dos anos.

Eu abraço o álbum em meu peito e toco o braço dele.

— Obrigada, Nate.

O homem deposita um pequeno toque na minha mão.

— Você teria sido uma ótima mãe, Aspen. Ainda é. Não deixe King ou qualquer outra pessoa lhe dizer o contrário.

Não sei se são as palavras dele, o tesouro em minhas mãos, o quão perto de Gwen fiquei durante toda a noite ou o sentimento depressivo ao meu lado, mas não consigo controlar as lágrimas que escorrem pelo rosto.

— Ei. — Nate me puxa para um abraço fraternal com uma mão em meu ombro.

— Dói tanto. Não estar ao lado dela desde o início realmente dói e… eu não sei como demonstrar o quanto sou grata por ter outra chance. Gostaria de poder tê-la visto crescer e se tornar quem é.

— Pode fazer isso de agora em diante. Nunca é tarde demais para fazer parte da vida dela.

Aceno com a cabeça, e começamos a nos afastar um do outro quando Nate dá um solavanco para trás. Eu arfo ao ver Kingsley surgir como uma sombra escura com o punho erguido.

27



Kingsley

Quando Gwen me enviou uma foto da Aspen com a legenda "adivinhe quem é meu par hoje à noite?", tive a decência de ignorá-la.

Ou fingir ao menos.

Quinze minutos depois, esse fingimento já não estava se sustentando tão bem, e eu quase mandei a noite de pôquer no Nicolo's para o inferno e vim direto para cá.

Em parte porque as tentativas de Gwen de bancar o cupido são embaraçosamente óbvias, e eu não podia simplesmente ignorá-las. Em parte porque… que se foda. Queria ver o rosto da Aspen. Ela tem alegado todos os motivos para me evitar nos últimos dias, e isso é algo que nem meu pau, nem eu admitiríamos.

Na verdade, meu pau se satisfaz muito bem com a boceta dela. É a parte de desaparecer depois que é malvista em seu repertório emocional limitado.

A pior parte é que nem sempre é um desaparecimento físico. Eu me acostumei com a ruiva o suficiente para reconhecer quando está fazendo um golpe mental, estilo bruxa. Ela estava lá em corpo, mas não em espírito.

E essa merda precisava acabar.

Então imagine minha reação quando a encontro abraçando Nate.

Ou ele abraçando Aspen, ou sei lá o quê.

Minha visão está vermelha e turva desde então, logo não estou interessado nos detalhes agora. Exceto pela necessidade de bater na cabeça do filho da puta. Levanto o punho para deslocar sua mandíbula e o mandar para o pronto-socorro mais próximo quando algo duro bate contra minha cabeça. O golpe me pega tão desprevenido que meu aperto afrouxa em volta de sua gola, e estou pronto para matar quem me interrompeu. Quando me viro, no entanto, encontro uma Aspen furiosa segurando a arma do crime: um álbum grosso.

Só os postes de luz espalhados oferecem uma visão da noite escura, mas é o suficiente para destacar sua postura rígida.

Meu queixo se fecha em uma linha dura.

— Fica aí. Estarei com você em um minuto.

Se olhos pudessem pegar fogo, os dela seriam um vulcão quando se coloca entre nós, forçando-me a soltar Nate. Suas narinas se dilatam, e seu queixo está tão alto que quase alcança o céu.

— Que porra há de errado com você?

— Se. Afasta. — Não sei como digo isso com uma calma falsa quando a lava corre por minhas veias.

— Então você seria um bárbaro e bateria em seu sócio e melhor amigo que, oh, eu não sei, por acaso é o marido da sua filha? Já imaginou no que ela pensaria se visse isso?

— Você pensou quando se jogou nos braços dele, sedenta por atenção?

O *tapa* vem primeiro, e a sensação de picadas em seguida. Meu rosto endurece e, em um único movimento, envolvo a mão em volta de sua garganta, apertando as laterais até quase levantá-la do chão. Tenho controle suficiente para não a sufocar, mas o aperto é firme o bastante para ela e Nate entenderem que Aspen é minha.

— Vai se arrepender disso, docinho.

Uma grande mão me agarra pelo ombro com força. Poderia normalmente, em qualquer outra circunstância, afastar-me dela, mas não agora. Não quando a necessidade de devorar a mulher e ensiná-la a quem pertence pulsa em mim como um segundo ser.

— Solte-a, King. — A voz de Nate é calma, porém firme.

A ruiva continua me encarando mesmo quando seu rosto fica vermelho no tom mais escuro que já vi. Mesmo quando os olhos quase saltam das órbitas. A bruxa não luta comigo, provavelmente usa alguma tática de guerra silenciosa para me intimidar.

— Está sufocando ela. Solte-a, Kingsley, porra.

Lentamente, afrouxo o aperto, mas não a solto. Não vou soltá-la, mesmo que ela nunca pare de me odiar e continue a me encarar dessa forma todos os dias pelo resto de nossas vidas.

— King… — Há um aviso no tom de Nate, e ele não hesitará em

transformar o alerta em ação.

— Está tudo bem, Nate — Aspen resmunga. — Volte para Gwen.

— Você tem certeza? Ele está em seu modo louco agora.

A advogada não quebra o contato visual comigo, seu queixo se ergue.

— Posso lidar com ele.

Nos seus sonhos, docinho.

Meu sócio se inclina para sussurrar em meu ouvido:

— Seu ciúme é irracional, sem sentido e tem uma margem de erro do tamanho do Oceano Pacífico. Questione minha devoção à minha esposa de novo, e eu serei o único a te matar.

E então ele nos deixa sozinhos com um último aceno de cabeça. Meu olhar colide com o desafiador de Aspen. Ela parece mais jovem, mais despreocupada em um vestido casual de cor clara e um suéter florido que deve ter pegado emprestado de Caroline, porque seu guarda-roupas é tão sombrio quanto o meu. Está segurando um álbum de fotos com as duas mãos, como se fosse sua âncora.

— Você vai me soltar, ou Gwen deveria ver esta cena também? — sussurra um pouco mais alto na minha cara, e estou tentado morder seus lábios e rasgá-los na minha boca.

— O que estava fazendo com Nate agora?

— Da última vez que chequei, não é da sua conta.

— Não me testa, Aspen. Estou muito perto do ponto de erupção. Então, a menos que queira testemunhar o tipo de desequilibrado em que me transformo, fala.

— Está agindo como um bruto, e eu me recuso a negociar com terroristas.

Se eu não estivesse à beira da raiva, teria rachado de rir, mas agora sua teimosia só alimenta as emoções vulcânicas que invadem meu interior.

— Juro que, caralho, se você não falar…

— O quê? — ela me interrompe. — O que vai fazer?

Ainda a segurando pelo pescoço, eu a puxo para o lado do carro dela, escondido por uma árvore, camuflando a vista da casa. A ruiva grita, deixa o álbum cair para o lado quando a empurro contra o capô.

Meu corpo esmaga o dela por trás, e é um choque total de carne contra carne que a deixa ofegante. Antes de a mulher se recompor, puxo seu vestido, enrolando-o acima de suas coxas. A bruxa tenta me agarrar com movimentos

descoordenados, mas minha mão desce em sua bunda com um estalo que reverbera no silêncio e a faz parar.

— É por isso que tem se afastado de mim ultimamente, hein? — Não me incomodo em tirar sua calcinha e a arranco de sua boceta com força suficiente para deixá-la ofegante. — Mudou de ideia de me desejar para querer nosso querido genro?

— Você é um filho da puta doente. — A voz está trêmula, quebradiça, mas é clara o suficiente para transmitir seu desrespeito.

— Então o que é? Qual é a razão pela qual mal me olha nos olhos ultimamente?

Seus lábios tremem, mas ela murmura:

— Vai se foder.

— Se insiste. — Enfio dois dedos em sua boceta, e suas paredes se apertam ao meu redor. — Olha como sua boceta está pingando e implorando para ser fodida. Você nem se importa que estejamos aqui fora, não?

Ela vira o rosto para o outro lado, as mãos cravadas no metal do Range Rover, mas enfio outro dedo e puxo seu queixo para cima a fim de obriga-la a olhar para mim.

— Quer que eu foda essa boceta até você ficar toda molhada como uma putinha indecente, não é?

O desafio em seu rosto é um afrodisíaco do qual não me canso, então adiciono um quarto dedo, ao qual Aspen choraminga.

— Aposto que consigo enfiar o punho inteiro nessa boceta.

Seu gemido é a única resposta que recebo enquanto meto os dedos dentro dela mais rápido, mais forte. Então, só para foder com a mulher, dobro dois deles com o intuito de atingir aquele ponto secreto que a deixa louca. Aspen estremece fisicamente, mas seus ruídos, minha sinfonia favorita, agora estão abafados.

Então a bruxa decidiu lutar? Tudo bem. Vamos ver até onde vai.

— Sua boceta esfomeada está me encharcando, docinho. Não importa o quão apertada ela fique, ainda precisa do meu pau grosso, não é?

Sua respiração fica superficial, e os olhos mal se mantêm abertos. Quando a boceta começa a encharcar meus dedos, sei que ela está chegando perto.

— Diga que quer que eu te coma.

— Não. — A advogada range os dentes, afunda-os no lábio inferior para

impedir que outros sons escapem.

Aumento o ritmo até ela estar ofegante, sua pele fica quente e formiga sob a minha. Então mordo a concha de sua orelha, jogando-a em um ciclo de prazer e dor.

Quando ela está prestes a gozar, retiro os dedos com um puxão. Aspen geme, lágrimas se acumulam em seus olhos, de frustração ou outra coisa, não sei. Seu rosto, que poderia ser esculpido para combinar com os generais mais cruéis, fixa-me com um olhar.

— Acha que não consigo fazer isso sozinha? — A ruiva coloca uma mão entre as coxas, mas solto seu queixo antes de ela se aliviar. Sua cabeça cai contra o porta-malas enquanto dou um tapa em sua boceta e depois na bunda, com tanta força que ela engasga, o corpo sacudindo contra o veículo.

— Não se toque quando eu estiver aqui. — Encharco os dedos com a umidade da bruxa, e o som molhado que suas partes fazem deixa o pênis duro pra caralho. — Viu o quanto é uma putinha para mim? Você está pingando entre suas coxas. Quer que eu te foda tanto assim?

— Cala a boca.

Deslizo uma quantidade generosa de sua excitação para seu buraco traseiro e enfio um dedo. Ela fica parada, e eu sorrio, meus lábios encontram sua orelha.

— Vou te foder aqui esta noite, e você vai levar meu pau na bunda como uma boa garota.

Seu cabelo flamejante envolve o rosto, quase escondendo sua expressão de mim, então adiciono outro dedo, faço-a gemer.

— Essa é sua primeira vez, não é? Sua bunda é virgem como sua boceta era na primeira vez que a rasguei. — Esfrego os dedos, lubrificando-a com seu próprio tesão, dando tapas em suas coxas e bunda para garantir, porque isso a deixa tão molhada e pinta a melhor imagem erótica que já vi.

— Quem é Britney?

A pergunta, embora baixa e envolta em melancolia, atinge-me de alto e bom som.

— Quem? — Bato em sua bunda de novo, e Aspen se assusta, engole seco algumas vezes.

— A Britney que te mandou uma mensagem de "*Hey, sexy*" e desapareceu milagrosamente do seu telefone. Quem é ela?

— Está mexendo nas minhas coisas, docinho? — Enfio outro dedo na bunda da mulher, esticando-a bem e ao máximo.

Seus gemidos ecoam no ar, mas ela repete:

— Quem é ela? Tem transado com ela?

— E se eu estiver? Sua boceta vai pingar menos para mim ou a bunda vai se abrir menos para mim?

Ela se joga contra o carro, tenta se virar, e eu dou tapas na bunda da ruiva três vezes consecutivas, fazendo-a gritar. Então Aspen cobre a própria boca para silenciá-la, provavelmente se lembrando de onde está.

— Fica parada, porra, a menos que queira que eu rasgue sua bunda.

— Me solta — ordena em um tom quebrado e magoado. — Não me toque com as mesmas mãos que estavam em outra pessoa. Não sou a segunda opção de ninguém.

— Você nunca foi uma segunda opção, caralho. — Levanto sua cabeça com um aperto selvagem no cabelo até seu rosto estar no nível dos meus olhos. — Outras pessoas significam porra nenhuma para mim, como deveriam significar porra nenhuma para você. A única coisa que importa é que você é minha, de corpo e alma, Aspen. Fui seu primeiro e serei seu último.

Seus lábios se separam, e ela geme quando enfio os dedos na bunda com uma energia selvagem. As coxas tremem e balançam com cada entrada e saída. Assim que a sinto perto do clímax, eu a empurro até seus quadris estarem rebolando, as paredes me estrangulando como um torno.

E quando a mulher está prestes a atingir o pico, aumento o ritmo. Ela grita, e eu mordo seus lábios em minha boca enquanto o orgasmo a sacode até o âmago. Em seguida, solto seu cabelo, deixo-o cair sobre o capô e libero o pau duro e pronto para ação. Ele aponta diretamente para sua bunda, e eu retiro os dedos, apreciando como suas pregas se apertam ao meu redor na tentativa de me manter dentro.

— Vou possuir cada centímetro de você, Aspen.

Dessa forma, ela não terá mais para onde ir ou a quem recorrer. Dessa forma, qualquer caminho que tomar só a levará até mim. Eu a prenderei, não lhe darei escapatória e a forçarei a aceitar a realidade do que somos nós, mesmo se eu for obrigado a demolir cada pedaço dos seus muros para isso.

Isso é errado? Talvez.

Mas estou pouco me fodendo no momento. Tudo o que me importa é que

esta mulher precisa ser minha. Não haverá outros homens e certamente não existirá nenhum relacionamento depois de mim. Posso ter começado isso como uma coisa temporária, mas agora qualquer idiota que tentar se aproximar dela terá suas bolas em palitos de churrasco.

Agarrando-a pelos quadris, enfio os primeiros centímetros do pênis. A resistência é real, e eu tenho que parar. A respiração de Aspen é entrecortada, e seu corpo treme mesmo enquanto ela segue completamente parada. A visão de suas costas, da ruiva abaixo de mim, submetendo-se a mim, nunca vai me entediar.

— Precisa relaxar, docinho, ou não vou conseguir entrar por completo.

Sua cabeça vira em minha direção, os lábios inchados e o cabelo desgrenhado do beijo anterior.

— Você… você não está totalmente dentro?

— Meu pau esteve dentro da sua boceta inúmeras vezes e já esqueceu o tamanho? — Balanço os quadris. — Relaxe a bunda e me deixe entrar.

Ela chacoalha a cabeça freneticamente.

— Eu… não consigo. É… é muito grande.

— Sua boceta aguentou meu pau, e sua bunda também vai. — Solto o quadril dela e dou um tapa em sua bunda. — Agora, seja uma boa garota e pare de me empurrar para fora.

A mulher se assusta e choraminga, mas relaxa o suficiente obedecer. Aproveito a chance para empurrar totalmente para dentro, fazendo-a pular do capô e quase cair para o lado se não fosse pelo meu aperto nela.

— Ah, porra — resmungo com a sensação de estar dentro dela. Aspen é apertada e muito parecida com o lugar que não quero deixar pelo resto da minha vida.

— King — geme, a voz trêmula. — Faça alguma coisa…

— Como o quê?

— Qualquer coisa… — Estica a cabeça para o lado, revelando lágrimas que grudam em seus cílios, provavelmente de dor e prazer frustrado.

— Você terá de especificar, docinho.

— *Urgh*, me foda, seu idiota.

— Foder você onde?

— Na bunda. — Estremece. — Come minha bunda.

— Me diz que sou o primeiro a tocar nessa bunda. Me diz que não permitiu que nenhum outro filho da puta reivindicasse essa parte de você e que sou o único em quem confia o suficiente para isso.

— Eu não… não vou alimentar seu ego.

— Vamos ficar assim a noite toda então. — Inclino-me e lambo sua bochecha, as lágrimas acumuladas em seus olhos, então mordo seu pescoço o suficiente para fazê-la se contorcer embaixo de mim, apertar-se em volta de mim e soltar gemidos. — Até Gwen vir e nos ver de manhã. Talvez Nate também. Talvez a porra da vizinhança inteira.

— Para com isso… só me foda logo.

— Diga.

— Vai se foder.

— Essas não são exatamente as palavras que pedi. Tente de novo.

— Kingsley… — ela avisa, mas a voz está mais excitada do que qualquer coisa.

— O quê, docinho?

— Você é a primeira pessoa com quem faço anal — solta num acesso de raiva. — Mas não confio em você, porra.

Sorrio, e deve parecer um sorriso malicioso enquanto balanço os quadris e dou algumas estocadas superficiais. Assim que ela começa a se acostumar, aumento o ritmo até todo seu corpo estar em sintonia com o meu. Recuo quase todo o caminho, mantenho apenas a ponta dentro, então empurro de volta tão fundo que minha virilha bate contra sua bunda.

Aspen grita, e eu enfio dois dedos em sua boca para mantê-la quieta.

— Vai alertá-los sobre o que fazemos no escuro, docinho.

Eu a penetro com um ritmo enlouquecedor que deixa nós dois sem fôlego. A ruiva morde meus dedos enquanto se despedaça ao meu redor, e eu mordo sua nuca, sua clavícula e qualquer lugar que possa alcançar.

Minhas bolas apertam, e eu a fodo com mais força no capô até sua respiração se estilhaçar e o carro se mover com cada uma das minhas estocadas. Quando gozo, paro no meio do caminho, gemendo enquanto saio e esguicho esperma em toda a bunda vermelha e buceta inchada. Aspen sibila, empurra meus dedos para fora de sua boca com a língua. Eu os cubro com meu esperma, então os enfio de volta entre seus lábios, fazendo-a chupá-los como se fossem seus picolés

favoritos.

— Boa garota — murmuro, com uma sensação de possessividade me agarrando pelo intestino.

Sempre pensei que só poderia me dar bem com uma mulher que se ajoelhasse dentro e fora do quarto. Tinha uma política de tolerância zero para qualquer coisa que fosse contra mim. Mas esta bruxa me fez querer pular de cabeça em um vulcão só porque ela está no meio dele. Eu provavelmente aproveitaria cada queimadura também.

É por isso que não há nenhuma maneira de a ruiva escapar agora.

Há algo poderoso em possuir uma mulher desafiadora como Aspen. Não a estou domando, mas faço ela se submeter a mim quando meu corpo fala com o dela. Tenho uma bola de fogo em minhas mãos, e mal posso esperar pelo que ela vai aprontar em seguida.

A mulher cospe meus dedos de novo, com os olhos cheios de lágrimas conforme se endireita sobre pés muito vacilantes, nos quais eu não confiaria para me manter em pé se fosse ela. Claro, a ruiva tropeça contra mim, e eu a agarro pela cintura. Aspen se afasta, coloca as duas mãos no carro para se manter em pé. Ela está ofegante, com as pálpebras brilhantes e o rosto vermelho.

— O que sou para você, Kingsley?

— Por que essa pergunta do nada?

— Me responde. — A voz fica trêmula, e ela engole seco.

— Você é minha, Aspen. É isso que você é.

— O que isso significa?

— Significa que sou o único homem que pode tocar em você. — Pego um pedaço de sua bunda, fazendo-a estremecer quando pressiono a carne vermelha. — Ninguém além de mim pode possuir você.

Seus lábios tremem e uma lágrima escorrega por sua bochecha.

— Vai se foder.

É um tom baixo, quase quebradiço, mas não consigo me concentrar nisso quando a ruiva me empurra para longe, pega o álbum do chão e corre para o lado do motorista de seu carro. Sai em alta velocidade da propriedade, com o som do cascalho esmagado pelos pneus ecoando no ar.

Tudo o que me resta são perguntas, confusão e uma porra de uma dor em meu peito.

28



Aspen

Lágrimas não param de manchar meu rosto muito tempo depois de eu estar em meu apartamento, enrolada na cama e implorando para dormir.

A bunda arde, a boceta dói e todo o corpo está dolorido.

Mas nada disso se compara à dor lancinante em meu peito.

Disse a mim mesma que me acalmaria depois de um tempo, juntaria os pedaços e seguiria em frente, mas já se passaram horas e não há melhora à vista. Na verdade, lembro-me das palavras de Kingsley e sou atingida por uma nova onda de aversão dirigida a mim mesma e a ele ao mesmo tempo.

Por que tive de me emocionar depois que ele me comeu como um animal na porta da casa da nossa filha?

O que esperava, afinal?

Quando comecei a fazer isso, sabia muito bem que ele não levaria as coisas para além do físico. Certa vez, li um artigo sobre como homens e mulheres liberam substâncias químicas cerebrais diferentes após o sexo. Embora ambos produzam dopamina, as mulheres têm excesso de oxitocina, que as une forçosamente à pessoa com quem sentem prazer. Isso não ocorre com os homens; o único objetivo da oxitocina deles é a produção de sêmen. A dopamina é o hormônio proeminente para eles, e não importa de quem a obtêm.

Considerando que nunca formei um vínculo ou mesmo me permiti chegar perto dos meus parceiros anteriores, achei estar imune a esse fenômeno. Contudo, de novo, eles não eram Kingsley.

Não eram o homem que virou meu mundo de cabeça para baixo de várias maneiras. E ainda que eu esperasse manter todo esse relacionamento físico, talvez tenha perdido a batalha muito antes de perceber. Kingsley, no entanto, ainda é firme em suas convicções sobre o que é tudo isso. Ele me chama de puta, afinal, e embora seja apenas durante o sexo – e eu não nego ficar excitada com isso –, talvez seja tudo o que o homem pensa de mim.

No entanto, acho que fiquei cega o suficiente por seu lado carinhoso para esperar mais. Agora preciso matar essas esperanças e o que tivermos, porque isso me drenará mais cedo ou mais tarde. Haverá muita roupa suja, muita aversão e uma nova esperança que florescerá em qualquer um de seus gestos.

Como no momento em que ele me defendeu na frente de Gwen.

A ironia é minha maior inimiga, porque está repetindo o mesmo filme de vinte e um anos atrás. Esperei por ele, procurei por ele, queria preservar nossa conexão durante aquela noite. No meio do sexo bagunçado, das bebidas e de nossas conversas espontâneas, eu me diverti mais com ele do que na adolescência.

Kingsley abriu meus olhos para um mundo do qual não tinha ideia, e eu era gananciosa por mais. Por mais debates instigantes, tendências violentas e ele. Tentei encontrá-lo antes mesmo de saber que estava grávida. Isso foi mero egoísmo, pois sonhava que pertenceria ao mundo dele.

Por fim, cheguei ao seu nível. Por fim, fiquei frente a frente com o homem, trabalhei com ele, lutei com ele e dormi com ele.

Contudo, isso é o máximo que consigo aguentar.

Um rato podre do gueto sempre será, sem dúvida, comido pelo gato burguês.

E acho que estou no meio desse processo agora.

Quero dizer a mim mesma que está tudo bem, que sobrevivi a coisas piores. Contudo, em vez de ficar aliviada, mais lágrimas escorrem pelas minhas bochechas. O telefone acende com uma mensagem, e eu o confiro através da visão embaçada na escuridão. O advogado tem ligado sem parar desde que fui embora, além de enviar uma série de mensagens de texto me pedindo para atender o telefone quando me recusei a responder.

A última mensagem é diferente.

Kingsley: **Ao menos beba água e me diga que está bem.**

Meu coração partido se aperta, e eu gostaria de alcançar o interior do meu peito e matar aquele idiota. O órgão estúpido que eu pensava ter neutralizado há muito tempo está funcionando. E nem mesmo finge mais estar do meu lado.

Uma mensagem gentil do idiota e já está batendo como um louco.

O verdadeiro homem deseja duas coisas: perigo e jogo. Por isso ele deseja as mulheres como o brinquedo mais perigoso.

As palavras de Nietzsche entram em minha consciência, traduzindo tudo o que sinto sobre a situação. Não quero ser um brinquedo.

Nem mesmo o de Kingsley.

Quer saber? Não vou manter isso engarrafado aqui dentro. Sentada na cama, fungo e digito.

Aspen: Lembra daquela noite há vinte e um anos?

Sua resposta é imediata.

Kingsley: Claro. A noite em que Gwen foi concebida.

Aspen: Além disso, o que significou para você?

Kingsley: Foi a primeira vez que te conheci.

Aspen: Não, essa foi a primeira vez que conheceu a versão antiga de mim. A versão machucada, traumatizada, que ainda tentava ser forte. A versão que ainda ansiava por ser aceita no fundo de seu coração ingênuo. Ela era a Aspen que mentia sobre a idade, se embebedava para ter coragem e o desejava com todos os hormônios de menina. Mas ela foi quebrada por parentes, por uma gravidez precoce na adolescência e por ter segurado sua bebê natimorta quando tinha apenas 15 anos.

Kingsley: Está me culpando por não estar lá?

Aspen: Não, estou me culpando por querer que tivesse estado lá. Por procurar você e ansiar pela sua presença quando não era mais do que um estranho. Pensei que, se tivesse você, seria capaz de proteger minha filha e ter uma gravidez mais saudável. Caí no Complexo da Cinderela sobre o qual costumava brigar com Callie, e era absolutamente patético. Perder minha bebê me deu o tapa na cara e o despertar que eu precisava muito. Queimei tudo o que tinha de você, da antiga Aspen e de seus sentimentos ingênuos e pequenos sonhos. Portanto, a verdadeira Aspen é a mulher que conheceu sete anos atrás no tribunal, tentando roubar você e seu cliente. Essa é a única Aspen que existe, Kingsley. Me recuso a voltar para a antiga Aspen patética.

Kingsley: Estou indo aí.

Aspen: Não, não.

Kingsley: Essa não é uma conversa que deveríamos estar tendo por mensagens.

Aspen: É exatamente assim que quero que seja. Então, se tiver algo a dizer, fale por aqui.

Não acho que conseguiria me controlar, ser forte o suficiente ou ter a assertividade certa para afastá-lo se o homem estivesse aqui. Ele me perturba tanto que é impossível pensar direito quando estou com o advogado.

Kingsley: Primeiro de tudo, a antiga Aspen não era patética. Ela era um pouco ingênua, sim, jovem e perdida também. Mas ela era uma sobrevivente corajosa acima de tudo, então proíbo você de falar merda sobre ela. Em segundo lugar, não há Aspen verdadeira. A mulher que conheci sete anos atrás era tão inteligente e gostosa quanto o Diabo, mas também estava vazia. Não é a mulher que me deixa insano por meramente existir.

Um formigamento começa no meu peito e se espalha por todo o corpo, e eu odeio. Odeio como algumas palavras dele são capazes de me quebrar e me despedaçar em tão pouco tempo.

Aspen: Está dizendo isso para me comer de novo.

Kingsley: Posso te comer sem dizer isso, docinho.

Aspen: Então, sou apenas seu buraco quente que é bom em abrir as pernas?

Kingsley: Você tem buracos quentes. Plural. E amo quando abre as pernas, mas nós dois sabemos que você é muito mais do que isso.

Meus dedos se agitam enquanto derramo minha vulnerabilidade amarga no teclado.

Aspen: Talvez eu não saiba.

Kingsley: Costumava me atacar por diversão, e agora está dizendo que não sabe seu valor?

Aspen: Eu costumava, e ainda o faço, aliás, te atacar porque você é um babaca provocador, e eu me recuso a ser pisoteada.

Kingsley: Isso se traduz em uma mulher fodona, quero dizer, bruxa. Você também é mais inteligente do que qualquer pessoa que conheço e é tão teimosa que, muitas vezes... ou melhor, sempre, fico tentado a te foder com ódio.

Aspen: E se eu disser que não?

Kingsley: Nós dois conhecemos sua boceta, e agora sua bunda está em um relacionamento poliamoroso com meu pau. Portanto, seu "não" é só por maldade.

Aspen: Não quero mais fazer sexo.

Kingsley: Por que não?

Porque quero ver se ele só me deseja para isso. Se, além disso, significo pouco ou nada em sua lista de prioridades.

Em vez de dizer isso, digito:

Aspen: Simplesmente não quero. Você ficaria bem com isso?

Kingsley: Depende da duração. Uma hora? Duas? Pior, um dia?

Aspen: Um mês.

Kingsley: Em que porra de droga de celibato você se meteu? Virou religiosa ou algo assim? Altamente não recomendado, a propósito. Eles não apenas envergonham seu precioso Nietzsche, mas todas as religiões são anti-hedonistas e devem queimar no inferno.

Aspen: Isso é um não?

Kingsley: Não, é um "que porra é essa, Aspen?" Por que caralhos quer que paremos de transar como os melhores animais que já habitaram o planeta por trinta dias inteiros? Está fisicamente machucada?

Estou emocionalmente magoada, machucada e pisoteada. Preciso disso para tentar catar os pedaços, mas não confesso a ele.

Aspen: Não, eu não, mas ainda quero isso. Qual é sua resposta?

Kingsley: Isso é blasfêmia, e você sabe disso. Nunca fiquei um mês inteiro sem fazer sexo.

Aspen: Então isso é um não?

Kingsley: Não, não é um não. Não tenho ideia de que jogo está jogando. Mas tudo bem, vamos fazer essa merda. Só sexo com penetração?

Aspen: Todo sexo.

Kingsley: Você está maluca? Que tipo de método de tortura fodido é esse?

Aspen: Pegar ou largar.

Quase posso ver seus olhos semicerrados e as narinas dilatadas. Kingsley não é o tipo de homem que pode ser pressionado a fazer qualquer coisa, muito menos forçado a sair de sua zona de conforto, e esse é um verdadeiro teste para ver se ele quer a mim ou ao meu corpo.

Kingsley: E se eu recusar?

Aspen: Então acabou. Pode aliviar seus impulsos sexuais com suas acompanhantes secundárias. Ou seja, a Britney. E eu vou procurar um novo pau para mim.

O corpo inteiro se contrai quando pressiono Enviar. Esse é o último cenário que quero. A ideia de vê-lo com a maldita Britney ou qualquer outra mulher machuca o coração a ponto de causar dor física e náusea.

Kingsley: Seu ciúme é muito fofo e não haverá outros paus na sua vida, a menos que esteja pronta para acrescentar assassinato em primeiro grau ao meu currículo de fodido. O único pau que terá será o meu depois desses trinta dias, bruxa.

Um sorriso toma conta dos meus lábios enquanto leio e releio o texto. Ele… concordou.

Ele realmente concordou.

Abraço o telefone junto ao peito, a vertigem dentro de mim tão semelhante à da versão antiga. A Aspen que passava por uma tragédia após a outra, mas ainda se agarrou à máscara preta que usava naquela noite.

29



Aspen

A primeira semana do meu celibato autoimposto é um inferno na Terra.

Kingsley ficou mais mal-humorado do que a realeza esnobe e tem pedido a Nate para ir ao boxe com ele quase todos os dias. O fato não agradou Gwen, porque o pai dela está roubando o tempo do marido – que já é limitado. Na segunda semana, Nate pôs fim às exigências do sócio e disse a ele:

— Sinto muito, mas prefiro a companhia de minha esposa.

Kingsley quase lhe deu um soco. Ele começou a se exercitar mais do que deveria ser saudável, quase voltou a fumar, e todos na empresa o evitam como se fosse uma praga. Cinco funcionários quase perderam o emprego simplesmente por falar com o chefe quando estava de mau humor, o que tem acontecido com mais frequência nos últimos dias. Tento distraí-lo com trabalho, discussões simples ou até mesmo prometendo comer tudo o que o homem cozinhou.

Foi isso que acabamos de fazer agora – comer. Estamos sentados no balcão da minha cozinha com uma cadeira entre nós. Isso é somente protocolar, porque o advogado não tem nenhum escrúpulo em me forçar a acabar com o "bloqueio ilegal", como gosta de chamar.

Nas últimas semanas, desenvolvemos o hábito de jantar fora. Em parte porque ficar dentro de casa é sufocante e em parte porque… acho que estamos namorando. Ou foi assim que Gwen e Callie chamaram, enviando centenas de corações no *chat* do grupo.

Entretanto, Kingsley nunca chamou assim. Eu também não, então não tenho ideia em que etapa estamos. Sexo era tudo o que nosso relacionamento era, e agora que está fora da equação, parece que somos um casal há anos. Nós nos arrumamos para o trabalho juntos, discutimos casos durante o jantar e temos conversas que me deixam sem fôlego. Não só isso: ultimamente temos passado mais tempo um com o outro do que antes.

Ontem, fizemos um longo passeio em um dos conversíveis de Kingsley e, embora eu tenha perdido um cachecol e meu cabelo tenha ficado horrível, senti-me tão selvagem – fora do sexo, é claro. E sim, aparentemente Kingsley tem uma coleção de carros esportivos. Zero surpresas. Ele é um homem rápido e ama a adrenalina da velocidade, o fogo do desafio e a imprevisibilidade das situações. Mas também prospera no controle, então o fato de não ter nenhum controle sobre essa reviravolta em particular o transformou em uma criatura rabugenta.

Limpo a boca depois de realmente ter terminado o prato inteiro de macarrão. Desde que parei de beber, o apetite gradualmente voltou. Ainda não gosto muito de comida, mas Kingsley não me deixa ficar com o estômago vazio. Gwen também não. Juro que pai e filha estão se unindo contra mim.

— Está delicioso — digo a ele.

O advogado resmunga como resposta e olha para o espaço que nos separa.

— E qual é a utilidade desta cadeira entre nós?

— Distância segura.

— Mais como distância inútil. Se eu decidir pular em você, nenhuma cadeira vai te salvar de mim.

— Mas não vai — lembro, meio com medo de que ele realmente jogue tudo no chão.

— Talvez eu vá.

— Você… se segurou bem por duas semanas.

— Não é uma porra de abstinência de vício, Aspen. Fica pior, não melhora com o tempo.

— E daí? O que isso significa? — Pareço excepcionalmente cuidadosa, quase assustada.

— Significa que você é uma porra de uma ditadora. Talvez eu devesse manter uma lista de palavras negativas como a Gwen faz e colocar seu nome nela.

Isso arranca um sorriso de mim, e jogo um guardanapo na direção dele, que pega com um sorriso tão charmoso que sou eu quem começa a repensar a decisão por trás do bloqueio estúpido. Limpo a garganta.

— Ela me contou sobre essa lista e disse que era algo que a ajudou a lidar com sua reação empática a palavras negativas, mas pensou que não sabia sobre isso.

— Claro que sabia. Ela é péssima em cobrir seus rastros e ainda pior em esconder coisas, e é por isso que fui pego de surpresa com seus sentimentos por Nate.

— Gwen deve ter se esforçado mais para te enganar.

— Ela não precisaria se não fosse pelo ladrão de filhas, Nate.

Reviro os olhos e jogo uma uva na boca.

— Ela teria se casado eventualmente.

— Eventualmente não é aos 20 anos. Achei que teria mais alguns anos com Gwyneth.

— Nate estava certo. Você e Gwen são codependentes.

— Nate é um babaca. Portanto, a opinião dele tem a importância de um lenço de papel usado. E não é codependência. Minha filha e eu somos próximos porque somos o mundo um do outro há duas décadas… — Para quando meus ombros caem. — Que é um período de tempo que você alcançará estando no mundo dela nos próximos anos.

— Obrigada. — Deslizo para o assento entre nós e coloco a mão sobre a dele. — E não só porque me aceitou como mãe, mas também porque contou a ela sobre meu passado. Ela olha para mim de forma diferente agora, com mais respeito e… amor. E sei que você teve algo a ver com a mudança de atitude da nossa filha.

— Se realmente quer me agradecer, o que recomendo fortemente, pode usar um meio diferente de palavras.

Bato em seu ombro, sorrindo, e me levanto de um salto.

— Eu lavo a louça. Vá escolher um programa que não seja *Breaking Bad*.

— Esse é o único programa bom que a TV já produziu. E isso é um não para a parte de chupar meu pau?

Inclino-me mais perto até respirar seu ar e passo os dedos sobre seu queixo, fazendo as narinas se dilatarem, então sussurro:

— É um talvez. Tente novamente em quatorze dias.

— Sua provocadorazinha de paus — murmura quando escapo atrás do balcão, e ele gesticula para as calças largas. — Olha o que fez.

— Você está sempre nesse estado.

— Perto de você. Então é você quem deve resolver o problema que causou.

— Em quatorze dias.

— É melhor tirar uma licença médica em quatorze dias, porque vai perder a capacidade de andar. — A voz fica mais grave, e escolho olhar para a parede a fim de não ser capturada na energia sobrenatural que Kingsley cria por simplesmente existir.

E ele deve mesmo parar de ser atraente quando está de calça casual e camisa polo. Não faz sentido para o cara ser um deus do sexo ambulante, não importa o que vista. Ou talvez eu seja mais afetada pelo bloqueio do que gostaria de admitir.

— A propósito… — Ocupo-me limpando o balcão com o intuito de não olhar para ele. — Parabéns pela vitória no seu caso hoje.

Nós fazemos isto agora: envolvemo-nos nos casos um do outro, e o hábito trouxe mais harmonia do que jamais imaginei ser possível. Gosto dos conselhos do advogado, e ele surpreendentemente aprecia os meus também, embora estejamos em campos diferentes.

Kingsley pega uma maçã verde do balcão e a mastiga.

— Era uma questão de tempo até eu ganhar. O promotor mal tinha algum caso.

— Está sendo modesto? Foi um caso difícil, tinha tudo contra você. Não sei como faz isso.

— O quê? — O sujeito se inclina contra o balcão, comendo a maçã e rastreando meus movimentos enquanto arrumo a bancada.

— Ganhar o tempo todo.

— Não o tempo todo.

— Noventa e seis por cento do tempo.

— Caramba, docinho. — Um sorriso de merda curva seus lábios. — Você está controlando minha porcentagem? Não sabia que se importava tanto comigo.

Meu rosto fica mais quente do que a temperatura ambiente.

— Eu não. Só sei porque é 1% maior que o meu. O que não é justo, aliás. Cumpro mais protocolos do que você, deveria ter uma taxa de vitória maior.

— E ainda assim não tem.

— Isso vai mudar.

— Fala como se fosse minha rival. — Ele para de mastigar quando meus dedos vacilam em uma caneca. — Espera aí. Você me considera um rival, é isso?

— E você não me considera?

— Não. Você é sócia sênior da minha empresa. Deveríamos ser subordinados, não rivais.

— Então por que estava tentando sabotar meus casos quando descobriu que sou a mãe da Gwen?

— Puro rancor.

— Não é rivalidade?

— Não.

Suspiro.

— Não acredito que estou nessa coisa de rivalidade sozinha esse tempo todo.

— Mas é adorável. Pensar em você tentando superar minha porcentagem e ficando nervosa com isso é meio excitante. Quer foder para superar isso?

— Não, Kingsley.

Ele levanta um ombro e joga os restos da maçã na lata de lixo.

— Valeu a tentativa.

Eu o vislumbro desaparecendo na sala de estar e navegando pela Netflix enquanto coloco os pratos na máquina de lavar louça.

— Tem algum outro travesseiro que não emane a personalidade de Barbie da Caroline? — pergunta ao chutar os travesseiros fofos.

Sorrio.

— No armário do quarto, no final do corredor.

Ele joga mais um travesseiro fofo fora sem nenhuma outra intenção além de pura crueldade antes de se dirigir para onde orientei. Pego algumas guloseimas e coloco um saco de pipoca no micro-ondas. Só quando o silêncio assustador do apartamento me apunhala no coração é que me lembro do que mais fica no armário do quarto para onde Kingsley acabou de ir.

Droga.

Praticamente disparo pelo corredor, e todo o fôlego sai dos meus pulmões quando encontro uma cena que saiu direto dos meus pesadelos mais temidos. A luz amarela fraca lança um brilho suave em Kingsley enquanto ele fica em pé na frente do armário aberto. Os travesseiros que veio buscar estão espalhados no chão, enquanto toda a atenção do homem se concentra na caixa em sua mão. Lentamente, dou um passo para o lado dele, o coração batendo na garganta.

— Não é… o que está pensando.

Seus olhos se transformam em lava derretida enquanto deslizam da caixa para mim.

— Está me dizendo que isso não é a máscara e o cachecol que usava na noite em que te engravidei?

— É, mas… — Paro, completamente distraída pela maneira como ele desliza os dedos sobre o cachecol de flanela tal qual fosse meu corpo.

Droga, Aspen. Este é o pior momento para ficar com tesão.

— Mas o quê?

— Não significam nada.

— Mentirosa. Guardou essas coisas por vinte e um anos, então elas definitivamente significam alguma coisa. Gostou mesmo de mim, hein?

— Cala a boca.

— Não. Não vai se esconder desta vez. Pensei que tivesse queimado tudo o que tinha a ver comigo, mas acho que esta máscara e o cachecol escaparam milagrosamente do fogo.

— Pode fingir que não os viu?

— Não mesmo. Admite, estava apaixonada por mim.

Eu resmungo.

— E daí se eu estava? Foi só uma paixonite idiota de adolescente.

— Paixonite, né? — Ele sorri, e é tão despreocupado que sou pega de surpresa.

— Por que omitiu a parte "idiota" e "adolescente"?

— Não ouvi nada além de paixonite. — Desliza a máscara preta sobre meus olhos, deixando as fitas pretas balançarem em ambos os lados do rosto.

Todo o ar é sugado de meus pulmões diante da natureza crua de seus olhos. Talvez eu tenha me enganado antes, porque a tempestade em Kingsley não vai parar até virar o mar em mim.

— O que está fazendo? — sussurro, com medo da minha própria voz.

— Relembrando memórias.

— Tipo… o quê?

— Tipo como eu vou te foder com essa máscara quando o bloqueio ilegal acabar, e você vai gritar meu nome como uma putinha, não como uma *femme fatale*.

— Para com isso. — Empurro sua mão para longe, principalmente para controlar minha reação às suas promessas. — Vamos assistir a alguma coisa.

— Não tão rápido assim. — Agarra-me pelo braço, o dedo afundando na carne. — Nunca me disse por que foi embora naquela manhã.

— Éramos estranhos, e você estava meio ameaçador. Salvei minha pele.

— Porra nenhuma. Tem mais alguma coisa.

— Principalmente porque você era ameaçador e me lembrava meu pai, mas também… porque eu tinha medo da sua reação se descobrisse minha idade real. Tinha que estudar para as provas de qualquer forma, então… sim, achei que a opção mais segura era ir embora.

— Ainda te lembro seu pai?

— Não. Você tem tendências antissociais, mas se importa. Ele é um verdadeiro psicopata que só valoriza seu próprio ganho. — Paro. — O que realmente estava planejando fazer naquela noite?

— Só um incêndio criminoso da Noite do Diabo.

— Uau. Não posso acreditar que um delinquente como você se tornou um advogado.

— Só fiz isso para usar a lei em meu benefício. Sou inocente de quaisquer acusações de defender a justiça.

Rio.

— Você era a definição de *bad boy* e atleta, hein?

— Basicamente. Nate teve que me impedir de cometer um crime de verdade desde quando éramos adolescentes.

— Mas ele não era um atleta.

— Não. Achava que era um tipo de violência desnecessária e egoísta.

— Bem, não está errado. Deixe-me adivinhar: o cara que vestiu a fantasia do Coringa naquela noite também era um atleta.

— Correto. O cara tentou fazer com que os pais me denunciassem por agressão e espancamento depois daquela noite, mas meu pai costurou a boca deles com alguns milhares de dólares.

— Apropriado.

— Na verdade, não. Eu poderia ter costurado a boca dele com meu punho.

— Bruto. — Olho para onde seu polegar pressiona meu braço, incapaz de

encará-lo. — Ficou com alguma coisa daquela noite?

— Além de Gwen?

Olho para ele, a voz muito baixa e vulnerável para meu gosto.

— Além de Gwen.

— Se está perguntando sobre a máscara Anonymous, Susan a jogou fora porque ela tinha o hábito de estragar minhas coisas por desprezo. Só descobri dias depois.

— Ah.

— Joguei toda a coleção de roupas *vintage* dela no lixo como vingança, mas não foi o suficiente. Essa vadia precisa ser eliminada.

— Você realmente não vai deixar essa coisa da Susan pra lá?

— Não nesta vida.

— Se lembra da minha citação favorita?

Sua expressão suaviza, e a travessura ilumina os olhos escuros.

— Se você olhar muito tempo para o abismo, o abismo olha de volta para você.

— A versão completa é: aquele que luta com monstros deve se acautelar para não se tornar também um monstro. Se você olhar muito tempo para o abismo, o abismo olha de volta para você. — Acaricio seu rosto. — Não se torne um monstro, Kingsley.

* * *

No 18º dia de bloqueio, Kingsley se transformou em um completo chato que está pingando masculinidade tóxica e antagônica. Ninguém quer lidar com ele no trabalho. Sério. Outro dia, um advogado associado o viu descendo o corredor e imediatamente mudou de direção.

— O que quer que tenha feito, desfaça — Nate me diz depois de me empurrar sutilmente na direção do escritório de Kingsley.

— E o que te faz pensar que tenho algo a ver com isso?

— O fato de ele olhar para você como se quisesse te foder, depois te matar.

Ou te matar, depois te foder. Não tenho certeza sobre seus limites rígidos, se incluem necrofilia.

— Você está sendo dramático.

— E ele está sendo um grande babaca com um parafuso solto. Negue o quanto quiser, mas nós dois sabemos que é tudo por sua causa. Entre antes de ele matar Susan de verdade desta vez.

Eu paro.

— Susan está aqui?

— Sim. Ela está fazendo seu show irritante do mês.

— Achei que tinha sido banida da Weaver & Shaw.

— Ela conseguiu uma ordem judicial que diz que, como está processando por ações, tem o direito de entrar no prédio.

— Merda.

— Merda mesmo. Com o humor atual dele, nem uma maldita formiga está a salvo de sua ira. Muito menos uma hiena.

— Vou ver o que posso fazer. — Vou em direção ao escritório do homem, questionando minha decisão pela primeira vez.

Na verdade, não. Comecei a questionar isso há dois dias, quando passei por um caso idiota de abstinência sexual. Gosto de pensar que estou sobrevivendo e que isso é para o bem maior. Kingsley tem tentado me convencer a fazer sexo desde o primeiro dia. Ele não saber exatamente por que estou fazendo isso o frustra mais do que o bloqueio em si.

Em contrapartida, temos feito muitas atividades ao ar livre juntos, como correr e até mesmo fazer trilhas com Nate e Gwen no último fim de semana. De vez em quando, acordo com sua enorme ereção aninhada contra minha bunda ou estômago. Ele geme, chama-me de terrorista sexual e vai se aliviar no banheiro.

— Obrigado pela viagem de volta no tempo. Agora sou um perdedor na puberdade que se masturba no chuveiro de novo — foi o que me disse na primeira vez que cedeu e se masturbou, uma semana após o bloqueio.

Seu sarcasmo tóxico aumentou um pouco, e ele está sempre dizendo coisas que me fazem rir como…

Meu pau está processando você por danos corporais, então é melhor estar pronta para compensação.

Sabe que vou destruir sua boceta e sua bunda no momento em que o bloqueio for

suspenso, certo? Tem certeza de que não quer amenizar o impacto?

As religiões ligaram e disseram que até isso é blasfêmia em seus escritos sagrados.

Talvez eu devesse me tornar um monge ou algo assim. Pelo menos o bloqueio fará sentido então.

Dizer que sou completamente imune seria mentira. Não só anseio pelo toque dele, mas também está ficando cada vez mais difícil ignorá-lo ou despistá-lo. É por isso que tento planejar nossa semana para ser aproveitada principalmente ao ar livre, com Gwen e Nate ou mesmo com Callie e Mateo.

É uma tentativa infrutífera de manter nossas mentes longe da frustração que está se acumulando em segundo plano. Ou no primeiro, para Kingsley. Contudo, o fato de o advogado ser forçado a lidar com Susan além de todo o resto não é algo que vou permitir.

Bato na porta e entro antes de ele dizer alguma coisa. Kingsley se inclina contra uma cadeira perto da grande janela que dá para uma versão sombria de Nova York. Parece relaxado com os braços e as pernas cruzados. Sem mencionar que está confiante e *sexy* como o Diabo em seu terno preto sob medida e a gravata que coloquei nele essa manhã.

Mal estou indo ao meu apartamento, e metade do armário dele está cheio de roupas minhas. É por isso que meio que cheiramos um ao outro agora. A domesticação é um pouco estranha, mas sinto como se estivesse diante de um parceiro em momentos como este.

O homem que quero comigo em cada passo do caminho.

O homem que me levaria a um caminho depressivo quando penso nele desaparecendo.

A cabeça de Susan vira na minha direção. Ela está sentada no sofá, o vestido rosa chamativo se destaca como um polegar machucado. Seus lábios se torcem em um sorriso.

— Aspen Leblanc, é bom enfim conhecer a mãe de Gwyneth.

Kingsley, que parecia entediado há menos de dois segundos, levanta-se e marcha para o meu lado. Ele não diz nada, não precisa. Mesmo sem palavras, deixa Susan saber que estamos juntos e que ela não deve mexer comigo.

Não que ela seja capaz.

Lidei com minha tia, uma versão pior e mais violenta da mulher. Posso lidar com uma madrasta esnobe e interesseira.

— Embora esta não seja a primeira vez. — Bate em seu queixo pontudo. — Teve aquela vez no hospital, certo?

Enrijeço, e Kingsley pergunta lentamente.

— Do que está falando?

— Vinte e um anos atrás, fui visitada por um casal que alegou que você engravidou a filha adotiva deles. Queriam dinheiro, como todos os pobres queriam. Dei a eles, mas só se as coisas corressem de acordo com meu plano. Fui eu quem sugeriu a ideia da natimorta, e estava lá para garantir que fosse bem executada. Fui eu quem trouxe Gwyneth de volta comigo e escrevi aquele bilhete antes de abandoná-la na frente da casa. Você pensou que poderia tornar minha vida um inferno, mas está décadas atrasado, Kingsley. Já fiz de você um pai solteiro aos 17 anos e tive um lugar na primeira fila para assistir enquanto perdia a cabeça procurando pela mãe da sua filha, quando eu sabia exatamente quem ela era. Pensou que estava me atormentando, mas adivinha quem estava em vantagem o tempo todo?

Em um momento, Susan está sentada. No próximo, Kingsley a levanta pelos extravagantes adornos do vestido até seus pés deixarem o chão. Desperto do transe com a carga de informações que ela acabou de admitir. Corro para o lado dele e toco seu braço devagar, forçando a calma em minha voz:

— Larga ela, King.

— Ela matou minha mãe, separou você da Gwen, fez minha filha viver sem mãe e tirou você de mim. Esse é o último punhado de terra em seu caixão. — Ele está falando em um tom cortante, cheio de tensão suficiente para desmoronar uma montanha.

Não tenho dúvidas de que quebrará o pescoço da madrasta no próximo minuto se eu não o impedir.

— Não há ninguém nesta sala que a queira morta tanto quanto eu. — Puxo seu braço. — Mas assim ela vai conseguir o que queria o tempo todo, King. Vai quebrar você, separar você da Gwen e tirar você de mim. Não a deixe entrar na sua cabeça. A vadia não merece isso.

— Faça isso, seu demônio. Me mate. — Susan sorri. — Todo mundo que você conhece morre, de qualquer maneira. Sua própria mãe não ficou por sua causa. Ela viu o monstro em você desde o início e decidiu ir embora. Seu pai também sabia o quanto você é um monstro repugnante.

— Você não é um monstro. — Acaricio seu rosto severo. — Você é o melhor

pai que já existiu e se importa com aqueles que merecem. — *Você é o amor da minha vida*. Quero dizer, mas paro no último segundo. — Deixe-a ir. — Suavizo a voz. — Por favor, King. Solte-a.

Porque não é Susan que ele está segurando em um mata-leão desde quando sua mãe cometeu suicídio. É ele mesmo.

Minha versão mais jovem era ingênua.

A dele era sem alma porque nunca se perdoou.

Lentamente, Kingsley começa a soltá-la, então a empurra contra a parede mais próxima. A mulher se endireita com um estalo que preenche todo o escritório.

— Acabou, Kingsley. Vou processá-lo por agressão.

Fico na frente dele, parcialmente protegendo sua visão dela. As narinas do homem estão dilatadas, e a última coisa que quero é que ele a mate de verdade desta vez.

— Ele vai processá-la por cada centavo em seu nome — digo com uma calma que não sinto. — Acabou de admitir ter violado o acordo pré-nupcial que assinou com Benjamin Shaw, que afirma que perde tudo o que possuía após o casamento se prejudicar a família Shaw ou seus membros física, emocional ou mentalmente. Separar Gwyneth de mim é a personificação do dano emocional e mental. Ao fazer isso, renunciou a quaisquer direitos à propriedade comunitária, então não tem mais nenhuma reivindicação ao dinheiro do seu falecido marido. Esteja preparada para viver nas ruas pelo resto da sua vida miserável.

Sua risada morre, e ela empalidece ao notar que cavou sua própria cova. Susan poderia ter guardado essa informação para si mesma, mas sua necessidade de narcisismo grandioso a fez ultrapassar os limites.

— Você também violou a ordem de restrição. Ter permissão para entrar no prédio não lhe dá o direito de se aproximar de Kingsley. Agora, saia e tenha medo, Susan. Tenha muito medo, porque eu a farei pagar pelo desamparo e pela perda que senti naquele hospital. Nós a faremos pagar por todos os danos que causou a nós três até que deseje nunca ter existido.

Ela tropeça, os olhos redondos observam o semblante furioso de Kingsley enquanto sai pela porta. Assim que a maldita se vai, eu me viro e o encaro. Seus ombros estão tensos, o rosto tão rígido que tenho medo de ele ter um derrame. Acaricio sua bochecha lentamente, como se o homem fosse um animal ferido.

— Está tudo bem. Ela não é importante.

— Ela sabia. — Seu tom é rouco. — Sabia sobre você e não me contou.

— Mesmo assim, nós nos encontramos.

— Depois de vinte e um anos, durante os quais Gwen sofreu por não ter mãe.

— Eu sei, mas está tudo bem, estou aqui agora e não vou a lugar algum.

Sua cabeça cai sobre meu ombro, e eu respiro pesadamente ao escorregar os dedos por seu cabelo, ouvindo a respiração ofegante. Posso dizer que King está se segurando e que, em outras circunstâncias, o corpo de Susan estaria no chão do escritório dele. Ficamos assim por um longo tempo, até sua inspiração estar um pouco mais controlada e ele se afastar.

— Sinto muito.

— Pelo quê?

— Por não ter te procurado o suficiente.

— Eu também. — Fungo, lutando contra as lágrimas acumuladas em meus olhos. — Agora, só precisamos provar que ela violou aquele acordo pré-nupcial.

— Eu estava gravando.

Dou um passo atrás para encará-lo.

— O quê?

— Sempre a gravo, para o caso de poder usar suas palavras contra ela.

Solto a respiração, recusando-me a pensar sobre o que aquela mulher nos custou. Anos de separação. Décadas sentindo falta da minha filha. Tempo em que eu poderia ter ficado com Gwen e Kingsley. Eu deveria ter ficado com minha bebê o tempo todo, e não há justificativa para os anos que perdi com ela.

Mas talvez nem Kingsley e eu estivéssemos prontos um para o outro naquela época. Talvez precisássemos de tempo para chegar a essa versão de nós mesmos. Uma versão um pouco quebrada, um pouco sombria, mas que ainda se encaixa na outra de qualquer maneira.

Uma versão na qual somos o mundo um do outro. Ou ao menos ele é o meu. Não tenho certeza de onde me encaixo na equação do advogado. Sei que se importa comigo, que me importo com ele, mas Kingsley é um homem fechado no departamento de sentimentos. E a ideia de ser emocionalmente vulnerável à sua frente só para ser rejeitada me assusta pra caramba.

— Vamos almoçar — diz.

— Gwen chegou antes de você.

— Nós três podemos comer juntos.

— Não, prometi ir às compras com ela depois, então vamos jantar juntos. Você e Nate podem nos encontrar depois. Me promete não demitir ou matar ninguém nesse meio-tempo?

Ele resmunga, obviamente se lembrando do bloqueio.

— E o que ganho em troca?

Fico na ponta dos pés e roço os lábios nos dele.

— Que tal deixarmos esse mistério no ar?

Sua mão dispara para minha cintura, mas escapo antes de ele me prender, rindo mesmo depois de sair pela porta. Forço-me a parar antes de traumatizar um pobre funcionário por me ver rir pela primeira vez.

Gwen concordou em me buscar na empresa, e tenho um palpite de que é porque ela quer ver Nate durante o horário de trabalho. Isso sempre me faz sorrir, enquanto Kingsley fica magoado porque a filha não foi buscá-lo primeiro. Ligo para ela no caminho para a garagem e franzo a testa quando a garota não atende duas vezes seguidas.

Então ligo para Nate.

— Ei, Gwen está com você?

— Não, ela não veio me ver.

O telefone apita com uma chamada recebida, e eu destranco meu carro.

— É ela. Te ligo de volta.

Aperto Encerrar e atendo à ligação.

— Estou na garagem. Onde você está?

Há um farfalhar do outro lado da linha, antes de um grito abafado. Fico imóvel, o coração quase sai do peito.

— Gwen?

— Olá, minha dália vermelha.

30



Kingsley

Quem quer que tenha dito que as drogas são a nova máquina de matar não experimentou a porra do celibato.

Essa coisa deveria ser banida da existência.

Ou então os cemitérios ficariam superlotados em um intervalo de poucos dias. É só nisso que tenho pensado desde quando Aspen inventou essa coisa de merda – ou a falta dela.

Assassinato.

Especificamente, da parte dela que achou que essa era uma ideia excelente.

Aliás, foi a ruiva quem impediu um assassinato definitivo agora mesmo e salvou Susan de encontrar seu Criador um pouco mais cedo. Mas agora que minha mente está voltando ao foco, percebo que tirar o brinquedo favorito da vadia – o dinheiro – é a melhor maneira de fazê-la sofrer por suas ações.

Eu deveria ter suspeitado que ela tinha algo a ver com isso desde que Gwen apareceu em nossa porta. Susan teve uma reação leve e sugeriu que a colocássemos para adoção, mas não insistiu nessa opção, como pensei que faria. Uma opção que tanto meu pai quanto eu recusamos. Ela era uma Shaw e tinha de ser criada como tal.

Foi a única vez em que meu pai e eu estivemos na mesma página.

Jogo-me para trás da minha mesa em uma tentativa desesperada de me concentrar no trabalho. O problema é que a frustração sexual é uma porra. Sem mencionar que meu pau me odeia, e agora está riscando dias do calendário com a diligência de um pervertido até o fim do bloqueio ilegal.

Aquela maldita bruxa vai se arrepender disso quando não puder se mover por dias seguidos. Não sou idiota, sei que isso é algum tipo de teste. Para quê? Essa é a verdadeira questão, porra. Não pode ser um novo dispositivo de tortura para descobrir quanto tempo podemos manter nossas mãos longe um do outro,

porque ela se tocou ontem à noite quando entrou e me pegou me masturbando.

Então fugiu porque sabia que estaria fodida no momento em que eu a alcançasse. Aquela mulher está inclinando meu mundo para fora do eixo, e eu estou saboreando cada segundo do ato. Aspen é a única pessoa que não tem medo das minhas tendências mais sombrias, até as procura. Está sempre disposta a me enfrentar, seja por algo grande ou pequeno.

Outro dia, na sua busca para evitar que passássemos tanto tempo enclausurados em casa, planejou uma limpeza completa da velha cabana onde a fodi pela primeira vez. Ela também não me deixou contratar ajuda.

— Você tem muita energia em excesso, então a use aqui em vez de assediar Nate por lutas de boxe.

Então ela nos fez limpar a porra toda e pintar um pouco. Em seguida, pedimos comida, deitamos na grama e assistimos ao pôr do sol como idiotas de classe média.

Foi o dia mais tranquilo dos últimos tempos.

Meu telefone vibra, e eu o confiro na esperança de ela ter mudado de ideia sobre o bloqueio abrasivo e estar me enviando uma foto de *lingerie*. Em vez disso, um nome irritante aparece na minha tela. A mulher nem deveria ter meu número, mas tem, apesar das objeções minhas e de seu marido.

Sua mensagem, no entanto, desperta meu interesse.

Caroline: Ei, idiota! Mexi em algumas das minhas coisas antigas, e adivinhe o que encontrei?

Kingsley: Número errado.

Caroline: Tem certeza? Porque tenho algumas páginas dos diários da Aspen. Você sabe, aqueles que ela escrevia quando éramos adolescentes. Quer vê-las?

Kingsley: Deixa essa personalidade de sou-difícil-de-ser-conquistada pro Mateo e me manda logo as fotos.

Caroline: Promete tratá-la bem e realizar todos os sonhos dela?

Kingsley: Você é mais cafona do que uma princesa da Disney.

Caroline: Acho que não precisa das fotos, então?

Kingsley: Tudo bem, prometo. Agora, manda para mim.

Caroline: Não foi tão difícil, foi?

Ela envia outra série de mensagens de texto sobre como Aspen vai matá-la, mas está fazendo isso para o bem dela, porque não reconheceria o contrário. No entanto, eu a ignoro e abro os anexos.

As palavras no papel sem pauta me obrigam a parar e olhar por um

momento. A letra de Aspen é pequena, limpa e tão elegante que poderia ser usada em alguma aula de caligrafia. Isso não mudou ao longo de todas essas décadas.

Começo a ler as linhas que a versão adolescente dela – a antiga Aspen, como ela a chamava – escreveu.

Mamãe,

Gostaria que estivesse aqui para que eu pudesse te dizer isso pessoalmente. Na noite passada, vivenciei algo de que me lembrarei pelo resto de minha vida. A Callie me arrastou para uma de suas festas, como de costume, ou eu meio que fui junto, porque a tia Sharon e o tio Bob estavam sendo os idiotas de sempre. Planejava ir embora depois de um tempo, juro, mas acabei bebendo, mentindo sobre minha idade e ficando quase a noite toda.

Também perdi minha virgindade. Havia muito sangue em minhas coxas hoje de manhã, mas eu me lavei, então acho que está tudo bem agora. Dói um pouco quando ando e quase consigo sentir o pênis dele dentro de mim a cada movimento.

Ele me chamou de linda quando me penetrou, embora eu não tivesse tirado minha máscara. Acho que chorei – não por causa da dor, mas porque ele também me fez sentir bonita.

Gostaria de ter tirado a máscara dele antes de ir

embora, mas fiquei apavorada quando acordei em seus braços. O cara tinha tendências violentas, como papai, e pensei que talvez ficasse com raiva por eu ter mentido sobre minha idade e minha origem.

Pensei que talvez papai também a tivesse chamado de linda quando fez sexo com você pela primeira vez, e acabou a levando à morte anos depois.

Talvez papai também tenha roubado seus sonhos de menina e, quando você finalmente descobriu, já era tarde demais.

Mas não quero ser como você, mãe. Eu leio e observo muito as pessoas para ver sinais de alerta logo no início. Fico à margem de todas as situações para sempre ter uma saída e não ficar presa como você.

Não podia ficar presa com aquele estranho.

Então, fugi e não olhei para trás.

Mas agora não tenho certeza se fiz a coisa certa. Talvez tenha me deixado levar pela paranoia e devesse ter pensado mais sobre o assunto.

Afinal de contas, o estranho mascarado foi a única pessoa que me ouviu tagarelar sobre Nietzsche, filosofia e o mundo por horas. Ele não me chamou de pretensiosa ou de sabichona. Não me disse que eu era inteligente demais para meu próprio bem e que não

deveria preocupar meu cérebro com coisas do tipo.

Ele até debateu comigo e me ensinou filosofias e teorias que eu não conhecia. Anotei todas elas em meu caderno para pesquisar mais tarde.

Por que um estranho me entende melhor do que pessoas que me conheceram a vida inteira? Ele até me entende melhor do que você, mãe.

Não pensei em impedi-lo quando levantou a máscara só o suficiente para me beijar. Ou quando me levou para dentro de uma cabana, tirou minhas roupas e minha virgindade.

Callie diz para eu cuidar do meu coraçãõ ingênuo, porque ele me seduziu tão facilmente brincando com minhas tendências nerds. Ela pode estar certa, mas sua opinião não importa muito, porque ela também disse que é melhor ele ser rico.

É errado eu querer encontrá-lo, mãe? Falar com ele de novo?

Perguntar o nome dele e lhe dizer o meu?

Ou toda essa conexão foi uma fantasia criada por mim e eu deveria finalmente acordar?

DOIS DIAS DEPOIS.

Mamãe,

Decidi encontrá-lo, no fim das contas. Nem que seja para satisfazer minha curiosidade.

Callie e eu voltamos à casa onde a festa foi realizada, mas os funcionários não ajudaram em nada. Aparentemente, vários convidados usaram uma máscara do Anonymous naquela noite e eles não conseguiram rastreá-los.

Então, fomos até a cabana onde ele me levou, mas parecia abandonada e não havia ninguém à vista. Callie estava morrendo de medo do lugar e disse que deveríamos ir antes de sermos sequestradas por algum assassino em série.

Entramos na parte agradável da cidade, e senti como se um peso estivesse sobre meu peito. Callie tentou me animar comprando sorvete para nós e cantando desafinadamente. Ela não conseguiria alcançar uma nota para salvar a própria vida, mas suas tentativas ofereceram um conforto muito necessário. Minha amiga também apontou para duas moças ricas entrando em seu carro luxuoso e disse que um dia seríamos nós.

Mas não prestei muita atenção, porque meu peito está doendo.

Por que meu peito está doendo, mãe? É semelhante à quando eu a encontrei dormindo e sem respirar.

Odeio isso.

CINCO DIAS DEPOIS.

Mamãe,

Não consigo parar de pensar no estranho mascarado, nas conversas e no sexo.

Seja durante a aula, em casa ou quando a tia Sharon está infernizando minha vida.

E meu peito ainda dói.

Callie diz que estou com o coração partido, então me encheu de sorvete e bolo de baunilha – que ela provavelmente roubou. Embora eu não goste muito de doces, comi tudo, até peguei a parte dela.

Porque a Callie é uma mentirosa e uma má amiga. Como posso ter um coração partido quando nem sequer o conheço?

Mas isso não me impediu de voltar para o lado bom da cidade, andar sem rumo e sem a menor ideia de onde ir. Até levei Callie para a cabana novamente, mas ela começou a tremer e, como não havia ninguém lá, encerramos o dia.

Uma vez você me disse que quem ama demais acaba se machucando, e acho que foi isso que aconteceu com você.

Não quero isso, mamãe. Quero ser tudo o que você não foi. Quero não ter emoções e não sentir dor no peito.

TRÊS SEMANAS DEPOIS.

Mamãe,

Superei ele. Não voltei para a parte boa da cidade e não deixei a Callie fazer papel de palhaça para me animar.

Está tudo bem.

Estava em uma fase temporária em que fingia não ser a Aspen do gueto, mas agora acordei.

Tia Sharon ajudou a me trazer de volta à realidade com um tapa que deixou minha bochecha vermelha. Mas, sim, está tudo bem agora.

Só preciso jogar fora o cachecol que ele me deu e a máscara preta que usei naquela noite.

Callie me pediu para devolvê-la, mas eu menti e disse que a tinha perdido.

Vou compensá-la um dia.

VINTE SEMANAS DEPOIS.

Mamãe,

Estou grávida.

Ultimamente tenho me sentido estranha, com mais fome do que antes, e a Callie teve de roubar o pai dela para comprar fast food para mim.

No outro dia, desmaiei quando a tia Sharon estava me chutando. Eles me levaram a um médico, provavelmente para eu não morrer enquanto assistiam.

O doutor nos disse que estou grávida de 26 semanas. Quando tia Sharon perguntou sobre o aborto, ele falou que é ilegal em Nova York depois de 24 semanas. Ela me deu um tapa quando chegamos em casa, e tio Bob me deu um soco no estômago.

E agora eles me trancaram no sótão e tiraram meu telefone para eu nem conseguir ver ou ligar para a Callie.

Está doendo, mamãe. Minha barriga está doendo.

E se o bebê também estiver com dor? Ele é tão pequeno e não pode se defender dos meus tios. E se ele morrer como você morreu?

O que devo fazer, mamãe?

Estou com medo.

Deslizo o dedo para ver a próxima foto, mas não aparece nada. Meu punho se fecha quando leio as últimas palavras escritas por Aspen.

Estou com medo.

Devido à maturidade que ela aparentava, às vezes esqueço o quanto era jovem na época. Deve ter ficado totalmente confusa e apavorada com a ideia de ter um

filho quando ainda era criança. Sei disso porque, embora eu não fosse tão jovem quanto ela, no momento em que encontrei Gwen em minha porta, tive uma confusão caótica de proporções épicas. Levei meses para aceitar o fato de que era um pai adolescente. Que, se eu não protegesse o sangue do meu sangue, ela não sobreviveria. Ou pior, seria deliberadamente machucada pela Susan. Foi por isso que me mudei da casa do meu pai antes mesmo de me formar no ensino médio.

Nenhum ressentimento contra aquela mulher valia colocar a vida da minha filha em risco. Gwen sempre foi meu milagre. A bênção que me salvou de pensamentos destrutivos, mas saber que ela veio ao mundo com tanto sacrifício lança uma luz diferente sobre o quanto Aspen sofreu.

Posso tê-la criado por vinte anos, mas foi a ruiva quem a protegeu quando estava mais vulnerável. Meu celular vibra, e espero mais fotos de Caroline.

Em vez disso, é uma mensagem de Aspen.

Nietzsche.

O ar da sala se confina ao meu redor, e eu me levanto, ligo para ela.

Não atende. Merda, merda, merda!

Desligo e ligo para o guarda-costas dela. Um dos seguranças atende com um tedioso "alô".

— Onde está Aspen?

— Ela saiu há quinze minutos e nos pediu para não a seguir.

— E vocês obedeceram, seus idiotas incompetentes? — Desligo o telefone antes de ele responder e ligo para Nicolo.

Ele atende depois de um toque.

— Eu ia ligar. Temos um problema.

— Você jura?

— Bruno escapou da Ática no meio de um tumulto cuidadosamente planejado na prisão. Desapareceu da face da Terra, de modo que nem mesmo seus próprios soldados sabem onde ele está.

— Merda. — Saio correndo do escritório. — Tem alguma ideia de para onde ele iria?

— Posso apenas supor e, julgando pela sua voz, isso levaria mais tempo do que temos disponível.

— Seu pessoal consegue rastrear um telefone?

— Sim. O telefone de quem?

— Da Aspen. Ele deve tê-la atraído para algum lugar, porque ela pediu aos guarda-costas que não a seguissem.

— É pra já.

— Nem pense em protegê-lo desta vez, Nicolo.

— Não vou. Ele desobedeceu ordens claras. Não tenho tolerância para soldados insubmissos. Mas, King?

Aperto o botão de chamar o elevador e entro.

— Sim?

— Tenho que dizer isso para seu próprio bem: se prepare para o pior.

31



Aspen

Estou em frente a um prédio de vinte andares em ruínas. Sob a luz da tarde, os detritos de construção que o cercam parecem plantações apocalípticas.

Mas não é um prédio qualquer.

É o mesmo prédio horrendo, parcialmente construído, no qual meu pai matou alguém a sangue frio enquanto o FBI testemunhava o fato. Eles chegaram atrasados e não puderam salvar a vítima do meu pai, mas o capturaram.

Naquela época, fiquei na esquina, vigiada por dois agentes, e observei enquanto eles o levavam para fora do edifício, algemado e com uma careta nos lábios. Algumas horas antes disso, eu o ouvira falando ao telefone com um de seus subordinados sobre um cara que ele iria matar pessoalmente para enviar uma mensagem a alguma família rival. Não era a primeira vez que eu escutava uma conversa desse tipo. Meu pai era arrogante o suficiente para ignorar a mim e à minha moral, que se desenvolveu de forma completamente independente da dele.

Antes disso, tinha muito medo de ir contra o sujeito. Ainda tinha, porém a imagem da minha mãe morta foi o que me levou a segui-lo e fazer a ligação para a polícia. Eles me encaminharam ao FBI, pois o bandido já estava sendo investigado de perto pelos detetives. Portanto, qualquer informação era bem-vinda.

Sinceramente, estava meio que esperando a operação fracassar e meu pai me matar. No entanto, quando o vi sendo levado para fora, um peso enorme saiu do meu peito. Foi também uma das poucas vezes que me permiti chorar até não saírem mais lágrimas.

Foi quando entendi que estava realmente sozinha.

Achei que me sentiria aliviada por vingar a morte de minha mãe e mandá-lo para o lugar dele, mas essas emoções duraram pouco: acabaram quando descobri o quanto ele é perigoso. O fato de papai ter escolhido este lugar vinte e cinco

anos depois é um lembrete de que sempre me dominou, mesmo atrás das grades. Contudo, não posso ser fraca. Não agora que ele tem minha filha.

Endireitando a coluna, entro pela porta malconstruída. O cheiro de mijo, álcool e algo podre me atinge em cheio. Uma indicação de que o lugar era usado por todos os marginais que perambulam pela cidade. Subo as escadas o mais rápido possível, esperando… não, rezando pela primeira vez em minha vida para que Kingsley consiga nos encontrar.

Com a ajuda de Nicolo, talvez consiga.

De acordo com as instruções do meu pai, tive de deixar a bolsa, o telefone e tudo mais para trás. Estacionei o carro a algumas quadras de distância, como ele orientou, mas espero que seja perto o suficiente para Kingsley adivinhar onde estamos.

Naturalmente, não pude chamar a polícia nem deixar meus guarda-costas me acompanharem.

Isso é assunto de família.

Além disso, não poderia arriscar que Gwen se machucasse no processo.

Quando chego ao nível superior, estou ofegante como um cachorro. A jaqueta e o cabelo grudam no pescoço com o suor, e os pés gritam de dor. No entanto, todo o desconforto desaparece quando vejo minha filha amarrada a uma cadeira de rodinhas a poucos centímetros da beirada. Isto é, a beirada de uma varanda dilapidada, sem grades, de onde ela pode ser empurrada para a morte inevitável.

A fita adesiva está grudada em volta de sua boca, quase alcançando suas orelhas. A luz da tarde lança uma auréola assustadora sobre sua silhueta em um choque de amarelo e laranja. O cabelo está desgrenhado, e os olhos quase se arregalam enquanto Gwyneth observa os cantos escuros da construção e os detritos de concreto espalhados pelo chão. Quando ela me vê, a umidade se acumula ao longo de suas pálpebras, e um alívio como nunca vi em seu rosto toma conta.

— Gwen… não se preocupe. Estou aqui — Corro em direção à garota.

Meus pés se interrompem abruptamente quando uma sombra surge na esquina e para ao lado da cadeira de Gwen. Faz vinte e cinco anos desde a última vez que o vi, e esses anos não foram gentis com o homem.

Bruno Locatelli tem uma aparência horrível, olhos castanhos estreitos e um nariz pontudo. Um corte resultante de uma tentativa de assassinato desce por sua

bochecha esquerda até os lábios finos. O cabelo, antes preto, agora é quase totalmente branco. Ele sempre foi grande, mas agora está cheio de músculos e gordura. A única coisa que passou para mim foi sua altura e uma estrutura óssea forte. Fora isso, sempre me pareci com uma versão não cínica da minha mãe.

— Olá, minha dália vermelha.

Não há zombaria em suas palavras levemente acentuadas, não há escárnio e quase não há qualquer tipo de infllexão.

Suspeitei que meu pai fosse anormal depois que o vi matar o cachorro do vizinho por fazer muito barulho e então ameaçar matar o filho quando ele veio perguntar sobre seu cão. Mais tarde, percebi que ele estava definitivamente no espectro antissocial e usava a vida na máfia para saciar a sede de controle, sangue e manipulação. Portanto, o fato de eu ter atrapalhado seus planos é algo errado para ele.

Muito errado.

— O que quer? — indago com uma voz neutra que não revela meu interior trêmulo ou o modo como o coração quase se derrama no chão.

Sempre achei que enfrentaria meu pai. Que, mais cedo ou mais tarde, ele me encontraria. E estive pronta para isso durante toda a vida – e isso inclui os momentos em que tentei superar o passado. A única diferença é que, antes disso, eu não tinha Gwen ou Kingsley. Não tinha uma vida que quisesse proteger com tudo o que tenho.

— Isso é jeito de me cumprimentar depois de todos esses anos? Não deveria ao menos vir me abraçar?

— Você nunca me abraçou antes. Por que eu deveria abraçá-lo agora?

Um sorriso distorcido ergue seus lábios, revelando um dente de ouro.

— Sempre foi muito resistente, minha dália vermelha. Eu deveria ter lhe dado esse nome. Combina mais com você do que o nome que sua mãe escolheu. Ela disse que Aspen é uma árvore com folhas delicadas em forma de coração, que balançam com a brisa mais suave. Nós dois sabemos que sua mãe era uma causa perdida e que você é tudo, menos o que ela imaginou. Apesar de ser uma mulher, você cresceu e se tornou mais durona do que todos os meus homens juntos, até escolheu a vida da máfia por vontade própria. Essa foi uma atitude audaciosa pela qual pagará. Você não apenas escolheu a vida que me prendeu, mas também virou meu chefe contra mim. Porém, se Nicolo acha que vou ignorá-la só porque ele me disse para fazê-lo, não deve entender a extensão da minha necessidade de

vingança. Isso é pessoal, e ele não tinha direito de interferir. Foi por isso que fugi.

— Você… escapou? — *Mas por que o guarda não me ligou?*

— Ele está morto. — Meu pai circunda Gwen como um animal mortal, e ela observa cada movimento do criminoso, encolhendo-se em seu assento.

— Quem está morto?

— O guarda que subornou para me vigiar. Eu o esfaqueei dez vezes na porra do coração. Uma para cada ano que ele me espionou para você. Ah, e a propósito, ele tinha dois filhos lindos sobre os quais conversava frequentemente com os outros guardas, então parabéns por tê-los deixado órfãos. — Meus dedos tremem, mas eu os aperto, recusando-me a dar a ele a reação que está tentando obter de mim.

— Nicolo não deixará passar sua desobediência. Agora trabalho para a família.

— Nicolo pode ir se foder. Vou trabalhar sozinho depois de cuidar de você. Embora eu deva dizer que gosto de como se tornou inteligente. Herdou isso de mim. Não deveria me agradecer?

— Agradecer pelo quê, exatamente? — Meu sangue ferve, e vou em direção a ele e Gwen até ficar a poucos passos dos dois. — Por ter me proporcionado uma infância de merda ou por ter abusado da minha mãe até ela se matar? Por qual parte devo ser grata?

A expressão do homem não muda, parece imperturbado pela minha explosão.

— Por ainda estar viva e ter chegado até aqui. Se eu não tivesse pedido aos meus subordinados que a criassem depois que fui preso, graças à sua traição, não teria tido infortúnios suficientes para endurecer sua alma e expulsar a ingenuidade que sua mãe implantou em seu coração. Nunca poderá ser forte se não for quebrado.

— Você… você estava por atrás da tia Sharon e do tio Bob?

— Claro que sim. Todos eles eram um peão em meu jogo. Eu disse a ambos para deixá-la um pouco mais resistente e lhe dar lembranças marcantes para carregar. Você pode ter colocado um guarda para me vigiar há dez anos, quando se tornou advogada, mas eu a tenho observado em cada passo de sua vida. Mandei meus homens te seguirem e também coloquei dois agentes morando no local. Eram Bob e sua esposa, Sharon. Mas os dois idiotas estragaram tudo

quando você engravidou. Planejei que fosse mãe solteira, mas Bob e Sharon compartilharam com meus outros homens que a ouviam falando sobre o possível pai. Agiram por pura ganância. Quando pegaram o dinheiro daquela mulher rica e deixaram você fugir, eu me livrei deles.

— Mas por quê?

— Não tinha mais função para os dois. No entanto, vendo como estava abalada por ter perdido a bebê, deixei passar. Foi uma tortura melhor do que vê-la se tornar uma mãe adolescente.

Balanço a cabeça, luto contra as lágrimas que estão tentando escapar.

— Não. Por que fez tudo isso? Foi seu complexo de Deus? Vingança?

— Nada tão imaturo, não. Foi apenas para você entender que sua vida estava na palma da minha mão, minha dália vermelha. No momento em que eu decidir esmagá-la, eu farei. Acontece que este momento é agora.

Bruno empurra a cadeira de Gwen, e ela desliza até a beirada. Seu grito abafado soa assombrado no silêncio quando minha filha está prestes a cair. Dou um pulo para a frente, mas ele bate o sapato de couro contra o pé da cadeira, pegando-a no último segundo. Juro que meu tempo de vida diminuiu em alguns anos quando olho fixamente para seus olhos enormes e esbugalhados. Entretanto, obrigo-me a ficar quieta, mesmo com o coração batendo tão forte que posso ouvir as pulsações em meus ouvidos.

— Por que agora? — indago, com uma calma que não sinto. Preciso mantê-lo falando, para distraí-lo o suficiente até a ajuda chegar.

— Desde que você me mandou para a prisão, estava esperando o momento em que teria tudo o que queria. Uma carreira, uma família, um homem. O motivo de eu não ter saído não foi incapacidade, e sim o fato de o momento certo ainda não ter chegado. Como pode ver, eu teria fugido a qualquer momento, mas não o fiz pelo bem dos Luciano. Contudo, não sou leal a quem quer tirar minha vingança. Vou fazer você sentir o que significa perder tudo.

O sujeito empurra a cadeira, e Gwen se inclina para a beirada, de modo que fica meio pendurada. Só o aperto do meu pai em seu colarinho a mantém de pé. Minha menina grita novamente, seu corpo inteiro entra em choque. Engulo qualquer som que esteja borbulhando em minha garganta para não a assustar. Portanto, mesmo que eu esteja sendo dilacerada por dentro, olho para minha filha com um olhar tranquilizador e digo o que costumava dizer a ela enquanto dava tapinhas na minha barriga.

— Está tudo bem, meu bem. Vai ficar tudo bem. Vou proteger você.

— Essa é uma promessa ousada. — A voz irritante do bandido atravessa minha cabeça enquanto ele pega o telefone despreocupadamente, ainda segurando Gwen por um punhado de seu vestido. — Meu atirador de elite do outro lado da linha vai acabar com o pai do seu bebê em um piscar de olhos.

Gwyneth e eu ficamos paralisadas.

— O que foi? — Ele sorri daquele jeito maníaco. — Achou que eu facilitaria as coisas para você e só capturaria sua filha? Qual é a graça disso?

Meus lábios tremem, mas os mantenho alinhados. Se eu me perder no ciclo emocional para o qual Bruno está tentando me atrair, com certeza perderei Gwen e Kingsley.

— Diga-me o que quer. — Levanto o queixo, recuso-me a me retrair.

— Fazer você escolher. Verá o cérebro de sua filha explodir no concreto lá embaixo ou receberá a cabeça de seu amante em uma bandeja? Estou curioso para saber qual veneno escolherá engolir, minha dália vermelha. Sua filha ou o homem que lhe deu essa filha? Se escolher a menina, ela a odiará pelo resto da vida por ter sido a causa da morte do pai. Se o escolher, vocês se odiarão por tê-la perdido. Não é um belo enigma?

Uma lágrima desce pelo meu rosto enquanto os cenários que ele acabou de pintar se repetem em minha cabeça igual a um filme distorcido. Eu não conseguiria viver comigo mesma de qualquer maneira. Não importa qual escolha eu faça.

Um som abafado e dolorido vem de Gwen enquanto ela balança a cabeça freneticamente e luta contra as amarras.

— Está tudo bem — digo, fingindo ser forte.

— Qual vai ser? — meu pai pergunta ao enfiar a arma contra a cabeça da garota.

— Deixe-me abraçá-la primeiro.

Bruno empurra a cadeira, e eu corro para frente, mas ele a puxa de volta bem antes de ela cair.

— Por que parece um morto? Não tem senso de humor? Só estava testando a determinação dela. Que, aliás, é extremamente fraca.

Meu corpo parece estranho conforme engulo grandes inalações de ar, eliminando a pequena distância entre mim e Gwen.

Meu pai se afasta.

— Então vai ser o pai dela? Sabe que ele sacrificou a juventude pela filha, certo? Acha que vai viver por muito tempo se ele souber que você matou a garotinha dele? Com o caráter que o sujeito tem, pode se tornar seu pior inimigo, ainda mais do que eu. Mas suas tentativas desesperadas de escapar da fúria dele vão ser divertidas de assistir.

Eu o ignoro e me ajoelho na frente de Gwen, então removo a fita adesiva o mais gentilmente possível.

— Não… — ela soluça quando a fita adesiva é retirada, ofegante e engasgada. Mal consegue dizer as palavras. — Não me escolha, por favor. Não posso viver sem o papai.

Puxo sua cabeça contra meu peito, segurando-a com uma mão em seu cabelo. Não sei se o tremor é dela ou meu. Ou de nós duas. Minha voz está quebradiça quando tento acalmá-la:

— *Shhh*. Está tudo bem, Gwen. Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

— Por favor… por favor… não, papai… por favor…

Dou um passo para trás e afasto seu cabelo do rosto.

— Você é a coisa mais linda que aconteceu na minha vida, Gwen. Eu te teria de novo se pudesse escolher. Eu te amo mais do que me amo.

Duas lágrimas escorrem por suas bochechas.

— Também te amo. Sempre quis você na minha vida, mas não assim. Por favor, não me escolha… por favor…

Eu a aperto em outro abraço e sussurro em seu ouvido:

— Diz pro King que eu o amo.

E com isso, eu a solto. A expressão chocada em seu rosto lentamente se transforma em compreensão, mas não foco nela enquanto me viro para meu pai.

— Tão tocante. Quase derramei uma lágrima — o desgraçado debocha, com um rosto inexpressivo. — Quem vai ser, minha dália vermelha?

— Posso te abraçar primeiro?

O pedido o pega de surpresa, e ele estreita os olhos para mim.

— Que tipo de jogo está jogando?

— Você queria um abraço antes. Deixa pra lá, se não quiser.

— Acha que vou cair nessa?

— Gwen, role para longe! — grito, empurrando-a da beirada o mais forte que posso.

Quando meu pai vê, ele xinga e vai em direção à minha filha, mas eu uso a pequena distração para impulsionar meu corpo contra o dele. O homem é muito maior do que eu, então o elemento-surpresa joga a meu favor. Compartilho um último olhar com Gwyneth e murmuro:

— Eu te amo.

— Mãe, não!

O som de "mãe" de sua boca coloca um sorriso em meus lábios, e uma lágrima desliza pela minha bochecha enquanto abraço meu pai e lanço nós dois para fora da beira.

— Escolho você, idiota — digo conforme caímos.

Nos últimos momentos, acho que ouço a voz de Kingsley chamando meu nome.

32



Kingsley

A primeira vez que vi Aspen foi durante uma noite em que eu estava totalmente preparado para recorrer à devassidão, ao incêndio criminoso e a uma dose de adrenalina. Mal sabia eu que a *femme fatale* que falava a língua *nerd* como método de combate favorito ofereceria tudo isso e muito mais.

Nunca levei ninguém para a cabana da minha mãe, nem mesmo Nate. Até meu pai tinha se esquecido do lugar antes de se divorciar da esposa. Eu era o único que aparecia ali sempre que minha mente ficava muito barulhenta.

E como era meu lugar seguro, meu lugar secreto, não tinha por que levar uma estranha para lá. Mas talvez o fato de ela ser uma estranha tenha sido o que me permitiu levá-la, mesmo que temporariamente. Eu só não contava com o quanto ela me irritaria. Pretendia que fosse só algo ser físico naquela noite, mas esses pensamentos logo se transformaram em mais. Aspen era um espírito livre no meu mundo sufocante. Uma brisa de inocência fresca e ousada, rara de se encontrar numa época em que tudo era cópia da cópia.

E mesmo bêbado, eu não conseguia deixar pra lá. Lembro-me de planejar não a deixar ir embora. Lembro-me muito bem da decisão de mantê-la por perto. Então imagine minha surpresa quando acordei na manhã seguinte e descobri que a garota tinha desaparecido da minha vida tão repentinamente quanto surgiu. Por um momento, achei que tudo fosse fruto da minha imaginação e que meus demônios tivessem perdido a cabeça. Mas a possibilidade se esvaiu quando encontrei sangue cobrindo meu pau.

Minha primeira reação foi raiva. Como ela ousava ir embora sem me avisar? Tinha quase certeza de que criamos uma conexão, mas isso era só eu, porque a menina não teve escrúpulos em desaparecer.

Então decidi esquecer toda a experiência, embora isso não me impedisse de perguntar por aí sobre uma certa *femme fatale* com máscara preta. Ninguém parecia se lembrar dela, e a noite continuou em segundo plano.

Isto é, até Gwen surgir na minha porta.

Eu sabia, sem sombra de dúvida, que a *femme fatale* daquela noite era a mãe. Ela era a única com quem eu tinha esquecido de usar camisinha. E a obsessão em encontrá-la começou de novo. Durante vinte e um anos.

Levou vinte e um anos e algumas porradas para eu dar um nome e um rosto à garota daquela noite. E enquanto eu pretendia me vingar, puni-la por abandonar Gwen, isso se tornou muito mais.

Tornou-se uma luxúria incontrolável, uma obsessão desequilibrada e sentimentos mais sombrios. O que começou como uma foda de ódio, como uma necessidade de tirá-la da minha cabeça, gradualmente se transformou no momento mais pacífico e equilibrado da minha vida.

A ruiva combina com meu fogo, mas também o doma. Apaga-o. Canta canções de ninar calmantes para a alma cujas letras só ela conhece. E pela primeira vez na vida, quero que alguém esteja lá por mim. Alguém que não se intimide com minha energia destrutiva e, em vez disso, mantenha-se firme na frente dela e de mim. Uma mulher que pode ser minha parceira, minha amante e minha submissa, tudo ao mesmo tempo. E estou só começando com ela, então não há como o pai dela ou o maldito universo conseguirem tirá-la de mim.

O próprio Nicolo se junta a mim com uma dúzia de seus guardas. Sabia que ele tinha levado a traição de Bruno para o lado pessoal no momento em que não deixou seus subordinados lidarem com o trabalho e convocou seus melhores homens. Os homens que normalmente mantém ocultos. Ele também foi quem nos guiou diretamente até o prédio antigo, prestes desabar mais cedo ou mais tarde.

— Tem certeza de que ela está aqui? — indago enquanto seus capangas se dispersam por todo o edifício com um mero aceno do mafioso.

— Ele está. — Desliza um charuto para o canto dos lábios, mas não o acende. — Ele é poético, o Bruno. Pode não ter escolhido o aniversário dela, como pensei que faria, porém definitivamente a levaria para o lugar em que ela o traiu.

Marcho para as escadas, a espinha contraída com a tensão e cada passo ecoando com o zumbido em meus ouvidos. Uma mão cai em meu ombro, no entanto Nicolo não me impede. Apenas caminha ao meu lado.

— Onde pensa que está indo, riquinho? Deixa que eu cuido disso.

— Porra, e eu vou lá confiar em você!

— Bruno terá o que merece. Eu te dou minha palavra.

— Eu estarei lá.

— Não me culpe se acidentalmente levar um tiro. — O homem me solta com um mero encolher de ombros, segue andando ao meu lado. Ou corre, porque eu subo as escadas num piscar de olhos.

Contudo, a cena que me recepciona quase me faz cair de volta. Gwen está amarrada a uma cadeira, tentando rolar até a beirada, onde Aspen e Bruno estão. Meu peito explode em uma miríade de emoções fodidas que começam e terminam com medo.

Do tipo que abrange tudo.

Do tipo que nunca senti na minha existência de merda.

— Mãe, não! — O grito alto de Gwyneth sacode as paredes, e eu não hesito enquanto corro até onde Aspen está tentando empurrar Bruno para fora da beirada.

E consegue.

O mundo para por um segundo enquanto os dois caem, e eu mergulho, agarrando qualquer coisa que consigo tocar.

O braço dela.

Meus dedos se cravam em sua pele, e eu me estico de bruços para agarrá-la com as duas mãos.

A mulher é pesada pra caralho.

Encontro a razão por trás do peso incomum, que definitivamente não é de Aspen, quando olho para baixo e vejo o maldito segurando sua cintura com os dois braços e olhando para cima com uma expressão maníaca.

Aspen, no entanto, não me encara. Seus olhos estão fechados, e há um corte na lateral de sua cabeça que sangra.

Porra, porra, porra.

Meus ombros quase se deslocam, porém ainda tento puxá-la. Seria melhor jogar uma pedra na cabeça do parasita e me livrar dele, mas se eu soltar Aspen, ela certamente cairá. Um tiro atravessa o ar, e eu congelo pensando que algo aconteceu com Gwen. Então o peso fica mais leve quando Bruno larga Aspen. Um buraco é alojado entre seus olhos vazios enquanto ele cai, e sua cabeça bate contra o chão.

— Ninguém mexe comigo e sai vivo para contar a história — Nicolo diz

despreocupadamente atrás de mim, em pé, escondendo a arma devagar.

Então ele se ajoelha para me ajudar a puxar a ruiva para cima, entretanto já a tenho na metade do caminho para a beirada. Quando ela está completamente em solo firme, certifico-me de que está respirando e depois bato em sua bochecha.

— Aspen, docinho, abre os olhos.

— Mãe! — Gwen cai de joelhos ao nosso lado, provavelmente desamarrada por um dos homens de Nic. — Papai, ela vai ficar bem?

Embalo a cabeça de Aspen contra meu peito.

— Ela vai ficar bem.

Ela precisa ficar bem.

* * *

Estou andando de um lado para o outro no corredor do hospital, para frente e para trás, como um animal enjaulado. O barulho das enfermeiras zumbindo ao redor, juntamente do cheiro rançoso de antisséptico, fecha minha garganta. Agora entendo por que diabos Aspen odeia este lugar. Ele cheira à morte, a sangue e aos piores pesadelos.

Não.

Não vou pensar sobre a morte nessas condições. Simplesmente não vou.

Os médicos estão com a ruiva pelo que parece uma eternidade, e a enfermeira que saiu mais cedo não disse nada, mesmo quando ameacei processar o lugar.

— Pai…

Paro e olho para Gwen, sentada em uma cadeira, balançando para frente e para trás como quando ficava angustiada na infância. Seu vestido está rasgado na gola, mas os ombros estão cobertos com meu paletó, que coloquei nela antes. O rosto está sujo, manchas de lágrimas secas e frescas marcando suas bochechas.

— E se… e se ela não sobreviver? E se… ela entrar em coma como você?

— Ei. — Sento-me ao lado dela, passo um braço à sua volta e adoto um tom parental suave, embora seus devaneios espelhem os meus. — Ela é forte pra cacete e não vai deixar isso a derrubar.

— Mas não é imortal. — Chora no meu peito. — E parecia decidida a morrer também. O pai dela… a fez escolher entre você e eu, mas Aspen escolheu se sacrificar, pai. Ela escolheu se jogar da beirada em vez de deixar qualquer um de nós morrer. E se fomos nós que a perderemos? Acabei de encontrá-la…

Meu peito treme com a força assombrosa da tristeza de Gwen, e continuo acariciando seu ombro para tentar manter a calma. Para tentar convencer o cérebro a pensar que a ruiva ficará bem.

— Acabei de encontrá-la também, e não vou deixá-la ir tão facilmente. Ela vai sair dessa.

— Promete? — Gwyneth me encara com olhos cheios de lágrimas.

— Prometo, meu anjo.

A porta desliza, e nós dois nos levantamos rapidamente enquanto o médico sai, tirando a touca.

— Como está minha mãe? — Gwen indaga com a voz trêmula.

— Está estável agora, mas não saberemos o estado verdadeiro até ela acordar e fazermos mais exames.

Minha filha cambaleia ao meu lado conforme o doutor nos conta sobre seu ferimento na cabeça, que não é crítico, e os exames que farão. Quando ele sai, Nate chega. Liguei para ele, assim poderia levar Gwen para casa. Ela enfrentou muito estresse em um dia e mal consegue ficar de pé.

— Nate. — Minha filha se joga em seus braços. — A mamãe está machucada e não está acordando.

Ele coloca um braço protetor em volta da esposa e olha para mim por cima da cabeça dela, provavelmente pensando o mesmo que eu.

Desde quando ela chama Aspen de mamãe?

Agora chama aparentemente, porque só se dirigiu à advogada assim hoje.

— Leve-a para casa. Está exausta — digo a ele, sem saber como caralhos consigo soar normal.

— Quero ficar — Gwyneth protesta, encarando-me.

— Vá se trocar e descansar um pouco, depois você volta, anjinho. Não quer que ela veja você parecendo uma sobrevivente de um filme de terror, quer?

— Não — resmunga.

— Vai ficar bem? — é Nate quem pergunta.

Solto um murmúrio vago e aceno para ele ir embora. Três minutos depois, os

dois se foram, e eu estou respirando pesadamente, apoiando uma mão na parede. Só preciso me recompor para quando Aspen acordar.

E ela vai acordar, porra.

— A limpeza está feita. Nada de polícia envolvida. — Cambaleio para longe da parede a fim de encontrar a fonte da voz. Nicolo está em sua postura indiferente de sempre, uma mão no bolso. O terno de três peças ainda está passado e limpo, sem sujeira ou sangue.

— O que está fazendo aqui? — Levanto-me e paro à sua frente.

— Pensei em dar as boas notícias eu mesmo. Não terá que lidar com o corpo de Bruno, com sangue ou com as perguntas que a polícia pode fazer. Quanto à ruiva, tenho certeza de que sobreviverá.

— Sim, ela vai viver. E quando isso acontecer, você vai libertá-la de seus negócios sujos.

— Tínhamos um acordo, King. Minha proteção pelos serviços dela.

— Uma proteção desleixada que a colocou em perigo. Ou você a liberta, ou pode dar adeus aos meus bilhões.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Colocaria tanto dinheiro em jogo por ela?

Eu daria toda a minha fortuna por ela, mas em vez de admitir isso, decreto:

— Você vai liberá-la.

— E você vai ficar com seus investimentos.

— Sim, mas não serei mais seu advogado de defesa interino. Vá encontrar outra pessoa para limpar sua bagunça.

— Fechado. — Vira-se para ir embora, colocando um charuto entre os lábios e o acendendo, então para e me encara de novo. — Tem certeza de que ela ainda não é sua mulher?

— Ela é minha mulher. — *A única mulher que eu sempre quis que fosse minha.*

Ele dá um leve aceno, seguido de um sorriso, e vai embora. Uma enfermeira o para, provavelmente para dizer que não deveria fumar no hospital, mas o mafioso sopra uma nuvem de fumaça no rosto dela e continua seu trajeto.

Eu, por outro lado? Rezo pela primeira vez na vida. Não para um deus, mas para a mulher dormindo lá dentro.

Nem pense em me deixar, bruxa.

33



Aspen

Uma dor se espalha pela minha cabeça, e eu gemo, meus olhos se abrem lentamente. Por favor, me diga que não fui encaminhada para a mesma seção do inferno que meu pai. Sim, eu matei nós dois, mas Bruno definitivamente tem mais sangue em suas mãos.

O mínimo que os gerentes deste lugar poderiam fazer é nos separar.

Ou talvez meu inferno personalizado seja estar com ele para lhe dar poder sobre mim mesmo depois da morte.

— Mãe!

Estremeço, então fico completamente imóvel enquanto um choque de aroma de antisséptico e baunilha me cerca.

Isso é uma brincadeira cruel da minha imaginação?

Senão, como Gwen poderia estar aqui e até mesmo me chamar de mãe? Uma sombra pousa sobre mim, e eu aperto os olhos quando seu rosto suave e lindo entra em foco. Um sorriso largo encanta seus lábios.

— Você finalmente acordou.

Tusso, a garganta arranha. Com isso, vem aquela dor fraca outra vez.

— Ah, aqui, beba um pouco de água. — Ela me ajuda a sentar e coloca um copo de água com canudo nos meus lábios.

Tomo goles gananciosos, deixo o líquido acalmar a garganta seca, mas não consigo parar de encará-la. Observo seu cabelo ruivo selvagem e seus olhos vermelhos e inchados.

Está começando a parecer tão assustadoramente real, e não posso me dar ao luxo de ter tanta esperança agora. Levo um dedo ao rosto da minha filha e limpo as manchas de lágrimas secas em sua bochecha. No entanto, não importa o quanto eu a toque, ela não some.

— Você estava chorando.

— Claro que estava chorando. — Aninha o copo de água entre os dedos elegantes. — Achei que você fosse morrer com aquele idiota louco, e aí você dorme por dois dias. Fiquei com tanto medo de que fosse o coma do papai de novo.

Meus lábios se abrem enquanto *flashes* da memória começam a rolar pela mente. Acho que ouvi a voz de Kingsley naqueles últimos momentos.

A razão pela qual estou viva é porque ele é…

— K-King… — A voz treme. — Ele está…

— Lá fora, meio que ameaçando seu médico com um processo porque você não queria acordar. Meu pai consegue ser meio exagerado às vezes. — Gwen sorri. — Mas você deveria tê-lo visto quando veio correndo no momento em que estava caindo. Ele te puxou da beirada sozinho, mesmo quando aquele homem tentava te arrastar com ele. Papai estava igual a um super-herói.

Solto um longo e entrecortado suspiro que parece saído da minha alma. Acho que bati em algo no meio da queda, por isso comecei a perder a consciência, mas segurei meu pai com todas as forças. Não poderia tê-lo deixado sobreviver.

— E o meu… meu pai?

— Ele morreu — ela diz suavemente. — O amigo assustador do papai levou o corpo dele.

Deve ter sido Nicolo.

A realidade me atinge então. Estou livre. Livre de temê-lo.

De tentar escapar da sombra que Bruno lançou sobre minha vida.

Livre.

É surreal demais assimilar a situação, então acaricio o cabelo de Gwen.

— Você está bem?

— Sim. Totalmente bem.

— Sinto muito que tenha passado por isso por minha causa.

Ela balança a cabeça freneticamente.

— Não precisa se desculpar. Papai me contou tudo sobre você e seu pai, e sei que fez o possível para me proteger. Mas não se sacrifique de novo, ou não vou falar mais com você. Estava com tanto medo de que morresse agora que enfim te tenho, mãe.

Meu peito se aperta tanto que estou surpresa por ele não estourar.

— Do que… do que acabou de me chamar?

— Mãe — Gwen repete, mais determinada desta vez. — Você sempre foi minha mãe, mesmo quando não estava lá.

Eu a envolvo com meus braços e escondo o rosto em seu pescoço parcialmente, para as lágrimas não serem visíveis.

— Obrigada, Gwen.

Ela me aperta de volta, a voz tremendo.

— Não, obrigada você por ser minha mãe.

Acho que acabei de passar a um nível diferente de existência. Ninguém me disse que ser mãe de alguém era tão grandioso. Nem importa que eu esteja em um dos hospitais que tanto odiava, e isso tem tudo a ver com a menina em meus braços.

Ela não é uma bebê natimorta. Está viva, abraçando-me e me chamou de "mãe".

Ficamos assim por um momento longo demais, até nossa respiração sincronizar. A porta se abre, e nós nos separamos com relutância.

Kingsley surge, imponente como sempre, mesmo com o cabelo desgrenhado e os ombros quase rasgando a camisa de tanta tensão. Meu peito se expande, e o estômago se contrai tão forte que é um milagre ninguém ouvir o som.

Estar no mesmo quarto com este homem sempre foi uma experiência. Como afundar em águas escuras e saber que ele será o único a me fornecer oxigênio. King transborda poder e autoridade, que alcançam a parte secreta de mim. A mesma que anseia por submissão, sem precisar de palavras. Contudo, agora ele está imitando o próprio Diabo: parece sombrio e taciturno, como se tivesse um gosto pela violência.

— Hum… Vou estar lá fora. — Gwen sorri, então sussurra para só eu ouvir: — Não disse a ele que você o ama, então pode fazer isso por si mesma.

Logo ela sai correndo, passando pelo pai. Ele chuta a porta a fim de fechá-la e vem em minha direção.

— O que, e eu não posso colocar em outras palavras, *porra* estava pensando, Aspen? Tem um desejo de morte aos 35 anos? Ou gosta de jogar roleta-russa com sua vida? Por que faria isso…

Eu o puxo pelo tecido da camisa e colo nossos lábios. Kingsley rosna na minha boca, então envolve uma grande mão em volta do meu pescoço e me beija

com uma fome que rouba meu fôlego. Nossos dentes, as línguas e até mesmo as almas colidem em um beijo devastador que transforma meus membros em gelatina. Eu o beijo com o desespero de uma mulher renascida, enquanto ele sopra vida em mim.

— Porra — sussurra contra minha boca quando nos separamos, e depois abaixa sua testa contra a minha. — Isso não te tira da reta.

— Eu sei. Foi um agradecimento, não só por me salvar, mas também por estar lá por mim e Gwen. Obrigada, King.

O homem grunhe enquanto a tensão que carregava em seus ombros como uma marca própria lentamente murcha e ele se senta na cama, puxando-me para seu colo sem pedir licença. Eu me acomodo de frente para o advogado conforme ele coloca ambos os braços em volta da minha cintura, com um aperto que sugere que nunca vai me soltar.

— Terá de fazer muito mais do que me beijar em agradecimento, docinho.

— Tipo o quê?

— Revogar o bloqueio ilegal, por exemplo. Assim que estiver saudável, vou cravar meus dentes no seu pescoço enquanto fodo sua boceta, depois sua bunda.

Hesito, direcionando o olhar para o lado. Ele usa dois dedos para agarrar meu queixo e trazer a atenção de volta para ele.

— O que foi?

— Nada.

— Porra, Aspen. Começou esse bloqueio por um motivo e, se não me contar, não vou conseguir descobrir. Sou inteligente, mas não leio mentes.

— Eu só… não quero que sexo seja nossa única conexão. Se é por isso que me quer, um dia vai se cansar de mim, ou talvez se canse da minha relutância e encontre alguém que se ajoelhe à sua vontade, e tudo vai acabar.

— Está falando sério? — Ele me coloca em seu peito, os dedos afundados em minha nuca, e fala tão perto da minha boca que sinto cada palavra em vez de ouvi-las: — Eu tinha uma conexão com você antes mesmo de o sexo ser uma opção. Sim, amo sua submissão ao meu domínio e como secretamente gosta do jeito que marco sua pele, e o sexo desempenha um papel no que temos, mas não é tudo o que somos. Você afasta minha escuridão e me entende em um nível que ninguém mais entende. Você nunca se esquivou do meu lado insensível. Além disso tudo, ficou bem no caminho da destruição dele, me desafiando por mais. Você não é apenas meu par e a mulher que me deu Gwen, mas também me faz

ser um homem melhor, docinho.

— Você me faz ser uma mulher melhor também, King — sussurro em uma voz emocional, que normalmente não me permitiria usar. — Eu te quero desde os 14 anos e acho que nunca parei de te querer desde então. Você é o único homem que enxerga o interior da antiga e da nova Aspen. Você me faz querer abraçar minhas fraquezas e minhas cicatrizes, porque elas são uma forma de força também.

— E deve mesmo. Elas são tão lindas quanto você.

— Então não me odeia mais? — questiono, com esperança patética.

— Acho que nunca odiei.

— Então por que foi um idiota esse tempo todo? Principalmente depois que descobriu que eu era a mãe de Gwen?

— A verdade é que procurei você mais do que me procurou. No começo, pensei que era para lhe ensinar uma lição por ter abandonado nossa filha, mas eu queria você só para mim na realidade. Foi a única mulher que me fez sentir alguma coisa em um momento da minha vida no qual pensei ser incapaz disso. Você olhou para mim como se eu fosse a única pessoa no mundo.

— E você olhou para mim como se eu fosse importante. Nunca me senti importante até aquele momento. — Estendo a mão e acaricio sua bochecha. — Eu te amo, King. Acho que te amei desde aquela primeira vez.

O homem fecha os olhos brevemente, as narinas dilatam a cada inspiração forte de ar. Quando ele os abre de novo, suas íris parecem uma tempestade feita só para mim, que vai me arrastar para suas profundezas e nunca me permitir vir à tona. E a pior parte? Não quero emergir. Se ele é sombrio, então estou disposta a abraçar essa escuridão.

Seu pulso bate forte contra meu peito, como se o coração quisesse se fundir ao meu.

— O que eu sentia por você era a mais pura obsessão. No entanto, com o tempo, percebi que esse tipo de obsessão era mais profunda e selvagem do que jamais imaginei. Esse tipo de obsessão é uma tradução distorcida do amor. Você me teve muito antes de qualquer um de nós saber, mas agora possui meu coração, meu corpo e minha alma, docinho. Assim como planejo possuir os seus.

Sorrio e murmuro:

— Você já os tem.

— Tenho?

— Sim. Você é meu rei, e eu quero ser sua rainha.

— Você já é.

Ele extingue a pequena distância entre nós, devora meus lábios em um beijo do qual vou lembrar pelo resto de nossas vidas.

Eu sou dele. Ele é meu.

Desta vez, permanentemente.

EPÍLOGO 1



Aspen

TRÊS MESES DEPOIS

— Reduzir o orçamento do departamento de imigração significa que aceitaremos menos casos *pro bono*, e isso não entra na visão futura da empresa, sem mencionar que é uma abordagem totalmente capitalista — digo a Kingsley, encarando-o.

Em algum momento, deixei meu assento na mesa de conferência, e nós dois ficamos cara a cara.

— O capitalismo desempenha pouco ou nenhum papel em minhas tentativas de eliminar fraudes e desperdiçar tempo que nossos advogados associados podem usar para lidar com outros casos importantes.

— Como o quê? Deixe-me adivinhar: o corporativo? Também conhecido como o braço do seu amado capitalismo?

— Criminal, Srta. Leblanc. As prisões estão cheias e precisamos de mais advogados lá em vez de lutar batalhas inúteis com a Agência de Imigração e Alfândega.

— Elas não são inúteis se salvarmos alguém de ser deportado do solo dos EUA para um país que os discrimina.

— Não aplicarei um orçamento que pode tirar cinco ou mais pessoas injustamente condenadas da prisão com a mera esperança de salvar um imigrante.

— Não vamos concordar sobre esse assunto, então acho que teremos de votar.

— Quem vai votar? Você e seu alter ego?

— O conselho, é claro. Se é contra a redução do orçamento do Departamento de Imigração, levante a mão. — Eu levanto primeiro, então dou uma olhada para ver quem está do meu lado.

Minha visão se depara com cadeiras vazias.

— Onde estão… todos?

— Eles obviamente saíram no meio da nossa discussão acalorada.

Encaro Kingsley, que parece elegante em seu terno escuro, como um lorde demônio recém-saído do inferno. Um pequeno sorriso inclina seus lábios enquanto me observa com aquele brilho que reconheço tão bem.

Meus braços despencam.

— Não acredito que Nate também foi embora.

— Ele liderou a multidão para fora, apontando para o relógio porque a reunião durou mais do que deveria, aparentemente.

— Tanto faz. — Ajeito o cabelo. — Vamos votar sobre isso na próxima reunião do conselho, e eu vou ganhar, babaca.

— Não fique magoada quando perder, docinho.

— Vai se foder.

Sua mão dispara para mim antes de eu pensar em fugir, envolvendo possessivamente minha cintura. O advogado me levanta sem esforço e me senta na mesa de conferência, acomodando-se entre minhas pernas e as abrindo o máximo possível.

— Não me provoca.

Um choque de excitação corre por mim e se acumula entre as coxas. Não faço ideia se é porque finalmente estamos juntos ou porque perdemos tantos anos no processo, mas nos encontramos sempre desesperados um pelo outro.

Às vezes, até no momento em que paramos de nos tocar.

É o melhor tipo de vício que já tive. Melhor do que álcool, melhor do que sucesso.

Ele é minha droga favorita.

Sinceramente, não sei como diabos sobrevivi durante o "bloqueio ilegal", do qual Kingsley não quer ser lembrado nunca mais.

Ele disse que contaria histórias sobre isso para seu Ceifador.

Não ajuda que ainda estejamos brigando na empresa. Definitivamente não somos aquele casal meloso e não vamos aliviar as coisas um para o outro.

Uma coisa é certa: nós nos apoiamos e nos queremos até na loucura, óbvio.

Nietzsche disse que sempre há certa loucura no amor, mas também há sempre alguma razão para a loucura. E este homem irritante é minha razão e

minha loucura.

Os últimos meses têm sido mais próximos de um sonho do que da realidade. Não só meu pai saiu de cena, mas Gwen me chama de "mãe" e me aceitou em sua vida. Callie e eu estamos mais próximas do que nunca. No outro dia, comemoramos sua tão esperada gravidez com muito suco e nem uma gota de álcool, naturalmente.

Estou há 121 dias limpa.

Afastei-me da máfia, e sei que é porque Kingsley cuidou disso, não porque Nicolo me deixou sair pela bondade de seu coração de pedra.

E para tornar nossas vidas ainda mais pacíficas, King processou Susan, fez a mulher perder cada centavo, como prometi, e ela fugiu do estado logo depois.

O mais importante é que tenho este homem como meu amor, meu parceiro e pai da minha garotinha. Sei que ele provavelmente nunca será o Príncipe Encantado ou aceitará algum título de cavaleiro, mas nunca precisei dessas coisas de qualquer maneira. Seu lado intenso foi o que me atraiu, em primeiro lugar. E mesmo que ainda briguemos o tempo todo, seus braços são meu lar mais seguro.

Concentro-me nos lábios do advogado e falo em um tom sensual:

— E se eu provocar você?

— Então não será capaz de sair daqui. Ao menos não inteira.

Inclino-me para perto até que minha boca quase roçar a dele. Estou a um fio de cabelo de distância, mais intoxicada pelo seu cheiro de cedro a cada segundo. Suas narinas dilatam à espera do beijo, mas eu recuo.

— Talvez outra hora.

As palavras mal saíram da minha boca quando King mergulha, os olhos em uma tempestade penetrante enquanto captura meus lábios. É um beijo de partir a alma, que rouba meu fôlego e minha sanidade e me deixa como massinha em suas mãos.

Mãos que estão em todos os lugares: nas minhas costas, na minha cintura, na minha nuca. Ele tem o tipo de comando que não me deixa escolha a não ser me curvar. Sim, luto contra ele. Sim, raramente concordamos em alguma coisa. No entanto, quando seu corpo fala com o meu, tudo o que posso fazer é ouvir.

O homem faz um trabalho rápido em tirar minhas roupas e liberar seu pau, arremetendo dentro de mim de uma só deliciosa vez. Seu ritmo é lento no início, enlouquecedor até, enquanto atinge cada lugar profundo e prazeroso dentro de mim de modo repetido até estar gemendo em sua boca. Até estar pingando na

mesa, incapaz de me conter.

É uma loucura como o advogado conhece meu corpo melhor do que eu e acerta os lugares exatos que quase me fazem perder o controle.

— Mais — murmuro contra seus lábios.

— Mais o quê? — pergunta, com uma sedução gotejante.

— Me fode mais forte — imploro ao girar os quadris, e então exponho o ombro, onde há um chupão que ele deixou ontem. — Igual quando me deu isso.

— Sua bruxinha traiçoeira. — Os dentes de King afundam na marca vermelha, e ele se afunda em mim mais rápido, por mais tempo e com tanta intensidade que não consigo respirar.

Meus braços envolvem seu pescoço, e os calcanhares cravam na firmeza de sua bunda enquanto gozo ao redor dele. Sua respiração fica descontrolada, e sei que meu homem também está perto quando o pênis se contrai dentro de mim.

— Fala — grunhe contra meu pescoço antes de deixar outra marca de mordida.

— O-o quê?

— Que você me ama.

— Eu amo. — Estremeço, surpreendentemente mais excitada, como acontece sempre que ele me faz admitir meus sentimentos durante o sexo. — Eu te amo, King.

Kingsley goza tão longa e profundamente dentro de mim que desencadeia outro orgasmo. Eu mergulho nele, a cabeça cai no canto de seu ombro enquanto o cheiro de sexo nos cerca. Ele está certo. Vai levar algum tempo para eu sair daqui. Suspiro, estremeço quando a mordida no pescoço arde. Meus dedos o tocam, e eu franzo a testa para o advogado.

— Sério, para com esse comportamento animal.

Seu rosto se ilumina com pura travessura.

— De que outra forma as pessoas saberão que você é minha?

— O fato de você ter anunciado isso em todos os eventos que participamos juntos, talvez? Com sua mão em volta da minha cintura.

A atenção foi sufocante no começo, mas tirar uma foto pública de família com ele, com Gwen e Nate valeu muito a pena. Além disso, sei que um homem como Kingsley vem com muita bagagem, e amo isso, assim como todas as outras partes dele.

Na verdade, sou meio distorcida e amo seu lado sombrio um pouco demais.

É a parte exclusiva para mim.

Sou a única que sabe sobre seu passado, o relacionamento com seus pais e como ele finalmente está aceitando não se culpar mais pelo suicídio da mãe.

Fui eu quem viu o Diabo em seus olhos e se apaixonou por isso.

Somos um par moldado no inferno.

— Exibir você em eventos e na frente da imprensa ainda não é o suficiente — diz, referindo-se às minhas palavras anteriores.

— Não pode estar pensando em me morder para sempre. Está?

— Não vejo por que não faria isso.

— Não acredito nisso. Da próxima vez, vai colocar uma coleira em mim. — Seus olhos brilham como quando ele está pensando em algo travesso. — Não me diga que está pensando nisso?

— Não é uma coleira, não. — A voz se suaviza. — Um anel.

— Que tipo de anel?

— Um anel de noivado.

Engasgo com a própria saliva, o coração quase transborda por trás da minha caixa torácica.

— Você… você está brincando?

— Pareço estar brincando?

— Quer se casar comigo?

— Claro que sim. Onde achou que isso ia dar?

— Eu… não sei.

— Bem, agora sabe. — Ele me agarra pela garganta, os dedos afundam na carne. — Você é a única mulher que quero comigo a cada passo do caminho pelo resto da vida, Aspen. Quando alguém te olha, quero que saibam que você é minha, porra.

— Isso é um pedido de casamento?

— Depende. Vai dizer sim?

— Você é um babaca, mesmo quando está me pedindo em casamento.

— Mas sou seu babaca. Literal e figurativamente.

Sorrio.

— Nunca pensei em me casar, sabia. No entanto, quero isso com você.

Seu sorriso é ofuscante enquanto ele me puxa para perto.
— Isso é porque você é inteligente pra caralho, docinho.
E então King sela a proposta com um beijo arrepiante.

EPÍLOGO 2



Kingsley
UM ANO DEPOIS

Durante todo o meu tempo como advogado de defesa criminal, o "Diabo Selvagem" da mídia e o deus intocável do circuito jurídico, nunca deixei de interpretar os motivos de ninguém.

Ainda assim, a situação atual está me deixando perdido como jamais experimentei antes. A pior parte: não acho que minha solução rotineira de socar ou intimidar até resolver vá funcionar desta vez.

— Talvez devêssemos chamar um *médium* — anuncio a Nate e Gwen enquanto estamos sentados na minha sala de estar.

Ou eles estão sentados. Eu estou andando de um lado para o outro como um grande animal enjaulado e abrindo o Zippo freneticamente. Martha, que trouxe bebidas frescas, me dá um olhar de "você está louco?" e depois vai embora. Nate revira os olhos, acaricia a mão de Gwen em seu colo, e eu não consigo nem me colocar no clima de "vou matar o ladrão de filhas".

— Para sua loucura?

— Para seu assassinato — retruco.

— Vá falar com ela, papai — diz Gwen, obviamente a voz da razão em toda a situação. — Mamãe se trancou no seu quarto e se recusou a falar com alguém por duas horas. Certamente sabe como fazê-la falar.

Esse é o problema. Não acho que eu possa, porra – não nessa situação.

É a primeira vez que Aspen se afasta de todos nós, incluindo Gwen. A mesma Gwen que ela trata como a coisa mais importante e à qual sempre faz questão de dedicar tempo.

Não que eu tenha ciúmes da minha própria filha ou algo assim.

Tudo bem.

Um pouco.

Mas estou divagando.

No tempo em que Aspen e eu estamos casados, minha esposa nunca ficou assim. Faz exatamente um ano, porque eu com certeza me casei com ela na semana depois de a ruiva aceitar o pedido. O que foi? Não poderia deixá-la mudar de ideia na próxima vez que tivéssemos uma discussão.

E temos várias, então não ia correr o risco. Portanto, fiz um anel personalizado para Aspen com uma pedra rara que combina com a cor de seus olhos e muda sob o sol. Realizamos uma pequena cerimônia, e ela usou um vestido branco simples que ainda deixa meu pau duro sempre que penso nele. Nem preciso dizer que eu a fodi enquanto estava vestida, depois fora da peça, mais vezes do que qualquer um de nós poderia contar.

Nossa vida profissional tem sido tranquila, além de nosso sabor especial de debates que Nate não gosta e Gwen tem a audácia de chamar de "fofos". Nada tem de fofo nessa situação porque, pela primeira vez, Aspen se recusa a falar comigo.

— Vai logo, pai. Você consegue. — Ao menos um de nós acredita nisso.

Gwyneth me dá um sorriso encorajador e cruza os dedos, como se fosse resolver isso magicamente. Seja como for, coloco o Zippo de volta no bolso e subo as escadas até a torre escolhida por minha esposa.

É só nosso quarto, mas o fato de ela ter feito questão de não deixar ninguém chegar perto hoje, depois de me expulsar essa manhã, faz parecer um covil de bruxas. Abro a porta devagar, meio que esperando que seu bando de justiceiras – principalmente Caroline, Martha e Gwen, quando estão com vontade – ataque-me. E meio esperando que Aspen termine o serviço.

Para minha surpresa, ela não está no quarto. A porta do banheiro está fechada, então presumo que mudou de lugar. Tento a maçaneta primeiro, no entanto a porta está trancada. Então bato, incorporando o cavalheiro inexistente dentro de mim.

— Aspen… abra, docinho.

— Vá embora. — A voz abafada vem de dentro.

— Não até eu saber o que há de errado com você.

— Me deixe em paz, Kingsley!

— Aspen — digo entre dentes, então forço a voz a se acalmar —, estou sendo legal aqui, então saia e fale comigo. Não me force a derrubar esta porta.

Ela não responde.

— Você pediu por isso. — Dou um passo para trás a fim de quebrar as

dobradiças.

O som da fechadura disparando vem primeiro, seguido pelo pequeno rangido da porta. A ruiva sai, ainda com o vestido de cetim azul da noite passada, que se molda em suas curvas lindas. O cabelo se derrama como lava vermelha sobre os ombros nus, cheios de marcas vermelhas de mordidas.

Eu menti. Só porque me casei com ela não significa que vou parar de marcá-la sempre que a foder. Há essa necessidade constante de colocar minhas mãos na mulher, de acorrentá-la a mim pela eternidade. Portanto não há saída, não importa o quanto ela tente.

Aspen é uma bruxa, afinal. Não só lançou um feitiço em minha alma, mas também aprisionou meu coração e encantou meu cérebro. Estudo seu rosto desgastado, tão pálido que poderia competir com os azulejos brancos, e me obrigo a perguntar com um tom calmo:

— Qual é o problema?

Minha esposa solta um suspiro trêmulo que me apunhala direto no peito.

— Seja lá o que for, pode me contar, Aspen.

Ela continua em silêncio, mas seus lábios tremem. E Aspen não treme, ao menos não fora dos momentos em que estou a fodendo até o talo.

Jesus Cristo.

— É câncer ou alguma merda médica? — Balança a cabeça. — Você perdeu um caso e está se culpando por isso?

— Não.

— Seu pai possivelmente ressuscitou dos mortos? Ou é sua mãe? Talvez minha mãe? Susan apareceu de algum buraco por onde está implorando e te incomodou?

— Não — diz com leve exasperação.

— Agora que o mais improvável está fora do caminho, vamos passar para o mais provável. Descobriu sobre os bandidos que fiz Nicolo matar?

Seus olhos se arregalam.

— Que bandidos?

— Então é um não.

— Que bandidos matou, King? — pergunta naquele tom determinado que deixa meu pau duro pra caralho.

— Aqueles que te espancaram por ordem do seu pai, é claro. Não podia

deixá-los soltos depois que te machucaram.

— Você é um bárbaro?

— Sou muito pior quando se trata de você, docinho. Sabe disso, eu sei disso, e o que quer que esteja te incomodando saberá quando eu destruir. Agora desembucha. É a Gwen? Ela está lá embaixo preocupada pra caramba com você, a propósito. Por acaso descobriu que sua família tem uma doença genética que vai te matar quando tiver 100 anos?

— Não, seu babaca. Estou grávida.

Estou prestes inventar outro lote de teorias malucas passando pela minha cabeça quando enfim me volto às palavras que saíram da boca dela.

— Acabou de dizer que está grávida?

— Sim. — Seus ombros caem. — E não deveria estar. Estou tomando pílula, pelo amor de Deus. Mas me senti estranha ontem e fui fazer um *check-up*, o médico disse que estou grávida de seis semanas.

Corro meus olhos sobre ela de novo. Não é de se admirar que esteja brilhando ultimamente. Meu pau gostava de pensar que era por causa da quantidade de esperma que com que a estava recheando.

— Está bem de saúde?

— É só isso que tem a dizer? — Aspen levanta o queixo. — Isso é tudo culpa sua, seu desgraçado. Mais uma vez, você teve um nadador rápido que nem mesmo o controle de natalidade conseguiu parar.

— Meu pau está honrado e pronto para o desafio.

— Isso não é um elogio. — Toca seu cabelo, depois seu pescoço. — Não deveria estar grávida. Não sei o que fazer sobre isso. O que Gwen vai dizer?

— Considerando que ela se casou com meu melhor amigo enquanto eu estava em coma, a opinião de Gwen não deve ter importância. Além disso, essa situação é entre você e eu, docinho.

— Você… quer ir em frente?

— Se quero meu bebê dentro de você? Claro que quero. Mas não às custas do seu estado mental e físico.

Ela dá um passo em minha direção.

— Não somos velhos demais para ter filhos?

— Ninguém nunca é velho demais para ter filhos. Trinta e seis não é velho, docinho. É maduro.

— E se… e se eu quiser isso? Quero fazer direito dessa vez.

— Então faremos direito. E desta vez, estarei com você em cada etapa do processo.

A ruiva se joga contra meu peito, e eu a envolvo com os braços, beijando o topo de sua cabeça.

— Aposto que vai ficar *sexy* pra caralho enquanto estiver grávida.

— Para com isso — repreende com um sorriso na voz, então olha para cima. — Obrigada.

— Pelo quê?

— Por ser o pai dos meus filhos.

— Eu não teria outra mãe para eles. Você é minha, Sra. Shaw.

Ela me puxa para baixo, segurando o colarinho da camisa.

— E você é meu, Sr. Shaw.

FIM

LEIA A SÉRIE


IMPÉRIO
DO desejo
Autora best-seller
RINA KENT
IMPÉRIO
DO pecado
Autora best-seller
RINA KENT
IMPÉRIO
DO ódio
Autora best-seller
RINA KENT

Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

✔ **TIKTOK:** https://www.tiktok.com/@allbookeditora

✔ **FACEBOOK:** https://www.facebook.com/AllBookEditora

✔ **INSTAGRAM:** https://www.instagram.com/allbookeditora/

✔ **TWITTER:** https://twitter.com/AllBookEditora

✔ **YOUTUBE:** https://www.youtube.com/@allbookeditora

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.
https://www.allbookeditora.com/newsletter


IMPÉRIO
DA luxúria
Autora best-seller
RINA KENT